

DR. LÉON POINSARD

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

# Portugal Ignorado

ESTUDO SOCIAL, ECONOMICO E POLITICO

SEGUIDO DE UM APPENDICE RELATIVO AOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

3 1761 00281784 9  
UNIVERSITY OF TORONTO



1912

MAGALHÃES & MONIZ, L.da — EDITORES

12 — Largo dos Loyos — 14

PORTO

HC  
392  
P619



Da Bibliotheca de  
Antonio G. da R. Madahy

Estante n.º E

Volume n.º 2487

PORTUGAL IGNORADO

"La Science Sociale"  
25<sup>e</sup> année . 2<sup>ème</sup> Période . 67 et 68 fascicules  
1910







DR. LÉON POINSARD

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

---

# Portugal Ignorado

ESTUDO SOCIAL, ECONOMICO E POLITICO

SEGUIDO DE UM APPENDICE RELATIVO AOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS



1912

MAGALHÃES & MONIZ, L.<sup>da</sup> — EDITORES

12 — Largo dos Loyos — 14

PORTO

HC  
392  
P619



## PREFACIO

---

Na primavera de 1909 tive occasião de visitar minuciosamente Portugal e proceder, colaborando n'isso muitos portuguezes illustrados, a cuidadosas observações sociaes, economicas e politicas. Guiei o meu estudo, devo dizêl-o sem demora, por um methodo scientifico de grande poder de penetração analytica e de uma efficacia luminosa por mim verificadas durante trinta annos de frequentes applicações.<sup>1</sup> Deve-se este methodo a tres francezes eminentes de quem cito os

---

<sup>1</sup> *Nota do traductor.*— O auctor, subdirector do Bureau International de la Propriété Industrielle, saído da Escola de Sciencias Politicas e Economicas de Paris, é uma verdadeira notabilidade. Alheio a todo o *bluff*, elle conhece de perto e profundamente todos os problemas da vida productiva moderna e o seu espirito crystallino procura a verdade, scientificamente, sem preconceitos nem sacrificios ao amor proprio ou alheio.

Dos seus trabalhos publicados são muito para recomendar, pela sua opportunidade, os seguintes:

*La Production, le Travail, Le Probleme Social dans tous les Pays, au XX<sup>ème</sup> Siècle; Libre échange ou Protection?; La guerre des Classes peut elle être évitée?; Le Droit International au XX<sup>ème</sup> Siècle; La Russie, le peuple et le gouvernement; La France au Maroc; Le rôle des*



nomes com prazer. Primeiramente Frederico Le Play, professor na Escola de Minas de Paris, membro da Academia das Sciencias, fallecido em 1875, ao qual se deve o ponto de partida do methodo de observação social. Depois Henrique de Tourville, intelligencia poderosa que extraiu dos trabalhos de Le Play uma classificação dos factos sociaes admiravelmente coordenada para a analyse. Emfim o seu discipulo e amigo, Edmundo Demolins, espirito entusiasta, trabalhador incansavel, que deu aos estudos sociaes práticos um impulso notavel. Falleceram tambem estes dois, um em 1903 e outro em 1905, mas a *Société Internationale de Science Sociale* continúa a sua obra. A ella pertencem bastantes portuguezes a quem se deve a idéa de convidar um veterano d'esta sciencia para vir ao seu bello paiz fazer a analyse minuciosa da situação do seu grupo nacional.

Esse convite, tão lisongeiro para nós, foi dictado não sómente pelo espirito scientifico, mas principalmente por um sentimento cuja nobreza registamos como um dever e um prazer simultaneamente. É que na maioria os portuguezes de todas as classes são dotados de um patriotismo muito intenso, desinteressado e liberal. Em numerosas circumstancias, entre os mais instruidos como entre os humildes, tivemos occasião de constatar este facto.

O methodo a que me refiro bascia-se na seguinte

---

*femmes dans les Sociétés Modernes*, conferencia feita na Sociedade de Geographia de Lisboa (traduzido em portuguez).

Uma elevada figura, no sentido verdadeiro e honesto d'estas palavras, dotado de uma intensidade de attenção excepcional, alliou o coração com o cerebro n'um grande desejo de ser util a Portugal creando uma obra, base scientifica dos estudos sobre a nação portugueza e exemplo notavel que outros povos seguissem imitando a iniciativa dos portuguezes que o convidaram.

observação evidente: qualquer sociedade compõe-se essencialmente de grupos, porque os actos humanos, sem os agrupamentos, não teem efficacia nem duração. Para estudar esses grupos deve-se proceder com ordem logica, do simples ao composto, do conhecido ao desconhecido. Ora o agrupamento social activo mais simples, de mais facil comprehensão e analyse, é a familia productora de que o typo mais simples ainda é a familia operaria. A familia productora, não obstante a sua simplicidade, tem contactos, directos e indirectos, com a maior parte dos outros agrupamentos formados pelo desenvolvimento da vida nacional.

Tomando-a, pois, como ponto de partida, e seguindo com as observações essa rêde de contactos, pôde-se chegar, pouco a pouco, a conhecer bem pela determinação, analyse e classificação, todos os agrupamentos sociaes, as suas relações mutuas, as suas qualidades e defeitos, as suas vantagens ou inconvenientes. Eis ahí o motivo porque n'este livro se examina a situação de um certo numero de familias activas, operarias na maior parte, que são typos representativos da maioria da população lusitana. Estas monographias de familias activas foram como golpes de sonda na multidão nacional que me apresentavam para estudo. Sobre esta base me firmei e sobre ella subi pouco a pouco até completa analyse de todas as manifestações da vida pôrtugueza. Quando digo completa não pretendo significar que o meu trabalho chegou a todas as questões nem a todas as minucias e particularidades da vida lusitana.

No correr do meu trabalho observo que muito falta fazer e muito se deve ainda estudar para chegar ao perfeito conhecimento da nação. Poder-se-ha continuar e aprofundar as minhas investigações que teem a utilidade de evidenciar as dependencias de um con-



juncto, num quadro traçado scientificamente, isto é, com o espirito o mais imparcial e o menos pessoal, e sem preocupação alguma além da de descobrir a verdade e apresentá-la sem reticencias nem idéas preconcebidas. É, pois, um trabalho leal, que se dirige principalmente aos homens de boa fé, sinceros e verdadeiros patriotas, a quem peço que me leiam attentamente, comparando o que digo com as observações que podem fazer em volta de si, sacudindo as idéas theoricas e os preconceitos usuaes. Se o fizerem, persuadir-se-hão sem difficuldade do alcance das minhas observações e, se acceitarem cordealmente o ideal que apresento nas minhas conclusões, poderão exercer sobre os destinos da sua raça uma acção reconstituente, decisiva e benefica quanto possivel.

Nunca esquecerei a cordealidade, a franqueza, a bizzarria, da hospitalidade portugueza. Encontrei uma intelligencia, uma largueza de espirito, um sentimento patriotico, que me impressionaram e me enter neceram. Da sympathia que em todos encontrei conservo preciosamente bem grata recordação. Todos e em todas as classes me trataram como a um amigo. Da minha parte, inutil é dizê-lo, tenho por este povo, dotado de qualidades raras, uma viva e sincera amizade que me dicta os mais cordiaes desejos de o ver feliz e prospero. O seu futuro depende principalmente do seu esforço proprio; do que os particulares farão para reorganisar o regimen social e mórmente regenerar as condições da vida privada.

Com todo o meu coração desejo que o meu trabalho possa contribuir, pouco ou muito, para esta evolução salutar, que faria da raça portugueza uma das mais activas e mais florescentes da Europa.

Novembro, 1910.

---



# PRIMEIRA PARTE

## O TERRITORIO E A RAÇA

---

### I

#### O Territorio

PREAMBULO.— O MAR LUSITANO E SUAS COSTAS. O TEJO.— O INTERIOR.— AS MONTANHAS.— CARACTERES PARTICULARES DO CLIMA.— FLORA E FAUNA.— RECURSOS MINERAES.— CONDIÇÕES GERAES DO MEIO PHYSICO.

#### I. — Preambulo

Para com proveito se fallar de uma nação é imprescindivel conhecê-la bem, e ao cabo das primeiras investigações constatámos a falta total da maior parte dos materiaes indispensaveis para um estudo de tal natureza. Monographias de familias portuguezas — elemento essencial e quasi insubstituivel — nem uma só existia, e as restantes informações de que dispunhamos eram poucas, incompletas ou contraditorias. Sob o ponto de vista social, Portugal surgia-nos quasi *terra incognita*. Tratava-se de descobrir em pleno seculo XX um povo que descobrira tantos outros quatro seculos antes.

Para fazer as necessarias sondagens elaborámos summariamente um questionario, abrangendo todos os

elementos de uma monographia de familia, o qual, por intermedio de amigos dedicados, promptamente foi remettido a pessoas capazes de, intelligentemente e com a necessaria consciencia, escolherem as familias-typos e responderem. E assim, algum tempo depois, tinhamos em nosso poder um certo numero de resumos monographicos de typos escolhidos sob indicações nossas, pertencendo a regiões diversas do paiz. Traduzidos e estudados tomando por base outros dados mais geraes, estes resumos forneceram-nos um apoio extremamente precioso, um conjunto que faltava agora completar com observações pessoaes. Dirigimo-nos então a Lisboa por mar, e pela cordealidade que de todas as partes nos acolheu, pelo concurso que todos nos prestaram, já-mais poderemos exprimir a nossa gratidão. Percorremos o paiz de norte a sul, encontrando sempre o mesmo sympathico e franco acolhimento, a mesma boa vontade sempre solícita e por toda a parte lhaneza igual.

Por effeito de uma serie de complicadas circumstancias, que a seu tempo analysaremos, a raça lusitana foi profundamente desorganizada e d'ahi provéem todas as difficuldades do momento presente. Mas a raça tem em si propria as qualidades necessarias para o resurgimento. Quando ella conhecer a verdadeira interpretação dos factos e quizer dar-se a um esforço, com conhecimento de causa, em prol da sua reorganização, seguramente conseguirá, n'um bem curto prazo, consideraveis resultados. No decorrer d'este estudo vêr-se-ha, estamos convencidos, a plena demonstração do que affirmamos. Essa é a idéa essencial que desejavamos apresentar n'estas considerações preliminares.

## II. — O Mar e os Rios

Havia vinte e quatro horas que o *Cordillère*, esplendido barco das *Messageries*, fendia a interminavel ondulação das vagas. Atravessára durante a noite e madrugada o golfo da Gasconha, constantemente agitado por um movimento impertinente que imprime ao navio um balanço extremamente desconcertante para muitos estomagos. O horizonte apparecia-nos limitado ao oriente pela massa sombria d'altos penedios cujos recortes se desenhavam duramente no pardacento céu. Era o aspecto característico da costa cantabrica formada pelos altos terraços da perigosa costa gallega eriçada de rochedos, semeada de ilhéos, fendida por numerosos fiords. Pouco a pouco o scenario vae mudando e em vez de apresentar ao mar uma muralha abrupta, a costa torna-se irregular, ora formada por collinas arredondadas cujo sopé parece mergulhar nas vagas, ora cortada em profundos valles que se abrem em extensos areaes, ora ainda pelas embocaduras de numerosos rios que cortam as provincias do Minho e Douro, descendo dos planaltos interiores a formar portos seguros mas de pouco fundo. Em plena primavera, se nos fosse possivel roçar de mais perto a costa, veriamos esta zona maritima coberta pela verdejante exuberancia da vegetação das sementeiras, de numerosissimas arvores de fructo, coroadas as alturas pela côr sombria de muitos bosques. É d'um admiravel encanto todo o pitoresco d'esta região.

Horas depois, a paizagem modifica-se ainda. A terra estende-se em suaves ondulações, pardacentas na base, encimadas por uma moldura de um verde escuro. São as dunas semeadas de extensos pinheiraes desde os tempos do legendario rei Diniz, o Lavrador,



e atravessadas por importantes cursos d'agua como o do Vouga e Mondego, que por vezes desembocam em vastas lagunas, ou rias, aproveitadas para a producção do sal. Ao longo da costa perfilam-se alguns pequenos portos de pesca e cabotagem. Em breve reapparecem as penedias nos granitos do Cabo da Roca com seus blocos esboroados e carcomidos pela onda; entretanto a sua extensão é fraca, a altura moderada. De seguida surgem as culminancias de Cintra e da Arrabida que emmolduram o estuario do Tejo. O navio oscilla um momento á entrada da barra e logo avança majestoso na vastidão do estuario. A noite vae caíndo, e, á esquerda, do seio d'uma confusa massa, surgem miriades de luzes que se entrecruzam em longas filas, em rectas interminaveis ou em linhas ascendentes que terminam bruscamente. E' Lisboa, espreguiçada sobre as suas collinas, banhada pelo seu esplendido rio, largo e profundo como um braço de mar.

Para lá do Tejo, a costa alemtejana é em geral constituida por cabeços ou pequenos planaltos que cahem bruscamente no mar n'uma pouca hospitaleira praia sem estuarios nem abrigos. A alguns kilometros sómente do Tejo, desemboca o Sado n'um esplendido ancoradouro ao fundo do qual se aninha Setubal engrinaldada nos seus pomares de laranjeiras. Mais ao longe, sobre a costa quasi rectilinea e deserta, nenhum outro accidente ha a notar a não ser o insignificante abrigo do cabo Sines; e em seguida, quasi bruscamente, as serranias de Monchique atiram a uma altitude superior a 900 metros os seus vertices redondos e arborisados, por vezes empenachados de nuvens. Uma das vertentes da Serra cae rapidamente para o mar. Ao sul, as suas ramificações alongam-se n'um esbatido suave terminando no cabo de S. Vicente, extremidade meridional do paiz. N'uma inflexão brusca a costa des-

via-se para leste limitando a provincia do Algarve, a antiga séde do dominio arabe, e que constitue o terminus da Europa peninsular. No horizonte perpassam os rastros fumegantes dos paquetes que aproam a Gibraltar e para o Mediterraneo. Depois a costa recúa para o interior em planaltos consecutivos ou, por vezes a pique sobre o oceano e demolida pela vaga, esborôa-se em rochedos dispersos. Toda a provincia fórma um enorme amphitheatro banhado de sol, em face do oceano. São notavelmente favoraveis á navegação os dois portos que n'ella se encontram: a esplendida bahia de Lagos e o Guadiana. Este ultimo, fronteira entre Portugal e Hespanha, com o seu magnifico estuario navegavel até cerca de 80 km. da foz, poderia constituir um soberbo estabelecimento maritimo se a sua situação descentralizada lhe não tornasse muito preferivel o Tejo.

D'este rapido exame se deduz que Portugal possui uma admiravel extensão de costas, semeadas de estuarios e abrigos, alguns dos quaes constituem bellos portos de mar. E' precisamente um paiz situado no cruzamento de todas as grandes vias maritimas. No tempo da navegação á véla e de pequena tonelagem, que entrava facilmente em quasi todos os rios, este paiz encontrava-se em situação providencial como lugar de refugio de escala ou de demora. Era o entreposto, naturalmente indicado, d'onde irradiaria, segundo o seu destino final, uma multiplicidade de passageiros e mercadorias. E tudo isto o fazia tambem predestinado a formar um povo de navegadores e ousados traficantes.

Entretanto, não devemos exagerar as vantagens actuaes d'esta situação tão notavel ao primeiro golpe de vista. Ella não é isenta de graves inconvenientes. As aguas lusitanas são perigosas, expostas a subitas ventanias; a costa é frequentemente rochosa e semeada

de ilhéos e recifes; os bons portos são raros para os barcos de grande tonelagem, porque a maioria dos estuários, salvo os do Tejo e Guadiana, são estrangulados por uma barra de pequena profundidade. Ainda hoje, a despeito das cartas, dos pharoes, dos trabalhos hydraulicos e do vapor, o litoral portuguez é fertil em naufragios. Por outro lado, Portugal está situado n'um extremo da Europa sem mais resguardo que a estreiteza d'uma península eriçada de montanhas. De resto, hoje, a navegação não tem, como outr'ora, os mesmos motivos para fazer de Portugal um ponto de demora e baldeação. É facto que, graças ás vias ferreas, um certo numero de passageiros vão embarcar ou desembarcar a Lisboa para evitar mais alguns dias de viagem maritima; isso, porém, não passa d'uma excepcional medida de luxo, geralmente abandonada pelo excesso de despeza que acarreta. A verdade é que, se Portugal foi, n'uma certa epocha, um centro de navegação e de descobrimentos maritimos, não foi isso simplesmente devido ao acaso da sua posição geographica. Circumstancias sociaes internas e outros acontecimentos de origem exterior contribuíram para lançar os portuguezes no caminho das grandes expedições e do commercio maritimo. Essas causas desapareceram e nós trataremos de explicar a sua interessante evolução. Para que a vida maritima d'este paiz pudesse readquirir a sua grande actividade, seria necessario que elle constituísse, não um simples ponto de demora, de que a navegação moderna prescinde muito bem, mas um forte centro de producção capaz de fornecer fretes consideraveis que correspondessem á intensidade da navegação moderna. Imprescindivel se tornava tambem que estes ali encontrassem um meio seguro e rapido de abordagem. Certamente que não são requisitos a que facilmente se satisfaça, mas são, como mais tarde por-



menorisando demonstraremos, condições indispensaveis para lançar as bases de um grande trafego internacional.

Exceptuando o Guadiana, que percorre uma parte do paiz de norte a sul, os rios portuguezes correm no sentido E. W. e, á excepção do Tejo, constituindo com o seu vastissimo estuario um dos mais bellos portos do mundo, têm quasi todos apenas um valor relativo como vias de penetração. O accesso das barras é vedado aos navios de grande calado, as correntes irregulares, demasiadamente violentas, por vezes mesmo torrenciases pela proximidade entre o litoral e as montanhas, navegaveis apenas em curtas extensões do seu curso, constituem, sob o ponto de vista da navegação, vias exclusivamente portuguezas pela absoluta impossibilidade de as ligar com outras rêdes fluviaes. É todavia incontestavel a utilidade d'estas magnificas correntes d'agua, as quaes prestariam serviços eminentes a um povo mais activo, e que constituem já esplendidos auxiliares para a vida economica do paiz. O Tejo, sobretudo, é um instrumento admiravel, com a sua entrada facil e profunda, o seu largo estuario formando no meio das terras um enorme lago, a profundeza do seu leito em que a maré se faz sentir a mais de 30 kilometros da foz, percorrendo um valle d'uma extrema fertilidade e atravessando regiões dotadas de uma producção variada. O commercio do Tejo não tem, é facto, as sahidias do Rheno, do Elba ou do Escalda. Não poderá elle, porém, constituir como o Tamisa, a arteria principal d'um gigantesco entreposto? A continuação dos nossos estudos responderá a esta pergunta.

**III. — O interior**

Póde-se muito bem representar a península iberica como um estrado elevado descendo em successivos degraus para uma base de planicies litoraes. Portugal occupa um d'esses degraus, o que desce para oeste. Assim, partindo do mar, sobe-se em primeiro logar uma série de planaltos cortados por valles, erichados de collinas que a breve trecho se transformam em verdadeiras montanhas dispostas em cadeias (serras) orientadas as mais das vezes na direcção norte-sul ou proximamente e succedendo-se como as enormes pregas d'um manto gigantesco. Ao norte, os montes escalam-se sem interrupção até ao mar: no centro intercalam-se-lhes baixos e extensos planaltos; no extremo sul, o Algarve quebra bruscamente esta orientação e, virando, por assim dizer, as costas ao resto do paiz, apresenta uma pendente uniforme para a Africa septentrional com cujo clima e aspecto se identifica. Esta disposição geographica implica uma série de consequencias climatericas, agricolas, economicas e sociaes; vê-las-remos, no desenvolvimento das nossas observações, desenrolar-se, combinar-se e actuar da fórma mais curiosa sobre as diversas manifestações do trabalho.

A massa compacta da península iberica é producto d'uma característica formação geologicá. Um violento impulso vulcanico formou de rochas duras, porphyros, basaltos e granitos, a ossadura central do massiço, circundando-o de uma camada de schistos, argila ou areia. Assim Portugal participa d'esta dupla formação. A região montanhosa do interior é principalmente granítica; os schistos estendem-se pelas encostas e nos degraus inferiores predominam as areias e argilas; finalmente os valles são, mais ou menos,

constituídos por terras de alluvião. Resulta d'aqui uma diversidade grande na constituição dos terrenos e suas aptidões agricolas. Os meios de transporte, porém, são extremamente difficultados por um tão accidentado systema orographico.

O clima é, em quasi todas as regiões do paiz, temperado e notavelmente saudavel. Se por vezes o thermometer sobe a 50° nas charnecas do Alemtejo, especie de bacia cujo solo arenoso se embebe de calor, nas outras regiões se sente tambem a acção moderadora das alturas ou das brisas maritimas. Salvo nas regiões de maior altitude em que a neve cáe alguns dias no anno, os invernos são geralmente pouco frios; e os rigores da estação em parte nenhuma se fazem sentir com demasiada intensidade, a não ser talvez nas cumiadas da Estrella que, a uma altitude approximada de 2:000 metros, se conservam durante quatro mezes sob um delgado manto de neve. O maior inconveniente d'este clima é a sua relativa secura. Durante cinco mezes os ventos do mar arrastam consideraveis massas de vapores que as montanhas retêm e condensam. Esta estação fornece ao paiz uma altura annual de chuvas entre 30 centímetros como no Algarve e 1<sup>m</sup>,50 nas serranias ao extremo norte. Durante o verão, porém, apenas se póde contar com algumas chuvas de trovoadas e então tudo definha e d'um extremo ao outro da terra portuguesa a vegetação enfraquece consideravelmente. E' portanto essencialmente um paiz em que a irrigação se torna indispensavel.

Os historiadores affirmam que os colonos latinos e arabes tinham já conseguido levá-la a um consideravel grau de perfeição em muitas provincias. Hoje, a irrigação é praticada quasi por toda a parte, mas seguindo em geral os mais elementares e defeituosos processos. A disposição geographica do paiz é favo-



ravel de preferencia ao estabelecimento d'um bom regimen de regas; com effeito, as regiões elevadas constituem ao mesmo tempo um condensador e um reservatorio d'onde as aguas poderiam ser distribuidas em todos os sentidos. Tornava-se, porém, imprescindivel a execução de trabalhos importantes e dispendiosos. Mais tarde conheceremos o motivo porque taes trabalhos se não fizeram ainda. É conveniente tambem accentuar que a extrema irregularidade do solo, em que os declivios bruscos são frequentes, difficulta muitas vezes a boa distribuição das aguas.

A despeito da aridez do clima de verão, Portugal possui entretanto uma flora extremamente rica, onde se encontram especies caracteristicas das mais diversas latitudes. O mesmo é dizer que a agricultura poderia encontrar aqui abundantes e variados recursos. Todos os animaes domesticos da Europa do norte se aclimam egualmente em Portugal. Entretanto, as raças bovina e cavallar de grande corpolencia difficilmente encontrariam no paiz pastagens abundantes, pelo menos emquanto se não estabelecer um systema de irrigação capaz de favorecer o seu desenvolvimento. Em compensação, o carneiro e o porco, assim como o burro e mula, têm um excellente habitat. As aguas maritimas são extremamente ricas em peixe e fornecem á população um preciosissimo alimento. Utilisar-se-hia ainda melhor esta fonte de riqueza se os meios de transporte estivessem sufficientemente desenvolvidos para distribuir por toda a parte, a preços moderados, os productos da pesca costeira.

A origem vulcanica da peninsula ahi concentrou, por assim dizer, os jazigos e filões metallicos. Portugal é muito rico em minerios. Encontram-se quasi por toda a parte, em fortes camadas por vezes, cobrindo uma região inteira. Essas riquezas foram exploradas

desde epochas muito remotas e fornecem ainda, como veremos mais tarde, uma consideravel extracção susceptivel de se desenvolver. Mas a verdade é que essa industria não está em Portugal nas mãos dos nacionaes, que durante seculos os desprezaram por completo.

Taes são os caracteres geraes de Portugal sob o ponto de vista physico. O seu territorio não é muito extenso: 88:740 kilometros quadrados, mas pela sua posição maritima, pela variedade do seu relevo, das suas regiões, do seu clima, pela riqueza dos seus recursos, é um paiz eminentemente apto para o desenvolvimento d'uma bella civilisação. Todavia seria necessario empregar para isso, sobre este pedaço de terra, uma grande somma de iniciativa, energia, intelligencia, e desenvolver muito trabalho, por isso que esses dons naturaes são contrariados por difficuldades grandes. Entregue a si mesma a Lusitania não seria mais que uma vasta floresta cortada de pantanos e charnecas. Proveitosamente explorada, póde tornar-se um paiz encantador, rico e productivo. Para obter esse resultado, a despeito dos obstaculos que contrariam o esforço humano, é necessario um bom instrumento social. Vejamos, portanto, o que os portuguezes são sob este ponto de vista. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As obras publicadas sobre a geographia, a historia, a legislação, as colonias, etc., de Portugal, estão indicadas n'uma bibliographia muito completa inserida no *Portugal geographico, ethnographico, administrativo*, etc., 1 vol. in-8.º com illustrações, publicado ha alguns annos pela livraria Larousse, em Paris.

## O povo e as coisas d'outr'ora

ORIGEM DA RAÇA. — OS POVOS PRIMITIVOS. — COLONIZAÇÃO PUNICA E GREGA. — A CONQUISTA ROMANA, SEUS CARACTERES E EFEITOS. — JUDEUS, MOUROS E GERMANOS. — A CAVALLARIA BORGONHEZA E FRANCA, SEU PAPEL E INFLUENCIA. — EFEITOS DA MISTURA DAS RAÇAS E ACCÃO DAS CIRCUMSTANCIAS SOCIAES. — A EVOLUÇÃO DO TRABALHO. — A EXPANSÃO COLONIAL E SEUS RESULTADOS. — COMO UM POVO SE EMPOBRECE PELA ABUNDANCIA DO OURO. — UM SEculo DE POLITICA. — A SITUAÇÃO GERAL DE PORTUGAL EM MEADOS DO SEculo XIX. — A FORMAÇÃO SOCIAL DA NAÇÃO PORTUGUEZA, EXPLICADA PELA SUA EVOLUÇÃO HISTORICA.

A' historia do povo portuguez não falta nem originalidade nem grandeza, e não deixaria de ser interessante expô-la d'uma fôrma methodica, explicando com precisão toda a sequencia dos factos e da evolução dos costumes assim como a das instituições. Entretanto, esta ambição seria aqui excessiva. Limitar-nos-hemos a esboçar, da maneira mais concisa, o encadeamento das circumstancias que concorreram para a formação do typo social da raça. Com effeito, é impossivel comprehender a situação actual d'um grupo humano, se préviamente se não adquiriu um conhecimento claro dos seus antecedentes, das diversas phases da vida dos seus individuos, da sua maneira de



ser como nacionalidade, das influencias extranhas ou internas que orientaram os seus destinos e modificaram as suas tradições, usos e costumes. Assim, para bem comprehendermos os portuguezes actuaes, devemos retrogradar aos seus longinquos antepassados, verificar como se transformaram as gerações intermedias e, finalmente, examinar qual foi a influencia da tradição sobre a formação dos typos contemporaneos. Muita gente tem repugnancia em conceber e aceitar estas longinquas influencias. De bom grado se convencem, com uma arrogante independencia de espirito, que, ao simples influxo da sua vontade, conseguiram modificar o molde social da sua propria vida. Basta porém alguma reflexão e, sobretudo, a observação dos factos, para vêr o erro d'uma tal concepção. De facto, quasi todas as nossas idéas, quasi todos os nossos actos, são subordinados a uma certa dóse de tradicionalismo inato da qual soffremos o imperio sem mesmo de tal nos apercebermos. É assim que vemos uma quantidade de usos, de regras, de preconceitos, subsistir através dos tempos e dominar-nos tão despoticamente que toda a resistencia nos parece descabida, violenta e criminosa até. Eis ahí precisamente o segredo capital d'esta formação do individuo que denominamos — a Educação. Na verdade, a grande mola social é a educação que fôrma cada individuo, segundo um certo typo tradicional, e domina no mais alto grau todas as phases da sua existencia. Tratemos, pois, de procurar como se orientou a educação em Portugal sob a pressão dos acontecimentos historicos.

**I. — Os primitivos habitantes**

Como quasi todas as nações européas, o povo portuguez foi constituído por elementos de origens<sup>1</sup> muito diversas.

É precisamente um dos povos de mais complexa procedencia. Outr'ora a Lusitania foi por certo uma região essencialmente arborisada, uma vasta floresta accidentada onde abundavam as charnecas e os pantanos, e habitada por uma fauna numerosa e variada. Esta excellente região de caça parece ter sido occupada desde os tempos primitivos. Julgou-se terem-se n'ella encontrado os vestigios d'um homem terciario, contemporaneo dos destroços humanos exhumados em França, na Belgica e na Allemanha. O facto parece ainda duvidoso, mas é quasi indubitavel que, desde a época quaternaria, Portugal foi habitado por uma raça de caçadores selvagens, usando armas e instrumentos de pedra. É provavel que estes primitivos habitantes, vivendo em tribus trogloditas e mais ou menos errantes, tivessem sido aniquilados pouco a pouco, batidos simultaneamente das duas extremidades da peninsula. Existem, com effeito, evidentes vestigios da existencia coeva de duas raças agricolas estabelecidas, uma ao norte outra ao sul. Ha motivos para crêr que a primeira tenha sido constituída por emigrantes d'esse povo mysterioso a que os historiadores latinos chamaram Liguros, e tão importante papel representou na

---

<sup>1</sup> Cf. A. de Mattos Cid: *A gente portugueza*, 1 broch., Coimbra, 1904; e Sylvio Roméro: *A Patria Portugueza, O Territorio e a Raça*, 1 vol., Lisboa, 1906. Este livro foi escripto em resposta a uma obra publicada sob o mesmo titulo pelo snr. Th. Braga.

colonisação e cultura das regiões do centro e do meio dia da Europa. Do que sobre tal questão é possível sabermos, se deduz que os Liguros eram de procedencia oriental, vivendo em communidades agricolas, e que, por uma lenta emigração, pouco a pouco, com segurança, estabeleceram successivamente o seu dominio nas terras mais ferteis d'uma região. De resto, bem se comprehende que este povo, no seu crescentê desenvolvimento, tenha marchado de preferencia para o sul, aonde, a par da suavidade do clima, se lhes proporcionava um terreno mais fertil, emquanto que no norte nada encontravam senão a fria humidade das florestas.

Quanto aos povos vindos do sul e mais tarde conhecidos por Iberos, tinham tambem a sua origem no oriente, mas haviam feito caminho pelo norte d'Africa, aonde a cultura soffreu a influencia da sua colonisação. Fizemos já, em outro tratado, um resumo da interessante evolução d'essas emigrações africanas<sup>1</sup> expandindo-se tambem fortemente ora em familias, ora em tribus agricolas.

Essas duas raças encontraram-se na Luzitania, como o attestam a diversidade dos vestigios e objectos que d'uma e d'outra foram encontrados. Chocaram-se ellas, por ventura, e a lucta deu o predominio ao mais forte? É o que não será possível dizer-se. Mas, como os povos trabalhadores são geralmente pouco brigões, é natural que, de preferencia, se tenha dado uma reciproca fusão d'onde resultasse uma raça mixta progredindo n'um estado relativamente pacifico. Cremos que é a essa raça intermediaria que são devidos os grossei-

---

<sup>1</sup> *La Production, le Travail et le Problème social au début au XX<sup>e</sup> siècle*, T. 1.<sup>o</sup>



ros monumentos, mas de notavel grandeza, conhecidos pelo nome de pedras mégalithicas. Pelo correr dos tempos foram estes monumentos attribuidos, bem des-  
certadamente, aos Celtas, porque os historiadores latinos nos transmittiram as designações de dolmens, menhirs, etc., postos pelos conquistadores. Não foram certamente os guerreiros celtas que se deram ao trabalho de remover essas massas gigantescas; nem a tradição nem os habitos os levaram a semelhantes trabalhos, que muito mais correspondem ás faculdades de um povo de camponeses laboriosos, acostumados ao esforço constante de penosas tarefas.

Uma circumstancia importante deve ter favorecido o precoce desenvolvimento da civilização peninsular, e principalmente a da região lusitana. Esta era extremamente rica em estanho, cobre e madeiras simultaneamente; encontravam-se pois, todos os materiaes necessarios á fabricação do bronze que durante tanto tempo foi o metal mais usado; <sup>1</sup> e tudo leva a crer que este facto foi muito cedo conhecido dos povos orientaes que vieram fundar no litoral feitorias de commercio, e no interior centros industriaes. Vinha assim o commercio em grande escala favorecer no paiz o desenvolvimento de importantes povoações cujos vestigios existem ainda. Qual foi a influencia d'esta imigração commercial alternativamente phenicia, carthagineza e grega? Esta influencia, trazendo ao paiz novos elementos de riqueza e os habitos de luxo da vida urbana, foi importantissima, mas não conseguiu modificar o typo social, porque os negociantes e artistas orientaes, com uma formação fundamentalmente muito analoga, não podiam

---

<sup>1</sup> Em muitos sitios se encontraram, a par, varios utensilios e armas de pedra, de cobre e de bronze.

encontrar-se em circumstancias de transformar as populações indigenas nos seus costumes familiares. O mesmo aconteceu aos Celtas, arremessados á península n'um furacão de guerra e de conquista, impondo-se á população rural para a subjugar sob uma verdadeira escravidão, sem comtudo nada lhes mudar d'essencial aos seus costumes.

## II. — A Conquista Romana

Com o dominio romano as coisas mudam d'aspecto. Os latinos não são simplesmente negociantes ou guerreiros; a sua actividade alarga-se aos varios ramos da industria e da agricultura.<sup>1</sup> Encontrando na Lusitania uma região esplendidamente rica devastada em parte pela longa successão dos invasores, dedicam-se á sua colonisação e repovoamento, executam admiraveis obras d'arte para a conducção e distribuição das aguas, desbastam as florestas, desenvolvem a agricultura, fomentam a creação de gado, reedificam as antigas cidades e lançam os alicerces de novas povoações. N'uma palavra, dão novo alento ás laboriosas tradições dos primitivos habitantes, imprimindo-lhe, porém, uma orientação nova, correspondendo á grandeza progressiva d'uma civilisação adeantada. Na verdade os romanos realisaram o typo social, mais perfeito, mais activo da antiguidade, e o seu poder foi principalmente devido, não á sua força militar, cujos

---

<sup>1</sup> *Nota do traductor.* — O typo social proprio de Roma, mórmente no trabalho agricola, aproximou-se do typo particularista, em que o esforço e iniciativa particular são a grande causa de segurança e progresso. A grande massa das provincias conquistadas, communitarias, de encosto reciproco e parasitismo de Estado, perdeu o imperio.

feitos os historiadores mais estrondosamente apregoam, mas a uma admiravel organização do trabalho. Basta um estudo superficial dos factos para mostrar que em Portugal foi a colonisação latina aquella que, na Antiguidade, melhor soube valorisar e desenvolver os recursos naturaes, tanto sob o ponto de vista agricola, como industrial. Encontram-se effectivamente vestigios claros de uma larga exploração mineira e de outras industrias fabris que a todos os respeitos se tornam ainda dignas de admiração pela perfeição dos processos e dos resultados.

Infelizmente, a nação romana, expandindo-se ao longe com demasiada rapidez, bem depressa se dispersou, e afogou-se, por assim dizer, na massa enorme de povos communitarios que a cercava por todos os lados. A infiltração d'este typo, dominado pelo espirito de rotina e de autoritarismo, estabeleceu pouco a pouco o triumpho do despotismo imperial. O immenso imperio romano tornou-se rapidamente uma verdadeira communitate official explorada pelo imposto no interesse exclusivo da côrte, isto é, de Roma, do exercito e da administração. Este communitarismo politico foi a causa d'uma corrupção e d'um enfraquecimento inevitaveis, seguidos d'um desmembramento não menos fatal. Jamais a historia registou uma tão grande e eloquente lição, a qual nunca foi tambem completamente esquecida pelos povos que mais directamente herdaram do imperio romano.

Após esta gigantesca e quasi completa queda de uma civilisação, Portugal vê no seculo v descer do norte uma nova invasão. Os Germanos e Suevos, bem depressa subjugados pelos visigodos, occuparam o paiz. Mais tarde, os mouros repeliram-os para lá do Douro, onde o seu sangue ainda se reconhece no physico de certos individuos.



Suppõe alguém que os povos do norte herdaram d'esta longinqua origem um certo valor social; não podemos partilhar esta opinião. Os Germanos, chegados á península, tinham pelos seus costumes uma grande analogia com os primitivos celtas, tendo como unica preocupação a caça e a guerra, e abandonando para as mulheres e para os escravos todo o trabalho util.<sup>1</sup> Estes barbaros não eram mais que homens de *clans*, rudes, violentos e indisciplinados, incapazes de organizar, pelo seu proprio esforço, de maneira firme e duravel, quer os trabalhos da sua vida particular, quer as instituições da sua vida publica. Limitaram-se a deitar-se no leito ainda quente da decadencia romana e tão cegamente se precipitaram que em poucos annos tinham cahido na desordem e na anarchia. Hoje os seus descendentes estão absolutamente fundidos na formação geral da raça lusitana, e, se os rigores do clima do norte, assim como outras circumstancias do meio, lhes dão uma physionomia um tanto caracteristica e aptidões alguma coisa diversas das dos povos do centro e do sul, certamente que isso não provém d'uma hereditariedade secular. A formação social, como fizemos notar, depende principalmente da educação e não d'um phenomeno physico transmissivel com o sangue. É por isso que entre os agrupamentos humanos melhor constituídos e mais energicos se encontra um certo numero de individuos, da mesma origem dos seus concidadãos, mas que, por uma má educação, não receberam os traços tradicionaes, o cunho intellectual que fórma o typo social, e tanto assim que mais ou menos d'elle se afastam. Inversamente, entre as nações do-

---

<sup>1</sup> Cf. H. de Tourville, *Histoire de la Formation Particulariste*, 1 vol., Paris, Firmin-Didot.

minadas pelo mais accentuado espirito de rotina, se encontram homens d'uma grande força de vontade, notavel iniciativa e largueza de vistas. É que circumstancias excepcionaes influiram sobre a sua juventude desenvolvendo-lhes a personalidade a despeito da depressivamente influencia do meio educativo.

Como quer que seja, o reino dos suevos e dos visigodos encontrava-se n'uma desastrada situação quando, pelos fins do seculo VIII, foi ameaçado pela invasão dos mouros. A corrupção, a desordem, a revolta, a excessiva acção fiscal e os privilegios injustos contribuiam, simultaneamente, para o desmembramento e ruina das populações. Isto basta para explicar a facil victoria dos bandos militares africanos, bem disciplinados ao mesmo tempo pela tradição social e pelo espirito religioso. Socialmente, elles eram communitarios, ou patriarchaes, habituados á passividade absoluta; sob o ponto de vista religioso, eram ardentes proselytos d'uma nova fé; sentiam em summa a necessidade de novas terras porque, entalados entre o imperio byzantino e o deserto, não tinham, senão pelo norte, caminho aberto á expansão. D'ahi resultou que por pouco não submergiram toda a Europa occidental.

### III. — Os Mouros

Os mouros, mistura d'arabes e de berbéres, não constituiam um typo uniforme a despeito da sua formação analoga. Por esta formação pertenciam todos ao typo caracterizado simultaneamente pela communitade dos bens e pelo patriarchado. Emquanto porém os berbéres eram essencialmente ruraes, os arabes eram commerciantes urbanos. Os primeiros estabeleceram-se solidamente sobre a terra luzitana e sob o seu

impulso se desenvolveu uma agricultura prospera, emquanto que os arabes retomaram a sua vida de caravaneiros e maritimos. Rivalisando com os Gregos byzantinos e com os Italianos, viam-se forçados a combate-los para afastar a sua concorrência. Graças ás suas faceis relações com os seus irmãos do Levante, elles constituíam um traço de união entre o Extremo-Oriente e o Occidente. Accumularam riquezas, crearam esplendidas e populosas cidades e desenvolveram uma civilização requintada.

Mas a formação communitaria apresenta esta particularidade característica, a de não saber resistir á prosperidade. O trabalho activo e o progresso da riqueza em breve a modificam, desorganizando-a em seguida rapidamente. Os mouros, cuja influencia tinha sido de principio bastante forte para dominar o paiz, reorganisar a exploração das suas riquezas e assimilar as populações christãs, <sup>1</sup> felizes por encontrarem um regimen de trabalho pacifico, não tardaram tambem em cahir na desorganisação. Os individuos sahidos da formação communitaria teem uma grande inferioridade, em geral, por falta de iniciativa e de disciplina de vontade. Entregam-se, de preferencia, á exploração uns dos outros pela influencia politica e d'ahi a série de rivalidades e contendas que nascem espontaneamente entre os governantes. É assim que o imperio arabe foi bem cedo dividido em estados distinctos que, em logar de se federar e de se auxiliar mutuamente, não cuidavam senão em combater-se para se espoliarem uns aos outros. Uma vez ainda a Lusitania tornava a mergulhar na decomposição e na anarchia pelo triumpho da po-

---

<sup>1</sup> Referem alguns historiadores que, nas egrejas catholicas toleradas pelos Mouros, o clero orava em arabe.



lítica e da centralisação administrativa, sobre o trabalho productivo e livre.

#### IV. — A Cavallaria

Esta decadencia coincidia precisamente com os novos acontecimentos sobrevindos na Europa do Norte. O feudalismo, depois de alguns seculos de evolução silenciosa na vida rural, principiava a transformar-se.<sup>1</sup> Tendia a militarizar-se, a pôr de parte a direcção dos trabalhos agricolas em troca dos feitos d'armas. Os filhos segundos, encontrando em volta de si o terreno todo occupado, diligenciavam fundar estabelecimentos fóra da christandade. Isto explica tanto, pelo menos, como o fervor religioso, o enthusiasmo que as cruzadas despertaram. Foram estes tambem os motivos que, sobretudo a partir do seculo XII, arrastaram á península tantos cavalleiros francos, normandos e borgonhezes, no desejo de combater os infieis e de conquistar terras. Foi, graças a estes guerreiros, cubiçosos, que o dominio mourisco na Europa foi aniquilado após uma resistencia desesperada.<sup>2</sup>

Eis portanto ainda uma vez Portugal dominado por uma raça nova. Em que situação se encontrava então o paiz, e como é que elle foi reorganizado pelos conquistadores feudaes? O paiz estava, em grande parte, arruinado e despovoado. Por isso o primeiro cuidado dos principes borgonhezes, feitos, primeira-

---

<sup>1</sup> Cf. H. de Tourville, obra cit.

<sup>2</sup> A batalha d'Ourique, em 1139, limitou este dominio ao reino do Algarve, e a do Salado, em 1340, aniquilou-o por completo. Em Portugal durou mais de cinco seculos a dominação.

mente condes e depois reis de Portugal, foi conservar, por disposições favoraveis, tudo o que restava da antiga população. Mouros, Mosarabes ou indigenas arabizados e os judeus fugidos á intolerancia de Roma <sup>1</sup> o que os mussulmanos consentiam, todos foram de principio favorecidos por esta politica; a perseguição veio sómente mais tarde sob a influencia de varios sentimentos como o zelo religioso, os temores politicos e a cupidéz do fisco. Apesar d'isso, vastissimas regiões se conservavam ainda desertas; n'ellas se talharam esses immensos dominios dotados de privilegios e isempções fiscaes, doados ora a officiaes do príncipe, ora ás ordens religiosas <sup>2</sup> na crença de que esses latifundios seriam pouco a pouco valorisados e povoados.

Ir-se-hia finalmente entrar n'um regimen definitivo, estavel, em que o trabalho seria dirigido por patrões capazes? Era um ideal bem difficil de realisar no fim da Edade Média, quando o feudalismo se encontrava em plena decadencia, quando o militarismo e a politica concentravam todas as atensões dos principes e dos grandes da Egreja n'uma multiplicidade de discordias e de interminaveis luctas. Como os outros Estados do continente, Portugal foi tambem arrastado n'um turbilhão infernal. É fóra de duvida que, de principio, muitos esforços se fizeram, quer da parte dos reis borgonhezes, quer da parte das ordens religiosas, quer ainda pelos grandes senhores de terras ou pelas communas, no sentido de fomentar a repovoação e a cultura do paiz. Foi graças a essas ten-

---

<sup>1</sup> Sobre os judeus, consultar a obra de Mendes dos Remedios, Professor na Universidade de Coimbra.

<sup>2</sup> Especialmente ás ordens da cavallaria, que desempenharam em Portugal o papel de um exercito permanente em face do inimigo hereditario, o Mouro.

tativas que o rei Diniz mereceu o glorioso cognome de Lavrador. Vêem-se ainda nos antigos conventos d'Alcobaça e da Batalha enormes estabulos, armazens colossaes, provaveis testemunhas de uma larga exploração agricola. Vieram colonos de varios paizes attrahidos pela concessão de terras, por aforamentos, por franquias e isempções de impostos e de servidão. Organisaram-se as communas burguezas em beneficio do commercio e industria. Vê-se, pois, evidentemente que um consideravel esforço de organização se produziu no inicio da nova monarchia, orientado com intelligencia e muito senso práctico. No decorrer dos tempos por vezes se reproduziram tentativas analogas. Por varias razões o resultado foi sempre mediocre.

Em primeiro logar, o proprio facto de certos principes julgarem conveniente, repetidas vezes, uma legislação, no sentido de galvanizar a agricultura e as artes usuaes, prova sobretudo que a iniciativa particular não se esforçava muito no desbravamento do solo e na criação d'officinas.<sup>1</sup> Seria de resto difficil que as coisas tivessem caminhado por outra fôrma. A população, após a reconquista, encontrava-se agrupada em quatro classes bem distinctas: os grandes senhores e a pequena nobreza, o alto e baixo clero, a burguezia urbana e o povo com a variada constituição pela origem e pelo estado social dos seus elementos. Uns conservavam o tradicionalismo arreigado do regimen patriarchal; apresentavam outros uma desorganização que os deixava

---

<sup>1</sup> Em 1375, approximadamente 250 annos depois da reconquista, foi promulgada a *Lei das Sesmarias*, que ordenava o arroteamento das terras incultas, sob pena de confisco, esta lei não deu resultado.



seguir quaesquer impulsos, mas inhibindo-os por isso mesmo de uma iniciativa propria. A burguezia, pouco numerosa, formada principalmente por judeus e descendentes das familias mouras ou mosarabes, apresentava caracteres analogos aos do povo. O clero inferior não tinha nem instrucção, nem meios, nem influencia; os grandes da egreja eram recrutados entre os filhos da nobreza que d'isso faziam carreira, onde cada um podia desenvolver, em proveito da sua propria ambição, todos os artificios da intriga; dentro em pouco os conventos se tornaram tambem um asylo de filhos segundos, vivendo na ociosidade, á custa das instituições pias, cuidando sómente de alargar os seus dominios e augmentar os seus proventos. Não raras vezes, o clero, para conservar ou augmentar os seus privilegios, se declarava em lucta aberta com o poder real. A alta nobreza, proprietaria da maior parte do territorio, tinha sobejo interesse em o valorisar por d'elle receber os seus rendimentos. Mas distrahida desde o principio por luctas d'influencia ou por incessantes guerras, bem cedo se desinteressou da direcção do trabalho, achando mais commodo dividi-lo em pequenos tratos de terra de que se limitava a receber as rendas; o excedente d'esta subdivisão permanecia no estado de florestas, pastagens ou charnecas incultas. Finalmente, a pequena nobreza era composta por filhos segundos sem fortuna, educados na ociosidade, aptos apenas a abraçar, como unicas carreiras, a religiosa ou a das armas; assim, esta classe só tinha uma preocupação: procurar a fôrma de melhor viver á custa alheia; agrupados em bandos, em torno d'algumas poderosas familias, occupavam-se continuamente em usurpar os bens ou os rendimentos da Egreja, das communas ou dos judeus. De facto, desde a origem da monarchia portugueza que a nação se encontra, por effeito das circum-

tancias, n'um estado completamente heterogeneo. Duas maneiras de formação social, de principio, se encontraram em opposição: d'um lado a formação communitaria, moura e judaica, com tendencia para a estagnação; do outro o typo feudal importado pelos principes borgonhezes e pelos seus cavalleiros, com as suas tendencias primitivas favoraveis, pelo contrario, ao desenvolvimento da formação social particularista. Entre estes extremos agitava-se gente sem raizes, desorganizada, sem tradições e sem uma formação social definida. Com o tempo as guerras civis e exteriores, as perseguições religiosas, o abuso dos privilegios e da vida militar ou religiosa, desorganizaram as familias feudaes e as familias communitarias. E assim, pouco depois da sua fundação, a nação toda, ou pouco menos, cahiu n'esse estado caracteristico dos povos socialmente desorganizados, incoherencia, volubildade, indecisão, que por insufficiencia de educação se continúa indefinidamente pelos tempos adeante. E como seria possivel que a educação se ministrasse com regularidade e constancia, quando as familias eram constantemente perturbadas e desagregadas pela desordem publica, ou pelos acasos d'uma existencia baseada na instabilidade de elementos artificiaes como o privilegio, o favoritismo, a sorte da guerra, etc.? Sómente o trabalho estavel, regular e normal, permite a conservação e aperfeiçoamento de um determinado typo social. É nas regiões mais isoladas, nas ilhas, nas montanhas e nas regiões de difficil accesso, que as fôrmas sociaes melhor se conservam e transmitem na mais duradoura pureza. Aqui, ao contrario, tudo foi bem cedo baralhado, confundido, desorganizado e apagado.

Estas curtas indicações bastam já para lançar uma viva claridade sobre o passado e o presente da nação portugueza, explicando principalmente a sua surpre-

hendente expansão marítima que tão rapidamente declinou. De principio as relações commerciaes, conservadas no Oriente por numerosas familias mouras e judaicas, facilitaram aos portuguezes o estabelecimento e manutenção de transacções lucrativas com os povos de Syria e do Egypto. Portugal apoderou-se assim de uma grande parte do movimento commercial pouco a pouco abandonado pelos gregos e italianos. Lisboa e Porto tornaram-se pontos de escala inevitaveis entre o Mediterraneo e a Europa occidental. Formou-se uma classe importante, de negociantes e financeiros, estendendo o campo das suas transacções até ao extremo do Baltico. <sup>1</sup> O commercio das valiosas mercadorias vindas da India desenvolveu tambem o dos productos do paiz.

A crescente prosperidade da classe media não tardou a causar apreensões aos cortezaes e senhores da igreja, que entre si disputavam já a supremacia e o proveito do poder. Receando, e não sem motivo, serem desalojados por esses grandes negociantes, ricos de dinheiro e de experiencia, principiaram a aniquilal-os desde o fim do seculo xv por meio das perseguições religiosas e da confiscação de bens. D'elles refluíram á Africa uns e os outros foram refugiar-se em França, Italia, Hollanda ou Inglaterra. Assim foi que o desenvolvimento economico declinou em Portugal <sup>2</sup> ao passo

---

<sup>1</sup> No seculo xiv os armadores portuguezes exportavam para Riga trigo e peixe salgado; em 1358 Eduardo III concedia-lhes o direito de pesca nas costas inglezas.

<sup>2</sup> Nos fins do seculo xiv, o commercio marítimo dos portuguezes a pouco mais se limitava que á cabotagem; as suas primeiras expedições foram dirigidas por genovezes.



que nos outros países entrou n'um rapido desenvolvimento.

#### V. — A Expansão colonial e seus resultados

Entretanto finalisara a corrente d'aventuras caracterisada pelas cruzadas. As guerras continentaes, frequentes ainda, não offerciam nem os mesmos atractivos nem os mesmos proveitos que as expedições a terras d'infieis. A mocidade nobre, afastada do trabalho pelo orgulho de casta, reduzida a sua parte aos alimentos pelos direitos dos primogenitos e pelo excesso de pretendentes dos serviços dos reis e dos cargos ecclesiasticos, procurava novos campos de acção. Já nos principios do seculo xv um principe de legendaria memoria, um dos infantes da familia reinante, se esforçava para lançar os seus concidadãos através os mares no caminho das expedições coloniaes. Com o exito dos primeiros descobrimentos e sob o impulso da realeza acentuou-se o movimento e multiplicaram-se as explorações maritimas.

Successivamente descobriram os portuguezes as costas longinquas da Africa (1434-1447), o caminho maritimo da India (1486-1496) e o litoral do Brazil (1500). Immediatamente as classes superiores se lançaram para este novo campo de aventuras e lucros. Como procederam ellas para o explorar? Se a historia o não dissesse, facil seria adivinhal-o. Para individuos educados no desprezo de quaesquer occupações de caracter mercantil, não existia senão um meio: a exploração dos cargos fiscaes e administrativos. Foram, portanto, governadores, capitães, funcionarios, e como os maiores lucros ameaçassem cair nas mãos dos negociantes estrangeiros que acompanhavam as expedições dos

conquistadores portuguezes, <sup>1</sup> estes organizaram o monopolio do trafico entre os paizes submettidos e a Europa.

Um tal procedimento originou dois graves inconvenientes. Primeiro porque creou a Portugal inimigos irreconciliaveis que puzeram todo o fito em o despojar ou mesmo annexar com todas as suas possessões; <sup>2</sup> além d'isso porque toda a actividade da nação se voltou para as colonias, não para as explorar e valorisar por um esforço regular, mas sim para as esgotar quanto possivel sob o peso de contribuições arbitrarías, impostos excessivos e até pela pilhagem. Tudo na metropole se subordinou a esta preocupação e tudo se sacrificou á manutenção do celebre monopolio o qual era bem mal aproveitado de facto, <sup>3</sup> As familias dominantes, os agentes do governo e alguns commerciantes favorecidos fizeram assim grandes fortunas; <sup>4</sup> mas o povo abandonado a si proprio, cahiu n'uma especie de degradação, vivendo vida miseravel ao lado do luxo dos privilegiados. A concorrência das outras nações foi reduzindo os proventos do Oriente, mas appareceu, em breve, uma nova fonte de riqueza, pelo menos apparente. No seculo XVII, principiou o Brazil a fornecer

---

<sup>1</sup> Nas primeiras frotas enviadas á India, iam negociantes do Norte, mas em breve se decidiu a sua absoluta exclusão, assim como a dos seus navios.

<sup>2</sup> Annexação á Hespanha por Filipe II em 1580 que durou até 1640. Em 1595 os hollandezes apoderaram-se de muitas colonias portuguezas.

<sup>3</sup> Ninguém podia sem uma licença régia negociar com as colonias. As mercadorias eram trazidas a Lisboa de onde os navios estrangeiros, principalmente hollandezes, as levavam para os paizes do Norte.

<sup>4</sup> Segundo R. d'Oliveira, chronista do seculo XVI, em 1551 havia em Lisboa cerca de 430 ourives, o que indica um grande luxo.

ouro em abundancia que sómente aproveitava ao Theouro real ou a altos personagens, que dissipavam com uma prodigalidade absurda, de que lucraram as fabricas estrangeiras. O paiz continuou permanecendo na sua inatividade industrial, na rotina agricola, na impotente situação commercial em que cahira pela deserção das classes dirigentes. Os proprietarios haviam abandonado as pequenas explorações das industrias ruraes, e afastado os filhos das carreiras uteis. E' assim que a partir do seculo XVII se não encontram em Portugal senão duas classes absolutamente distinctas uma da outra, a nobreza completamente ociosa, e o povo, camponez ou artifice, vivendo na ignorancia, na inercia e na pobreza.<sup>1</sup> Se alguns pequenos fabricantes ou negociantes conseguiam fazer uma certa fortuna, eram excepções demasiadamente raras para formar uma nova classe dirigente capaz de encaminhar a população e guiá-la para um regimen economico mais activo e mais prospero. Os agrupamentos, como as tropas, precisam de chefes e guias. Agora, faltando á sua missão estes órgãos sociaes indispensaveis, ficava a nação reduzida a arrastar-se miseravelmente na mediocridade precisamente no momento em que o ouro lhe apparecia com a maior abundancia. Melhor não se poderia demonstrar que a verdadeira riqueza resulta mais d'um trabalho bem organizado por uma

---

<sup>1</sup> Esta situação era aggravada ainda pelo desenvolvimento da escravatura. Desde os fins do seculo xv que um grande numero de mouros, de negros, indigenas do Brazil, foram importados e empregados como serviçaes e trabalhadores urbanos ou ruraes. Resultou d'ahi uma liberdade de costumes prejudicialissima á familia e á educação e uma mesclagem de raças originando individuos desorganizados. A escravatura foi abolida em Portugal no meado do seculo XVIII.



nação regularmente ordenada, do que da abundancia artificial da moeda.

Podemos tirar ainda d'estes acontecimentos uma outra lição, não menos util. Durante este periodo succedeu que alguns principes e homens d'Estado esclarecidos, comprehendendo o erro colossal do seu tempo, esforçaram-se mais uma vez por chamar o paiz a caminhos de mais normalidade, por meios legislativos e administrativos. O resultado foi quasi nullo, porque a organização do trabalho é um facto natural, que não se póde realisar plenamente e de maneira duravel por meio de medidas artificiaes. São necessarios os esforços multiplos e harmonicos de toda a nação. As iniciativas parciaes e incoherentes d'uma burocracia nunca foram nem serão nunca sufficientes, ainda mesmo sob o impulso do genio organizador d'um Pombal.

#### VI.— A situação no meiado do seculo XIX

Em principio do seculo XIX, Portugal vegetava, conservando apenas algum prestigio no exterior, graças aos recursos financeiros que tirava do Brazil, e que bem pouco aproveitavam ao paiz, onde quasi que só passavam para irem logo espalhar-se entre os povos industriaes. A cidade de Lisboa, onde viviam todas as pessoas influentes ou ricas, era a unica com apparencias de prosperidade. O Porto tambem tinha alguma actividade. Mas o resto do paiz permanecia como que abandonado. Não se encontrava então em todo o reino senão uma unica estrada soffrivel, numa distancia d'algumas leguas, entre a capital e o castello real situado acima da villa de Cintra. Isto mostra a que ponto as communicações eram difficeis e raras.

Um após outro, uma longa serie de lamentaveis

acontecimentos interveio para completar a obra de desorganização dos seculos anteriores. A grande crise militar do periodo napoleónico, a invasão, a occupação ingleza, completaram a ruina do commercio. Pouco depois, a separação do Brazil supprimiu uma importante fonte de rendimentos e de empregos. No interior, as rivalidades dynasticas provocaram crises politicas agudas e guerras civis. Durante quasi meio seculo, o paiz foi assim quasi continuamente presa das mais graves difficuldades. A politica tinha tomado o primeiro logar nas preoccupações da classe superior. Tudo lhe estava subordinado, e tudo lhe era sacrificado. A agricultura e a industria conservavam-se num estado verdadeiramente primitivo e estagnado. O commercio, cahido egualmente numa situação das mais mediores, tinha passado, em grande parte, para as mãos de firmas estrangeiras. Medidas legislativas, feitas á pressa e sem discernimento, operavam no regimen da propriedade uma verdadeira revolução; o solo, mobilisado em massa, pela brusca suppressão da mão morta, dos morgados e dos vinculos, era objecto de especulação em proveito d'um pequeno numero de capitalistas. Em summa, neste pequeno povo tudo se encontrava deslocado, desordenado, desorganizado. A terra ia a mãos de acaso, e a cultura não tinha direcção; a industria, tambem abandonada ás mãos da gente meúda, conservava os methodos antigos e a pequena officina; o commercio sómente o havia de alguns, raros, productos naturaes; á actividade economica, faltavam, ao mesmo tempo, para a reanimar, patrões, pessoal capaz e capitaes. Por isso, o povo vegetava numa pobreza sombria, ao passo que a classe superior, pouco culta, paralyzada nos seus preconceitos ridiculos, vivia numa ociosidade muitas vezes corrupta, ou passava o tempo a disputar favores ou empregos. Dividida em facções politicas,

encarniçava-se nas mais estereis luctas e abandonava o paiz ao acaso. Triste epocha, na verdade, durante a qual este povo portuguez, bom, laborioso, intelligente, esteve fóra do progresso geral e se poz assim n'um estado de lamentavel atrazo e de perigosa inferioridade em face das outras nações do Occidente.

Pelo exame das condições geraes naturaes do *paiz* portuguez concluimos que, para o valorisar completamente, teria sido necessario desenvolver muita iniciativa, muita habilidade, muita perseverança e grandes capitaes. Ora, acabamos de verificar que a nação foi cedo desorganizada, e constantemente desviada do regimen normal do trabalho, por uma serie de circumstancias complicadas que a impelliam a dirigir todo o seu esforço para o exterior sob uma fórmula militar ou administrativa. Ao mesmo tempo, desprezando as profissões ordinarias, a classe abastada esbanjava egualmente para fóra os seus rendimentos, deixando o paiz sem capitaes, assim como sem emprehendimentos nem petrechos. Isto explica sufficientemente como foi que Portugal, que um momento parecêra destinado ao mais brilhante futuro, era, em meiadados do seculo XIX, um dos Estados mais atrazados do Occidente.

Desde então, esta penosa situação modificou-se sensivelmente, sem que, entretanto, fosse possivel recuperar o tempo perdido. E' que o fardo do passado pesa ainda fortemente sobre a vida nacional. Convém mostrar por que e como.

---



### III

## Costumes contemporaneos

ACTUAL PHYSIONOMIA SOCIAL DA NAÇÃO. — AS CLASSES. — A EDUCAÇÃO. — A POLITICA E O TRABALHO. — A MULHER, SUA SITUAÇÃO SOCIAL E MORAL. — O MOVIMENTO INTELLECTUAL. — AS INCERTEZAS DO PRESENTE.

### I. — Actual physionomia social da nação

Poucas nações tem passado por circumstancias desorganizadoras tão profundas e continuas como as de que o povo portuguez tem soffrido. Temos até agora constatado que, desde a antiguidade até aos meados do seculo passado, tudo conspirou para destruir os antigos quadros sociaes, enredar o trabalho nos seus diversos ramos, perturbar o movimento economico, crear, em summa, uma situação toda ella artificial, baseada em recursos contingentes e em processos de corrupção. Desde o seculo XVI, a classe superior pretendia viver exclusivamente das riquezas vindas da India; mais tarde, substituiu estas pelos thesouros do Brazil. Depois e em globo considerou-se como sendo um filho de familia opulento e ocioso, a quem unicamente preoccupavam os prazeres, e em tudo recorrendo ao trabalho dos outros. A roda da Fortuna desandou, porém; a maior parte das antigas familias arruinaram-se tanto

pela sua prodigalidade como por causa das revoluções, e então, por ser a miseria do povo grande tambem, cahiu a nação quasi subitamente n'uma situação geral muito precaria. Ahi por 1850, ao terminar das grandes perturbações politicas de que o paiz soffreu durante cincoenta annos, Portugal encontrou-se sem actividade economica, sem capitaes, e quasi sem homens capazes para conduzir um movimento de reconstituição nacional. A agricultura estava a tal ponto decahida, que o reino tinha de importar a maior parte do trigo e da carne necessaria ao consumo das cidades. A industria mecanica não existia. Em parte alguma se encontravam portos bem apetrechados, nem estradas nem caminhos de ferro. O dinheiro era raro e o crédito nenhum. A instrucção secundaria e superior permanecia no estado mais rudimentar e sem valor algum pratico, a instrucção primaria quasi não existia. Mas de todas as circumstancias desfavoraveis, a mais grave era certamente a falta de organização social resultante dos factos do passado. É esta consideração de tal maneira capital, que devemos demoradamente n'ella insistir, por isso que, emquanto não fôr claramente comprehendido pelos interessados, não chegarão estes a vencer as difficuldades no meio das quaes se debatem ainda hoje. Para bem comprehender o sentido e o alcance d'esta desorganização antiga, assim como a actual physionomia social da nação, é necessario analysar a condição de cada uma das classes que a compõem.<sup>1</sup>

A alta aristocracia, possuidora de terras, desem-

---

<sup>1</sup> Portugal contava em 1900, juntamente com os Açores, pouco mais ou menos 5.500:000 habitantes, 40:000 dos quaes estrangeiros, pela maior parte hespanhoes. Desde que o paiz está relativamente tranquillo, o augmento tem sido rapido (perto de um milhão em trinta annos).

penha apenas hoje um papel honorifico. Muito reduzida em numero, perdeu a sua funcção social abandonando a direcção das suas propriedades e desinteressando-se das cousas do trabalho. Depois de ter abusado da auctoridade e do privilegio, perdeu ao mesmo tempo um e outro para cahir n'uma posição secundaria, onde, a pouco e pouco, acaba de extinguir-se. A nova aristocracia não a substitue, pois é, na realidade, uma alta burguezia cujos titulos não deixam de ter o seu prestigio. Mas n'um meio novo seria impossivel fazer reviver velhas instituições. Entre a classe aristocratica e o povo não existia outr'ora senão uma burguezia pouco numerosa, limitada ao commercio e profissões inferiores, sem auctoridade, sem influencia, e dispendo de insignificantes meios. Hoje, já assim não succede por diversas razões. Em primeiro logar, a antiga nobreza secundaria soffreu uma profunda evolução.

Empobrecida, muitas vezes arruinada até pelos acontecimentos politicos, correu, por assim dizer, ao encontro da sua queda pela liquidação dos seus vinculos e a partilha dos seus bens libertados do direito dos morgados. Em poucos annos, muitas familias, perdida a sua fortuna e os seus privilegios, perderam tambem a sua antiga preeminencia, e foram engrossar as fileiras da classe média. As outras não se distinguem já senão pelo seu nome e fortuna territorial, esta mesma frequentemente igualada e até excedida pelas novas fortunas originadas nos negocios e por vezes na especulação. Além d'isso a burguezia, aproveitando as novas circumstancias, recrutou-se largamente nas camadas inferiores da sociedade. Muitos individuos, mais ou menos enriquecidos, principalmente pela emigração temporaria, sahiram do povo e introduziram os seus filhos e parentes por entre as classes abastadas. O facto é que a burguezia dirige actualmente Portugal, e occupa



o primeiro logar no movimento social. É pois de grande importancia conhecer bem a sua constituição íntima.

## II. — A desorganização do typo de familia

Para bem comprehender esta situação, devemos certificar-nos com exactidão do facto social consideravel, decisivo, que domina e influencia todas as manifestações da vida nacional portugueza. É necessario explicá-lo de uma maneira completa, demonstrativa. Para isso invocaremos principalmente a lição dos factos.

Este phenomeno, de que já mostrámos a genese, e do qual dentro em pouco veremos todas as consequencias, é a desorganização da familia typo. Sabemos como as circumstancias antigas, actuando durante seculos, em diversas occasiões, misturaram, revolveram, algumas vezes até destruíram e substituíram as populações d'uma maneira mais ou menos completa. Raças regularmente organizadas occuparam certas regiões. Depois sobrevieram outras que estavam já desorganizadas, pelo menos em parte, e saídas do seu molde social primitivo. Emfim, a guerra, a miseria, a escravidão, certas combinações economicas excepcionaes, destruíram quasi por toda a parte os antigos costumes de familia e originaram desde a mais remota antiguidade, na Lusitania, o que chamámos um typo social desorganizado. Um exemplo bem determinado vae mostrar-nos esta evolução sob uma fôrma viva e até certo ponto palpavel.

Os typos de organização social não se formam por acaso. Desenvolvem-se sob determinadas influencias, derivadas principalmente da natureza do logar habitado e do regimen do trabalho predominante. Em certas

regiões difficeis de transformar, o typo social sob a influencia d'um regimen muito simples do trabalho, modifica-se pouco, relativamente. A coincidencia d'estas duas circumstancias oppõe-se com effeito ás complicações crescentes que tendem a desfazer os antigos costumes e as fórmulas tradicionaes. Ora, existe em Portugal uma região que apresenta quasi todas as condições proprias para conservar o typo social simples, como era primitivamente o de quasi todos os habitantes do paiz, desde os Liguros e Ibéros até aos Mouros. Este lugar, de pequena extensão, fórma o angulo nordeste do paiz: é a antiga provincia de Traz-os-Montes, o que significa «para lá dos montes». Seria talvez mais exacto dizer «sobre os montes». Com effeito, quasi todo o paiz entre o Minho e o Douro é formado pelos prolongamentos dos planaltos da Galliza que vão descendo para o sul e oeste. Ahi se encontram planos elevados em escadaria cortados por serras, variando entre 300 metros de altura, até 1:600 junto á fronteira. Torrentes de agua sulcaram estes planaltos, abrindo valles estreitos e profundos. Este massiço é formado sobretudo por rochas crystallinas cuja decomposição dá origem a um solo leve e pobre, com excepção do fundo dos valles onde se accumularam as camadas de terra e de humus. Acontece até que as chuvas têm lavado totalmente as rochas dos cumes, que os pastores e carvoeiros imprudentemente despiram de arvoredo, tornando assim impróprias para qualquer vegetação superficies consideravelmente extensas.

Em outros pontos encontram-se os planaltos cobertos por uma camada de terra tão delgada que é difficil fazer lá nascer coisa que não seja herva ou mato, e as encostas são, geralmente, tão inclinadas, que para a sua cultura se encontram as maiores difficuldades, tanto mais que o clima é pouco favoravel.

Com effeito, sendo em geral as montanhas orientadas do norte para o sul, as primeiras cadeias enfileiradas perto do Oceano, condensam a maior parte dos vapores de tal maneira, que no interior da região as chuvas são insufficientes. Os planaltos e as encostas do interior são portanto muito aridas, e ao mesmo tempo muito difficéis de irrigar, por causa da irregularidade da superficie. Emfim a altitude torna os invernos rigorosos, ao passo que os estios são ardentes. As circumstancias são, pois, todas desfavoraveis á cultura.

De tudo isto resultaram duas consequencias capitales. Em primeiro logar, os habitantes de Traz-os-Montes não teem, em geral, podido praticar de uma maneira permanente senão uma agricultura simples e quasi immutavel. Lavram o fundo dos valles e aproveitam das encostas a herva e as madeiras. N'estas condições, a apropriação particular da totalidade do solo tornava-se nociva. A experiencia repetida em bastantes paizes mostra que, em taes circumstancias, a exploração em commum dos bosques e dos pastos é bem mais conveniente para todos, do que uma repartição das terras que obrigasse cada um a organizar, só com os seus recursos, uma exploração difficil feita em glebas afastadas umas das outras e de accesso difficil e fraco rendimento.<sup>1</sup> Isto explica porque é que nas regiões montanhosas, as communitades de habitantes se mantem através os seculos, ao passo que se desagregaram na planicie onde o terreno permite uma exploração intensa e variada.

Muitas vezes esta communidade ou grupo com-

---

<sup>1</sup> V. as monographias do Jura Bernois e do valle d'Ossau (Pyrineus), publicadas na revista *A Sciencia Social*, pelos Srs. R. Pinot e F. Butel.



pleta-se pela communitade de familia, a qual se applica a bens mais restrictos, taes como a habitação e os campos lavrados situados nos valles. Em Traz-os-Montes, a communitade de familia parece ter desaparecido ha bastante tempo; pelo menos o codigo civil prohibe-a e naturalmente apagou-lhe os ultimos vestigios. Mas a propriedade communal subsiste em grande escala e dá a esta região uma physionomia especial, essencialmente differente da do resto do paiz. E' por isso necessario conhecê-la, para melhor se comprehender depois, por comparação, o seguimento do nosso estudo. Poderemos assim verificar a differença entre um typo ainda naturalmente organizado, pelo menos em parte, e aquelles que já o não estão e se firmam sómente em combinações artificiaes, as quaes embora occupem o logar das tradições naturaes, não podem substituil-as. <sup>1</sup>

### III.— Agrupamentos communitarios dos montanhezes do norte

Os municipios de Traz-os-Montes, e mais especialmente os do planalto de Barroso e do massiço de Miranda, no curso superior do Douro, conservam a propriedade de grandes charnecas, florestas, matas, passagens e terrenos desoccupados. As regiões baixas, pelo contrario, facilmente cultivaveis, estão divididas em propriedades particulares. Parece certo que, ou-

---

<sup>1</sup> Não podemos insistir aqui sobre a constituição e os resultados da communitade de familia, que tem sido frequentemente descripta. V. principalmente a monographia do Baschkir do Ural, nos *Operarios europeus*, e a nossa obra: *A Produção, o Trabalho e o Problema social no principio do século xx*; t. 1.º

trora, sendo ainda diminuta a população, era a cultura dos campos inferiores, combinada com a exploração em commum dos baldios, sufficiente para as necessidades de então; mais tarde, porém, o acrescimo de população complicou um pouco as coisas. Tornou-se necessario, então, cultivar parcellas do solo commum a despeito da sua má qualidade. Não era isso possivel sem se estabelecer um regimen que satisfizesse todas as conveniencias, eliminando as causas d'abuso, de conflicto, de perturbação, que certamente não deixariam de se produzir com mais intensidade por isso que se tornavam mais consideraveis os interesses em jogo. E, com effeito, estabeleceu-se entre esta pobre gente um conjuncto de costumes, destinados a assegurar-lhe o usufructo pacifico do seu ingrato solo, os quaes, a despeito das suas fórmulas simples e elementares, são admiraveis pela sua engenhosa precisão.<sup>1</sup>

D'onde lhes veiu esta sabedoria tão prática e previdente? Algum legislador genial terá elaborado esses regulamentos por um esforço de pensar e meditação? De modo algum. Possuindo uma organização de familia muito firme que dava aos chefes de cada uma d'ellas uma grande auctoridade, pouco a pouco, constatando as suas necessidades práticas, foram modelando sobre ellas os costumes mais apropriados a assegurar-lhes meios regulares de existencia. O uso de governar cada um a sua familia numerosa, fez com que os chefes de cada casa, desde tempos immemoriaes, se en-

---

<sup>1</sup> V. uma brochura publicada pelo Snr. Dr. Monteiro, de Braga, com este titulo: *Sobrevivencias do regimen communal em Portugal*, resumo de uma monographia inédita do Snr. A. da Rocha Peixoto, joven sabio prematuramente fallecido. Este trabalho foi inserto em portuguez nas *Notas sobre Portugal*, 2 volumes publicados pela Imprensa Nacional em 1907.

tendessem uns com os outros para procurar encontrar a solução simples e logica do problema vital que a natureza lhes apresentava; adaptaram o mecanismo da communitade de familia á gerencia dos interesses de toda a visinhança, e constituíram grandes communitades locaes que regulam amigavelmente todas as questões de interesse geral, tanto d'ordem publica como de character particular. A fim de fixar ideias vamos apresentar alguns exemplos.

O que uma communitade de habitantes mais necessita é sem duvida determinar com precisão o regimen de trabalho a que deve as subsistencias. Era necessario, antes de mais nada, explorar certos recursos, como por exemplo a herva que nascia expon-taneamente nas alturas. Convinha delimitar as zonas segundo a sua productividade, a epocha em que convinha utilisá-las, a quantidade de gado que ellas podiam admittir, a guarda, emfim, dos rebanhos. Tudo isto foi determinado minuciosamente pelos chefes de familia reunidos em assembleia deliberante a maior parte das vezes ao ar livre. Assim foram creados regulamentos detalhados e se fixaram com precisão os direitos reciprocos e os deveres mutuos, e até os julgamentos em caso de violação das decisões tomadas e acceites. No decorrer dos tempos, essas mesmas assembleias intervieram ainda para designar as parcelas de bosques e charnecas a explorar ou a cultivar provisoriamente, assim como os trabalhos a executar no interesse de todos: barragens e vallas de irrigação, distribuição d'aguas, construcção de moinhos, de fornos, ou de granjas, de uso geral, etc.

Não se limitaram os montanhezes de Traz-os-Montes, a organizar assim em commum o regimen do trabalho; na vida publica tiveram a mesma solidariedade, a mesma disciplina, o mesmo engenho e a mesma ener-



gia. Muitas vezes se tem visto communitades ruraes procederem com um notavel methodo a emprezas de interesse geral. Assim, certas freguezias reconstruiram as suas egrejas, outras edificaram templos novos, afim de terem missa ao seu alcance. Reunia-se uma assembleia para discutir o projecto, escolher o local, distribuir as tarefas. A uns pertencia cavar os alicerces, ou carregar a pedra, a areia ou a madeira necessaria. Outros eram tributados pelas quantias necessarias ao pagamento de pedreiros e carpinteiros. O serviço do culto é assegurado pelo concurso de todos; destinam-se-lhe terras especiaes as quaes são cultivadas em commum para occorrer á manutenção do padre e ás despezas do culto. Por modo semelhante se procedeu na construção de outros edificios communaes. Emfim, esta gente meúda fez recuar o proprio Estado quando elle um dia se propoz invadir os seus direitos seculares. Ha vinte ou vinte cinco annos, a administração lembrou-se de submeter as matas do Barroso ao regimen florestal, o que privaria os habitantes dos seus subsidios emervas, fetos, matos e combustivel. Traçaram-se caminhos para exploração e vigilancia dos agentes do governo. O povo inteiro, porém, levantou-se em massa, cortou os caminhos, destruiu as pequenas pontes que tinham sido lançadas sobre as torrentes, expulsou os empregados e alcançou finalmente a victoria. Talvez tivesse sido conveniente, de facto, fiscalisar os terrenos florestaes para evitar o perigo da extincção das matas, mas era preciso tomar estas medidas com precaução, sem ameaçar os interesses das communitades usufruidoras.

Muitas communitades ruraes, no resto de Portugal, tem tambem bens de raiz, por vezes muito vastos. Em parte alguma, porém, se encontra esta organização communitaria, tão flexivel e tão bem adaptada ás necessidades especiaes da população do norte. A razão é que

não sendo as condições geographicas as mesmas, poude o trabalho ser organizado por outras fórmãs. Fóra de Traz-os-Montes, as propriedades da communitate são regidas como os outros interesses communaes, isto é administrativamente, e muitas vezes com negligencias que lhes diminuem o rendimento e utilidade. Citaram-nos um caso que merece ser relatado a titulo de contraste. N'um concelho do Alemtejo, foi decidido um bello dia que os bens communs fossem distribuidos por todos os habitantes afim de que cada um se tornasse proprietario. Effectuou-se a distribuição, mas alguns mezes depois um certo numero de beneficiados tinha já vendido as suas partes, algumas por preço irrisorio e até por algumas garrafas de vinho. Nenhum exemplo poderia mostrar melhor a differença dos dois typos. O primeiro, solidamente firmado no quadro da sua organização natural, mantem-se vigorosamente n'uma situação sem duvida modesta mas sufficiente para lhe assegurar a existencia pacifica e regular, embora não descuidada. O segundo, fugido ás antigas tradicções, guiado apenas por um regimen administrativo artificial, n'uma palavra, desorganizado, mostra-se incapaz de explorar, com vantagem, a propriedade collectiva e até de conservar a propriedade individual.

Este facto demonstra-nos de uma maneira clara e determinada a superioridade de uma organização natural, seja ella qual fôr, sobre um regimen em que instituições artificiaes substituam os costumes desaparecidos. Quererá isto dizer que o typo social do norte, de molde communitario, constitue um modelo cuja imitação se deve recommendar? E' o que vamos examinar.

A organização social da gente de Traz-os-Montes, apezar de já muito abalada, tem uma grande vantagem: assegura-lhe os meios de vida de uma maneira relativamente regular, certa, independente, com a qual as po-

pulações desorganizadas, não podem contar. Comtudo a communitade tem graves inconvenientes: acostuma os individuos a contar demasiadamente com a collectividade. Dando aos chefes de familia uma auctoridade absoluta, apaga a energia e a iniciativa individual nos outros individuos. Impondo despoticamente os costumes, conduz fatalmente á rotina e á estagnação. E' precisamente isto o que se diz dos montanhezes simples e rudes de Traz-os-Montes. Portanto, se a sua organização social satisfaz ás exigencias da região, se ella lhes é afinal vantajosa, isso não quer dizer que no resto do paiz ella teria as mesmas vantagens.

De resto isso pouco importa. As communitades de familia ou de grupo local, semelhantes á que acabamos de descrever, não se reconstituem espontaneamente, pois são resultado de uma educação especial, que é impossivel de refazer quando uma vez desaparecida. Não é portanto para o typo communitario que os homens do seculo XX devem lançar as suas vistas. Antes de mais nada precisam compenetrar-se bem do seu estado de desorganização social, e em seguida constatar as fataes consequencias d'este facto. Devem, emfim, procurar os meios efficazes de reconstituição, creando novos quadros sociaes. Que quadros são esses e como se poderiam elles estabelecer e conservar? E' o que adeante procuraremos determinar. Antes d'isso, porém, devemos indicar claramente os symptomas e os traços caracteristicos da desorganização social a que nos referimos e em seguida indicar detalhadamente os seus effeitos em todos os ramos da actividade nacional. Sentir-se-ha então a necessidade de uma reconstituição da familia e por ella a da nação inteira.



#### IV. — As incertezas do tempo presente

Dissemos ha pouco que o regimen da communi-  
dade, existente ainda no norte, se bem que attenuado,  
era o resultado natural d'uma determinada educação.  
Este facto é evidente; os paes, tendo herdado de seus  
antepassados certos costumes, certas regras de vida,  
certos processos de administração commum, ensinam-os  
aos filhos pela palavra e pelo exemplo. As idéas e as  
regras do procedimento transmittem-se assim de gera-  
ção em geração e de seculo em seculo, em virtude do  
que os caracteres se amoldam segundo um certo typo,  
o qual constitue a physionomia social do grupo. N'este  
caso a educação é forte e constante, tanto nos seus de-  
feitos como nas suas boas qualidades. Nos agrupamentos  
desorganizados a educação, é pelo contrario, arbitraria.  
Exceptuados alguns principios de moral nova, alguns  
costumes banaes, como as fórmulas de cortezia, algu-  
mas idéas correntes que frequentemente são precon-  
ceitos, cada qual deixa correr as coisas mais ou menos  
livremente. Por isso em geral, os caracteres se formam  
ao acaso; com demasiada frequencia succede mesmo  
que são orientados erradamente pela falta de energia  
ou pela ternura cega dos paes. A negligencia de uns  
e a fraqueza de outros são a causa de que haja outros  
individuos desorientados e tantos outros fóra do seu  
meio natural.

D'esta falta de tradição e de methodo resultam a  
incoherencia do typo social e a falta de espirito nacio-  
nal. O desorganizado não sabe o que é iniciativa, por-  
que o seu character não foi educado n'esse sentido; não  
conhece a disciplina voluntaria porque, ou terá sido  
creado livre até ao abuso, ou apenas lhe terão fallado  
auctoritariamente; ignora o que seja a responsabilidade

pessoal, pois esta não pôde resultar senão d'uma liberdade criteriosa e sancionada. Por isso nas nações desorganizadas, o espirito de iniciativa e de apprehendimento, é raro, visto que provém, não de uma corrente geral, mas apenas de casos isolados, de personalidades excepcionalmente dotadas. D'ahi o atraso economico d'estas nações. Além d'isso vemol-as sempre submettidas a governos simultaneamente auctoritarios e agitados, por isso que a população incapaz de dirigir por si propria os seus negocios, tambem supporta impacientemente a pressão da auctoridade, mas não sabe substituil-a nem contêl-a. No fundo, os desorganizados, permanecem continuamente n'uma situação irregular ou mesmo anarchica, precisamente por que á educação, que lhes é propria, falta tambem um guia methodico.

Ao visitarmos Portugal, informámo-nos, junto de muitas pessoas esclarecidas, quanto ao estado actual da educação n'este paiz. As suas respostas foram unanimes. Todos reconheceram que esta educação é geralmente deficiente e sem unidade. Nas classes abastadas, os paes são excellentes e promptos para todos os sacrificios de dinheiro, as mães são dedicadas, amantes ás vezes até á adoração. Cumpridores, cuidadosos das fórmas exteriores de cortezia, perfeitas entre esta gente amavel, desprezam a formação do character. Não comprehendem a sua importancia, e ignoram os processos de educação que a fortificam gradualmente desde os primeiros annos da infancia. Em muitas familias a direcção dos espiritos infantis é abandonada a quaesquer creadas que os modelam á sua imagem. O typo do menino com mimo é muito frequente. Em gente assim educada o capricho e a irregularidade imperam com frequencia na conducta da vida; o preconceito ou a phantasia predominam sobre a razão, a indisciplina torna-se um habito. Tudo isto é absolutamente opposto

ao desenvolvimento normal da firmeza na decisão; da rectidão nos pontos de vista; do dominio de si proprio; do sentimento da responsabilidade pessoal, que constituem principalmente o valor social de um individuo. Não hesitamos em afirmar — e esta afirmação verificar-se-ha no decorrer d'este estudo por uma boa serie de factos — que este desleixo, esta insufficiencia de educação, são a causa que, por assim dizer, prende a classe dirigente portugueza n'uma situação perturbada, difficil, e a impede de produzir na proporção do seu valor, não obstante a sua viva intelligencia e a sua evidente boa vontade. É fóra de duvida que, ha um quarto de seculo, tem augmentado o numero dos individuos aptos para a vida productiva e a sua actividade tem já fructificado. Não são porém bastante numerosos e acontece quasi sempre que a sua superioridade, nascida do simples acaso e não d'uma formação regularmente transmittida, não passa aos descendentes, por não existir nem a idéa nem o methodo de uma forte educação. Estas personalidades formam uma élite brilhante, mas demasiadamente réstricta para encuadrar, dirigir e arrastar a massa da população socialmente informe.

Esta educação incompleta e irracional mantem, ou cria, entre os individuos da classe superior, preconceitos, habitos, maneiras de proceder que não concordam com os sentimentos e as necessidades da sociedade moderna. Esta rege-se por tres principios absolutamente differentes dos que outr'ora regiam o mundo. Em primeiro logar, a cathegoria de um individuo é creada pelo valor proprio d'elle, com exclusão quasi total dos factos accidentaes ou artificiaes, como o nascimento, a fortuna ou o titulo. É preciso, pois, antes de mais nada, ter aptidão, não sómente pelo saber, mas sobretudo pela força do character e pela energia da iniciativa. Em segundo logar, *é o trabalho quem dirige o mundo, e*



não a politica. Portanto os homens de verdadeiro valor social dedicam-se á direcção do trabalho, de onde provém simultaneamente a verdadeira influencia social e a mais solida fortuna.

Emfim, nem os intuitos nem a acção podem limitar-se ao apertado limite das fronteiras, e *todas as manifestações da vida são hoje essencialmente internacionaes*. É pois necessario estarmos sempre promptos para sahir do nosso meio, da nossa especialidade, do nosso paiz, e para isso devemos viajar, saber as linguas, conhecer e comprehender o estrangeiro. Hoje em dia não é possivel a qualquer povo voltar atrás e concentrar-se em si proprio. Todos são arrastados á força no turbilhão rapido das relações communs inevitaveis. Pouco importa que se queira ou se não queira, que se tenha saudades do socego dos bons tempos passados ou se admire a actividade febril dos dias presentes, é forçoso caminhar, ou então cahir no marasmo e na pobreza, até sobrevir a infiltração e o dominio das actividades estranhas, isto é, a conquista, a assimilação, o desaparecimento da raça.

Ora, a educação portugueza actual não corresponde a esta nova organização do mundo. Assim, muitas pessoas recebem ainda e conservam preconceitos que os paralyam, fazendo-os desprezar o trabalho e as profissões lucrativas. Julgam ser mais digna, mais distincta, qualquer situação que tenha quanto possivel as apparencias da ociosidade. E' por isso que preferem as carreiras liberaes ou administrativas, em que se está á vontade, ao passo que na industria e no commercio ha sujeições e cuidados, diligencias, occupações e relações, que não são sempre agradaveis. Outr'ora, esta affectação d'ociosidade era levada até o ridiculo. Um chronista que vivia e escrevia em Lisboa em meiado do seculo XVI, dizia: «Aqui, sômos todos

nobres, e não trazemos nada nas mãos pelas ruas... O trabalho é feito pelos artifices ou pelos escravos.» Assim, qualquer homem que trabalhasse por necessidade ficava em uma situação baixa ou mesmo servil. Esta vaidade pueril e funesta fez a desgraça de Portugal, e ainda lhe é nociva, porque, apesar da transformação operada nas idéas ha vinte ou trinta annos para cá, ainda são excessivamente numerosas as que se orgulham de evitar, pelo menos em publico, tudo o que se pareça com uma occupação mercantil, ou um officio. E' provavelmente uma tradição do mesmo genero que leva os portuguezes abastados a prolongarem os serões desmedidamente, e a levantarem-se muito tarde em contraste com o povo que é madrugador. Este procedimento tem inconvenientes graves. Não sómente é contrario ás indicações da natureza e da sã hygiene mas é ainda causa de que o chefe chega ao seu escriptorio muito depois de ter começado o trabalho na fabrica, no estabelecimento ou na repartição. No intervallo faltou a sua direcção e vigilancia e suspendeu-se o negocio e o expediente, e o *deficit* na acção do patrão, como na acção do funcionario ou do juiz, etc., é grande relativamente ao tempo util nos outros paizes onde o trabalho acaba ás mesmas horas. Emfim, por causa de tudo que temos dito, são os portuguezes com frequencia attrahidos pela vã agitação da politica, com apparencia de actividade e de brilho pela palavra, ou pela intriga, e meio facil de gastar-se em theorias ôcas ou habeis combinações sem utilidade real para o paiz. Uma educação regular afastaria sem duvida muitos jovens das profissões liberaes excessivamente procuradas porque, em geral, sómente dão uma apparencia de occupação sem grande proveito, obrigando a accumulações dos empregos mais heterogeneos. Tambem os afastaria da politica da qual poucos

apreciariam as grandes palavras e as pequenas tarefas. Seriam pelo contrario impellidos para os empreendimentos pessoaes, activos e productivos, andariam com o seu seculo, com vantagem propria e de toda a nação. Essa educação distrahil-os-hia dos negocios simplesmente interiores e por assim dizer parasitas, chamando-os aos negocios internacionaes, de accôrdo com as tendencias contemporaneas.

Entre a classe operaria dos campos e das cidades a situação é semelhante sob muitos aspectos. Nos campos afastados recebe a creança uma educação de familia com algum peso, mas de tradições auctoritarias e muito pouco progressivas. No geral do paiz, a infancia é creada na rua, ao Deus dará, e principalmente nos centros urbanos a mendicidade infantil é um flagello deploravel. Claro está que tanta negligencia nem exercita caracteres nem fórma almas. Se Portugal fosse um paiz de grandes cidades, tornar-se-hia o mal rapidamente terrivel. Á preponderancia da vida rural e do trabalho agricola, se deve a conservação dos costumes agradaveis, da honestidade notavel, do espirito pacifico e laborioso, na massa da população. N'um povo tão desorganizado formar-se-hia rapidamente uma multidão turbulenta, invejosa, desmoralizada, sempre disposta a revoltar-se, se predominassem a vida urbana e a grande industria.

É esse um grave perigo que devem ter em grande conta todos aquelles que dirigem a nação, quer pela sua situação social quer pela sua função official. Uma evolução industrial precipitada, sem movimento de educação paralelo, produziria certamente as mais graves complicações. Mais tarde, teremos de voltar a esta importante observação.

Por agora já são graves as consequencias da desorganização das familias operarias. A mão de obra



que produzem é bastante laboriosa, pouco exigente, em geral notavelmente intelligente, mas ignorante, pouco progressiva e pouco cultivada, e comtudo prompta para a discussão e para a indisciplina. Mais bem formada e conduzida poderia ser excellente.

Graves consequencias intellectuaes e moraes resultam d'este estado geral da educação. Afastados do trabalho e dos empreendimentos perderam os portuguezes das classes superiores a comprehensão do práctico e do util. A observação rigorosa, exacta, paciente e chã, não a pôde comprehender quem, como ellas, procurou as carreiras intellectuaes ou a ociosidade completa. Proveio d'ahi uma tendencia natural e uma preferencia expontanea pela exposição theorica e facil dos livros, bastantes para assumpto de subtis discussões ou dissertações eloquentes e engenhosas. Por isso a sua instrucção secundaria, e a superior, estão muito atrasadas apezar dos recentes esforços para elevál-as ao nivel dos resultados obtidos com os methodos modernos. Quanto á moralidade, parece que se vae perdendo. Em outros tempos a sua conservação era auxiliada pelas crenças religiosas e pelo ensino moral da Igreja. A fé decresceu, porém, muito, nas familias remediadas. A riqueza facilmente adquirida, a ociosidade, a escravatura, desenvolveram nos homens uma precocidade e uma leviandade de costumes que tambem contribuiram para a desorganização social. Actualmente, estes habitos de corrupção já não são tão geraes, mas ainda actuam com excessiva intensidade. As mulheres são, porém, muito superiores aos homens n'este ponto de vista, é esta a opinião unanime de todas as pessoas experientes que consultamos. Por isso são alvo de um respeito profundo e d'uma consideração notavel. Não são, em geral, — não ha regra sem excepção, é claro, — nem espiritos providos d'uma cul-

tura muito solida, nem educadoras methodicas e energicas, mas teem qualidades d'intelligencia, de coração e de comportamento que lhes dão muito encanto e valor moral. Poderão influir poderosamente para o resurgimento social da sua nação, se procurarem educar-se.

Quanto ás mulheres do povo, ellas são geralmente donas de casa laboriosas e mães ternas, mas muito atrasadas; a sua moralidade média é bastante boa, sobretudo nos campos. Ainda aqui a estofa é excellente, só falta que a empreguem melhor. Para isso, devemos procurar primeiramente obter, repetimos, a constituição de quadros sociaes proprios para reorganizar pouco a pouco esta massa fluctuante e movediça como as dunas do seu littoral. Como obter esse resultado? Diligenciaremos responder quando concluirmos.

Por agora, devemos expôr circumstanciadamente os phenomenos produzidos por este regimen social nas diversas manifestações da vida nacional.

As nossas primeiras observações terão por objecto a organização do trabalho, e em primeiro logar sobre o seu ramo mais importante em Portugal, a cultura.

---





## SEGUNDA PARTE

### A AGRICULTURA E A VIDA RURAL

---

#### I

#### Condições geraes da cultura em Portugal

A AGRICULTURA, INDUSTRIA NACIONAL POR EXCELLENCIA. — A POPULAÇÃO AGRICOLA. — OS TERRENOS E OS CLIMAS. — REPARTIÇÃO DA PROPRIEDADE. — OS TYPOS D'EXPLORAÇÃO. — ELEMENTOS ACTUAES DA PRODUCCÃO. — PEQUENA CULTURA, PEQUENOS MEIOS, PEQUENOS LUCROS. — O QUE PORTUGAL VENDE AO ESTRANGEIRO E O QUE PODERIA VENDER.

#### I. — A população agricola

E' da agricultura que vive actualmente a immensa maioria da população portugueza. Póde-se dizer que os quatro quintos da nação, ou quasi, auferem os seus meios devido ao trabalho agricola. Este tem portanto em Portugal uma importancia relativa muito superior á de todas as outras industrias reunidas. Com effeito, não sómente garante as subsistencias d'um grande numero de familias, mas tambem fornece ao commercio externo os seus elementos principaes: vinho, cortiça, fructas, madeiras, azeite. D'este facto resulta em primeiro lugar que, se a cultura não estiver organizada de maneira sufficiente, o paiz encontrar-se-ha necessa-

riamente n'uma posição difficil e apertada por effeito da insufficiencia e da pobreza do ramo principal da sua producção. Ao mesmo tempo, outro facto capital fere immediata e evidentemente o espirito. Por isso que a prosperidade de qualquer paiz depende muito naturalmente da sua producção, deve em Portugal a agricultura ser objecto dos mais energicos esforços e dos mais attentos cuidados, a fim de elevar ao maximo as suas faculdades productivas, as suas fundas (*rendements*) e os seus lucros.

Outr'ora, nada se fazia com esse fim. A grande propriedade absorvia quasi completamente o solo, e sómente os terrenos mais ferteis eram cultivados pelos processos os mais primitivos. O resto era aproveitado pelo gado, geralmente ovino. Raro era que os proprietarios explorassem de conta propria as suas terras; tinham rendeiros e quinhoeiros, emphyteutas pagando as rendas em generos; não tinham os proprietarios-patrões outros cuidados senão a venda dos generos e da producção dos rebanhos. Uns eram folgazões, grandes caçadores, gostando do vinho, da boa mesa e do resto. Os outros, gente da Igreja, não mostravam mais interesse pela exploração rural. Por isso a cultura era atrazada e miseravel. Hoje, a situação mudou em parte. O proprietario é geralmente um homem da cidade, quasi desconhecido dos seus rendeiros. Aquelles que, por excepção, residem no campo, fazem vida mais respeitavel e mais activa que as dos seus antepassados. A revolução agraria do seculo XIX multiplicou n'uma boa proporção o typo do camponez-proprietario. A população rural augmentou consideravelmente; arroteou uma parte das terras incultas; a sua situação é certamente mais amena, melhor, que a dos camponezes que viviam nos principios do seculo passado. Todavia, o estado actual da classe agricola nem é normal nem

prospero. Em qualquer profissão normalmente organizada, os operarios estão enquadrados por uma *élite* de pessoas capazes, que teem conhecimentos, capitaes, liberdade d'acção, bastantes para dirigirem o trabalho n'um sentido progressivo. Não sendo assim, os methodos conservam-se rudimentares, assim como o material. Faltam ao mesmo tempo a direcção e os meios para melhorar o solo, para aperfeiçoar e variar as culturas, para crear emfim os mercados sem os quaes a producção se torna inutil. Ora, precisamente, esta *élite* dirigente falta na maior parte das provincias portuguezas. A pequena cultura é, quasi por toda a parte, senhora absoluta da terra, de modo que o solo é geralmente cultivado por gente baixa, dispondo de meios mesquinhos e fracos methodos. Se, n'estas condições, a agricultura estivesse adiantada e rica, seria um milagre. Mas como o sobrenatural já não é para o nosso tempo, veremos em breve, com exemplos detalhados, que, se em Portugal as coisas estão sensivelmente melhor hoje do que ha cem annos, está comtudo a situação muito longe de attingir a perfeição.

Não queremos dizer que a pequena cultura deva ser condemnada sem recurso. Quando se encontra em condições favoraveis, póde dar bons resultados e formar uma classe de camponezes seguros e prosperos. Mas, para isso, é necessario, em primeiro lugar, que as terras de cada exploração (*tenures*) não sejam de proporções demasiadamente reduzidas. A pulverisação do solo em parcelas microscopicas causa a miseria da Irlanda e a pobreza de Portugal. Além d'isso é indispensavel que o agricultor receba ao menos os elementos d'instrucção escolar e technica, á falta do exemplo e da direcção do grande proprietario. Em Portugal, a instrucção primaria é muito insufficiente, e o ensino agricola elementar é quasi nullo. N'este paiz, onde a



grande cultura é relativamente rara, tem-se feito alguma coisa para instruir a juventude rica, que afinal d'isso pouco aproveita, ao passo que tem sido abandonado a si proprio o pequeno agricultor occupante de facto da maior parte do solo.

O Instituto Agronomico de Lisboa, com o seu laboratorio e as suas cadeiras theoricas, e a Escola de Agricultura de Coimbra com a sua esplendida quinta, as suas collecções e o seu material, não lhe ensinam nada. Precisaria de granjas-escolas (*fermes-écoles*) com um ensino muito simples, muito pratico, tão breve quanto possivel, e situadas nas diversas regiões. Os rapazes formados por estes estabelecimentos tornar-se-hiam em verdadeiros inspiradores das suas visinhanças, divulgando pelo menos algumas noções uteis. Algumas pessoas comprehenderam perfeitamente a necessidade urgente de instruir essa gente meúda. Foi assim que *O Commercio do Porto* creou as escolas moveis agricolas e o sr. conde de Sucena teve a idéa generosa de mandar, á sua custa, alguns professores a fazer conferencias pelas aldeias da Beira. As escolas moveis João de Deus alguma luz espalham tambem. Mas isto não basta para instruir seriamente camponezes que conhecem apenas a mais elementar rotina do seu mister. Nada poderia substituir um ensino regular, mas verdadeiramente ao alcance da intelligencia e da bolsa da classe rural a que é destinado.

É, portanto, o camponez ignorante e pobre quem, em regra geral, cultiva a terra portugueza. Convém saber agora o que vale esta terra sob o ponto de vista agricola.

## II. — Os terrenos e os climas

Tres grandes formações geologicas predominam n'esta tira de territorio que mede de comprimento 500 kilometros por 200 de largura. A maior parte dos massiços montanhosos são constituídos por rochas eruptivas: granitos e porphyros, que levantaram ou deslocaram schistos dispostos em bancos espessos. Os planaltos do centro estão cobertos por depositos arenaceos, tambem muito espessos, onde se intercalam, aqui e além, camadas d'argila. O extremo sul, emfim, pertence á formação jurassica, com raros filões graniticos. Os terrenos constituídos por estas diversas formações são muito differentes. O granito dá terras ligeiras e magras, que a rocha dura atravessa em muitos pontos; dos schistos sahem argilas calcareas, faceis de trabalhar, ferteis quando se adubam. As areias do centro são pobres e aridas, as argilas são duras e seccas; n'estas tambem é preciso conservar a fertilidade corrigindo e adubando largamente, sem o que a terra quasi nada produz e é abandonada ao poisio durante longos periodos. No Algarve, o calcareo jurassico formou uma camada aravel de fertilidade média, muito facil de trabalhar e de conservar. Em todo o paiz as aguas depositaram nas terras baixas camadas de alluvião mais ou menos profundas, superiormente productivas. São as terras de milho do norte, os pomares e os prados do centro, as hortas do sul. No seu conjuncto, o solo lusitano não possui estas grandes extensões de terrenos revestidos d'um hermus expesso, como as planicies da Russia meridional, ou as da China. Se as boas terras são bastante frequentes, as mediocres e as más não faltam, e por toda a parte, seria necessario um trabalho intenso e adubos abundantes para produzir grandes fundas.

Veremos no seguimento d'esta obra que, se o trabalho não falta, está pelo menos muito mal apetrechado; além d'isto, faltam os estrumes e os adubos, o que contribue para conservar á agricultura portugueza um caracter primitivo e pobre.

O relevo tão accentuado da terra lusitana, com as suas cristas escalvadas e os seus declives abruptos, oppõe com frequencia á cultura grandes difficuldades, ás vezes invenciveis. A terra das partes altas foi arrebatada ou adelgada. As lavouras são difficeis ou impossiveis em muitos casos, e a irrigação tambem. A's vezes, para tirar bom partido d'um terreno, é preciso engenhosidade, muito trabalho e grandes sacrificios de dinheiro. Tudo isto desanima ou arruina o pequeno agricultor, ou pelo menos mantem-no em um estado proximo da miseria. E' o que explica a lentidão dos desbravamentos das terras incultas, assim como a persistencia dos poisios. O arroteamento e a cultura intensiva são coisas de realização extremamente difficil para gente meúda, em um paiz assim. Seria necessario que o terreno lhes fosse entregue já preparado pelo proprietario, o que é infelizmente muito raro. Pelo contrario, o dono da terra conta geralmente com o pequeno colono para invadir pouco a pouco os maninhos e o mattagal por meio de um labor duro e ingrato, tanto mais quanto mais summario é o methodo, mais grosseiro o material e mais fracos os animaes empregados nos trabalhos.

Calcula-se a superficie de Portugal em cerca de 8.900:000 hectares, dos quaes mais de 3.800:000 estão ainda incultos. <sup>1</sup> Assim, mais da terça parte do paiz

---

<sup>1</sup> Anselmo d'Andrade, *O Portugal Economico*, Lisboa, 1902, 1 vol. Este auctor calcula em 44 o/o a superficie que não tem cultura propriamente dita.



encontra-se no estado de rochas ou d'areias, nuas, de charnecas cobertas de tojos, estevas e outros matos, de pastagens que o estio transforma em desertos aridos, e de cabeços cobertos de brenha. A cultura propriamente dita occupa sómente 2.700:000 hectares, pouco mais da quarta parte da superficie total. As matas á sua parte cobrem 2.400:000 hectares, dos quaes muitas são na realidade verdadeiras culturas, destinadas a produzir cortiça, castanhas, bolota para engorda dos porcos, lenha e carvão. Factos recentes demonstram que, entre os terrenos incultos, muitos poderiam ser valorisados por meio de trabalhos apropriados. Mas como as difficuldades são grandes, o lavrador não se acha em estado de as vencer só com as proprias forças.

Em paiz tão accidentado encontra-se necessariamente uma grande variedade de climas locaes, determinados pela altitude, pela exposição, pela situação. Isto permite que as culturas sejam extremamente variadas. O extremo norte e as altas montanhas conhecem o inverno com as suas neves e os seus gelos, mas quasi por toda a parte este inverno é curto e de um rigor muito moderado. Na maior parte do paiz a neve é desconhecida e poucas vezes gela; o inverno é apenas uma estação chuvosa durante a qual o thermometro varia entre 0 e 10 graus, pouco mais ou menos, com frequentes dias bonitos que o fazem subir a 18 ou 20. N'esta estação predominam os ventos do poente. Trazem espessos vapores formados sobre o Atlantico, e então o paiz, com as suas cordilheiras parallelas, é como um immenso condensador sobre o qual se succedem os aguaceiros com tanta mais frequencia e intensidade, quanto mais elevada é a região. Nas montanhas, sobre certas vertentes, cae só no inverno mais de 1<sup>m</sup>,50 d'agua, ao passo que nas planicies do littoral

não excede 30 a 40 centímetros. No verão, chove poucas vezes, e sobretudo nas regiões baixas, o calor, sem ser geralmente excessivo, torna-se bastante forte; faz-se sentir principalmente na bacia arenosa do centro, onde o calor ordinariamente excede 40 graus em julho e agosto. Resulta d'aqui uma evaporação activa, e o paiz, tão verdejante no inverno, toma então um aspecto arido e poeirento, attenuado pela verdura das arvores de fructo ou florestaes, numerosas em quasi todas as regiões. Estas condições climatericas teem graves inconvenientes para a cultura, mas o paiz está admiravelmente disposto para corrigir a natureza por meio d'um regimen artificial d'irrigação. As montanhas, dispostas em semi-circulo, formam um reservatorio d'aguas pluviaes. Deveriam fazer os trabalhos necessarios para n'ellas reter estas aguas e distribui-las durante o verão. Portugal poderia ser assim, em quasi todas as suas partes, um eterno bouquet de verdura, um jardim esplendido e productivo. Os camponezes já utilisam os regatos e as fontes e tambem a agua dos poços para regar os campos. Mas os seus trabalhos d'irrigação são estreitamente limitados pela pobreza dos seus recursos, de modo que essas obras continuam primitivas e os resultados mediocres. Em parte alguma se vê, até agora, obras d'arte que, por meio de represas, diques, canaes e vallas bem estudadas e executadas com cuidado, distribuisssem em uma grande região as aguas de um reservatorio ou d'um rio. Está tudo por fazer, n'esse respeito, e nada se faz, não que o camponez seja preguiçoso ou negligente — mostra-se, pelo contrario, intelligente e laborioso — mas porque taes empresas estão muito acima da sua instrucção e dos seus recursos. Só uma classe de proprietarios que fossem patrões illustrados e ricos, estaria em condições de proceder a semelhantes trabalhos. Esta *élite* diri-

gente não devia faltar em Portugal, dado o regimen da propriedade, regimen que vamos expôr resumidamente.

### III. — Repartição da propriedade

A propriedade é uma instituição social de que as *repercussões* são numerosas e d'importancia capital. Os reformadores desastrados que n'ella tocam com mão temeraria põem em jogo forças que não conhecem nem comprehendem, e provocam o apparecimento de phenomenos que não souberam prever e que os aterram pelos seus effeitos. No tocante especialmente á propriedade territorial nunca se deveriam esquecer os principios seguintes :

1.º A propriedade influe poderosamente sobre a exploração, isto é, sobre o trabalho; ora este actúa d'um modo não menos activo sobre o conjuncto da vida social;

2.º Do modo de ser da propriedade provém, em grande parte, a organização da familia, que pesa energeticamente sobre a educação, agente essencial da evolução das sociedades;

3.º O modo de transmissão da propriedade torna-a estavel ou instavel, conserva-a ou divide-a; o que cria condições simultaneamente sociaes e agricolas muito differentes;

4.º Emfim, o modo d'exploração, directo ou por arrendamento em grandes lavouras ou em pequenas parcellas de familia camponeza, exerce no conjuncto da situação agricola uma influencia preponderante.

Antes de modificar por qualquer fórma o modo de ser da propriedade, é necessario encarar todos estes pontos e pesar os effeitos que as novas medidas poderão causar em cada grupo de circumstancias. Por exemplo



quando se deu a absorpção dô solo portuguez, no antigo regimen, por uma classe de proprietarios que se não occupavam da terra, d'ahi resultou a decadencia da cultura, o augmento dos baldios, das hervas e das charnecas. A propriedade collectiva do extremo norte conservou ali, por mais tempo que nas outras partes, usos tradicionaes, emquanto que a partilha dos bens por igual entre filhos, dictada pelo codigo civil, apresou nas outras provincias a transformação dos antigos costumes ao mesmo tempo que a fragmentação do solo. <sup>1</sup>

As circumstancias historicas, que afastavam a classe rica do trabalho agricola, levaram á exploração indirecta pelo arrendamento, e como os rendeiros, em geral, são gente de poucos meios, foi que a pequena cultura se estabeleceu quasi por toda a parte. A grande liquidação territorial do seculo XIX desenvolveu a pequena propriedade, que tambem tem os seus effeitos particulares: tende a elevar o nivel dos seus possuidores, mas este movimento progressivo é contrariado, já pela partilha igual entre filhos já pela mediocridade da exploração. Estas breves considerações mostram quanto é complicado o problema agrario. E mais complicado ainda do que geralmente se julga porque lhe costumam ver, demasiadamente, apenas os aspectos economicos, sem ver bem o seu alcance social.

Encontram-se actualmente em Portugal os mais diversos typos de propriedade. A propriedade em commum está representada por grandes superficies pertencendo ao Estado ou aos concelhos, ou mesmo a simples parochias. A grande propriedade, que varia de 200 a

---

<sup>1</sup> Anselmo d'Andrade, na sua obra já citada, regista os progressos rapidos da fragmentação e reclama uma reforma legislativa para os impedir. Esta medida não seria sufficiente.

50:000 hectares, continúa tendo o principal papel. Outr'ora era exclusivamente nobre ou ecclesiastica. Hoje, ao lado das antigas familias que conservaram bellas propriedades, ha novos proprietarios que as teem constituido, e muito vastas. A mais extensa pertence provavelmente a uma sociedade por acções, que está em via de transformar uma parte do valle do baixo Tejo. Os grandes proprietarios ruraes subdividem-se em duas classes muito deseguaes. Os que não residem nas suas terras e não tratam ou tratam muito pouco d'ellas são a immensa maioria e os que n'ellas residem e dirigem a cultura, e d'estes se encontra um certo numero nas provincias do centro, onde fazem coisas muito notaveis; nas outras são extremamente raros. A grande propriedade não é, pois, em geral senão um capital explorado d'uma maneira indirecta, sem nenhuma acção pessoal do proprietario, que neste caso é um capitalista qualquer e não um patrão do trabalho. Não conhece a cultura, não se interessa por ella profissionalmente, não procura augmentar-lhe o rendimento por meio de uma exploração melhor. Isto não quer dizer que elle não cuide de engrossar os rendimentos das suas propriedades, mas não vê senão um meio de o conseguir e vem a ser alcançar favores ou privilegios pela influencia politica. Uma situação baseada sobre privilegios e favores não póde porém ser duradoura. Depressa vem a causar injustiças, queixas, reclamações, e finalmente um mal estar que póde trazer as mais graves perturbações. Quanto á fragmentação infinita da grande propriedade em pequenas explorações ruraes, mostramos já que tem repercussões mais lamentaveis ainda, porque mantem a cultura n'um estado de atrazo, de mediocridade, de pobreza, tal que d'elle soffre todo o paiz, visto que a industria agricola n'elle occupa o logar preponderante. Tudo isto será confirmado com uma

evidencia empolgante, das observações monographicas reproduzidas no seguimento d'este trabalho.

A propriedade média, de 30 a 200 hectares, está hoje nas mãos da pequena burguezia commercial, que tem comprado de ha sessenta annos para cá um numero sempre crescente de propriedades d'este typo, destroços dos antigos latifundios hereditarios ou dos bens da Egreja. Actualmente, a partilha igual vae multiplicando, d'annos para annos, estes predios de valor que excede as posses do simples camponez. São elles explorados como as grandes propriedades, isto é, os seus donos, occupados nos escriptorios, nas lojas, nas fabricas, nas carreiras liberaes ou administrativas, não tem nenhuma ou quasi nenhuma experiencia agricola e não pensam de modo algum em guiar, em patrocinar o trabalho dos campos. Tambem elles subdividem as suas propriedades em pequenas fazendas, ou até em parcellas d'alguns ares, alugados a pequenos rendeiros ou lavradores-proprietarios da visinhança. A situação da propriedade média é, portanto, muito analoga á das grandes herdades. As consequencias são tambem as mesmas.

A pequena propriedade começa a desempenhar em Portugal um papel notavel. Embora não cubra ainda uma area total muito consideravel, já formou entretanto uma classe bastante numerosa de familias rusticas fortemente apegadas ao solo, laboriosas, economicas, extremamente sobrias, dando muitas vezes provas de intelligencia, mas reduzidas aos conhecimentos mais rudimentares e aos mais acanhados processos e recursos. Na realidade, a propriedade muito pequena é a que se encontra mais, aquella que, não bastando para sustentar uma familia, a obriga a completar os seus meios d'existencia tomando terras de renda ou recorrendo ao salario por trabalho nas pro-



priedades de outrem. Não é difficil comprehender que uma industria entregue inteiramente a uma classe tão deficiente e abandonada não pôde progredir nem mesmo prosperar. É vulgar pensar-se que a cultura é um mister d'uma simplicidade rudimentar, que qualquer pessoa pôde praticar até quasi sem aprendizagem. Assim é talvez a cultura rotineira e pobre. Mas quando se quer aproveitar os progressos da sciencia e da technica para obter da terra tudo quanto ella pôde dar, não tarda o conhecimento de que a profissão d'agricultor exige, na realidade, uma preparação e meios d'acção que excedem o saber e as posses dos simples camponeses.

A formação da pequena propriedade tem sido favorecida pela prática antiga e vulgar da emphyteuse, empregada para fixar os colonos e attrahir outros. O proprietario recebia um aluguer annual, e além d'isto, em caso de venda, uma quantia chamada *laudemio* que nos contractos modernos a lei supprimiu. Um certo numero d'estes rendeiros resgataram os seus fóros e tornaram-se verdadeiros proprietarios. Este processo d'arrendamento de terras tende a restringir-se.

Em resumo, a terra lusitana pertence principalmente á grande e média propriedade, mas é sobretudo a pequena cultura que a valoriza. Quaes são os resultados d'este estado de coisas sob o ponto de vista da produção ?

#### IV.— As consequencias da pequena cultura

Este predominio da pequena e até da muito pequena exploração, dá á producção agricola um caracter particular. Todos estes pobres cultivadores, rendeiros minusculos ou proprietarios indigentes, teem a preocupação primeira e inadiavel de garantir as suas sub-

sistencias, e depois a de pagar a renda. Como esta se paga muitas vezes em generos, e sobretudo nos generos mais usuaes, consagram todos os seus esforços á producção de viveres. O milho, o centeio, os legumes, o azeite, o vinho e as fructas, ao que juntam em certas regiões a castanha e os cereaes, são as bases da producção, e a sua maior parte é consumida no mesmo local pelos mesmos que a colhem. Veremos como certas provincias teem sido elevadas a desenvolver culturas commerciaes e até de exportação. Mas, de facto, pôde-se dizer que a agricultura lusitana, industria principal do paiz, trata principalmente de alimentar as populações locaes e prover ás necessidades do seu limitado mercado interno, e não pôde trabalhar desasombradamente para a exportação. Vive como que embaraçada internamente, tendo apenas mercados externos muito especializados e muito restrictos. Este facto é notavel e tem numerosas e graves repercussões. Uma cultura que rende pouco permanece fatalmente pobre. Uma industria pobre não pôde progredir. Familias ruraes sem dinheiro, em moeda, não compram quasi nada ao commercio, e por consequente as industrias manufactureras pouco se desenvolvem. Quando a classe mais numerosa é indigente não pôde sem soffrimento pagar impostos muito elevados, e se o Thesouro não tem dinheiro, não lhe é possivel proceder ás grandes obras publicas tão necessarias. Succede o mesmo com o districto e o concelho. Emfim, a um paiz principalmente agricola, mas que vende pouco no estrangeiro, falta ouro e prata ou credito, para pagar as suas compras ao estrangeiro e soffre por isso um agio mais ou menos oneroso. Não insistimos agora sobre este encadeamento fatal de consequencias ruinosas; os seus effeitos hão de apparecer em breve de maneira clara e indubitavel.

Um dos aspectos mais surprehendedentes da cultura portugueza é a insufficiencia do seu gado. A secca do verão e a falta d'irrigações abundantes causam uma escassez annual de forragens, que, mesmo no norte, obriga muitos lavradores a venderem os bois de trabalho no fim da primavera para não terem de os sustentar durante a estação secca. Este facto, tem como consequencia a falta de carne, leite e manteiga, assim como de estrumes. O gado ovino e caprino, bastante numerosos, dão uma certa quantidade de carne, queijo e estrume, mas que não póde cobrir o *deficit* de gado vaccum. As consequencias d'isso são mais um prejuizo para a cultura que, por falta de animaes de trabalho, assim como de material e de estrumes, dá fundas mediocres e frequentemente desastradas. Isto tambem não é de molde a enriquecer o cultivador, e com elle o paiz.

Se as culturas geralmente fundem pouco, tambem peccam muitas vezes na qualidade, porque o campo não está preparado, nem munido de ferramentas, nem provisionado de modo a obter o melhor resultado. Assim, um paiz pobre de forragens não póde estar em situação de fornecer abundantemente gado gordo para os talhos; com os seus methodos primitivos, na preparação dos productos e a sua ocharia mediocre, os resultados não podem ser bons. A consequencia immediata é que generos mal preparados se vendem por mau preço, o que ainda mais diminue os rendimentos da cultura. Teremos de fazer sobre este assumpto comprovações que constituirão para nos explicar as difficuldades da situação presente.

Em resumo, a maioria dos agricultores portuguezes dedicam-se, principalmente, a viver da sua terra, de modo que não precisam de muito dinheiro de contado. Mas dão pouco ao commercio, e sómente generos



communs, de pouco valor, e com frequencia mal preparados. Alguns produzem mais e vendem a maior parte da colheita, mas estão submettidos a um regimen artificial que dá á sua profissão o character de especulação aleatoria; teremos occasião de reconhecer isto nos nossos estudos sobre o Alemtejo. De resto, os agricultores do centro encontram-se em circumstancias que os limitam e não deixam variar muito os seus productos.

Teem-os impellido a produzir, de preferencia, trigo para obstar á importação d'este cereal, mas elle fica no paiz, onde nem sequer chega para o consumo e não fornece materia alguma para o commercio exterior.

Portugal consagra-se, pois, quasi inteiramente á producção dos generos de primeira necessidade e de pouco valor, e comtudo o clima permittir-lhe-hia cultivar productos raros e caros, proprios para as trocas internacionaes, e capazes por conseguinte de fazer affluir ao paiz o dinheiro estrangeiro. Tal é, em nosso entender, o grande erro da agricultura lusitana, erro causado, de facto, pelos defeitos da organização social. Apegam-se a fazer pão de milho ou de centeio e queijo de leite de ovelha, para alimentar a população, mas despresam verdadeiros thesouros que o trabalho, com o sol, poderiam fazer surgir da terra, se fosse regada sufficientemente. Com effeito, com forragens, teriam carne e manteiga; com uma organização conveniente, poderiam levar aos grandes mercados do norte da Europa, e em quantidades consideraveis, novidades das hortas e pomares, flôres, plantas ornamentaes, fructas frescas, conservas de legumes, tabaco, mel, azeites finos, lupulo, seda. Com taes productos, haveria dinheiro.

Attenuar-se-hia o agio. Apareceriam industrias

accessórias, como appareceu a da rolha depois da cortiça. A riqueza nacional augmentaria consideravelmente e se então fosse necessario comprar generos de consumo corrente, importar-se-hiam por um preço baixo e o cultivador ainda ficaria com um bonito lucro. N'uma palavra, Portugal devia ser o jardim da Europa. Mas não esqueçamos que, para isso, era preciso formar previamente o jardineiro, visto que na realidade a situação actual resulta em primeiro logar do estado social da raça. Assim, torna-se evidente que a reforma do typo nacional pela educação é a necessidade mais imperiosa, a base indispensavel da evolução que póde dar ao povo lusitano a solidez e a prosperidade que logicamente correspondem ás suas qualidades proprias e ás do seu paiz.

Resta-nos agora comprovar com factos concretos a razão de ser das observações geraes que ahi ficam. Para isso, vamos estudar as diversas regiões do paiz por meio de typos dos quaes o modo de existencia é desenhado com exactidão pelas monographias. São outros tantos quadros tirados do natural, que dão ao espirito uma clara visão da vida real, bem mais exacta e animada do que os numeros duvidosos e geraes das estatisticas.

---

## A pequena agricultura no Norte

A PEQUENA AGRICULTURA E A CRIAÇÃO DE GADO EM TRAZ-OS-MONTES. — RENDEIROS, CAMPONEZES E VINHATEIROS DOS VALLES DO NORTE. — O MILHO, O AZEITE E O VINHO. — PEQUENOS RENDEIROS E PEQUENOS PROPRIETARIOS DAS BEIRAS. — SUAS CALAMIDADES AGRIGOLAS E SUAS CONSEQUENCIAS. — EFFEITOS GERAES DA PEQUENA AGRICULTURA. — A EMIGRAÇÃO TEMPORARIA NO PAIZ E NO ESTRANGEIRO ; SUAS CAUSAS E EFFEITOS

### I. — A pequena agricultura em Traz-os-Montes

Tivemos já occasião de nos referir á situação particular da propriedade nos altos planaltos do norte, especialmente na região do Barroso.

Bastar-nos-ha agora descrever certas particularidades complementares, indispensaveis para bem comprehender o estado da agricultura n'esta região, a mais isolada de todo o paiz e uma das menos povoadas por ser coberta de serras escarpadas. Conta apenas 250:000 almas para 12:200 kilometros ; apenas 21 habitantes por kilometro.

Encontramos ahi lado a lado, a grande e a pequena propriedade mas, como vimos, a primeira pertence ás collectividades ruraes que a exploram principalmente



pelo pastoreamento em commum. Sobre os declives e os cimos cobertos de herva sufficiente para o verão, os montanhezes do extremo norte, criam uma vaca bovina pequena e ossuda, mas *robusta* e sobria. É empregada nos trabalhos agricolas e carretos, mas não é uma raça boa para talho, e além d'isso a producção está longe de corresponder á procura, de modo que se tem de importar uma grande quantidade de gado hespanhol para as necessidades das outras provincias. Seria difficil desenvolver esta criação porque os terrenos susceptiveis de produzir as forragens necessarias para a alimentação do gado no inverno, são poucos e de uma fertilidade mediocre. As culturas para alimentos das familias occupam-os quasi por completo. Além d'isso o numero de *cabeças de gado* é limitado pela impossibilidade de augmentar pastos naturaes.

Poder-se-hia talvez, não obstante, melhorar sensivelmente a situação cuidando mais da producção do leite e do fabrico da manteiga ou do queijo que faltam bastante nos mercados, sobretudo a primeira. Mas para obter este resultado seria necessario primeiramente dar a todas estas aglomerações communições faceis com o resto do paiz. Ora ha em Traz-os-Montes muitas aldeias que não teem com o resto do paiz outra communição além de uma vereda trilhada pelas mulas.

A falta d'estradas reduz os transportes ao minimo indispensavel e inutilizaria qualquer producção mais intensa. Os terrenos lavradios estão na maior parte, sub-divididos por um grande numero de pequenos proprietarios que n'ellas cultivam centeio, batatas e alguns outros legumes, um pouco de linho e fructas; prados naturaes pouco extensos dão o feno restrictamente necessario para o inverno que expulsa os animaes das pastagens da serra. Esta cultura limitada em extensão e primitiva nos seus processos, apenas chega para a ali-

mentação dos habitantes, não fornecendo quasi nada para o commercio.

Ha annos para cá as plantações d'oliveiras teem subido até aos planaltos em vez de ficarem confinadas nos valles profundos e ajuntaram mais um elemento á producção. Parece-nos provavel que se os caminhos fossem melhores, se tornaria possivel desenvolver igualmente a cultura das arvores de fructos septentrionaes: a macieira, a pereira, a nogueira, etc. A colheita encontraria facilmente collocação no estrangeiro, se houvesse possibilidade de a transportar em bom estado até aos portos maritimos. O mesmo se pôde dizer da utilização das florestas que posto que reduzidas por arranques ou incendios deploraveis, formam ainda bellos macissos. Fabrica-se algum carvão, mas é muitas vezes impossivel vender a madeira para fóra da região, por falta d'estradas.

A consequencia immediata d'estes factos é que a população se conserva n'um estado proximo da pobreza. As transacções são minimas, o dinheiro é pouco, a instrucção pouco espalhada.

Todos os annos saem das aldeias numerosos rapazes e raparigas para irem procurar n'outra parte o trabalho que alli falta. Dirigem-se de preferencia para as cidades onde os encontramos nos misteres os mais ínfimos, vivendo mal para economisar tanto quanto possivel. Muitos tencionam regressar depois para junto das familias rivalisando assim com os seus visinhos da Galliza, que são guiados por motivos analogos. Os que voltam á terra com um pequeno peculio, empregam-no augmentando um pouco os bens paternos, ou adquirindo um bocado de terra lavradia, base necessaria para participar plenamente das vantagens dos bens communaes. Collocam-se assim novamente no quadro social pequeno e quasi immutavel do regimen commu-

nitario e ficam na sua baixa condição de aldeãos pobres. Quanto aos que se fixam definitivamente nas cidades, conseguem alguns alcançar fortuna pelo commercio, graças a um trabalho persistente e a um espirito de economia que lhes faz desprezar por completo o conforto e mesmo a hygiene. Teem por isso, entre os seus compatriotas, a reputação de pessoas inferiores, avarentos e desairosos. Assim será, mas estes trabalhadores teem um papel muito util na vida nacional. Se o regimen social no qual são educados não fez d'elles homens de grande iniciativa nem espiritos de grande envergadura, deu-lhe ao menos pela educação familiar uma certa organização que sempre é melhor do que nada. A sua formação communitaria e quasi patriarchal não é certamente um ideal. Todavia, os seus resultados são melhores do que os que produz, em média, o typo desorganizado. Pena é que a formação social dos montanhezes de Traz-os-Montes, se não tenha conservado em todas as partes elevadas do paiz. Ella teria fornecido uma util compensação á influencia das populações desorganizadas da zona maritima e daria um contingente mais largo para os quadros do commercio e da industria. Mas os grupos organizados do norte estão hoje simultaneamente muito restrictos e muito aluidos para que possam exercer uma acção muito sensivel no futuro do paiz.

Nos valles profundos que sulcam os flancos dos planaltos do norte e que dão vazão aos affluentes do Douro encontram-se populações ruraes que, podendo viver exclusivamente da agricultura, abandonaram desde ha muito o systema da comunidade, e vivem sob o regimen da familia desorganizada.

Vamos ver os effeitos d'esta evolução estudando um *camponex*, proprietario de *Mirandella*, localidade



situada no valle do Tua, ao pé das altas cordilheiras de Traz-os-Montes.

#### CAMPONEZ DE MIRANDELLA

O Paiz que se estende pela margem direita do Douro entre o rio e as terras do extremo norte é tão accidentado como estas.

É todavia menos elevado, e vae descendo gradualmente para o sul, de maneira que a temperatura é menos aspera com extremos menos accentuados. Todavia o clima é muito variavel segundo a exposição e altitude. Certas encostas recebem chuvas abundantes, emquanto que outras são relativamente pouco regadas, porque as cristas interceptam e condensam os vapores vindos do mar. As vertentes voltadas ao sul teem um aspecto intimamente differente das que olham para o norte. O proprio solo apresenta differenças fundamentaes desde as alluviões profundas e ricas até ao saibro de quartzo, passando pelos barros ferruginosos compactos. Por isso seria difficil encontrar uma região mais pittoresca, mais ridente e mais variada nas suas producções como nos seus aspectos. Estas observações applicam-se egualmente á provincia do Minho que desce em degraus para oeste, como a do Douro para o sul.

O regimen da propriedade é tambem sensivelmente o mesmo n'estas provincias. As grandes propriedades nunca ahi foram muitas por effeito do character tão accidentado d'esta região, dividida em tantos compartimentos muito distinctos. A propriedade média é que predomina. Outr'ora os predios eram vinculados como bens de familia mantidos inalienaveis pelo direito de morgadio.

Os filhos segundos recebiam um dote que lhes per-

mittia ou entrar n'um convento, ou ir estabelecer-se em outra parte. O paiz era assim um verdadeiro viveiro de aventureiros, que accorriam pressurosos a todas as emprezas em que houvesse probabilidades de avanço ou proveito. Creados porém no manejo das armas, procuravam naturalmente e sobretudo expedições militares. Contribuíram largamente para a expansão colonial de Portugal; mas se não lhes faltou nem atrevimento nem esforço para explorar e conquistar, faltou-lhes porém a verdadeira aptidão colonizadora, por que eram soldados e funcionarios e não patrões capazes de organizar e dirigir o trabalho. Toda a historia colonial de Portugal se explica por estas considerações que, comprehendamo-lo bem, nos mostram um phenomeno de educação. Ao lado dos bens nobres, as terras da igreja occupavam um grande lugar, porque pelas doações e compras accumuladas desde seculos, os conventos e as parochias tinham absorvido uma boa quarta parte do territorio. Esta situação foi porém modificada por tres acontecimentos importantes, cujos effeitos se accumularam. Foram elles: a confiscação dos bens dos conventos em 1834; a suppressão dos vinculos e do direito de morgadio pela lei de 30 de julho de 1860; a obrigação da partilha egual instituida pelo código civil em 1868.

As vastas propriedades das congregações foram desmembradas e vendidas por preços geralmente baixos e até infimos.<sup>1</sup> Como os camponeses de então eram menos afortunados ainda do que os de hoje, não puderam aproveitar muito com essa mobilisação violenta e revolucionaria da propriedade. Muitas terras passaram

---

<sup>1</sup> Vide a pag. 67 o que se disse sobre propriedade e suas repercussões.

para a mão da burguezia rica de fortunas herdadas ou enriquecida pelo commercio, pela industria, ou pela emigração. Não obstante houve um certo numero de camponezes que adquiriram, aqui e além, parcellas de terra e constituiram a pequena propriedade que desde então tem feito arduamente algum progresso. Póde-se dizer, comtudo, que ella existia já ha muito tempo sob a fórma imperfeita do fôro ou arrendamento perpetuo.<sup>1</sup> Muitos fóros subsistem ainda depois de terem sido transmittidos de geração em geração. Outros foram transformados por compra em posse definitiva; em ambos os casos é frequente resultar d'ahi uma propriedade explorada directamente pelo proprietario-camponez.

O proprietario em geral não tem actualmente grande interesse em crear fóros, e limita-se a uma simples renda, em generos, geralmente. Não se vendem propriedades senão em caso extremo. A tradição vivaz dos laços antigos que uniam a nobreza á terra, faz com que a propriedade goze ainda de uma grande consideração e todos desejam conservá-la ou adquiri-la. Entretanto, por effeito da partilha igual entre filhos obrigada pelo codigo civil, já é sensível um excessivo parcellamento do solo. A pulverisação da terra seria mais sensível ainda se não fosse um certo desenvolvimento da classe média pelo progresso real da industria e do commercio e se não fosse, principalmente, o rapido enriquecimento d'um certo numero de emigrantes que no regresso ao paiz consagram as suas econo-

---

<sup>1</sup> Herculano avalia em quarenta mil contos de reis, approximadamente, o valor dos bens confiscados e assegura que o Estado recebeu, quando muito, oito mil contos. Outros suppõem que esta ultima verba terá attingido quatorze mil contos.



mias a comprar propriedades. No seguimento d'este estudo mais de uma vez teremos occasião de observar os effeitos dos factos que acabamos de apontar.

Os velhos e os novos proprietarios ao norte do Douro procedem por modo analogo no que diz respeito á exploração das suas terras. Bem poucos são os que as dirigem pessoalmente e n'ellas residem. A agricultura está pois abandonada, n'estas provincias, a gente de pouca instrucção e fracos recursos que não pôde nem ter grandes lavoiras, nem melhorar o solo, nem os methodos, nem as fundas. Dos proprietarios burguezes que habitam nas cidades, villas e aldeias, herdeiros ou compradores de terras, poucos são os que pensam em mandar seus filhos para o campo, o que por elles seria considerado como um duro exilio. Preferem accumular-se nas carreiras liberaes e burocraticas onde a concorrência é tanta que poucos são os que chegam a ganhar a sua vida. Entretanto a agricultura permanece miseravel n'uma das mais bellas regiões agricolas da Europa. Nota-se, comtudo, aqui e além, alguma gente nova que, mesmo depois dos estudos universitarios, se volta para a terra, impellida quer pelas circumstancias, quer por um gosto pessoal, quer por uma justa apreciação das vantagens e da livre felicidade da vida rural. É muito para desejar no interesse economico e social das provincias do norte, que este exemplo seja seguido.

Feitas estas observações geraes, vamos concentrar a nossa attenção sobre região onde reside a familia estudada.

O Douro penetra em Portugal através uma região coberta de montanhas das quaes muitas são elevadas. Ellas condensam uma grande quantidade de humidade e enviam á arteria principal numerosos affluentes de corrente geralmente rapida e bastante irregular, por-

que na estação de verão, que dura de Julho a Outubro, o contingente de chuvas é muito reduzido.

Um d'estes affluentes, o Tua, que tem a sua origem em Traz-os-Montes e corre directamente de Norte a Sul, atravessa a região muito accidentada, onde está situada a pequena cidade ou antes o burgo de Mirandella, cabeça de concelho do mesmo nome.

O paiz é coberto de serras extensas, de altura variavel, que attingem 1:200 metros (Serra de Bornes) e ultrapassam mesmo 1:300 metros (Serra de Nogueira). Todo este massiço que fórma o angulo nordeste de Portugal, é constituido por rochas crystallinas através das quaes apparecem aqui e alli granitos e porphyros. Os terrenos que derivam d'esta formação são de uma fertilidade bastante mediocre. A denudação dos cumes pelas aguas da chuva, a inclinação extrema de muitas encostas, as seccas do estio, tornam a agricultura bastante difficil n'esta pittoresca região. Os terrenos pedregosos ou cobertos de mato e as florestas, occupam grandes superficies. Sómente nos *valles* e nos estreitos *vallesinhos* dos rios se encontra um solo bastante profundo e fertil, onde cultivam o milho, o linho, a batata e alguns legumes; mais acima encontram-se as pastagens onde se faz, de tempos a tempos, uma colheita de centeio, depois de um longo poisio; as oliveiras sóbem até á altitude de 400 a 500 metros; a vinha apparece nas encostas, pouco mais ou menos até á mesma altura, ou mesmo mais. O gado graúdo não é numeroso e quasi se limita aos bois de lavoura junto dos quaes apparecem ás vezes cavallos de pequena estatura, mas promptos, sobrios e fieis. Além d'isso os camponezes criam carneiros, cabras e porcos. As habitações são muitas vezes agrupadas em aldeias, mas encontram-se aqui muitas mais casas dispersas do que no Sul. A população é la-

boriosa, sobria e pacifica, mas rude porque lhe falta geralmente direcção e recursos. Algumas communas, ou parochias, possuem bens bastante extensos mas geralmente de pouco valor. Os habitantes d'ahi tiram pobres recursos sob a fôrma de lenha, mato para estrumeiras e pastagem para os animaes.

As tres producções principaes d'esta região montanhosa, são: o milho, o vinho e o azeite. O primeiro é empregado, com mistura do centeio, para fazer pão; o segundo é exportado, pelo menos o melhor e mais bem preparado; quanto ao azeite, a sua importancia é tal em todas as partes do paiz que se torna necessario fallar d'elle detidamente. Com effeito Portugal é um immenso pomar de oliveiras, onde esta arvore cresce desde as praias do mar até a alturas imprevistas.

Encontra-se diversas variedades de oliveiras, e cada uma convém mais particularmente a uma região determinada. Quando as arvores são bem escolhidas e bem tratadas, podem tomar grande desenvolvimento. Apontam-nos casos de uma só arvore ter dado até mil kilos de azeitonas em uma só colheita. As oliveiras estão dissiminadas a distancias regulares nas pastagens e em volta dos campos. Geralmente são cortadas de maneira a impedir que se tornem altas de mais e a fazê-las estender a ramagem horisontalmente para facilitar a apanha. Esta exige muita mão d'obra que a torna dispendiosa. Por economia tradicional os camponezes teem o costume de fazer cair azeitonas a golpes de vara em lugar de as colher á mão. O processo é mais expedito, mas tem o grave inconveniente de arrancar um grande numero de *rebentos* que dariam fructo na colheita seguinte. Uma grande parte de azeitona é conservada em salmoura e consumida na alimentação, mas na sua maior quantidade ella é prensada para lhe extrahir o azeite e esta operação levanta pro-



blemas muito importantes. Em primeiro logar para ter uma boa funda é preciso colher o fructo no momento da sua completa maturação, no fim do outono. Em seguida deve ser moída e prensada sem demora a fim de evitar a oxydação das gorduras e os bolores que dão ao azeite acidez e mau gosto. Infelizmente faltam muitas vezes os meios necessarios para fazer estas operações no momento opportuno. A sua colheita é muitas vezes tardia e com fructos mais ou menos adulterados. Como o material de extracção é bastante complicado e custoso, o pequeno aldeão não o possui e tem de levar as azeitonas a casa de um proprietario ou um lagareiro que possui um lagar, e para isso espera a sua vez e até então os fructos são deixados em pilhas ou collocados em tulhas ou outra fôrma de recipientes e salpicadas com sal. O azeite perde por isso em qualidade e sabor tornando-se improprio para a exportação, e mesmo para a conservação do peixe. <sup>1</sup> As industrias da sardinha e do atum, tão importante em Portugal, regeitam quasi absolutamente os azeites nacionaes, por causa da sua acidez e importam os de Bari, de fabricacção mais perfeita. <sup>2</sup> Certamente que se as grandes explorações, ou pelo menos as grandes associações agricolas, fossem mais numerosas os lagares se multiplicariam

---

<sup>1</sup> E' tão delicado o fabrico do bom azeite, quanto é certo que este é sensivel até a um cheiro qualquer que se espalhou no logar.

A este primeiro motivo ajunta-se outro: a alfandega restitue aos fabricantes de conservas, segundo as suas exportações e a titulo de *drawback*, quantias superiores aos direitos que pagaram realmente e portanto favorece-os com um verdadeiro premio de exportação.

<sup>2</sup> A escola de agricultura, de Coimbra, tem conseguido fazer azeites com acidez reduzida a 0,02 % e entretanto encontram-se no consumo azeites que vão até 5 %.

tambem e o azeite, fabricado mais racionalmente, ganharia em qualidade.<sup>1</sup>

O proprietario camponez, tomado como typo d'esta região, chama-se Francisco dos Reis Fernandes. Nascido de uma familia de aldeões em que eram 7 filhos, tem hoje 50 annos, e habita a aldeia de Goide, a qual conta 300 habitantes e faz parte do concelho de Mirandella. Sua mulher é Magdalena de Jesus e tem 48 annos. Natural tambem da localidade, ella tinha sómente um irmão e uma irmã. Teem 5 filhos, Julio 25 annos, Francisco 22, actualmente no regimento, Annibal 21, José 13 e emfim Maria 18. Um irmão do pae chamado Antonio tem 41 annos e vive com a familia.

Goide está situada n'um valle, n'um confluente de dois rios. A aldeia é ligada por uma estrada á séde do concelho, onde passa o caminho de ferro que vae de Bragança ao Valle do Douro. O solo é de fertilidade mediana e presta-se bem para a cultura de cereaes e da vinha. Tem tambem regulares pastagens. Mas a producção principal é o azeite, que, com o vinho, fornece ao commercio o seu elemento mais importante.

Fernandes possui uma casa e uma pequena fazenda no valor approximado a um conto de reis.<sup>2</sup> Ajunta a isso algumas parcelas de terra alugadas, de que paga renda, em generos, principalmente em milho. A casa tem dois pavimentos, um terreo, muito baixo, que serve de estábulo, celleiro e adega, e um andar habitado pela familia. E' construida com pedra do sitio e barro. Toda a familia se occupa exclusiva-

---

<sup>1</sup> Devemos ao Snr. Dr. Morgado os apontamentos para este resumo monographico.

<sup>2</sup> Poucos camponezes, e mesmo grandes proprietarios, conhecem a área das suas propriedades. A sua importancia é sempre expressa pelo valor, em reis.

mente na cultura das terras ou nos arranjos da casa. Estas propriedades proveem em grande parte dos paes dos dois esposos e o resto foi adquirido com as suas economias. As heranças são reguladas pelo Código Civil, o qual prescreve em principio a partilha igual entre irmãos. Assim, por morte do pae, a pequena fazenda será retalhada e os filhos cahirão na situação de proprietarios indigentes, a quem os seus bens não bastam para viver e que necessitam de completar os seus recursos por meio do trabalho assalariado. O gado e as alfaias são o mais reduzidos possivel. Uma junta de bois, alguns carneiros, um porco, que será morto para consumo caseiro, uma duzia de gallinhas; isto quanto aos animaes. Um carro de bois, um arado ou charrua sem rodas, uma grade e algumas ferramentas, são a alfaia existente. O mobiliario é egualmente d'uma extrema simplicidade; arcas, mesas e bancos de pinho, camas de acampamento, sobre as quaes duas pessoas dormem juntas, alguns utensilios de cosinha, alguns toneis e cubas e nada mais. As roupas são feitas de chitas ou d'um panno grosseiro, e cada pessoa não tem senão o necessario em fato e roupas brancas. O conjuncto é calculado em 300\$000 reis.

As receitas em dinheiro realizadas por esta familia, são muito limitadas. Vende todos os annos uma pequena quantidade de milho, batatas e vinho, no valor médio total de 80\$000 reis. Além d'isso a apanha da azeitona proporciona-lhe o salario de alguns dias, mal pagos, não obstante ser este trabalho feito em plena invernoia, bastante custoso. Este salario varia entre 300 e 400 reis. E' impossivel calcular o ganho assim obtido, porque varia com os annos, mas não crêmos que possa ultrapassar 36\$000 reis em média. O total das receitas annuaes importaria assim entre 108 e 126\$000 reis.

As despesas são egualmente muito limitadas. A



principal é necessaria para a conservação da propriedade que exige cerca de 36\$000 reis. Para a alimentação não compra senão alguns generos de mercearia e peixe salgado, por uma somma annual de 15 a 18\$000 reis. Os alimentos consumidos nas tres refeições do dia são: pão de milho, sopa de legumes, bacalhau salgado e batatas e, de tempos a tempos, carne de porco e vinho. Ajuntemos a isto alguns gastos meúdos para a conservação do material, pouco mais ou menos 9\$000 reis por anno. Os impostos directos importam quantia igual. O total das sahidas em dinheiro attinge portanto cerca de 72\$000 reis. As grandes despezas accidentaes, como a renovação da junta de bois, são ordinariamente compensadas pela venda dos animaes substituidos e quando assim não succede, ha um prejuizo que cahe pezadamente sobre o orçamento. Se compararmos agora os numeros indicados acima, vêmos que á força de trabalho e frugalidade, esta boa gente consegue reunir umas pequenas economias que lhes permitem arredondar as suas modestas propriedades com algumas geiras compradas. Os camponезes d'esta categoria teem a temer principalmente duas calamidades: a má colheita e as doenças.

Ellas são felizmente raras. Se bem que esta gente desconheça a hygiene, a sua saude é boa e regular, graças á salubridade do clima, e tambem porque os filhos que nascem fracos, desaparecem logo, por falta de cuidados intelligentes. Esta familia não conhece nenhuma distracções senão as festas religiosas e as raras solemnidades occasionadas pelos casamentos e baptisados; os homens frequentam pouco a taberna. A instrucção é quasi nulla e rudimentar. Dois dos filhos, José e Maria, sabem sómente ler; os outros são analphabetos. Ha comtudo na parochia uma escola gratuita, mas é pouco frequentada, sendo mal observada

a lei sobre a instrucção obrigatoria. Veremos mais adiante que em muitos casos as escolas são insufficientes. Os Fernandes são catholicos e praticam assiduamente a sua religião, facto ainda bastante geral nos campos do norte.

Os encargos publicos supportados por esta familia são os seguintes: impostos directos pagos á Camara, 1\$000 reis; ao Estado, 8\$000; os impostos indirectos podem ser avaliados em cerca de 3\$600 reis. Fernandes foi soldado e o seu filho Francisco faz neste momento o seu serviço militar.

Na sua qualidade de contribuinte, pagando contribuição directa, o pae é eleitor municipal e politico.

O typo que acabamos de descrever summariamente é bastante vulgar em todos os valles baixos e médios do norte do paiz. As pessoas mais abastadas são raras; muitas familias estão n'uma situação mais precaria ainda, porque as suas propriedades são menores. Os pequenos rendeiros, e os camponezes, pequenos proprietarios, muitas vezes mesmo os proprietarios indigentes, são quem se acha á frente da agricultura em toda esta região. Equivale isso a dizer que ella não póde ser nem intelligente, nem progressiva, nem muito productiva. De facto, ella permanece estagnada, por falta de direcção e capitaes.

### III. — Vinhateiros da região do Douro

O rio Douro, um dos principaes da peninsula ibérica, nasce nos planaltos castelhanos, fórma em parte do seu curso a fronteira entre a Hespanha e Portugal, depois atravessa este ultimo paiz seguindo quasi exactamente a direcção este-oeste. Cortou na massa de granito e schistos que formam a ossatura do paiz um sulco profundo, muito estreito, na região superior,

mais largo e menos escarpado na inferior. Esta ultima apresenta além d'isso caracteres muito particulares. As brisas do oceano percorrem-na quasi sem obstaculos e trazem-lhe uma humidade bastante grande.

Abrigada dos ventos frios do norte pelas montanhas de Traz-os-Montes, o seu clima é d'uma suavidade excepcional. Por isso lá se encontra, especialmente na margem direita, uma vegetação magnifica, lembrando muitas vezes a do Algarve.<sup>1</sup> A amendoeira, por exemplo, não se encontra, salvo excepções, senão nesta ultima provincia e sobre a margem direita do Douro. E' pois justificado o costume de chamar a esta região o jardim de Portugal. Na verdade, todo Portugal poderia ser um esplendido jardim, se a população soubesse ou pudesse cultivá-lo para o maximo proveito.

A região do Douro produz muito milho, cereaes, legumes, fructas e azeite. Mas o seu producto mais reputado e mais importante é o vinho. Colhem-se varias qualidades, quasi todas estimadas, mas a mais celebre é a que se conhece em toda a parte pelo nome de vinho do Porto, cidade que é o ponto de concentração e de expedição. O Porto é um producto muito especial que com o champagne, e outros vinhos, não é entregue sem preparação ao consumidor. Para adquirir as qualidades que fizeram a sua fama, deve ser cõservado algum tempo, misturado, e emfim addicionar-lhe aguardente. Ha muitos annos certas casas inglezas adquiriram um bom numero de vinhas que dão o vinho proprio para Porto e organizaram installações consideraveis para o fabrico, a conservação, o tratamento e expedição do precioso licôr que se vende e

---

<sup>1</sup> V. mais adeante as monographias do *jornaleiro da Conceição* e do *campones proprietario de Monchique*.



consome principalmente em Inglaterra. Ao lado dos escriptorios inglezes, ha casas portuguezas, muito importantes algumas, negociando principalmente com a America do Sul e a Africa. Alguns estabelecimentos allemães, francezes e outros trabalham tambem no Porto, na especialidade de vinhos. Calcula-se entre 12:500 e 14:400 contos de reis o valor dos vinhos exportados todos os annos de Portugal, dos quaes 8 a 9 mil pela cidade do Porto. D'esta ultima quantia, os vinhos finos representam pelo menos 5:500 contos. Vê-se que se trata de interesses consideraveis, pôde-se dizer mesmo, da fonte mais importante da exportação portugueza.

Comtudo, a producção vinicola está longe de receber por toda a parte em Portugal, os cuidados minuciosos que ella exige para dar os melhores resultados. Sem duvida, os proprietarios de vinhos de nomeada, muitas vezes estrangeiros, organizaram as suas installações tendo em conta os progressos modernos. Mas a immensa maioria dos viticultores compõe-se de pobres camponezes, faltos dos conhecimentos e do material necessarios para fabricar bem o seu vinho. Claro está que a qualidade, o sabor e a conservação do producto soffrem visivelmente com este estado de coisas. Em Portugal, succede ao vinho o que vimos com o azeite, a materia prima é boa, muitas vezes excellente, mas o trabalho de elaboração é com frequencia mediocre, por falta d'uma direcção cuidadosa e de bom material. E d'isto que vamos ter a demonstração estudando a situação particular d'um *vinhateiro-proprietario da Região do Douro*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Monographia feita com o auxilio do Snr. Dr. Victor Macedo Pinto, medico em Taboço.

Antes porém é necessario mostrar resumidamente qual é a situação creada para este ramo de producção e tanto mais interessante para nós que, no seguimento, encontraremos condições analogas applicadas a outros productos. Eis do que se trata: O excesso de producção geral depois da reconstituição das vinhas, junto á causa local que acabamos de vêr, produziu no mercado portuguez, como em toda a parte, uma baixa consideravel de preços e a redução das exportações. O caso era muito grave, e tanto mais que o vinho é o principal artigo d'exportação de Portugal. Para remediar este estado de coisas, recorreu-se a medidas legislativas que se suppoz necessarias e se resumem como segue. Uma serie de decretos, regulamentos e leis promulgadas em 1905, 1907 e 1908, completando-se e modificando-se umas ás outras, estabeleceram um regimen pelo qual:

A plantação de vinhas é prohibida em todos os terrenos d'uma altitude inferior a 50 metros e mesmo em todos os que são apontados por uma commissão nomeada para esse effeito pelo governo; pôde-se sómente substituir as vinhas que seccam nas antigas plantações e em caso de infracção, as plantas novas são arrancadas e applica-se uma multa de 100 réis por cada pé. Esta suspensão do plantio é estabelecida para os annos 1908, 1909 e 1910 e será prorogada. Tratava-se por este meio de impedir a invasão das terras de cereaes pela vinha.

Para desenvolver a exportação, concedeu-se ás companhias vinicolas importantes privilegios dando-lhes a missão de melhorar a cultura, o fabrico e o commercio dos vinhos nacionaes. Concedeu-se-lhes isenção d'impostos e de direitos á entrada do material vinario e reservou-se-lhes o mercado das colonias, sobrecarregando os vinhos e outras bebidas d'origem es-

trangeira com direitos prohibitivos. Além d'isso, para sustentar a fama dos vinhos finos portuguezes, é prohibido exportar pelo Douro ou pelo porto de Leixões, vinhos licorosos que não sejam do Porto, e tambem é prohibido dar o nome de Porto, a um vinho que não provenha de determinada região, assim como se adoptou regimen analogo para as regiões da Madeira, Carcavellos, Setubal, prohibindo-se até aos commerciantes a compra e aos caminhos de ferro o transporte de vinhos de umas regiões para, ou através, as outras.

Vê-se que os homens d'Estado portuguezes, não recuam diante das grandes resoluções. N'este caso, impuzeram á propriedade uma verdadeira servidão temporaria, excluindo a vinha da cultura fóra das terras já plantadas. Infelizmente porém, este rasgo autoritario não podia bastar e não tem bastado para vencer uma crise que tem causas muito variadas e em grande parte exteriores a Portugal. Estabeleceu sómente privilegios em favor d'um certo numero de pessoas que possuem vinhas. A principal culpa teem-na os grandes proprietarios que se deixaram arrastar a especulações temerarias sobre a producção do vinho. As circumstancias, naturalmente, os levariam decerto a limitar plantações que se tornaram onerosas. Diligenciou-se, de preferencia, conservar as posições adquiridas, por meio de disposições arbitrarías tomadas em detrimento do publico consumidor e do thesouro. Semelhantes medidas nunca déram resultados duradoiros em outras partes e em outras circumstancias e não podiam dá-los em Portugal. Todo o mal provém da mediocre organização da propriedade e da cultura e não são os regulamentos burocraticos que porão as coisas na ordem. Não obstante parece que tanto os proprietarios como os governantes insistem no seu erro. Os primeiros reclamam do Estado adiantamentos de capitaes para sus-



tentar as suas companhias vinícolas, pondo assim todos os riscos a cargo do contribuinte. Irão os segundos mais longe ainda n'este declive perigoso? tal é a questão que se apresenta actualmente.

Voltemos agora ao nosso vinhateiro.

Camillo Alves Teixeira, de idade 61 annos, habita Taboço, aldeia de 1:200 habitantes, edificada a 450 metros d'altitude, no valle do Tavora, a alguns kilometros da sua confluencia com o Douro, e na margem esquerda de este rio. Sua mulher Maria tem quarenta e cinco annos. Os dois são naturaes da região. Tem quatro filhos. João, vinte e dois annos, Maria, 20, José, 18, Augusto, 17. Como o indica a altitude do lugar, estamos já em plena região montanhosa. De todos os lados se levantam montes, dos quaes as encostas são com frequencia abruptas e as culturas alinhadas regularmente em ordem forçada pela disposição e natureza dos terrenos. O milho occupa o fundo dos valles. As vinhas cobrem os declives voltados ao sol; os terrenos mal orientados, ou pobres, são semeados de centeio, arborisados ou abandonados ao mato, em longo poisio para sementeiras com intervallos de alguns annos. A maior parte dos campos são plantados de oliveiras, e magnificos pomares cercam a aldeia. O paiz é encantador, com suas verduras, suas aguas correntes, seus golpes de vista, seus vastos horisontes de montanha e a transparencia do seu céu. O solo, porém, formado de bocados graniticos, aqui e alli entremeados de schistos, é em geral leve, secco, pouco fundo e pouco fertil; o clima é são, mas relativamente frio, descendo o thermometro um pouco abaixo de zero no inverno, e nevando algumas vezes; as chuvas são frequentes d'outubro a abril, raras no verão, durante o qual a temperatura attinge e ultrapassa 35 grãos. Os productos principaes são o vinho e o azeite; a região produz

tambem bastantes batatas. O gado graúdo, é pouco, por falta de prados. Cria-se uma raça de cavallos bastante estimada, mas esta criação declina rapidamente, como no resto do paiz, de modo que para as remontas da cavallaria do exercito, tem o governo de importar cavallos estrangeiros custosos e que se acclimatam bastante mal. Os camponezes criam tambem porcos e algumas gallinhas, para seu consumo. Encontra-se alguma caça, coelhos e perdizes. A producção mineral é nulla, não obstante o solo conter minerio de chumbo; algumas pedreiras de granito aqui e acolá. Em summa, o trabalho agricola predomina.

A familia Teixeira possui um grupo de propriedade composto de uma casa e varias parcellas dos terrenos de differentes qualidades, na visinhança. A casa, construida de granito, está situada na aldeia, com as outras habitações, em grupo, segundo o costume local. No rez do, chão ha o estabulo, o celleiro, a adega e o lagar. A familia occupa o 1.º andar e tem uma cozinha, uma casa de jantar e 10 ou 12 quartos mobilados com extrema simplicidade. Com respeito a animaes, Teixeira não possui senão uma egua que emprega na lavoura e nos transportes e que vale 80\$000 réis. A alfaia agricola é tambem muito reduzida: um carrinho, uma pequena charrua, uma grade, algumas ferramentas, uma prensa para a uva, cubas e tonneis, num valor total que não excede 100\$000 réis.

A propriedade comprehende principalmente um pomar, vinha, algumas parcellas de terreno proprias para a cultura da batata e do centeio; em diversos pontos da propriedade ha oliveiras e em outros arvoredo que dá lenha. Segundo o costume, o nosso vinhateiro não conhece a extensão da sua propriedade que lhe veiu de seus paes em grande parte. O valor em que elle a reputa é dez contos de réis. Esta pequena pro-

priedade absorve os esforços de toda a familia, exceptuando a mãe que trata da casa, e necessita ainda uma certa quantidade de trabalho assalariado. Como vimos o regimen do codigo civil, isto é, a partilha igual, prevalece hoje completamente n'esta região e, pela morte dos paes, precipitará os filhos na deprimente e improgressiva situação de proprietarios indigentes.

A familia extrahe das suas terras a maior parte da sua alimentação, e além d'isso fornece ao commercio os productos seguintes: 50 hectolitros de vinho por 150\$000 reis ou seja 3\$000 o hectolitro, 8 hectolitros de azeite por 160\$000 reis, 1:500 kilogrammas de batatas por 20\$000 reis, 30 hectolitros de centeio por 100\$000 reis. Isto representa uma somma total de perto de 432\$000 reis de média annual.

Quanto ás despezas, podem-se calcular approximadamente da maneira seguinte:

Teixeira, emprega jornaleiros que, á razão de 200 reis por dia, lhe custam por anno 120\$000 reis. Para as despezas da familia, que usa roupas muito ordinarias, deve-se contar 45\$000 reis. As reparações e renovação de material podem custar 18\$000 reis por anno. A alimentação é muito frugal e consta quasi exclusivamente de: pão feito com farinha de centeio; couves e batatas; arroz; peixe salgado; excepcionalmente carne de porco ou boi; vinho em quantidade moderada.

A familia tem tres refeições por dia.

As provisões de mercearia, arroz, peixe e carne, tudo pago a dinheiro, custam em média pouco mais ou menos 1\$000 reis por semana ou cerca de 60\$000 reis por anno, comprehendendo todas as compras miudas indispensaveis.

O imposto absorve 46\$000 reis. Contando ainda 9\$000 reis para imprevistos, chegamos ao total de 306\$000 reis pouco mais ou menos, havendo portanto



uma margem notavel para economias. Foi assim que Teixeira poude augmentar as suas propriedades com o correr dos annos, e atravessar o terrivel transe da reconstituição da vinha, que arruinou muita gente, a ponto que certos vinhedos não tem sido replantados e estão abandonados ao mato.

Embora elle diga que não tem economias em dinheiro, ou poucas, é opinião corrente que o velho vinhateiro tem arrecadado uma quantiasinha calada.

Pelo que acabamos de dizer, vê-se immediatamente que a existencia d'estes camponezes é d'uma grande simplicidade.

A sua vida é ordinariamente laboriosa e socegada. As solemnidades religiosas ou familiares são os seus principaes divertimentos. Não frequentam a taberna. As bebedeiras e as desordens são raras n'esta região. Se bem que a hygiene seja inteiramente desprezada, a saude de todos os membros da familia é boa e constante.

Teixeira e seus filhos sabem ler e escrever, mas sua mulher é analphabeta. Ha na communa duas escolas gratuitas, uma para os rapazes e outra para as raparigas.

Muitas creanças não vão lá. Esta familia pratica com zelo a religião catholica, mas seria difficil affirmar se este facto influe no comportamento dos seus membros. Os encargos publicos supportados por Teixeira dividem-se assim: imposto camarario proporcional ao predial sem poder exceder 60 % d'esta, 12\$400 reis, contribuição predial 30\$230 reis, imposto sobre cavallos 3\$270 reis, taxa parochial, para o sustento do culto (congrua) 500 reis. Os impostos indirectos attingem nos campos pouco mais ou menos 5 a 6 % das compras de productos manufacturados ou de generos, seja para esta familia uma somma de 4\$500 a 5\$400 reis. O pae fez o seu serviço militar.

Teixeira possui o direito de voto d'um duplo titulo ; paga o censo e é munido com elementos de instrucção. Tambem está inscripto no recenseamento municipal e no politico.

O vinhateiro exerce regularmente os seus direitos e parece cumpril-os, coisa antes rara entre a gente miuda. É preciso dizer, de resto, que nos encontramos em presença do que se poderia chamar um grande aldeão, dada a estreiteza geral das explorações.

As relações entre as familias do paiz são pacificas e cordiaes. Encontram-se de longe a longe alguns emigrados vindos da Galliza e estabelecidos na região sobretudo como pequenos commerciantes. Alguns enriqueceram, geralmente praticando a usura, dizem-nos. Em sentido contrario, uma parte da população emigrou, quer pela destruição das vinhas quer pela pobreza chronica, muito difficil de supportar, e foi principalmente para o Brazil.

O typo que acabamos d'analysar goza d'uma felicidade relativa excepcional no paiz. A maior parte das outras familias são menos abastadas. Umas não possuem senão tres pequenas propriedades, que as fazem viver penosamente; outras, collocadas inteiramente n'uma situação de pobreza, são forçadas a procurar trabalho assalariado.

Resulta d'isso que o nivel geral da população é d'uma pobreza permanente que é devida á fraca fertilidade do solo, e sobretudo á insufficiencia quer dos recursos tirados do trabalho quer dos mercados abertos aos productos agricolas, pois que a aldeia encontra-se muito longe da via ferrea e por consequencia dos grandes centros consumidores. Poder-se-hia comtudo fazer mais, se houvesse lá gente capaz d'organisar a preparação, a expedição e a venda das mercadorias, especialmente fructas que são abundantes e de boa qua-

lidade. Mas o que falta mais aqui, como quasi por toda a parte no paiz, é a iniciativa esclarecida.

#### PEQUENO RENDEIRO DE S. PEDRO DO SUL

A provincia do Douro confina ao sul com as duas Beiras que se estendem de leste a oeste em quasi toda a *largura* do paiz.

A provincia oriental é coberta de montanhas que a fazem chamar a Beira-Alta. Na parte occidental a Beira-Baixa, é na realidade uma successão de planaltos muito accidentados que se agrupam descendo para o mar por um declive bastante rapido. Numerosos cursos d'agua, de que muitos são importantes, serpenteiam entre collinas. Seu regime é quasi torrencial por causa do declive e muito irregular pelo effeito das estações. Com effeito, a Serra d'Estrella, d'onde sae o Mondego, recebe em quatro mezes, de novembro a fevereiro, mais de 1<sup>m</sup>,20 de chuva, emquanto que os outros 8 mezes ella cae apenas 0<sup>m</sup>,80, dos quaes 45 no mez de maio, sempre muito tempestuoso. No inverno, as ribeiras trazem um enorme volume d'aguas. No verão, ellas estão quasi seccas. Esta configuração junta á irregularidade das chuvas, impõe á cultura dos cereaes e plantas sachadas, riscos graves, favorecendo plantações arborescentes que soffrem muito menos. As duas Beiras são cobertas d'arvores de fructa, até á altitude de 400 a 700 metros. Para melhorar esta situação, seria preciso corrigir as irregularidades do clima por uma rega abundante. Mas, para irrigar convenientemente uma região tão montanhosa, seriam precisos trabalhos muito consideraveis e muito dispendiosos. Ora, aqui tambem o regimen social se presta mal para as grandes empresas de utilidade publica. Como nas provincias do extremo norte, são a propriedade



média e a pequena exploração que predominam. O capitalista *dirige-se muito voluntariamente* para a terra, mas quando elle a adquire é para arrendar logo em pequenas parcelas. Absorvido pela vida urbana, o senhorio conhece pouco as necessidades da agricultura, e não sabe fazer os sacrificios necessarios para pôr o solo em pleno valor. O esforço deveria ser, é verdade, muito consideravel. Seria preciso combinál-o com outras emprezas hydraulicas, destinadas a procurar a industria da luz e da força. O regimen da exploração agricola teria tambem necessidade de ser modificado para dar á agricultura mais capacidade e recursos.

A monographia d'um pequeno rendeiro de S. Pedro do Sul, permittir-nos-ha de concretisar as ideias sobre este ponto.

S. Pedro do Sul é um burgo de 3:600 habitantes, situado a 400 metros de altitude, no alto valle do Vouga, no confluyente do Sul e do Tronce, ribeiras que se lançam aqui no rio. O aspecto do paiz é muito pittoresco, com as suas collinas verdes, plantadas de vinhas e arvores fructiferas, e muitas vezes coroadas de pinheiros. O fundo dos valles é coberto de campos de milho, alternando com os cereaes, o linho e os legumes. A pouca distancia encontra-se um estabelecimento thermal, alimentado por uma fonte sulfurosa, que brota á temperatura de 70°, e que era já celebre entre os colonos romanos da Lusitania. Numerosos banhistas veem no verão tratar-se n'este ridente paiz. Comtudo, as communicações não são muito faceis. Os caminhos de ferro são raros na provincia da Beira Alta e para se chegar a S. Pedro do Sul, é preciso fazer-se conduzir por uma linha d'interesse local até Vizeu e depois em carro os 22 kilometros que separam esta cidade dos banhos. Esta falta de bons meios de transporte não prejudica sómente o estabelecimento em questão, mas

sobretudo a produção agricola de toda a região, porque ella não póde sahir de lá senão em pequenos carros chamados carros de bois. As estradas são boas, mas muito accidentadas, o que torna o carro pezado. Deve-se dizer que esta situação contrariaria egualmente a introdução das mercadorias e dos artigos fabricados provenientes d'outras provincias ou do estrangeiro.

Na região de S. Pedro do Sul, é a propriedade mediana que predomina, deixando um certo logar á propriedade fragmentada, isto é, muito pequena. A primeira é dividida em fazendas quasi sempre de pouca extensão. Geralmente o muito pequeno proprietario completa a sua exploração alugando algumas parcellas desligadas d'um terreno visinho. Ha necessidade de dizer que estas fazendas minusculas não podem mandar grande coisa ao mercado; a familia consome quasi todos os productos e não vende senão justamente o necessario para realisar a importancia do aluguer devido ao proprietario dos campos arrendados. A familia que vamos estudar pertence a este typo.

Agostinho Ignacio habita uma casinha isolada edificada n'um declive d'uma encosta, na quinta de Ribeira, a algumas centenas de metros do burgo, perto d'uma bella e boa estrada que conduz a Lamego. Tem 39 annos, e sua mulher, Maria de Jesus, 38. O marido não conhece sua familia, foi abandonado desde os seus primeiros dias e criado pela caridade publica. A mulher é do logar. Tem 6 irmãs e irmãos estabelecidos nos arredores. O casal teve 7 filhos dos quaes 6 ainda vivos: Emilia 16 annos, Antonio 12, Maria 9, Manoel 7, Delmora 3, Maria da Conceição 8 mezes. Toda esta gente, excepto os mais pequenos, trabalha na agricultura e na casa, cada um na medida das suas forças.

Ignacio possui uma casinha cercada por um pomar tudo no valor de 500,000 (2:775 francos); a terra

é excessivamente cara aqui, nós veremos já porquê, além de que este solo granítico abundantemente regado em muitos pontos por mananciaes numerosos, é geralmente fértil. O nosso aldeão não habita a casa, que lhe serve sómente d'armazem e de granja. Preferiu installar-se nas casas que lhe aluga o proprietario da quinta. Esta habitação, bastante primitiva, compõe-se d'um rez' do chão que serve de curral, de granja e celleiro e por cima uma cosinha, uma sala que mede 4 metros por 5, e dois quartos de 3 metros por 2,50. Este modesto alojamento é conservado com uma certa limpeza. Além da casa, Ignacio aluga diversos bocados de terra, n'um total de 3  $\frac{1}{2}$  hectares, cujo valor é calculado na somma consideravel de 4:000\$000 (mais de 22:000 francos) o que representa cerca de 6:000 francos o hectare. O aluguer annual d'esta quinta é de 45\$000 (249,75 frs.) em dinheiro, ao qual é preciso ajuntar 24 hectolitros de milho e 4 gallinhas, valendo tudo 32\$000 (177 frs.) seja um total de cerca de 426 francos: isto representa pouco mais ou menos 2 % do capital predial. Para explorar a quinta, Ignacio dispõe de 2 bois de trabalho, que compra no outomno n'uma das numerosas feiras que se realisam na fronteira hespanhola.

Esta é livremente aberta ao commercio do gado e um movimento de troca muito activo faz-se entre os dois paizes com grande proveito reciproco. O rendeiro faz trabalhar os bois até á primavera seguinte, engorda-os alguma coisa, depois revende-os para a manança no mez d'Agosto, com um pequeno lucro, afim de não ter de os alimentar todo o verão. Dêmos-lhe o valor de 15 libras sterlinas (375 frs.) e ajuntemos um carro que vale 12\$000 (66 fr.), alguns instrumentos aratorios a 7\$000 (38 a 40 fr.) e dois porcos destinados á alimentação da familia. É preciso juntar ao



activo um mobiliario, todo primitivo, um pouco de roupa e vestidos indispensaveis.

Os recursos que Ignacio tira da sua pequena exploração são os seguintes: primeiro, ella alimenta quasi completamente a familia, á qual fornece o pão de milho, as batatas, os legumes e fructas, um pouco d'azeite e vinho, a carne e gorduras de porco. Antigamente, colhia-se tambem no paiz castanhas, que entravam na alimentação mas uma doença, cuja causa não está ainda perfeitamente determinada, fez seccar pelo pé quasi todos os castanheiros, perda vivamente sentida e que foi mais cruel ainda em outras regiões, como o vamos vêr já. Eis como o rendeiro avalia a sua colheita: milho 54 hectolitros, cevada 12 hectolitros, feijões  $2 \frac{1}{2}$  hectolitros, batatas 8 hectolitros, vinho 20 hectolitros. Sobre esta quantidade de productos colhidos, vende 12 a 16 hectolitros de vinho a 1\$750 reis (9,65) o hectolitro e um pouco de milho e fructas. Estas mercadorias são levadas aos mercados que teem logar em S. Pedro do Sul, duas vezes por mez. Além d'isso, Ignacio ganha ainda algum dinheiro, dando dias aos rendeiros ou proprietarios visinhos. Todos os annos trabalha tambem fóra 20 a 30 dias que, á razão de 300 reis (1,65), lhe dão um recurso suplementar de 33 a 50 francos. Se procurarmos agora estabelecer o total das suas receitas em dinheiro, chegamos á somma approximada de 96 a 100 mil reis. Quanto ás despezas, eis como se podem avaliar. Para a alimentação, que é extremamente frugal, não se compra grande coisa: sómente um pouco de mercearia, peixe salgado e arroz.

Á primeira refeição come-se uma sopa simples e peixe salgado com borôa; ao meio-dia uma sopa de legumes, um prato de bacalhau ou carne de porco com arroz ou batatas ou feijão; a ceia é geralmente com-

posta com os restos do jantar. De tempos a tempos bebe-se um copo de vinho.

As compras annuaes relativas á alimentação não ultrapassam 18 mil réis por anno. O custeio geral reduz-se egualmente a pouca coisa. O mobiliario, a roupa e vestidos são limitados ao minimum com despeza indispensavel inferior a 16 mil réis. É preciso ajuntar a isso alguns gastos necessarios para a reparação e substituição da ferramenta e arreios, seja 10 mil reis; a renda em dinheiro 45 mil réis; o imposto 800 réis ou 4,40 frs. Total 94 mil réis. Esta somma representa necessidades indispensaveis. Todo o accidente que sobrevenha engrossa-a immediatamente e trás com elle a angustia, quando não é a miseria. Actualmente, a familia Ignacio, consegue levar os annos sem deficit, porque a despeito d'uma hygiene muito superficial, a saude de todos é boa e além d'isso, os mais velhos comecam a trabalhar. Mas em caso de difficuldade grave, fome ou doença, esta gente não poderia contar senão com a caridade publica. Ajudam-se um pouco entre visinhos, mas isto não póde ir longe, por causa da pobreza quasi geral. As relações da visinhança são muitas vezes perturbadas n'esta região, por demandas relativas á distribuição das aguas de rega. Ignacio está ao abrigo d'estes incommodos, graças á posição favoravel das terras que cultiva.

N'estas condições, a familia tem grande difficuldade em constituir uma reserva para a velhice. Por isso os paes ficam geralmente ao cargo dos filhos e n'este caso é o mais velho que toma conta d'elles, isto mediante a vantagem d'um terço sobre a successão, se a há, ou uma subvenção paga por cada um dos outros filhos. Ajuntemos, para completar o quadro que, no que diz respeito á instrucção, ella é aqui pouco mais ou menos nulla.

Os paes não sabem ler nem escrever, e não teem o cuidado de mandar os primogenitos para a escola, porque não teem tempo de se occupar d'isso. Agora que a filha mais velha está em estado de tomar conta dos mais novos, aproveitam-na para mandar ás escolas do burgo os que estão em idade. Vão 2 assim para a classe, fazendo para isso perto de 2 kilometros de caminho. Existem em S. Pedro do Sul 4 escolas, das quaes uma é devida á generosidade do Conde Ferreira, um rico philantropo que fundou no paiz um grande numero de estabelecimentos uteis, hospitaes, hospicios, aulas, escolas, etc. Os factos d'este genero, não são raros em Portugal, onde o espirito de solidariedade é muito desenvolvido. Muitas pessoas enriquecidas pela emigração se honram em contribuir para o bem publico, por liberalidades de toda a especie.

A familia Ignacio é catholica e pratica regularmente a religião.

Sob o ponto de vista dos encargos publicos, este rendeiro paga sómente 800 réis (4,40) á communa a titulo de taxa directa. Supporta poucos impostos indirectos porque o consumo é infimo. Foi dispensado do serviço militar.

Ignacio é eleitor municipal e politico, mas interessa-se muito pouco pelos negocios publicos, não usando quasi nada do seu direito. A este respeito, affirmaram-nos de diversas vezes e em circumstancias differentes que muitos proprietarios creem poder impôr aos seus rendeiros a condição de votar no candidato que lhes seja designado. Esta exigencia tem geralmente o resultado de descontentar o eleitor e afastá-lo da urna. Parece muito natural a pessoas que, muito pouco conscientes do seu dever social, imaginam que basta para servir bem o paiz, fazer a politica de caciques.



Os arredores de S. Pedro do Sul, fornecem á emigração um forte contingente, o que se explica pela pobreza da maior parte das familias aldeãs. Em toda a região se nota ao primeiro golpe de vista, um grande numero de casas d'aspecto confortavel, ás vezes mesmo elegante. São as moradas dos brasileiros, isto é, dos emigrantes regressados ao paiz com uma fortuna mais ou menos importante. Algumas vezes, não trazem senão 10,15 ou 20:000 francos, mas sabe-se que alguns teem arranjado contos de réis, e isto inflamma as imaginações.

Emquanto faziamos o nosso inquerito, mostraram-nos uma linda casinha completamente nova, construida á beira da estrada onde se ouvia, pelas janellas abertas, um phonographo que tocava uma romanza de café-concerto. Disseram-nos que ella tinha sido mandada construir por um brasileiro, o qual vive ahi agora dos rendimentos, causando a inveja da vizinhança. É isso o que toda a gente vê. Mas ao mesmo tempo, um bravo camponez contava-nos que um dos seus irmãos que partiu para o Brazil, há muito tempo, deixando a sua mulher na terra, mandou-lhe primeiro muito dinheiro para que ella pudesse viver. Mas depois ha annos já, não dá noticias suas e suppõe-se que morreu, esmagado pela miseria ou pela febre. N'isto ninguem quer pensar e, comtudo, os exemplos d'este genero não faltam, pois que se calcula em 12 % sómente o numero dos que voltam.

Os emigrantes portuguezes mandam ou trazem assim todos os annos ao seu paiz capitaes importantes, que empregam principalmente em compras de inscripções e sobretudo de terras, o que faz subir o valor do solo, em certas regiões do norte a preços exorbitantes, como já o constatamos acima.

O pequeno aldeão é excluido da propriedade por

esta concorrência. Isto impede-o de se elevar e de fazer economias em caso algum. De mais muitos brasileiros aproveitando a raridade dos capitães, emprestam o seu dinheiro a grandes juros, o que conduz muitas vezes á ruína a pessoa a quem se empresta.

O typo que acabamos de descrever está muito espalhado no Valle do Vouga, e seus affluentes. A fertilidade do solo, permittindo em geral a uma familia viver sobre um pequeno espaço, fez com que os proprietarios retalhem as suas terras em explorações minúsculas, que encontram facilmente rendeiros entre estes compoizes, privados de material e dinheiro. Mas tambem a cultura permanece rotineira e parada, não tirando senão um mediocre partido d'um paiz particularmente favoravel. Ao aldeão d'esta região falta, com effeito, meios, instrucção e exemplos a seguir, e tambem recursos.

Vive pacientemente na pobreza, a menos que uma serie de más colheitas ou algum flagello ou simplesmente a chamada d'um parente ou d'um amigo o decida a ir tentar a fortuna além-mar. Voltaremos algumas vezes a este phenomeno da emigração, tão intensa em Portugal, e veremos o seu alcance precisar-se cada vez mais pela lição dos factos.

#### RENDEIRO DE VIZEU

Se, partindo de S. Pedro do Sul, nos dirigirmos para o sud-oeste, a estrada eleva-se serpenteando entre altas collinas para attingir logo uma região que differe sensivelmente da precedente. E' occupada por uma população bastante densa, da qual a monographia d'um rendeiro de Vizeu vae indicar-nos d'uma maneira sufficiente a physionomia social e a situação economica.

O districto, que tem por logar principal a pequena e antiga cidade de Vizeu, é formada na maior parte por planaltos, cuja altitude ultrapassa algumas vezes 700 metros. São ericados d'altas collinas, que se tornam para oeste verdadeiras montanhas e profundamente regados pelo curso d'innumeraveis ribeiras. No horizonte, veem-se os cumes, algumas vezes nevosos, da Estrella, a mais alta montanha do paiz. O solo é formado principalmente de granito e é de fertilidade muito desigual. Algumas vezes grande nos valles da alluvião, ella diminue gradualmente á medida que subimos para as alturas onde as culturas são substituidas por pinheiraes e charnecas. O clima é bom, excepto nos cumes. A média annual da temperatura, mantém-se entre 13° e 14° com algumas geadas no inverno e alguns dias de muitos calores no verão; as chuvas são bastante abundantes d'Outubro a Março, mas tornam-se em seguida irregulares e raras: a queda total da chuva ultrapassa um pouco 1 metro, do qual uma decima parte sómente no verão. Como a estação secca é bastante longa, o paiz, muito verdejante no inverno e na primavera, toma no verão um aspecto arido attenuado todavia pela verdura das vinhas, oliveiras e pinheiraes. Seria preciso muita agua para permittir ao solo o desenvolver a maxima producção. Mas ella falta em muitos logares, o que limita com estreiteza a producção agricola.

E' a propriedade média que predomina, e muito, na Beira-Alta. Os predios de valor superior a 100 contos são raros mas encontram-se muitos, cuja avaliação varia entre 10 e 20 contos. Não ha senão um pequeno numero de preço inferior a 10 contos. Na sua maior parte estes predios são divididos em parcelas de extensão mediocre, algumas vezes alugadas a dinheiro, e tambem mediante uma prestação em generos e



em trabalho. A grande propriedade encontra-se assim combinada com a pequena cultura.

E' extremamente raro que os proprietarios residam nas suas terras. São capitalistas que habitam nas cidades mais ou menos afastadas, como Lisboa e Porto. Ao lado das antigas familias aristocraticas ou burguezas, vê-se agora figurar um certo numero de novos proprietarios enriquecidos nos negocios, ou regressados do Brazil depois da fortuna feita.

Sem cobrir no total uma grande superficie, a propriedade mais pequena é bastante frequente, dando a principal origem ao typo de proprietario pobre.

Este typo complica-se geralmente com o de rendeiro isto é, o pequeno aldeão completa a sua exploração alugando terras a um grande proprietario da vizinhança. Se bem que o retalhamento do solo faça progressos evidentes, elle não caminha muito depressa, precisamente por effeito da tendencia que mostram os capitalistas, e sobretudo os emigrantes regressados ao paiz, em comprar a terra e a pagá-la a um preço muito exagerado. O simples aldeão não pôde rivalisar com elles, e só por acaso chega a ser proprietario. As culturas principaes da região eram antigamente o milho que quer uma terra profunda e fresca, os cereaes e o vinho. Ha um certo numero d'annos, logo que em outros paizes os estragos do phylloxera causaram uma alta consideravel no preço dos vinhos, os proprietarios imaginaram fazer uma boa especulação tomando uma parte das suas terras para as plantar com vinhas. Este arbusto invadiu assim não sómente as encostas, mas ainda o proprio solo de milho e os prados. Para proceder a estas plantações e para as conservar empregam n'ellas não só o trabalho dos rendeiros, mas tambem o de jornaleiros sob a direcção d'um administrador. Sendo Portugal, tambem invadido pelo flagello,

todos trataram de replantar ultrapassando mesmo os limites precedentes. Mas, como todas as especulações, esta tinha o grave contra de ser praticada por todos o que levou ao excesso de produção e ao aviltamento definitivo dos preços. Hoje, a maior parte das terras plantadas com vinhas não dão, apesar do baixo preço da mão d'obra, senão um resultado apenas sufficiente para cobrir os gastos da cultura. Por isso tendem substituí-las por oliveiras debaixo das quaes semeiam cereaes, trigo, centeio, cevada, ervilhas ou favas.

Os burgos e as aldeias d'esta região são todos construidos sob uma fórma muito compacta, e encontram-se poucas casas isoladas no campo. Comtudo, os aldeãos proprietarios, tem uma propensão cada vez mais notada para construir uma habitação no campo que lhes pertence, alguma vez longe da aldeia. O modo de viver d'esta gente não póde ser mais simples. Os salarios dos operarios ruraes são muito baixos, pagam aos homens 200 a 240 reis (1,10 a 1,35) por dia e as mulheres 150 reis (0,80). N'estas condições, a miseria é muito grande, sobretudo quando a colheita fôr má. Para soccorrer os pobres, ha instituições muito antigas, conhecidas sob o nome de Misericordia. São confrarias que tem por missão reunir esmolas em dinheiro e generos, fazer a sua distribuição, e fundar hospitaes ou asylos. Ha uma d'estas associações no concelho de Penalva do Castello, da qual depende a familia estudada adiante. A estreiteza das explorações que exigem poucos braços e a pobreza da população rural, leva-os a emigrar em differentes direcções. Uns vão procurar trabalho nas grandes cidades. Outros dirigem-se em bandos para o Alemtejo, onde são empregados nas vastas herdades de trigo, como veremos adiante.

Muitas raparigas empregam-se como criadas em Lisboa e n'outros centros urbanos. Muitas vezes re-

gressam ás aldeias, depois de ter passado pelas influencias da cidade, propagando assim a corrupção. Emfim, numerosos jornaleiros e aldeões vão procurar fortuna no estrangeiro ou nas colonias, sobretudo no Brazil. Principiam ahi como operarios ruraes, artifices ou pequenos commerciantes, vivem com muita economia, e chegam muitas vezes a fazer em dez ou quinze annos, uma pequena fortuna. Alguns chegam mesmo a ser verdadeiramente ricos. Em summa, as suas ambições são muito pequenas e como teem um grande amor pela sua terra natal, onde toda a familia ficou, a sua esperança é de voltar o mais cedo possivel para viver como aldeões felizes ou pequenos burguezes. Durante a sua ausencia e quando o podem fazer, mandam geralmente um pouco de dinheiro a seus paes. Acontece tambem que muitas vezes um moço emigra com o fim de arranjar para a familia um subsidio em dinheiro, coisa sempre rara n'este meio pobre. Depois da sua volta os mais felizes tomam frequentemente a seu cargo a instrucção d'um irmão, sobrinho ou primo, ao qual elles procuram assim a occasião de se elevar a uma condição superior.

A situação geral que acabamos de resumir vae agora concretisar-se na monographia que segue.

José Ferreira Morgado, habita na aldeia de Corga, situada a 12 kilometros de Vizeu: Tem 73 annos, sua mulher, Bernardina d'Almeida, tem 65; 6 filhos vivem e trabalham com os paes. Antonio 35 annos, Manoel 30, Constança 26, João 24, José 22, Carlos 21. O Morgado emprega além d'isso um joven pastor de 14 annos.

A aldeia está construida sobre um pequeno planato accidentado, atravessado por um regato. A camada aravel pouco espessa em geral, deixa muitas vezes apparecer o granito que a supporta. Por toda



a parte onde o solo é sufficientemente profundo, a sua fertilidade é média. Nas outras partes sécca depressa e produz pouco. O clima é temperado, o thermometro desce raras vezes a 0° e não ultrapassa quasi 32°. A região é essencialmente agricola; ella não produz, além d'isso, senão uma pequena quantidade de pedras de polir e os artigos communs fabricados pelos artifices. Morgado é proprietario da sua casa, e das cercas que ha proximo. É um pequeno edificio que contém um curral, um celleiro e por cima dois quartos e uma cozinha, onde toda a familia se amontôa. O mobiliario é extremamente summario. Compõe-se de pequenas camas de taboas guarnecidas com um simples enxergão, gavetas de roupa, mesas e bancos de madeira de pinho e alguns utensilios. A roupa e os vestidos reduzem-se pouco mais ou menos ao que é indispensavel. Cada um possui um fato de trabalho e um outro para o domingo. A dona da casa guarda algumas roupas de reserva. A habitação, mobiliario e roupas valem tudo comprehendido 300\$000 reis (1:556 frs.).

O nosso aldeão arrenda os terrenos que cultiva a um dos maiores proprietarios da provincia. Estas terras fazem com effeito parte d'um terreno cujo valor é calculado em 500:000 francos. O proprietario habita em Lisboa, e tem por administrador ou antes por agente o professor de Corga, que se occupa de cobrar as rendas e os fóros e executar os trabalhos necessarios nas vinhas exploradas ou arrendadas. Não cultiva nada para elle.

A lavoira de Morgado, uma das maiores da região, comprehende alguns hectares de terras semeadas com trigo, cevada e centeio, ou plantadas com vinhas, 3 hectares de terra com milho, emfim, 25 hectares de pinheiraes. Tudo no valor de 3:000\$000 (16:650 francos), conta redonda. O afolhamento das terras araveis

é muito simples, depois de ter sido semeada de trigo durante um curto periodo que varia de 2 a 5 annos, cada parcella é deixada em alqueive, durante um tempo variavel, durante o qual faz-se pastar ahi o gado. Como este é pouco numeroso, o estrume é fraco e o rendimento mediocre. Não attinge senão 12 hectolitros por hectare para os cereaes, e 14 para o milho. Em média, a quinta produz: 35 hectolitros de milho, 8 de centeio, 6 de cevada, 4 de trigo, 160 kilos de linho, 39 hectolitros de vinho e além d'isso as batatas e legumes para a alimentação da familia. O pinheiro fornece a madeira para lenha e reparações.

Para a sua cultura, o rendeiro dispõe d'uns utensilios extremamente primitivos, um carro de bois com canga, um arado ou charrua pequena, uma grade e algumas ferramentas de mão, nada mais.

O gado comprehende dois bois de carro, de raça pequena mas vigorosa, chamada arouqueza, valendo a junta 140\$000 (775 francos), 13 ovelhas 27\$000 (150 francos), dois porcos 15\$000 (83 francos), seis gallinhas 1\$800 (10 francos). Todos os aprestos e gado, pódem-se calcular no total de 240 mil reis pouco mais ou menos. Ajuntando-lhe o valor da casa e do mobiliario, chegamos a uma somma que póde variar entre 540 a 600 mil reis e que representa o activo d'esta familia.

A despeito da idade avançada, o rendeiro dirige ainda a sua exploração na qual todos os seus filhos estão empregados, emquanto que a mãe, ajudada por Constança, toma cuidado na casa. A rapariga toma parte, além d'isso, nos trabalhos do campo. Morgado faz todos os annos com o carro e bois alguns transportes, cerca de 10 dias, que lhe rendem pouco mais ou menos 12\$000 (66 frs.) Um dos filhos ganha no Alemtejo e traz para casa 28\$000 (155 francos). É pre-

ciso juntar a isto os productos vendidos no mercado. O principal foi este anno o vinho: 5 hectolitros 14\$000 (77,50 frs.) o resto é insignificante.

A alimentação tem por base o pão de milho, acompanhado de manhã com algumas sardinhas salgadas, ao meio-dia batatas ou feijões, e algumas vezes bacalhau ou carne de porco, á noite legumes e restos do jantar. Calcula-se em 22\$000 (122 francos) por anno a despeza necessaria em artigos de mercearia e vestidos e para a alimentação e sustento da familia. O rendeiro paga o seu aluguer em generos, e entrega para este fim ao proprietario 22 hectolitros de milho e além d'isso dá-lhe 4 dias de trabalho com o seu carro e bois.

Constatamos assim que a familia dá ao proprietario ou consome directamente quasi a totalidade das suas colheitas. Se faz um pouco de dinheiro, é sobretudo graças ao trabalho assalariado que ella faz fóra. Eis aqui, segundo as indicações que precedem, o quadro approximativo das suas receitas e suas despezas, extracção feita dos productos consumidos ou entregues em generos:

## RECEITAS

Carretos a 10 dias . . . . .	66
Salario d'um filho . . . . .	155
Vendas — 5 hect. de vinho. . . . .	77
Diversos . . . . .	60
	francos <u>358</u>

## DESPEZAS

Generos d'alimentação, mercearia . . . . .	55
Roupa e vestidos. . . . .	66
Ferramentas, arreios . . . . .	50
Impostos . . . . .	100
Diversos . . . . .	72
	francos <u>344</u>



Vê-se por estes dois totaes que o pouco dinheiro realisado por esta familia é absorvido pelas suas necessidades urgentes. O menor accidente basta para romper o equilibrio d'este pobre orçamento e para provocar as privações. Os divertimentos de que aproveita a familia não são nem muito numerosos, nem muito variados. Fóra das cerimonias familiares, como os casamentos e baptismos, a maior alegria é a que traz consigo a festa do patrono da aldeia. Celebra-se por uma refeição substancial, depois da qual a mocidade organisa danças emquanto que os velhos vão para a taberna. Ao domingo e dias de festa, os homens vão de tempos a tempos é taberna aonde bebem sobretudo vinho, vendido muito barato. A bebedeira e a desordem são raras. Esta gente vive assim n'um estado de mediocridade pacifica que toca a pobreza. O maior inconveniente de tudo isto é tornar-lhes todo o progresso muito difficil. Duas causas de desgraça espreitam-os continuamente: a má colheita e a doença. Os annos seccos são muito prejudiciaes. Quanto á saude, a despeito d'uma falta completa d'hygiene, ella é muito boa em geral. Isto é devido ao clima que é sadio, além d'isso os cuidados dados na primeira infancia, sendo muito pouco cuidadosos, como nós já o notamos, todas as creanças d'um temperamento fraco desaparecem cedo. Resulta d'isso uma selecção em proveito dos mais fortes. Antigamente o pae, já velho, foi attingido d'uma doença bastante grave. Foi tratado no Hospital da Misericordia, onde pagava uma pensão de 300 reis. (1,65 francos) por dia. Esta familia não recebe nenhum auxilio exterior fóra o que se presta entre visinhos. No momento dos grandes trabalhos, estes aldeões ajudam-se mutuamente, trabalham uns para os outros, emprestam animaes, ferramentas ou sementes.

Quando n'uma casa falta alguma provisão, outro

adianta-lh'a e a liquidação opéra-se em genero depois da colheita. Esta pobre gente, ajudam-se assim uns aos outros na medida das suas forças, supprindo por isso com os seus meios a ausencia do verdadeiro patrono que deveria ser o proprietario.

Visitando esta região, tivemos occasião de constatar d'uma maneira bem clara a importancia da iniciativa e os exemplos dados pelos patrões agricolas quando elles cumprem effectivamente o seu papel. Não longe de Corga, em Povolide, encontramos um antigo official, o Sr. D. Cabral, proprietario d'uma terra bastante extensa.

Comprehendendo que o rendimento seria melhor sob a sua inspecção directa, abandonou o exercito para ir installar-se nas suas terras.

D. Cabral teve então a ideia d'organisar uma leitaria para a producção da manteiga. E para procurar o leite necessario, soube convencer os aldeões da visinhança que elles teriam vantagem em substituir os seus bois de trabalho por vaccas leiteiras. Adiantou-lhes mesmo algumas vezes uma parte do dinheiro necessario para as comprar, rehavendo por fracções o juro e capital no preço do leite que lhe era entregue. O rendimento d'estes animaes é bastante fraco, tanto mais que os fazem trabalhar: todavia a producção de manteiga de Povolide pode desenvolver-se pouco a pouco; ella attinge agora 70 kilos por dia, dando aos rendeiros um recurso suplementar que não é para desdenhar. De seu lado, o Sr. Pedro dos Santos, que reside temporariamente em Vizeu, muito proximo das suas propriedades de Villa Meã, no Valle do Dão, organisou um syndicato agricola e vinicola e uma associação mutua de seguros contra a mortalidade do gado, que prestam importantes serviços. Elle esforça-se actualmente para adaptar ás necessidades do credito agricola regional

uma instituição já antiga: o Banco Agricola Industrial Viziense, que funciona ha mais de 40 annos ao lado da Misericordia de Vizeu.

É evidente que, se os proprietarios como estes fossem mais numerosos, a agricultura portugueza seria tambem mais próspera.

A instrucção primaria está longe de ter realisado em Portugal todos os progressos desejados.

Isto é devido a varias causas que teremos occasião de analysar mais tarde. Na familia Morgado, que comprehende oito pessoas, tres sómente, o pae e dois filhos sabem ler, os outros são analphabetos. Sob o ponto de vista religioso, encontra-se ainda n'estes campos um certo numero de pessoas piedosas, mas ha outras que, observando as práticas elementares do culto, não mostram um grande fervor e esse é o caso de Morgado.

Os encargos publicos supportados pela familia resumem-se assim: paga em primeiro logar, a titulo de imposto predial 18\$000 reis que se dividem entre a communa e o Estado, é isto um pezado encargo para uma exploração tão pequena. Em seguida, supporta os impostos indirectos que sobrecarregam os artigos de consumo; como compra pouca coisa, estas taxas não lhe são muito sensiveis; póde-se avaliar em cerca de 600 a 2\$000 reis por anno. Quanto ao servico militar, não foi exercido por nenhum dos Morgados, sendo todos isemptos por causa da incapacidade physica.

No que diz respeito ás relações com o exterior, constatamos primeiro que a densidade da população nas Beiras não deixa quasi logar á imigração. Pelo contrario, a gente do paiz espalha-se todos os annos por fóra para encontrar na emigracção temporaria um supplemento de recursos. Um dos filhos do Morgado parte em setembro para o Alemtejo, onde trabalha n'uma lavoura até abril, época em que volta com um pequeno



peculio avaliado em 28\$000 (155 frs.) em média, somma que entra no orçamento do casal, como já o constatamos.

O pae e os dois filhos que sabem ler são eleitores municipaes e politicos.

O typo representado por esta familia é o mais espalhado entre a população agricola d'esta região. Não se encontra ahi senão poucos rendeiros d'um grau superior; em contraposição encontra-se um certo numero, cujas explorações são sensivelmente menos extensas e que caem por consequencia n'uma condição quasi miseravel. Mais baixo ainda, póde-se observar familias de operarios ruraes, das quaes as mais felizes são as que possuem ao menos uma casinha. A taxa muito minima dos salarios não lhes permite quasi, senão por rara excepção, sahir da sua muito humilde e muitas vezes muito difficil situação.

Comtudo, apesar da exiguidade dos seus recursos, a condição das familias ruraes é toleravel. Emquanto que o preço do milho não se eleva acima de 3\$400 réis o hectolitro (e este facto não se produz senão nos annos de extrema secca) o operario agricola não soffre a fome. Veremos depois que não se poderia dizer o mesmo dos trabalhadores da cidade.

A alguns kilometros de Vizeu começa a região montanhosa, onde uma população mal distribuida cultiva uma parte das terras accessiveis. Um typo interessante vae permittir-nos d'estudar, ao menos parcialmente, a região agricola da Estrella.

#### CAMPONEZ DA ESTRELLA

A Serra da Estrella, a mais alta cordilheira de Portugal, tem o ponto culminante a muito perto de 2:000 metros e é sulcada por profundos valles onde correm

numerosos ribeiros, affluentes do Mondego ou do Tejo. As chuvas frequentes do inverno, as neves que cobrem os altos cumes da Serra durante quatro mezes, fazem durante uma parte do anno torrentes que transbordam dos leitos.

No verão, pelo contrario, os seus leitos seccam quasi completamente. Acontece o mesmo com as nascentes que se escapam das collinas. De facto, a agua é abundante n'esta região atormentada, mas o seu curso é irregular. Para utilizar plenamente a agua no periodo secco, seria preciso retê-la por trabalhos d'arte e distribuil-a judiciosamente á planicie, por meio d'um systema bem estudado de canaes no genero do que se fez especialmente para a Lombardia e Catalunha.

Na Estrella, tudo se deixa á propria natureza até ao presente ou cegamente o homem applicou-se a destruir o que a natureza tinha feito para defender o solo contra a acção devastadora das aguas. Outr'ora todo este conjuncto era coberto de florestas que absorviam muito a humidade, reduzindo assim o volume e acção das torrentes. Mas os bosques foram destruidos pelo ferro e pelo fogo, afim de dar logar ás pastagens onde os carneiros se refugiam durante o verão. Actualmente, não bastando a relva para reter as aguas, o menor aguaceiro augmenta de volume as torrentes, e tudo escorre em algumas horas. A primeira operação util seria, pois, a arborisação das collinas. Leis especiaes editadas para este fim não teem dado senão um resultado muito mediocre. Duas mattas florestaes teem sido sómente reconstituídas até ao presente. A primeira, sobre 2:000 hectares, encontra-se perto de Manteigas, nas origens do Zezere; a segunda, sobre 400 hectares, foi estabelecida perto da Covilhã. É preciso dizer que a administração florestal se encontra com difficuldades consideraveis. Os pastos pertencem ás communas mon-

tanhezas e são utilizadas pelos habitantes ou alugadas a pastores das regiões vizinhas. Quando ha occasião de arborisar, os interessados insurgem-se contra os projectos que tendem a restringir o seu goso e as coisas ficam no mesmo estado.

Isto mostra mais uma vez a impotencia das camaras aldeãs em gerir interesses amplos, especialmente em administrar bem as florestas. É preciso para isso conhecimentos e uma previdencia que não tem esta gente.

Mas não é menos certo que se os grandes proprietarios soubessem vêr e comprehender a situação, elles poderiam desde já trabalhar na condução e utilização das aguas, que daria resultados immensos, tanto sob o ponto de vista industrial como agricola. Mas seria preciso primeiro entenderem-se e associarem-se.

Ora isto não está nos habitos nem sobretudo no espirito da classe abastada. Não estão preparados pela sua educação que lhes inspira antes um individualismo egoista, inimigo da disciplina e da responsabilidade.

Este grave defeito da formação social prejudica consideravelmente a prosperidade do paiz.

A familia estudada habita na vertente norte da serra em Lagarinhos, parochia que depende do concelho de Gouveia, districto da Guarda.

Esta aldeia, situada a 500 metros de altitude, tem 860 habitantes.

Como S. Pedro do Sul, esta localidade está longe do caminho de ferro, está ligada por boas estradas á gare de Mangualde (20 kilometros) e a diversas outras localidades. Dois pequenos rios reúnem-se ahi para se lançarem em seguida no Mondego.

A região fórma um planalto ligeiramente accidentado e cortado por leitos de ribeiros e regatos.



O solo aravel de origem granitica é de espessura muito variavel; ora a camada delgada e fina se estende aqui e acolá furada pela rocha, ora ella é profunda e fertil, porque as aguas teem arrastado e accumulado nos vales as terras lavradas e detrictos organicos. O clima é relativamente frio no inverno: o thermometro desce algumas vezes um pouco abaixo de zero e a neve apparece de tempos a tempos; as chuvas bastante frequentes de outubro a abril, tornam-se raras no verão.

Este é ao mesmo tempo secco e quente, porque a temperatura eleva-se então até 35 graus.

A irrigação é indispensavel n'esta estação para a maior parte das culturas.

As producções do alto valle do Mondego são bastante variadas; poderiam sê-lo ainda mais.

A cultura principal é a do milho, que occupa a maior parte das melhores terras, quer no fundo dos valles quer nas collinas.

Semeado em abril, o milho é sachado em junho; ao mesmo tempo espalham sementes gramineas que, depois da colheita feita em setembro, crescem rapidamente sob a acção das primeiras chuvas e dão boas hervas temporarias que se desmoitam de novo na primavera.

Nas terras altas, finas e seccas, o centeio predomina com intercalação de um alqueive de dois annos que dá pastagem de primavera.

A vinha é cultivada tambem n'uma grande escala; destruida pela filoxera, foi reconstituída sobre plantas americanas e a superficie actualmente occupada pelos vinhedos ultrapassa muito a antiga.

Emfim, os camponezes cultivam, sobretudo para o seu proprio consumo, batatas e varios legumes e teem bellos pomares que com as oliveiras espalhadas por

toda a parte dão a esta região o aspecto de um grande bosque; os maus terrenos são occupados por pinheiras; começa-se tambem a plantar eucaliptos, que se dão admiravelmente em Portugal.

A producção animal é relativamente restrita. O gado grande é pouco numeroso, compõe-se especialmente de bois de trabalho.

Resulta d'ahi uma grande penuria de estrume; os carneiros e as cabras são em grande numero; cada familia cria um ou mais porcos para o seu consumo; as aves domesticas são raras, a caça quasi desappareceu por falta d'uma protecção sufficiente.

Quanto aos recursos mineraes limitam-se aos granitos do sub-sólo, que são explorados em alguns pontos para a construcção. Em resumo: esta região verdejante encaixilhada com altas montanhas, com seu aspecto leve e salubre, seus vales fertéis, suas aguas abundantes, podia ser extremamente productiva se os meios de transporte fossem mais efficazes, as vendas maiores, os capitaes mais abundantes, os patrões capazes mais numerosos.

Além d'isso a Estrella tornar-se-ia facilmente um grande reservatorio de força hydraulica cujas aguas mortas, canalizadas, iriam derramar a fertilidade ao longe.

Tudo isto está e ficará provavelmente muito tempo ainda no estado de projecto.

José Pinheiro, idade 46 annos, desposou Roza Simões, que tem 52. Os dois nasceram no lugar, teem 13 filhos, todos amamentados pela mãe, os quaes 9 estão ainda vivos: Maria 24 annos, Manoel 23, Antonio 22, José 18, Zeferino 17, Maria Roza 14, Maria da Conceição 13, Thereza 8, Francisco 6.

O pae é proprietario d'uma pequena terra e locatario de alguns campos cuja exploração absorve pouco

mais ou menos todo o seu tempo. Excepcionalmente, elle dá fóra alguns dias de lavoura, uma dezena, com sua junta de bois. Um antigo costume attribue como remuneração d'esse trabalho a palha produzida pelo milho colhido nos campos assim lavrados.

A mãe, que ainda ha pouco tempo tomava parte no trabalho agricola, foi agora substituida por seus filhos, e consagra-se aos trabalhos da casa.

Os filhos secundam o pae na cultura do terreno familiar e de renda. Alguns d'entre elles trabalham fóra e os salarios entram no orçamento commum. Assim, Manoel é marceneiro; seu patrão occupa-o quasi todo o anno e dá-lhe 320 reis, 1,76 fr. por dia. José emprega-se em casa dos cultivadores da visinhança, cerca de 50 dias por anno, mediante 200 reis, 1,10. Zeferino é creado em casa de um dos seus tios, onde não ganha senão o sustento.

Esta familia possui uma propriedade comprehendendo uma casa de habitação e terras de cultura. Este pequeno bem vem da mulher que o houve de seus paes por herança. A casa é construida isoladamente na propriedade e compõe-se d'uma cosinha aonde comem, não á mesa mas assentados em volta do lume sobre bancos de madeira muito baixos, d'uma pequena sala e tres quartos onde dormem os paes e as raparigas; os rapazes dormem em camas collocadas no curral, perto dos animaes. A propriedade contém duas geiras de terras de milho, seis de terras de centeio, uma vinha plantada em cepos americanos no numero de mil pés, o que representa uma superficie de cerca de 20 ares; enfim, uma geira de pinheiral; as terras lavradas são plantadas com oliveiras em cercadura. Como a geira equivale a um terço de hectar, a total superficie d'esta pequena propriedade é pouco mais ou menos de tres a quatro hectares.



Lembramos que em caso de morte dos paes o Código Civil portuguez prescreve a partilha igual dos bens. Tendo quasi totalmente desaparecido os costumes antigos, esta regra prevalece hoje mais ou menos em todo o paiz. Este movimento de pulverisação que continúa de anno para anno, seria certamente muito mais rapido, apesar da pobreza do aldeão, se certas causas não interviesses para dar á terra um valor artificial exagerado. Já indicamos uma. D'aqui a pouco veremos surgir uma outra, estudando os cultivadores do Alemtejo.

Além da sua propriedade o lavrador explora, como já sabemos, terras arrendadas. São primeiro seis geiras (2 hectares) de terras de milho ou centeio, com um direito de pastagem em dez geiras de bosque que dependem da propriedade; em segundo logar pastos que são pagos com o leite das ovelhas. Esta combinação é usual para os pequenos arrendamentos; os grandes regulam-se em dinheiro. Com o aluguer das terras lavrádias o Pinheiro deve fornecer em genero 130 alqueires de milho ou centeio, valendo o alqueire 15,8 litros; é uma quantidade de cerca de 20 hectolitros e meio de grão que é devido pelo locatario.

Para a sua exploração o aldeão emprega o material dos mais elementares: um pesado carro de bois, de rodas grossas, uma pequena charrua de madeira munida com uma ponta de ferro que arranha um pouco o solo sem o voltar e exige do lavrador um grande esforço; uma grade tambem de madeira sobre a qual é preciso pôr-se de pé, para obter um trabalho util; emfim, alguns utensilios aratorios, tudo n'um valor total approximativo de 30\$000 reis, 165 francos. É o mesmo nas terras de todos os camponezes; não se encontra na aldeia senão uma só charrua boa. Diremos já que o mobiliario da casa é muito simples: dois armarios,

quatro gavetas, uma mesa, algumas cadeiras e bancos, tudo em madeira de pinho, formam o grosso da mobilia; deitam-se em camas formadas por meio de algumas taboas collocadas sobre dois bancos e guarne-cidas de uma enxerga.

Quanto ao gado, compõe-se de uma junta de bois de trabalho comprada todos os annos em fevereiro, ao preço médio de 15 libras esterlinas (375 francos), e vendida á entrada do inverno com um pequeno beneficio, 40 a 50 francos; um pequeno rebanho de trinta cabeças, ovelhas e cabras, um porco comprado no outomno e que é morto no anno seguinte, no Natal, para gasto da familia, emfim, uma dezena de galinhas.

Actualmente Pinheiro não tem rebanho; vendeu-o, porque seu filho Antonio, que era o pastor, teve de partir para a vida militar, mas voltou em circumstancias de que nós fallaremos mais longe. Por isso o pae conta comprar dentro em pouco um outro rebanho, a fim de utilizar as pastagens de que dispõe. O systema de cultura dos camponeses d'esta região, é inteiramente primitivo. Como tem poucos estrumes, e tambem poucas vendas, limitam-se á producção dos generos mais correntes, uns com que elles proprios se alimentam, ou cuja venda é facil na visinhança immediata, como o milho, o centeio e a batata.

O afolhamento é desconhecido; as melhores terras reservadas ao milho são estrumadas com estrume da quinta de que se dispõe. Quanto ás terras fracas, o que se lhes dá em estrumação pela permanencia dos animaes é tão insufficiente que o alqueive impõe-se.

Com mais estrumes poder-se-ia certamente obter rendimentos melhores d'este sólo e uma colheita annual, mas para isso seria preciso ter gado e forragens para o alimentar. Limitam-se a semear gramineas entre o milho no momento da sacha, o que dá mais tarde

um ou dois córtes de feno e algumas semanas de pastagem. Os baldios produzem tambem um pouco de herva, mas tudo isso é muito insufficiente e a cultura fica extensiva, isto é, necessariamente pobre. N'estas condições, explica-se porque a quantidade dos productos vendidos é muito minima. Reduz-se a 150 kilos de queijo de ovelha, valendo 45,000 reis (249 francos), 20 carneiros por 12,000 reis (66 francos), 45 kilos de lã, 13,500 reis (71 francos).

É preciso juntar-se a essas receitas as que proveem dos salarios realisados por alguns dos membros da familia.

Manoel faz como marceneiro 250 dias pagos a 320 cada um, sejam 80,000 reis (444 francos); José ganha por 50 dias a 200 reis, 10,000 reis (55 francos).

Quanto ás entradas em generos é inutil procurar avaliá-las, porque o seu producto é directamente consumido pela familia. Eis os recursos. Calculemos agora as despezas. Observemos primeiro que o modo de existencia dos montanhezes da Estrella é de uma extrema simplicidade.

Sabemos já como estão alojados; seus vestidos não são muito esmerados. Para trabalhar, os homens trazem um fato summario, composto de roupas velhas; uma camisa de algodão, um colete e umas calças de panno grosso, um chapéo de feltro de abas largas; as mulheres tem saias de chita, um chaile de lã e cobrem a cabeça com um lenço; todos andam descalços, excepto em caso de chuva e nos dias de festa.

Ao domingo o pae e os rapazes vestem uma roupa de saragoça que dura muitos annos; para as mulheres, a roupa do domingo é talhada n'um grosso panno de algodão misturado com linho.

A mãe possui uma roupa pouco mais fina, feita com um tecido de lã; tem tambem um par de brincos



d'ouro e um cordão; cada uma das raparigas tem também os seus brincos, mas são mais pequenos. A roupa branca é reduzida ao necessario. Tudo comprehendido, vestes e roupa branca, não valem mais que 130\$000 reis (720 francos).

Para o sustento de todos, e fato, roupa branca e calçado, pôde-se calcular a despeza annual de 100\$000 reis, comprehendendo todos os gastos mais pequenos relativos a *toilette*.

A alimentação é tão frugal quanto possível. De manhã cedo almoça-se um bocado de pão de milho e um punhado de azeitonas, algumas vezes batatas.

O jantar, que se come nos campos durante a estação dos grandes trabalhos compõe-se d'uma sopa de couves, um prato de legumes, algumas vezes sardinhas e um pouco de bacalhau salgado.

No verão merenda-se pelas 4 horas pão de milho, azeitonas e algumas vezes sardinhas salgadas.

A' noite a familia come uma sopa de legumes. De tempos a tempos junta-se á sopa um bocado de porco salgado ou um salchichão, mas como a provisão do toucinho e gordura feita no natal, deve durar todo o anno, não se faz uso d'isso senão com economia.

De longe a longe também bebe-se um pouco de vinho, sobretudo quando a tarefa é rude.

Quasi tudo é produzido pela propriedade; a dona da casa não compra senão um pouco de mercearia, peixe salgado, tres ou quatro decalitros de azeite, por que a quinta não produz o bastante para o consumo da familia. A despeza feita d'esta maneira pôde ser avaliada em cerca de 30 mil reis. Em caso de má colheita é preciso procurar um pouco de milho e centeio. Os divertimentos não carregam o orçamento da familia. As festas religiosas, uma cerimonia de familia de tempos a tempos, baptismo ou casamento, algumas ve-

zes a dança e uma partida de bolas para os rapazes e um pequeno passeio ao domingo quando o trabalho não aperta. Nada mais e custa pouco.

O imposto tira-lhe certamente 12 a 14 mil reis por anno.

Se tentarmos agora recapitular as sommas que acabamos de indicar, resulta o quadro seguinte que menciona sómente as entradas e sahidas de dinheiro.

## RECEITAS

Venda de productos. . . . .	386 frs.
Salario de Manoel . . . . .	444 »
Salario de José . . . . .	55 »
Lucros nos bois . . . . .	40 »
Total . . . . .	<u>925</u>

## DESPEZAS

Gastos d'alimentação . . . . .	555 frs.
Mercearia, azeite, etc. . . . .	150 »
Impostos directos . . . . .	50 »
Diversos . . . . .	100 »
Total . . . . .	<u>855</u>

Vê-se que as despezas indispensaveis balançam quasi as receitas, por isso a menor perturbação lança uma confusão profunda n'este pobre orçamento. Os Pinheiros já tiveram a cruel experiencia; experimentaram doenças que exigiram cuidados, medicos e remedios; além d'isso foi-lhes preciso preencher perdas de animaes.

Tiveram que pedir emprestado para este fim reis 200\$000 (1:100 francos), dos quaes é preciso pagar o juro á razão de 7 %.

Pinheiro cobre esta despeza excepcional por meio do salario de alguns dias de carretos feitos no inverno com os seus bois. Se semelhante perda se renovasse

seria para elles provavelmente a ruina completa. Contra as vicissitudes d'esta penosa existencia os nossos camponezes quasi que não teem recursos.

Quando o anno é muito mau, o proprietario perdôa uma parte da renda que lhe é devida. Mas não pôde o rendeiro contar com nenhum outro apoio.

Entre visinhos não se pôde fazer grande coisa, porque são todos egualmente pobres.

Não conhecem as vantagens do seguro ou da associação. Os premios e quotisações parecem-lhe muito pesadas para pagar. Existem em Gouveia duas sociedades de soccorros mutuos, pouco prósperas de resto: os camponezes não se importam com ellas de modo nenhum; enfim, o municipio e o estado não podem nada para os auxiliar. Elles estão pouco mais ou menos abandonados a si proprios.

Dissemos acima que a situação do Pinheiro tinha sido perturbada por casos de doença. E' preciso juntar que os camponezes d'esta região são d'uma limpeza muito relativa e não teem nenhuma noção de hygiene.

Um simples traço dará uma ideia do estado dos costumes a este respeito. Pinheiro paga ao barbeiro da aldêa a titulo de contracto annual para elle e para os filhos, um alqueire de milho (15,8 litros); por este preço não se pôde pedir a este Figaro portuguez cuidados muito frequentes. N'esta familia ninguem sabe lêr nem escrever: é que os paes desconhecem a utilidade da instrucção, mas na sua pobreza esses aldeões utilizam o mais cedo possivel o trabalho de seus filhos.

Existem na parochia duas escolas, uma para os rapazes outra para as raparigas; são pouco frequentadas a despeito da lei obrigatoria. Sob o ponto de vista religioso, sem ser devota, esta gente está fortemente ligada ao catholicismo, praticando as regras essenciaes,



a missa ao domingo e as mulheres vão ás vezes á semana, quando o trabalho o permite.

A communhão tambem. Os paes declaram que desejam que os seus filhos sejam bons christãos.

No que diz respeito aos encargos publicos, Pinheiro paga, primeiro uma taxa sobre os bois, que monta a 1\$100 reis, cifra moderada por favor, porque a taxa legal é mais elevada; o imposto predial 7\$500 reis, dos quaes 80 % para a communa; a congrua 600 reis.

Para uma familia que compra tão pouco ao commercio, as taxas indirectas podem ser calculadas em 3 ou 4 mil réis.

O total eleva-se assim a 12 a 13 mil réis; o pae foi livre do serviço militar a dinheiro. O Manuel tirou na sorte um bom numero que o fez dispensar. Antonio foi apurado, mas havendo uma recommendação efficaz ficou livre ao fim d'um mez por incapacidade physica. Pinheiro é eleitor municipal e politico a titulo de contribuinte.

Este ponto interessa-o muito pouco em principio. Elle dá o seu voto ao seu senhorio, sem nenhum cuidado da sua opinião, e unicamente para se tornar agradavel.

N'esta região a imigração é quasi nulla.

Á excepção de algumas pessoas de fóra, casadas na parochia, do cura e dos professores, não se vêem extranhos.

Pelo contrario a emigração é bastante activa e póde fornecer-nos alguns detalhes interessantes:

Ha 20 annos tres irmãos originarios da parochia que tinham emigrado para a Africa na sua mocidade voltaram ao paiz com uma grande fortuna. Compraram terras, construíram uma vivenda como residencia de verão e estabeleceram em Lisboa a sua residencia de inverno. Fizeram na sua nova propriedade grandes

plantações de vinhas, trazendo assim á região sommas importantes sob fórma de salarios.

Isto fez naturalmente grande ruido e fez pensar que era facil enriquecer expatriando-se.

Uma corrente de emigração bastante accentuada estabeleceu-se logo, quer para as colonias, quer para o Brazil. Uns partiam como operarios ruraes, outros como artistas ou pequenos negociantes.

Muitos morreram obscuramente na miseria, sem tornar a vêr a aldeia. Outros pelo contrario obtiveram mais ou menos successo.

Actualmente onze individuos da communa estão estabelecidos no Brazil: elles têm sómente embolsado os seus gastos de passagem; um que partiu já ha muito tempo pôde enviar á sua familia cerca de 500\$000 reis. Outros quatro estão na Africa; parecem ter sido bem succedidos, ao menos n'uma certa medida, porque mandam dinheiro para os seus.

Ha mesmo um que sustenta seus velhos paes; um segundo chamou para o pé d'elle seu irmão, que morreu pouco depois e o emigrante então pagou a passagem d'um outro irmão para o Brazil.

Ajuntemos que um outro rapaz da communa, morto além-mar, legou aos pobres da parochia 2:000\$000 reis.

Vê-se, pois, que os verdadeiros successos são muito raros, bastam comtudo para inflamar a imaginação popular, e para inspirar a muitos rapazes o vivo desejo de ir experimentar fortuna fóra.

Como o trabalho falta na região, porque as novas plantações de vinhas foram prohibidas, alguns jornaleros foram procurar occupação em Lisboa, outros dirigiram-se para o Alemtejo; mas a concorrência de braços, sendo muito grande, é provavel que esta circumstancia accentue ainda o movimento de emigração.

O typo que acabamos de descrever é perfeitamente

o do proprietario pobre que vive da sua terra e do seu trabalho, sem meios de progresso nem de desenvolvimento intellectual e profissional.

Quando chega por acaso a augmentar os seus bens, é porque encontrou occasiões excepcionalmente favoraveis e tambem porque viveu de privações.

Conta-se na parochia uma duzia de familias n'este genero; os outros são mais modestos ainda porque as suas propriedades são mais reduzidas, devendo elles portanto recorrer mais ao salario pelo seu trabalho.

Muitos não possuem mesmo uma pollegada de terra e são por consequencia simples jornaleiros agricolas, sempre á procura de um trabalho que muitas vezes lhes falta e que é muito mal pago.

Quer dizer que a pobreza que frequentemente se torna em miseria, predomina n'estes valles, onde tudo a natureza não é avara. Mas as fraquezas do regimen social intervêm para annullar n'uma grande medida as vantagens naturaes da região.

#### CAMPONEZ DE LOUZÃ

Os tres typos que temos descripto precedentemente, pertencem á Beira Alta e representam fielmente a grande maioria dos cultivadores d'esta provincia. Multiplicando as observações encontrar-se-ia certamente algumas variedades secundarias interessantes. Mas isto não mudaria nada ou quasi nada quanto á physionomia geral da população.

Na Beira Baixa, que envolve a precedente até perto da costa, a situação é a mesma.

Encontramos ahi a grande e sobretudo a média propriedade com um certo numero de pequenas parcelas; é ainda pequeno o rendeiro que explora a terra, estando sempre o proprietario ausente; a pro-



ducção é egualmente pouco variada e destinada antes de tudo a alimentar o camponez.

Os mercados de consumo são mais aproximados e mais accessiveis, as estradas e os caminhos de ferro são mais numerosos, n'esta região.

Apesar d'isso a insufficiencia da pequena exploração em desenvolver a producção para alimentar o commercio é tão característica, que a situação não é aqui sensivelmente melhor que nas altas terras, apesar das circumstancias mais favoraveis. A pobreza, a ignorancia e a rotina, sendo eguaes, o resultado é necessariamente o mesmo. Seria, pois, inutil, juntar novas monographias ás tres precedentes. Ellas não fariam senão repetir os mesmos traços.

Mas crêmos util publicar um estudo que, applicado a um typo, um pouco excepcional, nos dará uma boa base de comparação.

Trata-se d'um camponez proprietario dos arredores de Louzã.

Esta pequena villa está construida ao pé da serra do mesmo nome, que está situada a 30 kilometros ao sudoeste de Coimbra. A serra de Louzã é uma das maiores cordilheiras da peninsula, uma especie de contraforte collocado ali como para sustentar as terras do interior. O seu maior cume attinge 1:202 metros e domina no alto a multidão de colinas que cobrem a Beira Baixa, descendo pouco a pouco até ao mar.

Nas visinhanças da serra muitos montes ultrapassam a altitude de 400 metros, formam escarpados abruptos, não deixando entre elles senão estreitos desfiladeiros

De Coimbra chega-se a Louzã, quer pelo caminho de ferro de interesse local, que liga a villa á cidade universitaria e deve ser mais tarde prolongado aavez da montanha, quer por uma estrada desprezada,

mas encantadora, que passa de valle em valle ramificando-se.

No momento em que percorremos esta pittoresca região, isto é, no fim da primavera, ella estava revestida d'um esplendido manto de verdura ricamente matizado. Cada cultura traz com effeito a este conjuncto a sua tonalidade particular, desde a tinta clara dos prados até ao verde sombrio dos pinheiraes que corôam as alturas e cobrem muitas vezes uma parte das vertentes.

Por toda a parte as arvores fructeiras, as oliveiras, ás vezes laranjeiras, ajuntam os seus tons a esta reunião de côres justapostas, e dão a toda a região o aspecto de arborisação geral.

O milho, o trigo, o centeio, as batatas, os legumes, são as culturas principaes, mas poder-se-ia fazer muitas outras se as terras fossem convenientemente irrigadas no verão.

O tabaco, as beterrabas, as forragens, dar-se-iam admiravelmente com aguas e adubos sufficientes.

A propria producção fructeira teria ainda muitos progressos a realizar.

Por toda a parte a pequena exploração é a regra, subdividindo quasi ao infinito a propriedade média que predomina.

Encontra-se aqui e acolá alguns predios de grande extensão, mas são raros.

A pequena propriedade, pelo contrario, é frequente, mas é quasi sempre tão reduzida, que o camponez ou ha de procurar salario pelo trabalho ou alugar as terras necessarias para completar uma exploração susceptivel de alimentar uma familia. Encontramos, pois, aqui como typos predominantes, os do proprietario pobre ou do pequeno rendeiro que já encontramos na Beira Alta. Pelas mesmas razões, a cultura é rotineira, o

gado raro, a producção limitada, pouco variada, não deixando senão um fraco excedente para a venda. O preço da terra é elevado e não dá senão um juro modico: 4 % para as melhores, sendo ainda as rendas pagas geralmente em generos. Quanto ao camponez, é muito mal pago o seu trabalho, porque não recolhe senão mercadorias de fraco valor e em pequena quantidade.

Á medida que se sóbe as colinas, depois de ter atravessado a villa de Louzã, a paisagem modifica-se. A estrada corre em lances rapidos, atravessando torrentes, dominando pequenos valles mais ou menos profundos, flanqueando escarpados onde se encarrapita a rocha, costeando declives vertiginosos semeados de troncos descoroados e esbranquiçados, vestigios de magnificos bosques de castanheiros que as cobriam ainda ha pouco.

Aqui e acolá, em situações pitorescas vêem-se casas de camponezes construidas de madeira ou bocados de pedra, dispersas segundo a conveniencia de cada um.

Aqui os cultivadores são quasi sempre proprietarios e estabelecem-se sobre o seu bocado de terra quando isto lhes é possivel, em logar de se agrupar na aldêa segundo a prática ordinaria em Portugal. E' preciso dizer que a montanha é tão escarpada que os terrenos proprios para aglomerações não são frequentes.

Ser-lhes-hia pois necessario, se habitassem aldêas, fazer grandes e penosas caminhadas para ir cultivar os campos e conduzir os productos.

Preferem viver isolados, mas ao alcance do seu trabalho. Pelas mesmas razões as communições não são faceis. As quintas e as casas estão ligadas á estrada por carreiros escarpados, pedregosos, encharcados,



onde muitas vezes os transportes não se podem fazer senão ás costas d'um homem ou d'um animal.

O clima geral da região é relativamente frio no inverno. A neve apparece de tempos a tempos e permanece algumas semanas nos cumes.

As chuvas são abundantes no inverno; na primavera, violentas tempestades trazem bruscos aguaceiros que formam em alguns minutos torrentes devastadoras, sobretudo desde a desappareição do castanheiro.

Na vespera da nossa visita, tres moinhos estabelecidos sobre um ribeiro, tinham sido levados por uma tempestade d'este genero.

A rocha muito porosa que constitue este macisso, absorve muita humidade que origina numerosas nascentes de aguas disputadas para as regas.

Os dois recursos principaes do paiz eram outr'ora a vinha e o castanheiro. A primeira fornecia vinhos ordinarios estimados na região; a phyloxera começou a sua destruição ha perto de 50 annos. Desde então uma parte foi reconstituída por vezes sobre cepas americanas; foi uma primeira desgraca que attingiu profundamente esta população de gente pobre.

Comtudo ella estava pouco mais ou menos vencida quando sobreveio uma calamidade maior ainda. De tempos immemoriaes a castanha tinha na alimentação d'estes montanhezes um papel preponderante.

Era fornecida por uma verdadeira floresta que cobria todas as vertentes até á altitude de 400 a 600 metros.

Em menos de 15 annos doença ainda mysteriosa, mas que se crê ser de origem criptogamica, destruiu todos os castanheiros. Via-se primeiro definharem-se, depois seccar inteiros, sem que nada pudesse salvá-os. Foi um desastre completo, porque não sómente esta arvore nutritiva dava fructos para a alimentação e para

a venda, mas ainda sustentava e protegia geralmente as vinhas, consolidava com as suas raízes o terreno das encostas e impedia a sua desnudação, retinha as águas, moderava a força das torrentes e finalmente dava madeira para obra e lenha.

Não é pois de surprehender que a situação economica da região tivesse sido profundamente alterada por este flagelo, que causou muita ruina e muita miseria, sem que tenha sido possível até hoje encontrar o remedio.

Pretende-se mesmo que as privações infligidas á população da serra pelo desaparecimento da castanha modificaram e diminuíram as suas aptidões physicas. Tem sido preciso substituir os castanheiros por culturas mais penosas, mais exigentes e menos productivas, como a do milho, que não tem chegado para cobrir o *deficit*, de maneira que muitos habitantes tiveram que deixar esta terra que não os sustentava.

A familia que vamos estudar habita uma vertente muito inclinada quasi a egual distancia entre a villa de Louzã e a aldeia de Goes.

A casa, uma especie de pequeno chalet construido de madeira, está isolada a 200 metros da estrada; para chegar alli é preciso seguir um carreiro sinuoso na encosta bastante ingreme, em parte coberta de mato cortado, de que se fará um estrume muito inferior.

Com algumas outras casas dispersas na vizinhança, esta fórma um logarejo chamado Codeçaes, que depende da parochia de Serpins, a qual é comprehendida no concelho de Louzã. Codeçaes conta 35 habitantes e encontra-se a 150 metros de altitude.

O solo é argilo-silico, geralmente delgado nos cumes, profundo e fertil nos concavos, onde se encontram boas terras de milho; é preciso muito adubo para obter colheitas regulares de centejo, cevada ou batatas. As

arvores fructeiras e as oliveiras abundam : a figueira entremeia com a vinha nas vertentes mais expostas. Outr'ora a madeira de construcção e lenha era abundante ; é muito mais rara hoje em consequencia da desaparição do castanheiro. A região alimenta bois de trabalho e sobretudo carneiros, cabras, aves domesticas, tudo em pequena quantidade, cada familia cria um ou dois porcos e muitas vezes tem tambem algumas colmeias.

Como recursos mineraes não se encontra até agora senão a pedra de construcção.

Antonio Barata é um homem de 59 annos, pequeno, vivo, d'um trato franco e cordeal, o que é geral entre os camponeses de Portugal ; sua mulher, Anna Maria, de 58 annos, faz aos visitantes estrangeiros um acolhimento sorridente, cheio de amabilidade na sua simplicidade. Ambos produzem uma agradavel impressão de franqueza e de honestidade. Nascidos na região, elles ainda ahi tem o marido, uma irmã e a mulher cinco irmãos. Tiveram elles seis filhos, dos quaes cinco ainda vivos, tres rapazes, Manuel, 26 annos ; Antonio, 21, e Augusto, 22, e duas raparigas, Maria 34 e Julia 32, as duas casadas na visinhança. Uma terceira filha morreu aos 10 ou 12 annos, ninguem da familia se lembra da idade exacta, e seus paes choram-n'a ainda ; foi, assegurou-nos o pae, a unica pena da sua vida e para nos dar uma ideia da intelligencia precoce da pobre rapariga, dizia-nos que ella fazia com as mãos tudo o que via com os olhos.

Além dos seus tres filhos, o aldeão emprega quatro creados tomados na região : dois rapazes de 15 e 12 annos, Francisco e José, e duas raparigas de 16 e 13 annos, Maria da Encarnação e Maria da Piedade.

Toda esta gente é empregada na cultura da terra familiar, excepto a mãe e uma das creadas, que se oc-



cupam da casa. Esta terra veiu-lhe em parte de seus paes e elles dobraram-n'a pouco mais ou menos, á força de trabalhos e economia. Compõe-se em primeiro logar do velho casebre que abriga a familia. É uma construcção pequena, muito simples, de dois andares. O rez do chão é encostado ao monte; uma parte serve de curral d'animaes, emquanto que a outra é occupada por uma cozinha baixa e fumosa, de que a mobilia é uma arca e uns bancos. O primeiro andar é bem illuminado, alegre e conservado com limpeza. D'um lado encosta a um pequeno terrapleno onde acaba de ser construida uma pequena casa de pedra um pouco mais confortavel e espaçosa que a antiga, composta d'um rez do chão destinado aos animaes e d'um primeiro andar que servirá d'habitação. Barata conta installar ahi o filho que se casar primeiro, a não ser que elle proprio ahi se retire quando a idade obstar a que trabalhe. Em segundo logar, tem as terras lavradas. Segundo o uso geral no norte de Portugal, Barata não lhe conhece a extensão exacta; é pelo seu valor em dinheiro sómente que elle aprecia a sua importancia; são plantadas com oliveiras, e em volta da casa crescem numerosas arvores fructiferas e outras que servem de supporte á vinha. Emfim, o nosso aldeão possui bosques, matos ou moitas e antigos castanhaes hoje devastados, onde foi impossivel fazer crescer arvores novas, porque a doença fál-as morrer rapidamente, o que parece provar que a sua causa subsiste no terreno. O conjuncto da propriedade representa um valor de cerca de 16:000\$000, seja pouco mais ou menos de 85 a 90:000 francos. Em superficie, esta terra deve ultrapassar 100 hectares; por isso o proprietario não póde explorá-la toda e aluga uma parte a pequenos cultivadores visinhos, que lhe dão a titulo de renda 14 hectolitros de milho, valendo 40\$000 reis.

Em caso de morte, a partilha dos bens opera-se em commum por porções eguaes, segundo as prescripções do Codigo Civil. Tambem os filhos de Barata, se sobreviverem todos, cahirão na categoria de pequenos proprietarios, possuindo sómente bastante terra, para fazer viver pobremente uma familia.

Como todos os camponezes portuguezes, este não alimenta senão gado pouco numeroso, dada a extensão da sua propriedade. Tem: uma junta de bois de trabalho, um burro de carga para carregos pequenos, 18 ovelhas e 60 cabras. Estas ultimas, que convém muito bem ás pastagens escarpadas da região, fornecem leite, com o qual se faz um queijo estimado. Além d'isso, cria quatro porcos para o consumo da familia e algumas gallinhas e abelhas. O material d'exploração é reduzido á sua mais simples expressão e compõe-se d'instrumentos cuja fórma e valor technico não tem mudado quasi nada desde seculos. O mobiliario que guarnece o casebre limita-se a alguns armarios, arcas, mezas e bancos de castanho ou pinheiro, algumas cadeiras e camas compostas d'uma plataforma de madeira, supportando um enxergão ou um colchão com estopas de linho. Cada membro da familia está provido com uma roupa de panno grosso para o domingo e roupa de trabalho de algodão, assim como roupa branca indispensavel. A mãe mostra-nos, não sem orgulho, os seus objectos d'ouro: um par de brincos que, diz ella, custaram ha já muitos annos, 4 libras sterlinas (100 francos), um cordão e alguns aneis. Tinha outros ainda, mas distribuiu-os pelas suas filhas por occasião do seu casamento. Ter muito ouro, é primeiro um signal de abastança de que se tem vaidade; além d'isso, é muitas vezes um processo d'economia considerado ao mesmo tempo o mais agradavel e mais seguro que todos os outros. O valor total dos animaes, do mate-

rial e vestidos, etc., não ultrapassa certamente 500 mil réis.

Tentemos agora determinar as receitas e despesas d'esta familia que, possuindo uma real abastança, vive nas condições ordinarias do pequeno camponez. Primeiro, a quinta fornece quasi todos os elementos da alimentação: milho, centeio, batatas e legumes, queijo, carne e toucinho de porco, azeite, fructas e vinho, assim como a lenha. Além d'isso Barata vende nos mercados visinhos: 350 medidas (cerca de 50 hectolitros) de milho, valendo 150\$000 (832,50 frs.); 50 de azeite (5 hectolitros), por 100\$000 (555 frs.); 20 de mel (2 hectolitros), por 56\$000 (310,80 frs.). É preciso ajuntar a isto uma pequena quantidade de batatas, algumas carradas de madeira para obra ou lenha, um pouco de queijo, algumas cabras ou ovelhas, tudo no valor de 130\$000 (621,50 frs.). Isto faz uma receita total pouco mais ou menos de 350\$000 ou cerca de 1:950 frs.

Outr'ora, quando a estes generos se juntavam as castanhas e o vinho, o rendimento em dinheiro era sensivelmente superior. E' bastante difficil calcular approximativamente o valor dos productos consumidos pela familia; tendo em conta todas as coisas, este valor deve approximar-se de 3:500 francos pouco mais ou menos. Esta somma representa primeiro a remuneração d'um capital de 17 contos de réis pelo menos, e além d'isso o salario ou o lucro de 9 pessoas. E' para ver a que taxa modica a renda da terra desceu n'esta região. E se assim é a situação d'um homem abastado, imagina-se facilmente o que póde ser a dos muito pequenos proprietarios. Da mediocridade cahiram na miseria.

O modo de vida da familia, sendo muito simples, as suas despesas são pouco consideraveis. Para a alimentação não se compra senão peixe salgado, sardinhas e bacalhau, e um pouco de mercearia. A refeição



da manhã, compõe-se d'uma sopa, peixe salgado e pão de milho; ao jantar, servem com a sopa, um prato de bacalhau ou porco, legumes, mel e fructas e um pouco de vinho; á noite, contentam-se com uma sopa e alguns restos. A despeza annual em dinheiro não ultrapassa, provavelmente, 50 mil reis. A alimentação dos paes e 3 filhos não custa mais de 40 mil reis. Barata gasta além d'isso em salarios, reparações, compras d'inverno, pouco mais ou menos 80 mil reis; paga 28 mil reis d'impostos. Faz tudo isto um total de despezas de 200 mil reis, pouco mais ou menos, que deixa um excedente de receitas quasi igual. Constitue isso um saldo importante e muito raro entre a gente do campo. Graças aos bens que recebeu de herança, aos seus costumes de trabalho e economia, este valente homem pode dobrar a sua pequena fortuna, e manter a sua abstença a despeito das circumstancias desfavoraveis.

Para completar o quadro do modo d'existencia de esta boa gente, digamos que a sua distracção principal, fóra das festas da familia, é a dança organizada todos os domingos em uma tenda, onde os velhos vão tambem para conversar, bebendo um copo de vinho. Se bem que a hygiene seja muito desprezada, as doencas são raras n'este clima, muito sadio. Segundo o uso espalhado entre a gente agricola, Barata tinha contractado um partido annual com um medico da localidade, cujos serviços são muito pouco procurados. Ha em Louzã um hospital e uma d'essas confrarias de caridade tão conhecidas em Portugal sob o nome de Misericordias.

Sobre as 9 pessoas que compõem o casal, só os 3 filhos sabem ler e escrever pouco. Os outros são totalmente analfabetos. Ha uma escola para rapazes e uma para raparigas que as creanças devem legalmente frequentar de 6 a 12 annos; mas esta obrigação cessa

para aquelles, cujo domicilio é distante 5 kilometros. Ora, a familia Barata, encontra se n'esta situação. Além d'isso, se todas as creanças frequentassem as escolas, é provavel que estas se tornariam insufficientes, como acontece n'um grande numero de localidades em Portugal. Assim, na cabeça do concelho, Louzã, pequena villa de 5 a 6:000 habitantes, bastante próspera, não ha senão uma escola de rapazes para 476 creanças tendo a idade escolar e 132 sómente estão inscriptas na escola. Demais esta não é frequentada regularmente senão por 104, as quaes não tem logar na unica sala de 72 metros quadrados que lhe é destinada e foi preciso pôr um certo numero n'uma pequena sala que servia de bibliotheca. Para as raparigas não existe egualmente senão uma escola para 500 creanças, das quaes 66 estão inscriptas e 58 assíduas. Além d'isso, umas 40 frequentam 2 escolas particulares. Estes exemplos são bem frequentes e explicam a insufficiencia persistente da instrucção primaria entre a classe popular.

Sob o ponto de vista religioso, a familia é catholica e todos os seus membros praticantes. Julga-se que estes sentimentos de piedade exercem uma influencia feliz sobre a sua conducta. De resto, a moralidade geral é boa na região.

Os encargos publicos supportados pela familia são os seguintes: ao municipio, taxa de 9\$000 reis (50 francos). Não ha aqui taxa parochial, porque o cura é subsidiado annualmente por uma doação. Ao Estado, 17\$000 (94,30 francos). A somma das taxas indirectas pôde ser calculada em 30 francos, o que faz 170 a 180 francos. Barata é eleitor municipal e politico a titulo de pagar censo.

Esta região montanhosa, fornece desde ha muito uma emigração numerosa activada ainda nos ultimos

annos pela destruição dos vinhedos e dos castanhaes. Os emigrantes dirigem-se em grande maioria para o Brazil e principalmente para Santos. Quasi sempre partem sem recursos, empregando-se como trabalhadores ruraes ou como operarios, ou ainda como pequenos commerciantes ; levam uma grande aptidão para o trabalho, muita perseverança, uma forte educação para o ganho, uma extrema sobriedade unida ao espirito d'economia. N'estas condições elles são bem succedidos na maior parte, mandam dinheiro para a terra, e realisam fortunas algumas vezes consideraveis. Cita-se um emigrado, que partiu pobre, cuja renda actual é calculada em mais de 300 contos de reis. Que tentação para esta pobre gente! A emigração apparece-lhes como uma verdadeira loteria, de que cada um espera ganhar a sorte grande.

Ha em Louzã um bom numero d'estes brasileiros regressados com fortunas, variando de 2 a 40 contos de reis e mais. Quasi todos compram terras, o que as faz subir de preço d'uma maneira exagerada; uns, cultivam-nas elles proprios, os outros tomam rendeiros. Muitas vezes emprestam dinheiro sobre lettras a 5 e 6 % ao anno, senão mais. O seu regresso dá á pequena villa um certo impulso de prosperidade. Engrandeceu-se n'um terço e embellezou-se. Mas não é menos certo que nos campos circumvizinhos, as familias um pouco abastadas, no genero de que acabamos de descrever, são muito raras. A massa da população agricola é composta de pequenos rendeiros, de caseiros, e jornaleiros geralmente pobres senão inteiramente miseraveis, aos quaes a alta dos preços das terras e os flagellos cujos effeitos indicamos, tornam toda a *elevação* muito difficil, senão impossivel. O successo da familia Barata é uma excepção devida a circumstancias particularmente favoraveis, especialmente á vantagem de



possuir desde o principio uma propriedade bastante importante para poder tirar beneficios e realizar umas economias.

• Terminando este quadro da região do norte, somos levados a formular quatro constatações que resultam do exame dos factos.

1.º As condições naturaes do solo e do clima que tornam a agricultura bastante facil, levaram a população a concentrar-se nas provincias do Norte, onde a densidade é grande, a despeito do character accidentado de estas bellas regiões.

2.º A accumulção das familias camponesas n'um espaço relativamente pequeno, levou os proprietarios do solo a retalhá-lo em muito pequenas explorações, porque o aluguer d'estes terrenos é muito facil. A cultura fica assim sob a direcção da classe operaria quasi exclusivamente.

3.º A producção agricola é essencialmente *de viveres* e destinada sobre tudo a alimentar o cultivador. Por excepção, o Norte fornece ao commercio d'exportação uma quantidade de vinho bastante forte. Isto é devido primeiro ás aptidões especiaes do valle do Douro, e em seguida á intervenção dos empregados estrangeiros que teem na mão a preparação e o commercio de vinhos finos.

O azeite é tambem um producto superabundante e exportavel, mas como está nas mãos do lavrador, não corresponde pela quantidade, nem pela qualidade, ás aptidões proprias do paiz. Em outros termos, a população não está organizada para produzir para o commercio, e sobretudo d'exportação, de sorte que o paiz é pobre, apesar das suas vantagens naturaes.

4.º A densidade da população n'um meio pobre produz a miseria e leva á emigração.

Limitamo-nos aqui a formular estas observações

geraes. Dentro em pouco se verá sobresahir todas as repercussões sociaes e economicas que derivam d'ahi. Por agora é preciso continuar a nossa revista das populações agricolas, e vamos deixar os ridentes campos do Norte, para nos transportar d'um salto ao extremo sul.

---

### III

## A pequena cultura do Sul

O ALGARVE, SEUS CARACTERES PARTICULARES. — UM BOCADO D'AFRICA LIGADO Á EUROPA. — JARDINS E POMARES DA ZONA MARITIMA. — A MONTANHA. — COLONISAÇÃO DOS ALTOS PLANALTOS DO ESTE. — RENDEIROS E JORNALEIROS DAS TERRAS BAIXAS. — O ARRENDAMENTO Á MODA BERBERE. — ALDEÕES MONTANHEZES DE MONCHIQUE. — O ATRAZO AGRICOLA NO ALGARVE SUAS CAUSAS E EFEITOS. — O QUE PODERIA SER O SUL PORTUGUEZ.

### O Algarve

O Algarve é uma estreita faixa de terra que fórma a extremidade meridional de Portugal; ella é directamente separada do resto do paiz por uma tira montanhosa. Esta é constituída: pela Serra de Caldeirão, cuja altitude não attinge 600 metros, e cujas ultimas ramificações dominam o valle de Guadiana e depois a serra de Monchique, que ultrapassa um pouco 900 metros.

D'um lado, é o Alemtejo com os seus grandes planaltos quasi uniformes, desertos e aridos; do outro, é um montão de vallesinhos sombreados, d'um aspecto ao mesmo tempo pittoresco e gracioso, que descem por degraus successivos para uma praia com character de



mediterraneo. Inteiramente orientada para o sul, a provincia do Algarve distingue-se perfeitamente da sua vizinha. Pelo seu aspecto, seu clima e sua vegetação, dá a impressão d'uma terra extra-europêa, d'um bocado d'África, ligado por acaso ao nosso continente.

O proprio solo d'esta provincia differe profundamente pela sua constituição geologica do das outras partes do paiz.

É formado por rochas jurassicas, cuja decomposição deu argilo-calcareos d'uma boa fertilidade média. O clima é extremamente bom: o thermometro desce raras vezes abaixo de 5°, e não sobe acima de 34°; devemos dizer que, nas partes mais elevadas, os invernos são um pouco mais frios. Desgraçadamente, as chuvas não são tão abundantes, como seria para de-sejar; a Serra de Monchique, que se curva a oeste, retém as nuvens do Atlantico e rarefica consideravelmente as precipitações no interior da provincia. Durante o inverno, a rega é sufficiente, diminue porém muito na primavera e tanto que a maior parte dos ribeiros do Algarve, merecem o nome do pequeno rio, que cerca Faro com as suas multiplas embocaduras: o rio Secco.

Em contraposição, o macisso de Monchique, gigantesco condensador de vapores, é por assim dizer saturado com humidade; de todas as partes os mananciaes e os regatos rebentam e cantam, no meio d'uma esplendida verdura, para ir immediatamente perder-se no mar.

Poder-se-hia constituir ahi reservatorios que permittiriam dobrar a produção em milhares de hectares. Não entanto, as aguas dos campos são captadas em parte, por meio de processos os mais elementares. Nos fundos cavam grandes poços, munidos de noras trabalhadas por engenhos onde os bois de raça pequena,

andam á roda pacientemente, com os olhos vendados.

Apesar da sua seccura relativa, o Algarve é uma magnifica região, onde prosperam as arvores fructíferas as mais variadas, desde o castanheiro até á palmeira-tamareira; as laranjeiras, as amendoeiras, as figueiras, as oliveiras, as alfarrobeiras, ao pé das cerejeiras, dos pecegueiros, das vinhas, formam deliciosos pomares. Quando o solo é cuidadosamente trabalhado, sufficientemente regado e adubado, produz todo o anno sem interrupção os cereaes, o milho, o milho miudo, os legumes, a batata, a batata doce. Bem cuidada, esta região tornar-se-hia um vasto jardim, produzindo uma grande quantidade de primores que encontrariam facilmente boas vendas nas cidades populosas do norte, sobretudo organisando transportes com este fim. Os cultivadores do Algarve foram arrastados n'este sentido ha uns trinta annos pelas necessidades crescentes dos grandes centros industriaes do estrangeiro. Poderiam fazer mais e levar a provincia a um grau de prosperidade comparavel á de algumas regiões privilegiadas da França, da Hollanda, e Dinamarca. Mas n'esta parte do paiz, como em todas as outras, falta muitas vezes força e elasticidade á mola social. Encontramos aqui, com effeito, um regimen de propriedade e trabalho muito analogo ao que temos observado no norte.

No Algarve, a grande propriedade não existe e a grande exploração muito menos. São a propriedade média e a pequena cultura que predominam. O mais das vezes, o proprietario está ausente, e o seu predio é dividido em um numero de parcelas do valor locativo de 15 a 20\$000 reis, alugados a pobres camponezes. Estes são elles proprios frequentemente proprietarios d'um pequeno bem, insufficiente para os fazer viver, e que elles completam d'essa maneira.

Em alguns casos, o predio é alugado em bloco a um rendeiro principal, que sob-arrenda em parcelas por sua conta e risco. O mais geralmente, o proprietario é representado por um simples agente encarregado de receber as rendas; estas, algumas vezes, são cobradas em generos. Na zona baixa e fertil que se estende entre o pequeno porto de Tavira e o Guadiana, observa-se um arrendamento especial. O camponez lavra, semea e colhe n'uma parcella, de que o proprietario lhe abandona um quinto da colheita, systema que se encontra na Algeria, e em Marrocos. Mais ao Norte, nos terrenos intercalados entre cumes e arvoredos, o solo foi desmoitado e adquirido por operarios agricolas que vão em bandos trabalhar no Alemtejo ou em Hespanha. Elles privam-se de tudo para economisar e tornar-se proprietarios. Esta gente trabalha á enxada o seu bocado de terra, não tendo gado a não ser um burrico, algumas cabras, um porco, ás vezes uma vacca e chegam depois de 30 annos d'um trabalho pesado, a constituir uma pequena terra, quando uma calamidade não vem fazêl-os emigrar para o Brazil ou Africa.

Estes pequenos cultivadores dedicam-se antes de tudo, a produzir os generos vulgares necessarios para assegurar a sua subsistencia, e faceis de vender no lugar, para arranjar o dinheiro destinado ao pagamento do aluguer e algumas outras despezas indispensaveis. Não conhecendo nada das necessidades de fóra, dos generos que ahi se consomem, dos meios de collocar ahi os seus productos, ficam á mercê de alguns commissarios que fazem os preços á sua vontade. Isto explica a rotina da cultura e a pobreza relativa da producção n'uma região tão favoravel. Ainda hoje, apesar do progresso, contentam-se, no Algarve, em viver pobrememente como se faria n'um paiz sem recursos, em lugar de aproveitar as qualidades excepçio-



naes da provincia: para tirar d'ella os maiores beneficios. Um exemplo entre cem, fará bem a demonstração do nosso pensamento. O Algarve poderia dar com profusão as flôres mais bellas e mais raras, mas não as cultivam; e quando as familias opulentas de Lisboa e Porto, precisam ornar os seus salões ou as mesas, mandam-n'as vir de Nice.

Fóra da agricultura, quasi que não ha, no Algarve, senão duas industrias de alguma importancia: a das conservas de peixe e a da cortiça. A primeira está naturalmente concentrada na costa, principalmente em Lagos, Portimão e Olhão, onde se encontram especialmente as magnificas officinas Fialho, para a preparação de sardinhas e atum em azeite. Toda esta costa é, como se sabe, extremamente abundante em peixe e fornece á população um alimento barato. Quanto á industria da cortiça, está concentrada sobretudo em Faro e Silves; mas encontram-se pequenas officinas em muitas aldeias. Estes grupos industriaes, assim como os do Alemtêjo meridional, offerecem aos productos do Algarve um consumo apreciavel.

A insufficiencia dos meios de transporte é, certamente, uma das causas principaes do estacionamento do Algarve. Esta provincia está ligada ao resto do paiz por uma só via ferrea simples, que liga Lisboa a Faro, com um ramal para Portimão, a oeste, e um outro para a foz do Guadiana, a leste. Em todo o resto da provincia não se encontram senão algumas estradas muito mediocres, caminhos sem conservação ou simples trilhos. Assim, os carregos fazem-se na maior parte das vezes sobre burros e mulas ou sobre pesados carros de bois. A pequena cidade de Monchique, situada na montanha do mesmo nome, não é separada do caminho de ferro senão por uma distancia de 10 a 12 kilometros em linha recta. Todavia não existe ne-

nhuma estrada digna d'este nome, para a ligar á estação mais proxima. Para chegar a esta localidade de outra maneira que não seja a pé, é preciso transportar-se pelo caminho de ferro a Silves ou a Portimão e de lá em carro até ao destino, o que representa um rodeio de mais de 100 kilometros. Isto dá uma ideia bastante precisa do isolamento, no qual se encontra a maior parte da provincia. De resto, as povoações são raras. A capital, Faro, não tem senão 12:000 habitantes, e é o centro mais importante de toda a provincia que fica n'uma região essencialmente agricola. Em resumo: o Algarve é uma provincia de gente pobre, de modestos camponezes, entregues a si proprios. Os ricos são raros, mas a miseria é desconhecida. Cada um vive o mais possivel com as suas posses, com uma grande simplicidade, fornecendo um trabalho d'uma actividade mediana, e aproveitando tambem a doçura do clima e a abundancia dos productos quasi espontaneos; do solo e das aguas, como os fructos e os mariscos. Gente de tão limitados meios tambem não faz quasi nada grande e com perfeição. A Associação prestaria n'esta provincia os mais assignalados serviços, se fosse organizada e conduzida por homens d'iniciativa e saber. Ella poderia desenvolver entre os camponezes a instrucção technica, pelas escolas de agricultura e demonstrações pelos campos; a producção pela cooperação em vista da irrigação dos campos e vendas; a segurança e o credito, pelas caixas mutuas de seguros e emprestimos, etc.

Eis uma bella tarefa offerecida á boa vontade dos homens instruidos que no Algarve, como n'outra parte, perdem actualmente o seu tempo nas luctas estereis da politica.

Os dois estudos que seguem, vão fazer sobresahir estas considerações por meio de exemplos. O primeiro

descreve uma familia da região maritima e o segundo um camponez proprietario da montanha.

#### HORTELÃO DE FARO

A primeira familia é a d'um hortelão-jornaleiro dos arredores de Faro, agradável pequena cidade construida no fim d'um valle. O terreno para o interior vae-se ondulando em todos os sentidos e a elevar-se em collina suave para as montanhas do norte. As encostas e os valles são cobertos de campos de cereaes, vinhedos ou pomares. Os altos das collinas, lavados pelas chuvas, são invadidos por moitas que os aldeões queimam de tempos a tempos para fazer uma colheita de centeio. Esta região produz uma quantidade consideravel de fructas: laranjas, amendoas, figos e uvas, etc., assim como alfarroba, especie de vagem com polpa muito assucarada, de que se tirava antigamente o alcool e que serve hoje sobretudo para a alimentação do gado; tudo isso é exportado principalmente por mar, ao mesmo tempo que as conservas de peixe e cortiça.

Faro, vae augmentando e tende a desenvolver-se, apesar de que a sua situação maritima é das mais mediocres. O porto, desprovido de caes e docas, não admite senão barcos calando 2 metros. Os outros devem ficar no mar alto e communicar com a cidade por meio de barcaças. Seria preciso além d'isso, grandes trabalhos para criar ahi um porto de commercio, porque a posição é pouco favoravel. Faro não é só capital, mas tambem o mercado principal de todo o Algarve. Se os meios de communicação fossem melhores, a affluencia dos productos e o trafego maritimo tomariam certamente ainda um desenvolvimento sensivel.



O territorio que o *cérca* divide-se entre a média e a pequena propriedade, mas a primeira occupa uma maior superficie do que a segunda. Visitamos uma quinta situada a curta distancia da cidade, e que representa bem o typo do que se chama a grande propriedade n'esta região. O seu valor é calculado em cerca de duzentos contos de reis. O proprietario que, por excepção, reside no seu dominio, explora uma parte com plantações d'árvores fructíferas, entre as quaes se cultivam cereaes. Queixa-se de doenças varias que atacam as arvores. A laranjeira é atacada pela raiz, secca e morre; a oliveira é furada por um verme, o que diminue o seu valor; a vinha soffre muito com o *phyloxera*. Estes flagellos causaram e causam ainda perdas sérias. Parece, de resto, que se preocupam pouco em combatê-las. O resto da propriedade, situado em terreno plano, é alugado por parcellas de alguns ares a camponezes da vizinhança, que cultivam a batata, os legumes e a cevada. Poder-se-hia fazer tambem com pleno successo plantações de plantas e flores d'ornamento, ou medicinaes, ou para a fabricação de perfumes. Grandes poços foram cavados para attingir a 10 ou 12 metros de profundidade uma camada d'agua muito abundante; cada poço é munido com uma nora que eleva a agua e lança-a n'uma pia, d'onde ella corre por canaes de beton para ir regar todas as partes baixas da quinta. Esta rega é indispensavel n'uma região que não recebe mais de 40 centímetros d'agua por anno. Asseguram-nos que esta propriedade, cuidada pelo dono, dá um excellente rendimento e que os camponezes, com as regas tiram tambem, ao menos, 3 colheitas por anno.

O jornalista que vamos estudar, habita um pouco mais longe, n'uma aldeia chamada Conceição, construida ao pé mesmo das collinas que cercam Faro, a

24 metros d'altitude. Conta 1:150 habitantes, quasi todos cultivadores. O solo, argilo-calcario, é d'uma boa fertilidade e os poços fornecem muita agua. Uma estrada liga a aldeia á capital. O chefe de familia tem 48 annos e sua mulher 45. Teem 3 filhos; Manoel 25 annos, Gertrudes 21, João 15. O pae do jornaleiro, viuvo e d'idade de 69 annos, habita com a familia.

O nosso homem exerce a profissão de jornaleiro-hortelão; cultiva com a ajuda de sua mulher e de sua filha mais nova, um jardim de 16  $\frac{1}{2}$  ares, alugado n'uma quinta e regado com agua de poço, onde colhe legumes que leva ao mercado da cidade, assim como as fructas d'um pomar que lhe pertencem. Além d'isso, tambem trabalha fóra muitos dias como operario agricola. Seu pae, seu filho mais velho e sua filha, trabalham egualmente no campo. Esta familia possui: 1.º a casa em que habita, em parte construida de pedras tapadas com argila e parte de madeira; atrás encontra-se uma córte, com um curral, um celleiro, um forno, um chiqueiro. A habitação, dividida em 3 quartos, está limpamente caiada fóra e dentro. 2.º um pomar em terreno secco, isto é, privado de poços, de uma superficie de cerca de 2 hectares e plantado com arvores fructiferas; laranjeiras, amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras, etc.; entre as arvores semea-se a cevada e trigo. O valor total da casa e do terreno é calculado em 350\$000 reis (um pouco mais de 1:900 frs.) o producto annual médio é de 22\$000 reis (120 francos pouco mais ou menos). Ajuntemos que o codigo civil é applicado no Algarve, sem nenhuma reserva, o que obrigaria a partilha em caso de morte dos paes.

Os animaes a sustentar são: uma vacca que lhe pertence toda e vale 67\$500 reis, (370 francos); uma outra vacca, com a sua vitella, valendo 72\$000 reis (pouco mais de 400 francos) sendo esta criada a meias com

um proprietario visinho, que forneceu o animal, mediante partilha dos productos; dois bacorinhos criados nas mesmas condições, isto é, com a partilha do producto por metade, avaliados em 9\$600 reis (cerca de 52 francos); um jumento 18\$000 (100 francos); oito galinhas 2\$400 reis (13,30 francos). O material limita-se a uma charrua, com algumas ferramentas de mão, valendo tudo 4\$800 reis (27 francos). O mobiliario, muito simples, comprehende: duas camas de ferro, duas camas de taboas, um aparador, uma commoda, uma meza, seis cadeiras, uma arca pequena, uma machina de costura, tudo no valor de 40\$000 (220 francos) em que se comprehende um pouco de roupa, e alguns utensilios de cosinha. O activo total eleva-se a 500\$000 reis pouco mais ou menos. Tentemos agora determinar as receitas annuaes.

Ellas provém primeiro, dos productos vendidos, a saber: amendoas 3\$600 reis (20 francos), milho miudo 2\$800 reis (15,50 francos), feijões 1\$400 reis (7,75 francos), batatas 6\$000 (33,30 francos); legumes 6\$000 (33,30 francos), aves domesticas e ovos 5\$200 reis (28,60 francos), productos dos animaes 18\$060 (400 francos); total 44\$000 reis pouco mais ou menos. É preciso juntar o salario dos dias empregados fóra: os homens são pagos a 280 reis (1,55 franco) o que para um conjuncto de 600 dias representa um total de 168\$000 reis; a rapariga recebe 120 reis (0,66) seja para 250 a 260 dias pouco mais ou menos 30\$000 reis. Chegamos assim a um total geral que deve approximar-se de 242\$000 reis, anno normal.

A avaliação das despesas pôde estabelecer-se assim. O aluguer do jardim, é de 10\$000 reis (55,50 francos). As despesas d'alimentação são cerca de 40\$000 reis. As compras d'inverno necessarias para a exploração não ultrapassam quasi 10\$000 reis. A alimentação for-



recida em parte pelo jardim e pomar é como sempre muito frugal. O pão de rala, o peixe muito abundante e barato, o milho miudo, os legumes, são com um pouco de vinho os alimentos ordinarios. Esta gente não come carne senão raras vezes.

As compras limitam-se pois á mercearia, ao peixe, ao vinho, e de tempos a tempos um bocado de carne de porco ou carneiro, seja uma despeza diaria de cerca de 360 reis, o que representa no anno uma somma de 140 mil reis. O imposto directo leva 3\$200 reis e é preciso contar para imprevistos 10 mil reis, conta redonda. O total póde variar entre 200 e 240 mil reis segundo as circumstancias.

Vê-se que a differença entre a despeza e a receita é fraca e não permite uma economia importante. *Além d'isso, ainda ha poucos annos, os filhos ainda não estavam em idade de trabalhar como jornaleiros.* As entradas eram pois sensivelmente menos fortes, ha alguns annos, e a familia passou então momentos difficeis.

O modo de viver d'estes pobres camponezes, é seguramente muito limitado mas a sua phisionomia franca e alegre, as poucas complicações das suas necessidades, a doçura do clima, permittem-lhe supportar facilmente a sua pobreza. A casa é conservada com uma grande limpeza, mas os cuidados do corpo são muito desprezados. Pelo que diz respeito á saude, preocupam-se pouco.

Com pequenas indisposições e para casos mais graves, consulta-se não o medico, de quem se desconfia e que custa muito caro, mas um curandeiro charlatão, geralmente o barbeiro da aldeia que trata os seus clientes pela sangria, e por remedios simples.

A familia paga-lhe um ajuste em generos, fixado em 20 litros de milho miudo por anno. Encontra-se

tambem alguns especialistas de bruxarias e adivinhos.

Entre esta categoria de trabalhadores, é-se guloso de distrações; todos os domingos, vão depois do jantar á taberna, os moços para dançar, os outros para jogar as cartas, ou a malha. Além d'isso, limitam-se geralmente a beber alguns copos de vinho; a bebedeira e a desordem são raras.

Esta familia, como as suas vizinhas, quasi não póde contar senão comsigo mesma, porque os auxilios externos faltam d'uma maneira quasi completa. A gente abastada é muito rara, e a parochia não tem instituições caritativas; o hospital mais proximo é em Faro, e onde não vão senão na ultima extremidade. Fez-se uma tentativa de occasião entre vizinhos, especialmente para a debulha do milho miudo, mas cada um é muito pobre para poder occupar-se muito dos outros.

É preciso pois arranjar-se de maneira a tirar do negocio o melhor proveito com os poucos meios de que dispõem.

A instrucção é muito fraca n'este pequeno grupo. O mais velho dos filhos sabe lêr pouco e escrever. O mais novo aprende actualmente, mas sem muito successo. Todos os outros são analphabetos. A parochia está provida d'uma escola mixta administrada por uma professora. As crianças deveriam frequentar dos 6 a 12 annos, mas ella é muito insufficiente. Sob o ponto de vista religioso, esta gente limita-se á missa do domingo e a observar a communhão. Além d'isso, o espirito religioso é fraco em todo o Algarve. Os encargos publicos supportados pela familia são: o imposto predial que monta a 2\$820 reis (15,60 frs.), divididos entre o municipio e o Estado; a taxa parochial, 200 reis (1,10 fr.). As taxas indirectas devem elevar-se a 8\$000 reis. O pae fez 3 annos de serviço militar; o mais velho,

tendo tirado na sorte um numero alto, ficou directamente na reserva. O chefe da familia é eleitor municipal e politico a titulo de contribuinte.

O Algarve não recebe quasi nenhuma *imigração*, e a mão d'obra é sufficiente para as necessidades. Em compensação envia para fóra, sobretudo para o Brazil e Argentina, um bom numero d'emigrantes. Alguns voltam, mas em contrario do uso espalhado nas outras provincias, muitos fixam residencia na sua nova patria. Deriva provavelmente d'este facto que muita gente do norte parte depois do casamento, deixando a familia na terra. No Algarve este caso é mais raro; os emigrantes partem livres, o que lhes permite casarem-se fóra e lá ficar.

A esta categoria de trabalhadores não falta nem intelligencia, nem ardor para o trabalho, nem mesmo muitas vezes espirito d'economia. Mas elle mantem-se na sua posição mediocre pela taxa muito minima dos salarios que resulta da fraca actividade do commercio dos productos agricolas. Por falta de vendas sufficientes, os preços permanecem baixos, os lucros são restrictos, a cultura permanece rotineira, pouco variada, relativamente pouco productiva. Ella não póde empregar senão uma mão d'obra muito barata. A população soffre portanto, afinal pois, o peso d'uma situação que ella não póde modificar só pelo seu esforço. A classe dos pequenos proprietarios e rendeiros não é tambem mais favorecida porque, pelas mesmas razões, ella não terá de seu trabalho senão um insignificante lucro, quando com uma melhor organização da agricultura e do commercio, poderia, n'uma verdadeira abundancia, transformar a situação economica d'esta região.

A familia que acabamos de descrever representa um typo muito frequente em toda a provincia, mas sobretudo na zona maritima.



## ALDEÃO DE MONCHIQUE

A segunda monographia diz respeito a um aldeão-proprietario dos arredores de Monchique. A serra de Monchique, fórma no angulo sudoéste de Portugal um macisso muito pittoresco. Os seus contrafortes estendem-se a uma grande distancia, descendo d'um lado em declive bastante suave, até ao oceano, e formando do outro uma península prolongada que termina em dois promontorios celebres: o Cabo de S. Vicente e a Ponta de Sagres. É sobre esta ultima que a tradição colloca o observatorio de Henrique, o Navegador, este principe que foi, dizem, o grande promotor das empresas maritimas dos Portuguezes. Sabe-se porém de facto que este movimento foi determinado por causas complexas, e não pela iniciativa d'um só homem. Estas montanhas, de que a mais alta attinge 905 metros, são bastante elevadas para deter e condensar os vapores vindos do mar, mas ellas não teem comtudo uma altitude sufficiente para constituir uma zona fria. Assim, graças ao seu sólo fertil e ás chuvas relativamente abundantes que ellas recebem, estão cobertas todo o anno, da base ao cume, d'uma magnifica vegetação.

As collinas são plantadas de castanheiros e sobreiros, pinheiros, etc., e os pequenos valles são tapetados de jardins, pomares, campos de milho e outros cereaes; o sobreiro, occupa as partes mais sêccas. A cultura é feita por meios muito primitivos. A rega é relativamente aperfeiçoada; as aguas são conduzidas e distribuidas por meio de canaes subterraneos. Como o aldeão se mostra trabalhador, o resultado é bastante satisfatorio. O clima é temperado, um pouco humido no inverno, sobretudo nas partes mais elevadas, mas comtudo muito sadio: mandam para a montanha numerosos doentes das regiões visinhas, quer para respirar um ar mais

tonico e mais fresco, quer para tomar as aguas thermaes que ahi brotam. O centro principal da região é a pequena villa de Monchique que, apezar dos seus 5:000 habitantes e a sua illuminação de acetylene, tem todas as apparencias d'um burgo ordinario, com as suas ruas tortuosas e accidentadas e as suas casas pequenas e baixas. Não é senão, com effeito, um mercado agricola, sem industria, muito isolado; dissemos já que esta cidade não é ligada ao caminho de ferro que atravessa a serra a alguns kilm. a léste. A unica estrada boa é a que desce d'um lado para Portimão, situado a 24 kilm., e do outro para Sazaia, a 27 kilm. Os outros caminhos são quasi todos sem conservação e pouco mais ou menos impraticaveis no inverno. N'estas condições, o transporte das mercadorias torna-se muito oneroso, o que paralyza a sua exportação. Com bons meios de communicação, esta região poderia fornecer ao commercio talvez dez vezes mais productos que ella lhe dá actualmente.

A grande propriedade é muito rara na montanha. Encontram-se alguns predios, cujo valor póde attingir 200 a 400 contos de reis (1 a 2 milhões de francos). Mas a média e a pequena propriedade são as que occupam a maior superficie: A pequena propriedade é frequente. Além d'isso, a pequena exploração é a regra, e fazem-a quer os proprietarios, quer os rendeiros, que muitas vezes pagam a sua renda em generos.

Muitos proprietarios da terra applicam tambem este systema de contracto elementar que já assignalamos, pelo qual o operario se encarrega de cultivar uma parcella mediante o abandono d'uma parte da colheita que varia do quinto á metade. As gentes d'esta região são, em geral, avidas no ganho e muito economicas, a sua ambição é adquirir um bocado de terra, ou arrendá-la para explorar de conta propria.

Muitos individuos, a fim de completar os seus recur-

sos, entregam-se a certos fabricos domesticos ; uns fazem calçado para os fabricantes das grandes cidades e principalmente Lisboa, outros trabalham em esparto ou cortiça ; os seus salarios são minimos : 240 reis por dia. Existem tambem alguns pequenos centros, onde a industria das rolhas se mantem com operarios especialistas, que são os mais desmoralizados de toda a provincia. <sup>1</sup>

Em resumo, esta magnifica região, poderia tornar-se em centro muito proveitoso para criação — actualmente a carne é muito rara ; á excepção do porco e carneiro. A producção das novidades e das fructas seria facil desenvolvê-la, tendo os seus mercados nas grandes cidades do norte. Por agora e provavelmente por muito tempo ainda, é uma região de gente pobre, vivendo concentrados sobre si proprios, n'uma condição que se eleva muito raramente acima da pobreza, e em muitos casos confina com a indigencia.

A familia Palmeira, habita uma aldeia de 150 habitantes, chamada Caldas de Monchique e situada n'um estreito valle, na altitude de 250 metros, isto é, perto de 200 metros abaixo do logar principal. Aguas thermaes brotam naturalmente da montanha. Uma estação thermal, installada n'este logar, attrahe todos os annos um milhar de aquistas, vindos quasi todos do Algarve.

O valle é dominado por encostas tão abruptas, que a cultura não se pôde lá introduzir ; ellas são em parte cobertas com castanheiros ou pinheiros ; sobre os cumes não se encontram senão moitas de matos espinhosos. Dois ribeiros reunem-se nas caldas para formar uma pequena ribeira ; as suas margens estreitas são cobertas de culturas — milho miudo, batatas, legumes e pomares que se elevam até a uma certa altitude

---

<sup>1</sup> A industria da cortiça atravessa uma dura crise. V. a monographia do rolheiro do Barreiro na quarta parte.



por meio de terraços cuja construcção exige muito tempo e trabalho. Os bosques de castanheiros dão madeira, castanhas, e uma pouca d'herva. Os doentes que frequentam as thermas deixam no paiz algum dinheiro, o que se sente em toda a visinhança e tambem em Monchique.

Manoel de Palmeira tem 30 annos, e sua mulher Julia da Gloria 27; tem uma filhinha de 2 annos. O marido é proprietario cultivador; faz-se ajudar de tempos a tempos por jornaleiros; mas muitas vezes recebe, de seus visinhos, uma ajuda que elle tambem lhes presta por vezes. A mulher trata da casa, trabalha um pouco nos campos, e faz dias como lavadeira. Além d'isso, Palmeira prepara carnes de conserva e carvão de madeira para vender em Portimão e Monchique.

O casal possui por herança: 1.º uma casa muito pequena e pobre comprehendendo uma cozinha, um quarto e um forno; 2.º um terreno d'uma extensão de cerca de 30 hectares, da qual a maior parte não é cultivavel em razão do declive excessivo. Tudo junto vale pouco mais ou menos 600,000 reis. Aqui, as successões são regidas exclusivamente pelo codigo civil; dizem-nos a este respeito que não é habitual na região fazer disposições testamentarias; tambem acontece frequentemente que as familias são arruinadas por liquidações judicias, cujos gastos são excessivos.

A casa é guarneçada com um mobiliario rustico de castanho, a cama é um simples colchão collocado sobre as arcas onde se guarda a semente colhida. Os moveis e os utensilios reduzem-se de resto ao necessario. A roupa é feita á mão com o linho fiado pela mulher no inverno. Logo que esta gente tem necessidade de vestes ou sapatos, mandam vir aos dias o alfaiate ou o sapateiro, o que permite pagar ao menos parcialmente em generos o salario do operario.

A familia vive principalmente dos productos da terra e, além d'isso, vende em pequena quantidade feijões seccos, batatas, laranjas, azeite, ovos e algumas gallinhas. O total das vendas não ultrapassa, anno médio, 600,5000 reis. <sup>1</sup>

Além d'isso, esta gente encontra recursos accessorios notaveis, primeiro no seu pequeno commercio de carne defumada, e sobretudo com a affluencia dos aquistas, que, durante o verão, consomem os productos locais, e empregam os aldeões, assim como os seus burros, como guias e como cavalgadas para passeios na montanha. Deve-se dizer que este trabalho é remunerado em condições muito variaveis, segundo a generosidade dos clientes. O salario habitual dos jornaleiros não ultrapassa 240 reis para os homens, e a metade d'esta importancia para as mulheres.

As despesas principaes da familia tem por fim a alimentação e a conservação. A alimentação é frugal; compõe-se principalmente de pão, legumes, milho miudo, castanhas, fructas, peixe salgado, e um pouco de carne de porco. Bebe-se vinho e tambem, em quantidades mais ou menos fortes, aguardente fabricada com o fructo do medronheiro. A conservação é pouco custosa porque as roupas de trabalho são simples e as de domingo duram annos. Graças a esta serie de circumstancias favoraveis, as familias d'este typo podem realisar economias que empregam, bem entendido, em augmentar a propriedade. Constatamos já muitas vezes o amor dos camponeses portuguezes pela terra. Aqui, disputam tão asperamente as melhores parcellas, que o seu preço augmentou muito acima dos limites razoaveis, enquanto que o rendimento baixou a pouco.

---

<sup>1</sup> Estes calculos são aproximados porque esta gente não tem escripta.

A maneira de viver das Caldas de Monchique e arredores, apresenta certos traços mais accentuados que os já observados. A abastança relativa dos pequenos proprietarios, numerosos na região, desenvolveu o credito n'uma certa medida, *por isso, paga-se quasi sempre a dinheiro*; aqui os commerciantes esperam de boa vontade que os seus clientes tenham realisado o dinheiro; de resto, os maus pagadores são raros. Se a vida em familia é extremamente economica, não se póde dizer o mesmo da vida exterior, sobretudo na taberna, onde se passa uma boa parte do domingo a jogar a bola ou as cartas e bebendo aguardente. A bebedeira é muito frequente, e parece que leva a casos de degenerescencia lastimavel. Fóra da ajuda mutua que se prestam occasionalmente, esta gente não tem nenhum apoio exterior. Comtudo os pobres são raros. Quando é necessario, tratam alguns no estabelecimento thermal e existe em Monchique um hospital; a caridade particular faz o resto.

Os esposos Palmeira não sabem ler nem escrever, como a maior parte dos seus vizinhos, entre os quaes se contam 80 % d'analphabetos. Existem em Monchique escolas gratuitas, mas são insufficientes e pouco frequentadas. O espirito religioso é geralmente fraco entre esta população.

Os impostos directos pagos pela familia são: o imposto predial, lançado pelo Estado e montando á somma de 10\$000 reis; a taxa municipal, que attinge aqui o maximo legal, monta para o nosso aldeão a 6\$000 reis; emfim, 500 reis para o serviço do districto. Quanto ao imposto indirecto, deve ser calculado á razão de 7 % das despezas de conservação e alimentação.

Esta curta noticia, que nos mostra um typo espalhado nas montanhas de Monchique, revela uma situação sensivelmente differente da que temos observado



precedentemente. Os pequenos proprietarios d'esta região, favorecidos pela abundancia da producção fructifera, especialmente da castanha, teem uma existencia mais assegurada, mais facil, que a das gentes da mesma categoria em outras partes do paiz. Tambem esta região é uma das que fornece a menor emigração. Mas a estreiteza do meio onde as encostas abruptas repellem muitas vezes toda outra cultura que não seja a do castanheiro, torna extremamente difficil a educação do typo, que fica limitado a uma mediocridade pacifica.

Para crear n'esta serra uma riqueza mais larga e meios de successo mais efficaz, seria preciso abrir vias de comunicação faceis e crear industrias locais utilizando a força hydraulica e as materias primas de que a região é bem fornecida. Tirar-se-iam maiores vantagens do que as que as Caldas deve aos aquistas que frequentam as suas thermas, porque a influencia d'esta multidão ociosa é bastante nociva sob o ponto de vista moral. Isso não quer dizer porém que a industria dos estrangeiros seja para desprezar. Esta região tão pittoresca e tão salubre, seria muito propicia para um estabelecimento sanatorio destinado aos doentes attingidos com affecções chronicas e tambem para estação de villegiatura. Dar-se-ia assim aos productos da região um mercado local apreciavel.

A vida publica tem aqui pouca intensidade. Os negocios municipaes são dirigidos por homens de pouca instrucção, subordinados dictatorialmente ao administrador de *concelho*, delegado do governo. Quanto aos negocios do Estado, ninguem os comprehende, e fazem-se as eleições sob a direcção dos chefes dos partidos que, por meio de favores e promessas, se disputam as influencias. É uma agitação meramente superficial, com o inconveniente porém de dividir a população em

bandos com rivalidades e intrigas que dão origem, muitas vezes, a lamentáveis inimizades e odios.

Estas rápidas observações bastam para mostrar que a situação da pequena cultura, é actualmente a mesma no Algarve como nas provincias do norte. Carece, n'uma como na outra região, de direcção, de conhecimentos technicos, de material e de capitaes. Persiste na rotina de processos de cultura invariaveis desde ha muitos seculos. As regas, tão necessarias para a exploração agricola em um paiz assim, praticam-se por fórma tão elementar que não utilizam, por assim dizer, senão as aguas que por si proprias se apresentam ao seu alcance immediato. As obras d'arte necessarias para aproveitamento dos recursos hydraulicos faltam, por assim dizer, completamente. Os gados, por falta de alimentos, acham-se reduzidos ao minimo e a sua deficiencia é causa da penuria de estrumes, e, portanto, tambem das más fundas da terra. Por isso a pequena cultura apenas consegue alimentar mediocrementemente os cultivadores e estes não fornecem ao commercio senão uma pequena quantidade de productos geralmente sem selecção e de má qualidade, que vendem por preços baixos, na visinhança. Entretanto, como as rendas são, por vezes, pagas em generos, tambem os proprietarios mandam productos ao mercado. Isso porém nada influe na natureza e qualidade dos generos e mostra bem a que ponto o dinheiro falta aos camponeses. Sendo assim tão pobres não pódem ser bons freguezes das industrias, facto de consequencias graves que mais adeante veremos. O centro do paiz apresenta-se com differente aspecto para a pequena cultura, por isso que a grande cultura exerce muita influencia devida ao seu papel preponderante. No emtanto lá se encontra tambem a pequena cultura dando resultados que será interessante apresentar para comparação.

## IV

### A grande cultura no centro

**EXTREMADURA E ALEMTEJO — A GRANDE PROPRIEDADE, OS GRANDES RENDEIROS E AS GRANDES LAVOURAS — O TRIGO E A CARNE — O REGIMEN DE INTERVENÇÃO LEGISLATIVA E SEUS EFEITOS — A ESPECULAÇÃO DA AGRICULTURA — A CULTURA DAS ARVORES: A BOLOTA, A CORTIÇA, A AZEITONA — OS ARROTEAMENTOS — A PEQUENA CULTURA: SEUS CARACTERES PRINCIPAES NA REGIÃO — CONCLUSÕES.**

No correr dos capitulos antecedentes, passamos do norte ao sul deixando de parte a região central, onde tudo é differente do resto do paiz, quer quanto á estrutura geographica e geologica do sólo, quer quanto á organização do trabalho agricola. D'ahi resultam naturalmente consequencias particulares ás duas provincias que formam esta região. Tornava-se, pois, necessario estudá-las separadamente, começando pela Extremadura. O regimen d'esta ultima apresenta um aspecto intermediario entre a condição das costas do norte ou do sul e as das terras d'alémtejo. A pequena exploração não desempenha o papel exclusivo que nós constatamos n'outra parte, mas a grande propriedade ainda não é visivelmente preponderante. No Alemtejo, ao contrario, a situação é bem definida. Ali vamos nós



encontrar sobrepostos todos os typos de propriedade, desde as herdades immensas até aos mais humildes predios rusticos, e tambem todas as variedades de exploração: grangeio directo pelo grande proprietario, lavouras colossaes, humildes ceareiros. Mas aqui, a grande propriedade e a grande exploração occupam a terra n'uma grande extensão. É este, pois, um estado de coisas diametralmente opposto áquelle que nós já conheciamos. Nada ha mais interessante que o paralelo entre duas situações tão differentes de que nasceram problemas não menos diversos.

### I. — A grande cultura na Extremadura

A antiga provincia da Extremadura alarga-se sobre as duas margens do Tejo formando aproximativamente um grande triangulo do qual o vertice voltado para o sul coincide com a embocadura do Sado, emquanto que a sua base ao norte extrema com a Beira. É uma planicie inclinada de Leste para Oeste, d'uma elevação mediocre e da qual a composição geologica é bastante complicada; é formada sobretudo de areias miocènes repousando sobre rochas antigas. Como as precipitações pluviaes são facilmente absorvidas pelo solo arenoso, os ribeiros são raros e pequenos, com excepção do grande rio que traz ao oceano as aguas das altas terras do interior.

O clima é em geral suave; o thermometro raramente desce abaixo de zero. Em compensação elle sobe por vezes no verão até 40 graus. O calor então cresta tudo o que não é sufficientemente irrigado e a região torna-se arido deserto, com excepção das vinhas e dos variados arvoredos. O alegre e verde valle do Tejo fórma o meio d'esta paisagem serena: é um longo oasis

d'uma admiravel fertilidade. No inverno, pelo contrario, a chuva faz nascer por toda a parte uma vegetação abundante e fresca, que dá á região um aspecto gracioso e agradável.

N'estas vastas planicies, mais ou menos onduladas e quasi montanhosas a Leste, a cultura não se estende ainda a todo o terreno disponivel. Charnecas, abrolheiros e bosques de pinheiros cobrem as partes mais elevadas e as mais aridas. Os valles cruzados pelos arroios, ao contrario, são por vezes pantanosos a ponto de n'elles semearer arzoaes, que são muito mal amanhados, o que concorre ainda mais para tornar o curso das aguas irregular. Emfim no grande valle inferior do Tejo se encontram grandes terrenos incultos cobertos de uma herva mediocre, apesar de o solo ser formado por uma alluvião rica e profunda. Isto porque o rio, frequentemente engrossado pelas chuvas de inverno e pela maré que sobe acima de 30 kilometros a montante, se estende sobre as suas campinas e as impregna de sal. Em logar de defender estas boas terras contra a agua salgada para fazer d'ellas campos fer-teis ou magnificos prados, os proprietarios deixam-nas no estado de pastagens onde trazem os touros selvagens destinados á lide.<sup>1</sup>

Constituiu-se uma sociedade portugueza para fazer render os seus terrenos quasi incultos e abandonados; 60:000 hectares foram adquiridos e por meio d'um poderoso material, arrotea os terrenos, deixa que as chuvas os lavem de todo o sal, drena-os, explora-os, cultivando milho, cereaes e pastos e depois revende

---

<sup>1</sup> As corridas de touros são apreciadas em Portugal, mas não tomam aqui o aspecto de matança sangrenta, como succede nas corridas hespanholas.

com proveito. Esta iniciativa é tanto mais interessante quanto é certo que é extremamente rara.

Até uma época recente, a grande propriedade nobre, ecclesiastica ou communal occupou na Extremadura um logar quasi exclusivo. Era dividida quasi sempre em pequenas explorações, arrendadas ora em contractos temporarios, ordinariamente pagos em generos, ora concedidas a colonos sob a fôrma de fóros ou *emphyteuses* perpetuos. Já sabemos como os morgadios e o direito de primogenitura foram supprimidos no correr do ultimo seculo para ser posta em vigor a partilha por igual e como tambem os fóros perderam o seu valor, porque o estado chamou a si o direito de mutação por fallecimento, não deixando ao proprietario senão um laudemio no caso da cedencia da *emphyteuse*, facto não frequente. <sup>1</sup>

D'aqui resulta já um movimento consideravel no estado da propriedade; se bem que o codigo civil tenha previsto um periodo de transição, a partilha igual foi applicada immediatamente e quasi sem excepção; bastantes terrenos foram subdivididos e vendidos; grande quantidade de fóros foram transformados por resgate em perfeita propriedade; os bens religiosos foram retalhados e vendidos. De tudo isto resulta que, hoje em dia, na Extremadura se vêem justapostos todos os typos de propriedade: grandes, <sup>2</sup> médias, peque-

---

<sup>1</sup> Os municipios proprietarios de charnecas consentem sempre na constituição de fóros, para favorecer o arroteamento. O colono constroe então uma casa na sua pequena propriedade e completa os seus recursos por meio de salarios ganhos nas propriedades vizinhas.

<sup>2</sup> Um proprietario das proximidades de Santarem, depois de ter vendido uma parte das suas terras, deixou ainda uma propriedade de 4:000 hectares, que foi dividida por seus quatro filhos.



nas e minúsculas. A fragmentação augmenta e ameaça de pulverisar a propriedade, pois que ella não se reconstitue senão difficilmente, depois de passar ás mãos do camponez.

Resulta d'estas circumstancias uma evolução social muito interessante, que tem sido favorecida tambem por differentes causas secundarias. Á terra, estando mobilisada e dividida, faltavam os compradores. Os maiores lotes foram comprados por capitalistas de fóra, pelos burguezes enriquecidos pelo commercio, pela industria ou pela immigração, aproveitando as circumstancias favoraveis. Tambem os camponezes puderam comprar e tornar-se proprietarios com as economias que fizeram pelos salarios recebidos durante o periodo de activa plantação de vinhas nos terrenos arenosos quando o vinho valia dinheiro e se reconheceu que essas terras produziam bem.

Este exemplo foi seguido por pequenos commerciantes e artifices e tanto que no espaço de cincoenta annos um movimento ascencional notavel se produziu entre a população operaria d'esta provincia. Actualmente este movimento continúa, ainda que as circumstancias sejam menos favoraveis por causa da crise sobrevinda no commercio dos vinhos. Entre os grandes proprietarios da região, alguns residem nas suas terras ou nas proximidades e occupam-se d'ellas com actividade e intelligencia. Mas a maior parte d'elles está ausente e ignora completamente o que convem ou não á agricultura. Comtudo, bastantes de entre elles, tomados pela ambição do lucro, plantaram grandes vinhedos, preferindo a cepa americana depois da invasão do phloxera. A gente meuda tem ganho mais com isso, como atrás dissemos, do que talvez os proprios patrões. Com effeito, estes, depois de terem plantado os terrenos arenosos, que dão um vinho bastante alcoolico, mas

em pouca quantidade, estendem as plantações de vinhedos até aos terrenos de alluvião, que fornecem um producto abundante mas mais fraco. A baixa de preços, por excesso de produção, causou a fallencia da especulação, obrigando os proprietarios a regressar ao parcellamento e levando-os por vezes á liquidação forçada. O preço das terras, que tinha chegado em certos casos até 1:000,000 reis o hectare, <sup>1</sup> em consequencia d'isto desceu a um valor muito mais baixo. Estas tentativas de grande cultura teem, comtudo, a vantagem de ter trazido áquelle paiz alguma instrucção e um certo progresso nos utensilios; se bem que tudo isso fosse precipitado de mais para dar resultados coordenados e completos. Ao menos este exemplo parcial e imperfeito serviu para demonstrar o que poderia ser a provincia se fosse cuidada por uma élite de proprietarios exploradores, experimentados e instruidos. Mas d'estes ha muito poucos.

Se bem que o vinho seja a produção principal da Extremadura, ha lá outras mais. A oliveira prospéra em quasi toda a provincia e é um recurso precioso. Infelizmente, encontramos ali as mesmas difficuldades e os mesmos prejuizos que no norte. <sup>2</sup>

Por isso a qualidade média do azeite é mediocre, por falta de se poder trabalhar o fructo com a promptidão e precauções necessarias. Um proprietario de Almeirim, o senhor conde do Sobral, melhorou a produção de quasi toda a vizinhança, montando um lagar bem aparelhado. O camponez que traz a sua colheita para a fazer prensar, paga em dinheiro ou em azeite:

---

<sup>1</sup> Nos alluviões.

<sup>2</sup> Vêr mais atrás a monographia do camponez proprietario de Mirandella.

o bagaço é frequentemente repartido e serve para o sustento do gado.

Depois da vinha e do olival, vem o milho, os cereaes: o trigo, a cevada e centeio, as batatas, os legumes e os fructos. O milho é semeado em terras profundas e frescas, o trigo nas médias e o centeio nas charnecas, que arroteiam de tempos a tempos, depois de annos de pouso.

Muitas d'estas terras arenosas são mediocres, comtudo poderiam melhorar por meio de complementos, adubos e irrigações. Nas montanhas que bordam a região encontrar-se-ia a agua necessaria, e poderiam crear-se reservatorios artificiaes. Pensou-se n'isso e iniciou-se um canal hoje abandonado.

Poder-se-ia tambem, provavelmente, utilizar as cheias do Tejo, que se elevam a um nivel consideravel, para se reter uma parte das aguas e empregá-la depois a jusante. Mas para fazer tudo isto e tambem para melhorar os valles pantanosos, era preciso que a provincia fosse habitada por um bom numero de proprietarios ricos e experimentados, munidos de capital e sabendo associar-se para emprehenderem obras de utilidade commum. Seria tambem necessario que os agricultores tivessem liberdade de organizar e conduzir as suas culturas sem esbarrar a cada instante com os obstaculos administrativos, fiscaes ou politicos. <sup>1</sup>

Na Extremadura encontra-se grande quantidade de gado agricola.

Nas campinas baixas criam-se os cavalloos destinados á sella e ao tiro ligeiro; os touros bravos e os

---

<sup>1</sup> Vêr, mais atrás, a exposição da legislação sobre a cultura da vinha. Sobre a dos cereaes e sobre o commercio da carne, mais adeante encontraremos detalhes.



bois de trabalho; estes animaes são mandados para as pastagens logo que a herva começa a nascer, isto é, em novembro, e ahi ficam até julho; o estio passam-n'ó debaixo dos telheiros, onde se sustentam de palha, de cevada e de milho. O carneiro occupa as charnecas e os pousios. Muitos porcos novos são expedidos para o Alemtejo, onde engordam nos montados de boleta.

Uma cultura mais racional sobre as terras melhoradas permittiria crear muito mais gado, para exportação de carnes e de lacticinios, quer para Lisboa, quer mesmo para o estrangeiro.

A população rural da provincia é bastante rara; <sup>1</sup> comtudo, apezar da vizinhança da capital, a mão de obra não falta porque as industrias não estão ainda bastante desenvolvidas para roubar os braços da cultura. Os camponezes são sobrios, agradaveis e sufficientemente laboriosos. Elles não precisam mais que ser bem encuadrados e bem conduzidos para produzirem bastante. Era preciso tambem desenvolver as vias de communicação porque, se bem que a provincia seja atravessada por algumas vias ferreas, algumas boas estradas e um bom rio, faltam-lhe, comtudo, caminhos secundarios, principalmente na parte oriental.

---

<sup>1</sup> O districto de Lisboa não conta mais de 89 habitantes por kilometro quadrado, tendo 7:941 kilometros quadrados; o districto de Santarem, 43 habitantes por kilometro, tendo 6:680. O districto do Porto tem 260 habitantes por kilometro quadrado; a sua extensão não é mais que o terço da de Lisboa, mas a cidade tambem é mais pequena.

## II. — Caseiro d'Almeirim

Para precisar bem o que precede, vamos descrever em breves traços um camponez das proximidades de Santarem. <sup>1</sup>

Almeirim é um grande burgo de 6:000 almas, situado em uma vasta planície que se estende na margem esquerda do Tejo. Está ligada a Santarem, cabeça do districto, por uma linda estrada plantada de arvores, a qual atravessa o rio por uma ponte de mais de um kilometro de largura. Esta ponte foi construida por uma sociedade que cobra um direito de portagem. A maior parte da população agricola da região está agrupada nesta villa em ruas irregulares, mas aceadas, ladeadas de casas baixas estreitamente apertadas umas contra as outras e cuidadosamente branqueadas com cal. Os terrenos circundantes são leves e pobres, exceptuando as do valle fluvial. As chuvas não ultrapassam a altura de 60 centímetros, das quaes 6 ou 7 durante o estio, que é por conseguinte muito arido.

Manuel Vinagre, de 42 annos, é descendente d'uma familia rustica da localidade; tem dois irmãos e tres irmãs que vivem igualmente da terra. Sua mulher Maria Pistola, da idade de 40 annos, é tambem do sitio; seus irmãos e irmãs no numero de 4 são tambem cultivadores na visinhança. Teem dois filhos: José de 7 annos e Elisa de 4. Esta familia possui a sua casa composta de quatro compartimentos com as dependencias necessarias: estabulo e celeiro; d'um lado a morada abre sobre a rua, do outro sobre um cerrado ao mesmo tempo horta e pomar. Além d'isso ella é pro-

---

<sup>1</sup> Observações colhidas com o concurso do senhor Conde do Sobral, proprietario agricultor em Almeirim.

prietaria d'uma quintasita de 3 hectares de terreno approximadamente, parte plantada de vinha e o resto de cereaes, batatas, etc.

Esta pequena propriedade não basta para garantir o sustento da familia e por isso Vinagre se vê obrigado a procurar trabalho fóra. É empregado regularmente em casa d'um grande proprietario, o que lhe rende 400 reis diarios, e onde desempenha o papel de capataz. A mulher occupa-se do serviço da casa e auxilia a cultura da quinta, bem como d'um terreno de 3 hectares que tomaram de renda.

Este terreno é arenoso, pobre e secco; é plantado de vinha, batata e aveia, mas o rendimento é muito pequeno por falta de estrume. Esta pequena exploração fornece á familia a melhor parte das suas subsistencias, permittindo-lhe vender algumas pequenas quantidades de vinho, de trigo, de batatas, etc. Para cultivar as suas terras, Vinagre não dispõe senão d'um jumento e de alguns utensilios rudimentares. A maior parte do trabalho é manual, e para qualquer coisa de maior recorrem á benevolencia do patrão ou de qualquer visinho mais remediado. Engordam tambem um porco para a matança e algumas gallinhas.

A mobilia da casa é constituida unica e simplesmente pelo indispensavel: camas feitas sobre duas pranchas de madeira onde estendem o colchão, arcas com roupa branca, mesas, bancos, cadeiras rusticas e alguns utensilios. Animaes, mobiliario e todo o material não valem mais de 100\$000 reis. Como a casa e quinta são avaliadas approximadamente em 600\$000 reis, o activo total póde ser calculado em 800\$000 reis.

Combinando estes differentes elementos vemos que, além do dinheiro que consome, a familia tambem recebe em dinheiro: o salario do marido, ou seja em média por 250 dias, a 400 reis diarios, uma somma de



100 mil reis ; o producto das vendas da colheita, ao todo, uns annos por outros, approximadamente 100 francos (20\$000 reis). O total será comprehendido entre 100 e 130 mil reis. Examinemos agora as despezas. A conservação das roupas brancas e dos vestidos, que são d'uma simplicidade grande, exige pouco mais ou menos 22 mil reis por anno. A alimentação, que consta de tres refeições, tem por base o pão de milho e a batata ; juntemos a isto legumes, um pouco de peixe salgado (sardinhas e bacalhau), de quando em longe uma pouca de carne de porco e vinho em pequena quantidade. As despezas necessarias para este ordinario não exceedem 20 a 22 mil reis para as compras na mercearia, de sabão, de peixe salgado, etc. Juntando a isto 6 mil reis para meudos e imprevistos, 5\$600 reis pela renda de terras e 6\$600 reis de contribuições, chegaremos á cifra total de 68 mil reis approximadamente, o que deixa uma exigua margem para economias. É assim que, graças ao seu salario de capataz e a umas pequenas economias, Vinagre tem conseguido constituir a sua pequena fortuna formando uma reserva que, em caso extremo, nunca seria a miseria. O modo de vida d'estes camponezes é pois reduzido á expressão mais simples. A sua vida é extremamente laboriosa ; não conhecem quasi nenhuma distração, tirando algumas reuniões de familia, a festa do patroño da terra e alguma conversa entre visinhos depois do jantar do domingo. Os dois esposos são completamente analphabets ; mas têm o desejo de fazer instruir seus filhos, dos quaes o mais velho vae já á escola gratuita. Esta é, diga-se de passagem, insufficiente para receber todas as creanças em idade de ir á escola. Os esposos Vinagre são catholicos de origem, mas não observam nenhuma prática religiosa.

Os encargos publicos que pesam sobre este humil-

de campones elevam-se a 6\$000 reis, pouco mais ou menos, tanto para a communa como para o Estado. As taxas indirectas podem ser calculadas nuns dois mil reis. Vinagre não fez serviço militar, tendo-se livrado pelo sorteio. É eleitor a titulo censitario. A região recebe uma certa imigração temporaria de obreiros ruraes vindos da Beira-Alta para os grandes trabalhos periodicos. A emigração é pouco activa, pois que a população sendo d'uma densidade restricta póde encontrar trabalho e viver, na verdade bem pobremente.

Em resumo, encontram-se nesta provincia bastantes fazendeiros e trabalhadores que se aproximam d'este typo, embora geralmente inferiores. Muitos pequenos rendeiros estão tambem em situação analoga, raras vezes superior.

Quanto ao typo que acabamos de apresentar, elle vive apoiado sobre uma grande lavoira visinha, que lhe dá o salario indispensavel. Sem ella a sua situação seria bem mais precaria, porque o trabalho seria mais irregular e menos bem pago.

No que respeita aos grandes proprietarios já temos dito alguma coisa d'aquelles que, não explorando directamente, se limitam á especulação da vinha. As suas tentativas têm dado pouco resultado, pois que, voltando-se cegamente e todos simultaneamente para a cultura demasiado especialisada, causaram a sobreprodução e aviltamento dos preços.

Voltaram-se para o governo, que não lhes póde dar senão auxilios artificiaes e arbitrarios. Assim é que elle tentou diminuir a produção prohibindo novas plantações. Esta medida molestou talvez os proprietarios possuidores de terras proprias para a vinha, e isto para permittir a sua conservação em terrenos mais proprios para outras culturas. Isto não bastou para

melhorar os preços, como vimos ao estudar o vinhateiro do Douro. Quanto aos proprietários que se occupam em explorar os seus domínios d'uma maneira racional e completa, esses obtem bastantes resultados. Mas todos aquelles de que temos fallado se queixam amargamente de tres obstaculos que estorvam constantemente as suas operações: a mobilidade da legislação que faz e desfaz os systemas economicos e os regulamentos administrativos; a agitação politica, tão contraria á marcha regular dos negocios; a excessiva intervenção do fisco em todas as transacções. Apesar disto elles fazem sérios esforços para aperfeiçoar os methodos e a ferramenta, melhorar o gado, augmentar as fundas e elevar a qualidade dos productos. Todavia os esforços são ainda dispersos e insufficientes n'uma região onde ha tanto que fazer.

No Alemtejo a grande cultura é muito mais frequente. Vejamos qual a sua situação e quaes os resultados que ella obtem.

### III — A grande cultura no Alemtejo

Sob o ponto de vista social, bem como agricola, o Alemtejo é certamente uma das regiões mais curiosas e das menos bem conhecidas da Europa.<sup>1</sup> Ao sul do sulco profundo cavado pelo Tejo estende-se um vasto planalto seguido ao da Extremadura; este planalto vae baixando em degraus de leste para oeste, formando immensas planicies onduladas. O seu horisonte é limitado ao oriente por cadeias de montanhas de altura medio-

---

<sup>1</sup> Este estudo foi-nos grandemente facilitado pelo concurso prestimoso de M. M. F., proprietario-agricultor em Evora, e J. de Mattos Braamcamp, engenheiro.



cre, das quaes os cumes desnudados se projectam sobre o ceu em arestas vivas.

Ao sul collinas elevadas limitam o horisonte e separam esta provincia da do Algarve, tão profundamente differente. Numerosos cursos de agua cortam a região, mas, se as suas aguas são bastante abundantes de inverno, succede muitas vezes no verão ficarem sem uma gotta de agua, salvo em caso de trovoadas. Com frequencia os valles não teem na sua parte inferior senão uma inclinação mediocre e o mais insignificante obstaculo retem as aguas estagnadas e malignas formando pantanos temporarios, onde teem sido semeados alguns arrozaes.

O solo d'esta região é formado principalmente por espessas camadas siliciosas e na parte montanhosa por schistos e porfiros. Mesmo entre estes ultimos vê-se reaparecer a areia, principalmente nos altos valles do Sado e do Guadiana. O valor d'estes terrenos é muito desigual. Geralmente permeaveis e pobres quando a areia predomina, elles são muito bons e por vezes mesmo excellentes, quando a crosta aravel contém tambem elementos argilosos, ou é de alluvião. Comtudo o bom terreno é antes a excepção, pois que se vêm extensas regiões quasi desprovidas de vegetação, tão pobre é o solo em elementos nutritivos e tambem em humidade. E, com effeito, o clima d'esta região é d'uma seccura excessiva. No inverno a chuva é bastante para fazer nascer uma camada de verdura por toda a parte onde o solo o permite,<sup>1</sup> mas durante o verão as chuvas tornam-se muito raras, a temperatura é muitas vezes torrida, subindo o thermometro por vezes acima

---

<sup>1</sup> Muitas vezes a chuva torrencial empobrece o solo lavando-o da terra mobilizada e sobretudo do humus.

de 50°. Então toda a vegetação desaparece, excepto a dos arvoredos. A região depressa toma um aspecto desolado e os lavradores tem de sustentar os animaes com elementos sêccos : palha e grão.

Concebe-se que, n'um meio tão especial, a propriedade e a cultura não podiam deixar de tomar uma physionomia muito particular. A fraca fertilidade do solo e a aridez do clima tornaram por assim dizer impossivel a colonisação espontanea da região; e por isso ella foi por muito tempo quasi um deserto. Hoje ainda, a despeito de circumstancias favoraveis, a população do Alemtejo não vae além de 16 a 17 habitantes por kilometro quadrado, emquanto que no norte passa dos 100 e attinge 43 a 51 nas provincias visinhas, Extremadura e Algarve. Por conseguinte, a grande propriedade devia ser dominante n'esta região pouco hospitaleira, e com effeito, ali se vêm muitas propriedades que contam milhares de hectares. Esses latifundios mantinham-se antigamente pela transmissão integral a titulo de morgadios. Depois da promulgação do codigo civil e da suppressão do direito de progenitura, a situação tende a modificar-se pelo desmembramento dos grandes dominios. Mas este movimento tão pronunciado n'outras partes, é contrariado e retardado aqui pela natureza do logar. Para que a pequena e mesmo a média propriedade se possam formar, é preciso que a sua exploração sustente uma familia, ou que esta encontre recursos na visinhança pelo trabalho assalariado. Ora, no Alemtejo, os terrenos susceptiveis de se constituirem sem preparação prévia, em pequena propriedade normal, são bastante raros; na maior parte dos casos seria preciso primeiro proceder a grandes trabalhos de adubaçào, de rega e de viação para proporcionar ao camponez o lote de terra que elle possa cultivar por si só.

Em geral, por falta d'essa operação tão custosa, não se pôde tirar partido do terreno senão pela cultura extensiva de pequenas fundas em grandes superfícies. Por isso succede que a grande propriedade — e a média ainda menos — não bastam para constituir uma exploração vantajosa. Vê-se n'esta provincia lavradores que agrupam e exploram ao mesmo tempo muitas herdades, contando cada um centenas e mesmo milhares de hectares, exactamente como, em outras regiões, outros tomam de arrendamento campos pertencendo a diferentes proprietarios e medindo apenas alguns ares.

Ha vinte annos para cá vê-se comtudo a pequena propriedade nascer e progredir em algumas partes do Alemtejo. Isto devido a que o regimen da cultura tem soffrido ha meio seculo approximadamente modificações profundas. É interessante o estudo d'esta evolução. Primitivamente toda a região estava, provavelmente, revestida d'uma floresta quasi contínua composta sobretudo de duas essencias que se dão admiravelmente n'este terreno leve e sêcco: o carvalho-azinho (*quercus-ilex*), e a carvalho-sobreiro (*quercus suber*).<sup>1</sup>

Depois da reconquista, para dar logar aos rebanhos de carneiros, fizeram-se pelo fogo largas abertas n'estas florestas. Mas a valorisação da cortiça e a engorda dos porcos fizeram replantá-las outra vez. Estas duas variedades de carvalhos cobrem actualmente no Alemtejo 450 mil hectares, formando um immenso massiço florestal que occupa uma grande parte da provincia e tende a alargar-se de anno para anno. Estas

---

<sup>1</sup> O pinheiro foi tambem introduzido na provincia e propagou-se principalmente no littoral; o eucalipto tambem pegou bem quasi por toda a parte. Notamos tambem que a pereira brava crescia naturalmente em abundancia, o que parece indicar que a região é favoravel ás arvores de fructo.



florestas fornecem uma quantidade importante de bolota, avaliada em 150 a 160 milhões de kilos por anno.

Já dissemos que as terras descobertas se enrelvam de inverno sob a acção das chuvas. Recursos espontaneos se offerecem, pois, aos proprietarios: herva para a creação do carneiro e bolota para a do porco. É por isso que o Alemtejo foi durante seculos o reino dos pastores e dos porqueiros, vivendo nas charnecas e montados com alguns carvoeiros, n'um perfeito estado de barbaros. Quando chegavam os calores do verão, os carneiros iam em rebanhos immensos procurar a herva até aos altos planaltos das serras da Beira-Alta, d'onde regressavam no outomno. Quanto aos porcos, ainda hoje vão para as florestas desde a primeira queda da bolota, no principio do outomno que se renova muitas vezes até janeiro. Estes animaes engordam rapidamente e são vendidos nos mercados antes da primavera. Assim, o Alemtejo era uma região quasi exclusivamente pastoril e deserta, excepto nas visinhanças das suas raras e antigas cidades: Evora, Beja e alguns povoados muito dispersos. É assim que ainda hoje se descreve o Alemtejo em certos livros de geographia e comtudo as coisas teem mudado bastante.

O numero de carneiros augmentou muito, e a transhumancia é pouco mais que de memoria. Do antigo codigo estabelecido pelos proprietarios, para facilitar a passagem e o sustento dos seus rebanhos sobre as dezenas de leguas do territorio, não subsiste senão um pequeno numero de regras applicaveis quando os animaes passam de uma herdade a outra ou são dirigidos para as feiras atravessando as propriedades d'outrem.

Já não é permittido aos pastores deitar fogo ás charnecas, no estio, para as renovar e facilitar o crescimento da herva no outomno, com o risco de incendiar os bosques. Agora os rebanhos são demorados sobre

as terras cultivadas para as penetrarem do seu estrome. A população de gado vaccum tem, pelo contrario, diminuido, porque sendo todas as boas terras consagradas á cultura dos cereaes, faltam forragens.

Mas o que tem principalmente progredido são as lavoiras. Diversas causas tem concorrido para chegar a este resultado. Primeiro, apesar de que Portugal se não tem desenvolvido tanto quanto o poderia fazer, tem comtudo realisado um progresso innegavel que tem engrossado as cidades, augmentando o consumo, multiplicando os capitaes, activando o trabalho. O Alemtejo aproveitou d'esse movimento certamente mais que as outras provincias e isto por varias razões. Primeiramente, era mais novo, menos dividido, menos explorado, convidando portanto mais aos empreendimentos. Mas sobretudo aproveitou de medidas artificiaes que é necessario analizar aqui.

Em outros tempos Portugal foi exportador de trigo. Mas este facto era devido a circumstancias muito especiaes que desappareceram. Actualmente pôde-se dizer que a cultura do trigo em grande escala é de aquellas que menos correspondem ás necessidades do país. Com effeito, para que a cultura do pão seja vantajosa, é preciso reunir tres condições essenciaes e necessarias: 1.º O solo e o clima devem ser propicios; em Portugal os climas e os terrenos propicios ao trigo são raros; as fundas são fracas, tanto mais que os adubos faltam e o grão não tarda a degenerar, o que exige uma selecção attenta das sementes. 2.º As explorações devem ser bastante extensas, aliás, como o trigo é uma mercadoria de valor relativamente pequeno e de consumo corrente, o lavrador guarda para si a maior parte e não manda para o mercado senão quantidades insignificantes. É esse o caso nas provincias do norte e do sul, onde a terra é cultivada em explorações ín-

finas; no Alemtejo, ao contrario, dispõem de grandes superficies, mas a terra é má para o trigo por falta de calcareo e de humus. 3.º A cultura do pão, quando seja um pouco intensiva, exige muito trabalho e adultos e tambem vigorosos animaes de tiro e bom material, quer dizer, exige um capital importante; ora tudo isto falta simultaneamente em Portugal e tanto assim que se limitavam as sementeiras a uma cultura extensiva, produzindo fundas muito baixas. Assim se explica como Portugal se tornou desde ha muito tempo importador de trigo, sobretudo para alimentação das cidades, porque os campos nutrem-se de pão de milho e de centeio, cereaes mais em harmonia com a natureza do paiz e com os meios e processos da gente. Em 1888, de repente, um advogado de Lisboa cogitou que Portugal devia produzir o trigo que consome. Declarou logo que convinha despertar o *leão dos campos* e fazê-lo rugir, afim de obrigar os poderes publicos a proteger os seus interesses.

Estas phrases sonoras obtiveram um grande successo e uma viva campanha dirigida nesse sentido foi sustentada pelos proprietarios territoriaes que viam uma boa occasião de augmentar o rendimento das suas herdades. Do seu lado, os politicos apressaram-se, como sempre, em explorar o movimento e foi assim que o governo foi arrastado a uma aventura da qual as circumstancias e os effeitos se resumem da seguinte maneira.

Pretendia-se, primeiramente, parar a exportação de ouro extinguindo a importação de trigo, depois, evitar o excessivo encarecimento do pão, e finalmente impellir a agricultura para a producção do trigo pela garantia de preços remuneradores. Depois de varias tentativas conseguiu-se, em 1889, edificar um systema completo que certas pessoas, em Portugal, consideram



simplesmente como uma obra prima de legislação. Brevemente veremos se esta admiração é justificada.

Estudemos primeiro as bases e os principaes detalhes de combinação. Um *Mercado Central de Productos Agricolas* foi creado em Lisboa para a regularisação do commercio dos cereaes. Este mercado não é outra coisa, na realidade, senão uma administração interposta entre o productor, obrigado a vender a preço fixo, e o consumidor, que não tem liberdade de comprar onde lhe agrade, porque a importação do trigo é prohibida. De julho a outubro, os agricultores nacionaes são convidados a declarar as suas disponibilidades e os moageiros são obrigados a prover-se exclusivamente d'aquelles, pagando os cereaes segundo uma tabella dupla que applica, ao trigo duro d'uma parte e ao molle de outra, uma escala de preços graduados segundo o peso por hectolitro.

Em novembro o commercio é admittido por seu turno a declarar as suas existencias; a administração verifica as declarações pela visita dos armazens e estabelece a estatistica do stock geral em trigo do paiz. A quantidade achada é dividida em 8 partes eguaes, que a moagem deve absorver, mez por mez, até julho do anno seguinte.

Se a colheita não é sufficiente para cobrir as necessidades — o que se dá sempre — auctorisa-se a importação da differença em trigos estrangeiros, mediante um direito de alfandega proporcional. Para evitar tanto quanto possivel as fraudes e as desigualdades os moageiros são submettidos a uma fiscalisação rigorosa. Cada anno são recenseados, calcula-se a sua capacidade de fabricaçaõ e determina-se a quantidade de trigo nacional que cada um deve comprar. Antes de poder comprar o trigo de importação o moageiro é obrigado a provar que recebeu e transformou a parte que lhe

foi distribuida no stock nacional. Além disso regulamentou-se o fabrico das farinhas. Estabeleceram-se administrativamente typos, de cada um dos quaes o moageiro deve tirar do trigo que moeu uma quantidade determinada. Esta industria está, pois, continuamente exposta a inquietações. Mas ainda ha mais. A fim de facilitar a fiscalisação administrativa e de evitar as probabilidades de fraude, limitou-se o numero de padarias nas duas grandes cidades, Lisboa e Porto. De resto todo o municipio que a peça pôde obter a applicação d'esta medida com a tabella official do pão. Tal é o conjuncto de medidas artificiaes e arbitrias, ás quaes se tem successivamente recorrido com o fim de realisar uma valorisação uniforme dos cereaes e de excluir a concorrência estrangeira. Resta agora saber a que resultados se chegou pela applicação d'este systema complicado, tão afastado da natureza das coisas e do jogo natural das forças sociaes e economicas.

É fóra de duvida que o alto preço artificial do trigo tem desenvolvido a sua cultura d'uma maneira notavel, e são principalmente as p'ovincias do centro, com as suas grandes lavoiras, que teem sido beneficiadas com o augmento. Terras incultas teem sido arroteadas e carregadas de adubos chimicos por lavradores emprehendedores que, além d'isso, importaram material de cultura consideravel. Esforços dignos de menção e capitaes importantes teem sido dispendidos, trabalhadores ruraes recrutados no norte, correram ao appello dos lavradores. Apesar d'esta curiosa febre de emprehendimento, sustentada por uma protecção rigorosa, não se tem comtudo conseguido ainda estender as sementeiras de fórmula a fornecer ao consumo todo o trigo de que tem necessidade.

Na realidade a importação mantem-se perto de 10 milhões de quintaes, e isto por duas razões. Primeiro,

a inaptidão da região, junta ás condições geraes da agricultura portugueza, não permitem elevar as fundas de maneira que se produza bastante trigo para valer ás necessidades d'uma população bem mais numerosa que outr'ora; depois o desenvolvimento das cidades tem elevado o consumo mais depressa que a producção. Portugal continúa, pois, a importar grandes quantidades de cereaes e simplesmente os paga muito caros. Avalia-se com effeito em 80%, em média, o augmento artificial do preço do pão no mercado lusitano, o que representa uma bella quantia, pois que o augmento pesa sobre todo o trigo, quer seja nacional ou importado. Quem paga então este enorme premio? Todos os que devem comprar o seu pão, sobretudo os operarios da industria. E quem aproveita? É o que nós devemos examinar com cuidado.

Quando se inventou o systema que acabamos de resumir, elle excitou entre os lavradores do centro uma grande concorrência. Apressaram-se a alugar terras para semear de trigo e os proprietarios aproveitaram-se d'isso naturalmente para elevar as rendas. Asseguraram-nos que as rendas subiram em poucos annos de 200 a 300%. Quer isso dizer que os proprietarios se aproveitaram largamente do regimen de 1889. Por isso o acham excellente, o que não deverá surprehender ninguem. Os rendeiros teem menos motivos de contentamento.

Sendo as terras pobres de cal e azote, era preciso estrumá-las abundantemente, mas como o estrume animal falta, substituem-o por adubos chimicos e principalmente superfosfatos. Esta prática tem graves inconvenientes, porque elle exgota depressa um terreno pouco fertil; custa bastante caro e não dá senão fundas bem mediocres. Por conseguinte o resultado não é aquelle com que se contava e o melhor do preço de favor crea-



do pela protecção é partilhado : entre o proprietario geralmente *ausente* e que fica com a parte do leão ; o negociante de adubos e de machinas, que é estrangeiro ; o trabalhador rural necessario para preparar o solo e para a colheita.<sup>1</sup> O rendeiro, principal motor da empreza, é quem ganha menos, e o que é mais grave ainda é que lhe crearam situação precaria e perigosa. É precaria porque a colheita está sempre ameaçada por um clima tão desfavoravel ; é perigosa, porque a sorte da lavoira está á mercê de qualquer mudança de politica. A suppressão brusca do systema traria a ruina do rendeiro, o qual deixaria ao proprietario uma terra empobrecida e d'ahi em diante sem arrendatario.

Um systema artificial leva naturalmente e sempre á especulação. Esta deu-se com effeito e causou uma actividade febril, exagerada e desordenada. Viu-se certos proprietarios e rendeiros, e por vezes até simples trabalhadores modestos, arrendar por rendas á compita milhares de hectares afim de explorar o mais depressa possivel a situação excepcional creada pela lei. Um simples singeleiro da região de Evora chegou a reunir por este processo nas suas mãos 32 herdades differentes medindo milhares de hectares. É evidentemente impossivel dirigir d'uma maneira normal e regrada uma tal exploração ; é um rasgo arrojadamente intentado para tirar proveito d'uma sorte passageira, nada mais. Não devemos pois fiar nas apparencias, que escondem uma situação mal equilibrada assente sobre um privilegio instavel e não sobre o correr natural das forças productivas e das necessidades de consumo. Póde-se dizer que nestas condições o trabalho agricola está ba-

---

<sup>1</sup> Sem fallar do capitalista que não faz emprestimos senão por grande juro.

seado, no Alemtejo, sobre uma taxa injustificada e abusiva, e não sobre uma remuneração natural e voluntária. Que o abuso desapareça e, repetimol-o, tudo desabará.

Mas, dir-se-ha, porque se renunciaria ao systema, se elle tem concorrido para desenvolver a cultura no centro? Bastaria conservál-o para manter as posições adquiridas e evitar o desastre. A solução do problema é pois simples, diz-se. Não, não é tão simples como parece, vamos vêr porquê.

Acabamos de dizer que a situação se baseia sobre um privilegio abusivo. Nunca um privilegio pôde durar indefinidamente. Todos os que d'elle sobrem se applicam naturalmente a minál-o pouco a pouco e a destruil-o. No caso presente o privilegio é tanto mais duro quanto é certo que pesa sobre as classes menos abastadas, das quaes o pão é o alimento principal. Por isso a lei dos cereaes é um augmento terrível para os politicos avançados que, não sem razão, accusam a classe dos proprietarios que enriquecem á custa do pobre. Os proprietarios estão arriscados a pagar bem caro um dia os seus proveitos actuaes. Ha a considerar tambem que a applicação do systema dá logar a fraudes das mais revoltantes. É impossivel com effeito pôr em vigor um regimen tão complicado sem dar origem a mil abusos. Assim, um homem habil e sem escrúpulos consegue quasi sempre illudir a vigilancia dos agentes do fisco e a exceder os limites que lhe são marcados pela lei. Um declara mais trigo do que tem e aproveita-se da ignorancia ou das necessidades de dinheiro dos visinhos para augmentar a sua existencia. Outro fabrica farinha a mais do que a parte que lhe foi distribuida. Um terceiro, avisado por indiscreções administrativas das proximas auctorisações de importação, faz secretamente avultadas e excessivas compras no

estrangeiro. Sociedades se constituem para explorar o monopolio das padarias e realizar bons lucros sobre o pão, não obstante a tabella. Em todos os casos a fraude recae quer sobre o rendeiro, que vende mal apesar do systema, quer sobre o consumidor que é quem paga todas as despezas da especulação. E dia a dia o descontentamento cresce tornando a situação cada vez mais incerta.

Seria além d'isso um erro grande acreditar que os proprietarios, hoje tão favorecidos, venham a tirar de tudo isto um grande proveito real.

Tem todo o cabimento acreditar-se que os rendeiros pouco a pouco desanimados pelos resultados cada vez mais exiguos dos seus esforços, serão levados a abandonar a partida e por fim hão-de deixar as terras exaustas, difficeis de utilizar e sobretudo de arrendar. Por outro lado terriveis odios se aguçam e terão occasião de se satisfazer. Em todos os casos, o proprietario auzente e incauto será finalmente a victima do seu proprio erro, talvez mesmo o *bode expiatorio* das intrigas politicas e dos odios populares. Sómente os trapeceiros bastante habeis para illudir a vigilancia fiscal escaparão da aventura com proveito. Temos de convir que este resultado não será de molde a dar ao systema uma consagração lisongeira. E sem duvida, estudando o fundo das coisas, vê-se claramente o revez. A importação do trigo persiste assim como o agio sobre o ouro ; a cultura dos cereaes continúa imperfeita e cara. O consumidor é explorado desapiedadamente sem utilidade real para o paiz. Mais valia seguramente voltar gradualmente, prudentemente, a uma situação natural e normal, deixando ao mercado dos cereaes a liberdade de que elle necessita para funcionar com proveito commum ao productor e ao consumidor. A combinação do mercado central é talvez engenhosa, mas é absolu-



tamente opposta ás condições do logar, aos interesses das classes mais pobres, á organização regular do trabalho. Esta combinação extravagante é prenhe de desastres que esperam Portugal ao mesmo tempo na sua situação financeira e na sua organização politica. Isto parece sobresaír com evidencia dos factos actuaes.

O abandono do systema não teria como effeito a precipitação da crise? Eis uma pergunta que todo o homem de Estado fará com anciedade antes de se resolver a tocar na lei dos cereaes. Uma reacção brusca não deixaria certamente de causar um desastre. É por isso que já dissemos que um regimen transitorio se impõe. Este regimen causaria desde logo uma baixa das rendas das propriedades que, voltando a um nivel razoavel, permittiriam aos rendeiros nova orientação. As provincias do centro podiam ser cultivadas de outra maneira que não pela sementeira. O trigo, que nasce mal e do qual o preço é aliás pequeno, devia ser substituido vantajosamente por outras culturas mais bem adaptadas ao clima e mais proveitosas tambem. A producção das raizes e outras forragens artificiaes permittiriam a creação de mais gado, fabricar manteiga e carne. A creação das aves domesticas, a producção fructifera,<sup>1</sup> a dos legumes seccos e outras ainda, permittiriam, sem duvida, continuar a obra do desenvolvimento agricola no centro. Mas para isso seria preciso traçar caminhos, melhorar as terras, fazer construcções ruraes, captar e distribuir a agua, abrir talvez poços artesianos, enfim colonisar as duas provincias. Será isto um sonho de theorico? De modo algum, visto que alguns proprietarios teem já estabe-

---

<sup>1</sup> O clima do centro seria favoravel á preparação de fructas sêccas: damascos, maçãs, uvas, que são d'uma facil venda nos paizes do norte.

lecido grandes explorações com bom rendimento e além d'isso teem fixado familias camponezas, com o auxilio das quaes arroteam os terrenos incultos, constituindo assim grupos de pequenas explorações. A combinação da grande e da pequena exploração pela iniciativa esclarecida dos proprietarios, eis a fórmula do futuro, a verdadeira condição do progresso fundamental e definitivo.<sup>1</sup>

As lavoiras immensas de hoje, são apenas accidentes, fructo de circumstancias transitorias e artificiaes. Não correspondem nem á extensão do paiz nem á sua população. São tão anormaes aqui quanto são justificadas na Argentina ou no centro dos Estados Unidos. Emquanto subsistir, a situação actual será falsa e perigosa. São portanto os proprietarios que teem na mão a chave da situação, e nada é mais logico nem mais legítimo. Se elles persistirem descuidando as suas attribuições e deveres como donos da terra, esta fugirá das suas mãos; isto é fatal. A elles compete, pois, instruirem-se e bem comprehenderem o sentido real das coisas e olharem pela exploração normal do solo com intelligencia e proficiencia. Quando

---

<sup>1</sup> Vimos este movimento de transformação operar-se d'uma maneira interessante, notoriamente no norte do Alemtejo, onde grandes superficies de terreno estavam incultas. Estas terras eram magras, pastagens naturaes, seculares, sobre areias pobrissimas. Arroteadas e adubadas deram algumas ceareas de trigo e agora são outra vez pastagens plantadas de oliveiras, ou então de azinheiras ou sobreiras que se desenvolvem vigorosamente. Tambem teem sido plantadas de vinhas, especialmente as do Sr. J. M. dos Santos, junto de Pinhal Novo, que medem mais de 10:000 hectares; para as cultivar o proprietario estabeleceu lá cerca de mil familias, formando um notavel grupo de colonisação. Este exemplo devia ser estudado detalhadamente a fim de vulgarisar os processos empregados e de precisar os resultados obtidos.

não, a sua expropriação é certa. Essa expropriação virá, ou progressivamente pela acção natural das forças sociaes, que tendem incessantemente a eliminar os elementos retardatarios ou parasitas, ou bruscamente por um movimento revolucionario. Sómente é possível ignorar *como* ella virá, mas o resultado final é tão certo e fatal que até já se esboça a evolução. No centro, como n'outras partes, o desmembramento está começado e avançará tanto mais quanto mais a propriedade fôr abandonada á especulação contingente ou a uma utilização ignorante.

O systema privilegiado estabelecido para os cereaes não é a unica manifestação do espirito monopolista em Portugal. Sem falar das vantagens asseguradas pela lei ao assucar colonial, referir-nos-hemos rapidamente a um outro caso igualmente notavel.<sup>1</sup> Trata-se do regimen estabelecido para sustentar os preços da carne de vacca com favor para a creação nacional. Já sabemos por que motivo esta creação está pouco desenvolvida. No norte e no sul a pequenez das explorações e a falta de pastos oppõem-se d'uma maneira absoluta ao augmento do gado graudo. Os camponezes e rendeiros d'estas regiões, sobretudo do centro, vêem-se mesmo obrigados muitas vezes a vender os seus animaes de trabalho no fim do estio, por falta de forragens. Esta particularidade, comtudo, tem a vantagem de dar aos açougues alguma carne boa, pois que sem a necessidade imperiosa de vender gado novo, o camponez não levaria nunca ao mercado senão bois já velhos e cansados. No centro é precisamente este ultimo caso

---

<sup>1</sup> V. mais atrás, pag. 93, o que se refere á regulamentação vinicola. O tabaco é tambem monopolizado e quasi excluido da agricultura portugueza, que o podia produzir em abundancia e de boa qualidade.



o que se dá. Os agricultores não se desfazem dos seus bois senão depois de ter tirado d'elles todo o trabalho possível, sendo então a carne de má qualidade.

É contra as condições naturaes d'esta situação agricola que se tem querido reagir por meios arbitrarios. Os municipios teem, pelo codigo administrativo, e decretos especiaes, direito de censura e consequente direito de monopolio sobre o commercio das carnes por fórma a fixar tabellas de preços. É baseando-se n'esse direito que se tem pretendido fazer do mercado de Lisboa, o maior do paiz, o regulador do preço da carne de vacca. Adôptaram-se para isso as seguintes medidas: Limitou-se o numero de talhos, que ficaram assim como uma especie de officio privilegiado. Como havia assim o perigo de os carnicheiros elevarem o preço d'uma maneira abusiva, foram os preços da carne de vacca fixados n'uma tabella bastante elevada para que os carnicheiros pudessem pagar mais generosamente os animaes aos lavradores. Mas então apparecia um outro risco: o de ver os carnicheiros pagar mal aos vendedores, aproveitando-se elles unicamente do bom preço official. Para remediar este perigo, imaginou-se confiar o aprovisionamento de Lisboa a um unico intermediario, encarregado de comprar os animaes, de os fazer abater e de vender a carne por grosso aos carnicheiros. Existiam tambem talhos municipaes, sustentados á custa dos cofres municipaes, sob o pretexto de contrariar conluios entre os cortadores, fazendo-lhes uma concorrência desinteressada. Além de tudo isso, prohibiu-se a entrada na cidade de carnes mortas, o que aggravou ainda a situação juntamente com os elevados direitos de alfandega e de consumo.

Vê-se até que ponto foi preciso complicar este outro systema para lhe dar um funcionamento regular e efficaç, pelo menos na apparencia. Vejamos porém o que

elle deu na realidade. O comprador unico encarregado de abastecer o matadouro de Lisboa não tinha nenhum interesse em escolher os animaes e por isso compratudo o que se lhe apresente. O creador, por seu lado, não era animado a fornecer bois novos e gordos, pois que a carne de todos era paga ao mesmo preço. D'ahi proveio que os bois destinados ao mercado de Lisboa são, em geral, maus. O publico, prejudicado, abandonou em parte o consumo da vacca e augmentou o da vitella, carneiro e porco, de que o commercio é mais livre. Outr'ora, as provincias do norte que produzem os melhores bois enviavam para Lisboa sete a oito mil d'estes animaes por anno, e com este systema perdeu-se esse negocio.

Elevou-se portanto artificialmente o preço da carne e prejudicou-se a boa preparação de gado de talho. Este duplo resultado é a condemnação formal do systema, pois que este impõe ao consumidor sacrificios e privações, diminuindo ao mesmo tempo o consumo e prejudicando a qualidade do gado destinado aos açougues.

Juntemos a isto que os talhos municipaes teem feito perder á cidade de Lisboa muito dinheiro e que este systema suscitou uma quantidade de abusos, de fraudes e de especulações, que finalmente prejudicam d'uma maneira geral o publico, pondo entraves ao commercio livre, baixando a qualidade do producto e estorvando o consumo. Estas combinações imaginadas por funcionarios demasiadamente zelosos e guiados por um espirito puramente theorico, foram, no passado, usadas em outros paizes. Em toda a parte se lhes reconheceu a impotencia enredadoura e os perniciosos effeitos.

É preciso saber até que ponto Portugal é dominado pela burocracia e influencias politicas para compre-

hender n'este paiz a persistencia de ideias e processos tão profundamente contrarios á experiencia adquirida em materia economica e tambem ás necessidades da sociedade moderna.

O Alemtejo, comtudo, tem hoje a apparencia d'uma actividade interessante, não obstante as suas bases frageis e a incerteza do seu futuro. Tem-se visto desenvolver n'esta provincia uma classe de emprehendedores agricolas, dos quaes a intelligencia, a iniciativa e o atrevimento são innegaveis. Fazem esforços notaveis para se instruir e seguir os progressos technicos de tão perto quanto possivel. Encontrámos um jovem proprietario dos arredores de Beja que acabava de percorrer a Europa e a Argelia para estudar os melhores processos da cultura do trigo.<sup>1</sup>

Nas grandes lavoiras da região encontram-se gados e material de lavoira notaveis em muitos casos. Póde-se dizer com verdade que esta provincia, juntamente com a sua visinha do norte, são um viveiro de homens de acção. É profundamente lamentavel que elles sejam lançados por um regimen artificial no redemoinho perigoso d'uma especulação que torna todas as coisas incertas e favorece a audacia ou a esperteza mais ainda que o trabalho.

#### **IV— Grande lavrador das proximidades de Evora**

Para bem precisar as ideias relativamente á situação presente da agricultura no Alemtejo, vamos resumir as informações que pudemos colher visitando uma grande lavoira nas proximidades de Evora.

---

<sup>1</sup> Os terrenos do districto de Beja são dos que mais conveem á cultura do trigo.



Esta pequena e interessante cidade está situada na parte oriental do Alemtejo, sobre um planalto onde os chistos e o granito se justapõem em manchas irregulares. O terreno é ondulado e não muito longe, para leste, fórma collinas das quaes a altitude augmenta rapidamente. O solo é geralmente delgado e pouco fértil. A região não é cortada senão por ribeiros, pequenos affluentes do Sado e do Guadiana. Os meios de comunicação são insufficientes: a região não é atravessada senão por vias ferreas de pouco desenvolvimento, algumas estradas bastante más e caminhos apenas praticaveis para carros grosseiros. Em muitas regiões não se póde transitar senão a cavallo. Os habitantes vivem concentrados em pequenas povoações, raras, não se vendo além d'isso senão alguns *montes*, grandes e pequenos indispensaveis nas lavouras afastadas. M. D. possui n'esta região, de onde elle é originario, cerca de 3:000 hectares de terra que herdou de seu pae. Este, de origem modesta mas homem habil nos negocios, soube aproveitar-se da grande liquidação territorial do seculo passado para adquirir estas vastas propriedades. M. D., que é tambem intelligente e muito activo, dedicou-se a valorisar a sua herança, á qual juntou cerca de 2:000 hectares de terras alugadas a proprietarios visinhos. Elle explora, portanto, cerca de 5:000 hectares, repartidos em cereaes, pastagens naturaes e montados de sôbro e azinho e olival. Eis-nos bem longe das culturas minusculas do norte.

Para organizar a exploração d'esta vasta superficie, dividida em sete grupos, disseminados n'uma distancia de mais de 25 kilometros, M. D. tem quatro centros de lavoura comprehendendo construcções, pessoal, animaes e material necessario. Aquelle que elle habita fórma um recinto murado, onde está a casa do patrão, o alojamento do pessoal, um lagar de azeite,

moagem a vapor, os estabulos e os armazens immensos, com arcos em tijôlo d'uma admiravel ligeireza, uma officina e uma *malhada* de porcos. Além d'isso, em cada um dos outros grupos foram construidos armazens para o material e colheitas, assim como para uma familia encarregada da conservação e fiscalisação. O lagar de azeite e as machinas agricolas aperfeiçoadas, o moinho e uma locomovel e um automovel fazem d'esta exploração uma verdadeira officina mechanica. O pessoal comprehende tres grupos, 1.º os muito especializados: lavradores, boieiros, pastores, porqueiros, ferreiros, etc., occupados durante todo o anno em numero de um cento; 2.º os especializados para certos trabalhos temporarios, como os corticeiros; estas duas primeiras categorias são geralmente recrutadas na região; 3.º trabalhadores para colheitas, desmoitas, etc. (cerca de 200), vindos sobretudo das serras da Beira, reunidos por chefes (managers) que os conduzem por grupos de poucas pessoas, homens e mulheres e conservam a direcção e fiscalisação do trabalho mediante um salario um pouco mais elevado. <sup>1</sup>

Esta gente faz os grandes trabalhos do estio, e depois volta ás suas casas para o inverno; são abrigados e muitas vezes alimentados e então os seus salarios são de 2\$100 reis, por semana, e sem alimento são de 3\$400 reis; os que fazem serviço com debulhadoras a vapor recebem 300 reis por dia e o alimento. O domingo e os dias feriados são guardados, e teem um dia para a confissão, porque esta gente é geralmente muito re-

---

<sup>1</sup> Cada operario conserva a sua plena liberdade. Não ha aqui, pois, nada de commum com o *artel* russo e outras instituições communitarias analogas.

ligiosa. Outros trabalhadores veem da Extremadura e do baixo Douro para as ceifas. Em certos casos tem-se procurado fixar estes trabalhadores concedendo-lhes pequenas explorações de renda temporaria ou perpetua (foros) ou tambem por quinhões; este ultimo systema tem sobretudo por fim o arroteamento das terras virgens. O caseiro arranca o mato, revolve o solo, aproveita algumas colheitas de cereaes, e restitue a terra ao proprietario que, em geral, n'ella conserva e augmenta o arvoredado de azinho e sôbro. Assim teem melhorado muitas terras da provincia. Quando o terreno é naturalmente arborizado, o ceareiro desmoita, lavra e semeia entre as arvores muito espaçadas e depois de feitas duas ou tres colheitas vae recommear n'outra parte; a bolota pertence ao proprietario, o qual cria porcos. Em certos casos o colono fixa-se na terra e recebe do seu proprietario subsidios em dinheiro e animaes e sementes e reparte com elle a colheita n'uma certa proporção. Todo o bom trabalhador rural tem a ambição de trabalhar por sua conta e ser mesmo pequeno proprietario, e nota-se uma tendência dos grandes proprietarios para vender os pequenos lotes que geralmente rendem um bom preço. Mas estes camponezes caem facilmente á menor crise, por falta de dinheiro. M. D. tem tres d'estes caseiros *singeleiros* que occupam herdades afastadas.

O gado existente n'esta lavoira comprehende primeiro 50 a 60 bois de trabalho e 70 a 80 vaccas para a procreação; estes animaes pertencem a uma raça vigorosa e rustica mas ossuda e pouco precoce; cada anno renova-se uma quarta parte. Veem em seguida 1:300 ovelhas, das quaes duzentas pertencem aos quatro pastores; 500 borregos do anno; 150 carneiros; cada anno se vendem 600 a 700 machos de 5 mezes, 24:000 queijos e 2:000 kilos de lã. O rebanho com-



prehende tambem 250 cabras que produzem cabritos e queijo. A creação de porcos comprehende 50 a 55 porcos alemtejanos, mas seleccionados; são animaes escuros e grandes, podendo attingir aos 2 annos o peso de 150 a 200 kilos; de outubro a janeiro enviam-nos para a bolota e em 4 mezes augmentam normalmente 100 kilos; as mães dão 12 bacoritos por anno, o que representa uma creação regular de 1:200 a 1:500 animaes. Citaremos finalmente alguns cavallo e 7 parellhas de mulas, que são empregados em transportes. Antigamente cada lavoira tinha um grande numero d'estes animaes que eram utilizados para debulhar os cereaes, mas as debulhadoras mecanicas teem reduzido a creação d'esse gado.

Para as sementeiras empregam-se cerca de 500 hectolitros de sementes, das quaes 60 % em trigo e o resto em cevada, centeio e aveia. Os valles frescos dão um corte de feno e servem em seguida de pastagem. Vê-se, pois, que se produzem poucas forragens, e isto explica o numero bastante restricto de gado graudo. Poder-se-hia desenvolver a producção da carne, se as forragens artificiaes fossem mais usadas; mas para isso falta a agua, e a irrigação não existe, se bem que a experiencia tenha demonstrado a possibilidade de estabelecer reservatorios, e de accumular ahi as aguas.<sup>1</sup> Muitos agricultores de Evora ensaiaram com successo o processo de ensilagem das forragens verdes, precioso recurso n'uma região onde o estio reduz as pastagens ao estado de poisios improductivos durante quasi seis mezes. Uma outra producção importante d'esta lavoira é o azeite de oliveira. M. D. plantou

---

<sup>1</sup> Construíram-se algumas presas, tendo em vista regar e fertilisar certos terrenos a montante para ahi crear plantas mondados.

certos campos com oliveiras que produzem perfeitamente. <sup>1</sup> A arvore dá a primeira colheita aos seis annos e póde produzir em seguida durante dezenas de annos. M. D. vende annualmente 3:000 decalitros de azeite e uma parte do bagaço, de que o resto fica para os porcos. Grande parte do azeite fica para consumo do pessoal agricola. O lagar está montado com poderosas prensas hydraulicas.

Esta exploração comprehende finalmente a mais caracteristica cultura do Alemtejo, que é a dos montados de sôbro e azinho, tratados com tantos cuidados como qualquer arvore de fructa. M. D. explora milhares de hectares de montados, nos quaes as arvores estão bem espaçadas, o sólo bem limpo e lavrado, e as pernadas e ramos submettidos a um córte periodico, abrindo as arvores em redondo para bem produzirem a cortiça ou a bolota. Produzem ellas quantidades variaveis de bolota que os porcos veem comer sob as arvores, lenha, carvão e sendo sobreiraes principalmente a cortiça. <sup>2</sup> As sobreiras exigem cuidados bastante mi-

---

<sup>1</sup> Teem-se praticado bastante estas plantações ha uma quarentena de annos. Para as proteger constroe-se uma cerca de pedra, onde não é admittida a entrada dos carneiros senão durante a época da herva, porque então elles não tocam nas arvores pequenas. Muitas vezes protegem-se milhares d'estas, dos dentes dos bois e cabras, por meio de ramos espinhosos de pereira brava.

<sup>2</sup> Para producção da bolota é semelhante o tratamento das sobreiras e das azinheiras, mas não póde applicar-se intensamente a todos os montados de sôbro, por isso que, produzindo rapido desenvolvimento das arvores, póde ser causa de frouxidão da cortiça. A producção da bolota é mais regular nas azinheiras que dão uma queda annual do fructo, ao passo que as sobreiras dão irregularmente o seu (lande) e ás vezes tres quedas em dois annos. A producção é irregular e frequentemente compromettida, quer pelos rigores do tempo, quer por doenças ou parasitas.

nuciosos para favorecer o desenvolvimento da cortiça de modo a obter boa qualidade e espessura. As tiragens são feitas periodicamente, com intervallos de 8 a 12 annos, conforme os terrenos, por operarios especializados, os quaes devem trabalhar com muita habilidade e cuidado para não ferirem o liber ou *entrecasco*, que prejudicaria a formação de nova cortiça. Com uma machadinha muito afiada fazem dois golpes circulares, um em baixo e outro em cima, no tronco ou ramo, ligam esses dois por um terceiro ao comprido e depois, com o cabo do machado, que termina em fôrma de cunha, levantam e despegam a cortiça. A mesma classe de operarios é empregada na primavera no córte ou limpeza das arvores e no desbaste dos montados; são exigentes e difficeis de dirigir e facilmente causam prejuizos na cortiça pela maneira de dar os golpes. Em seguida um operario especial vae abrindo os canudos, separando um pouco, e a cortiça é levada em carros para as pilhas ao ar livre, junto ás quaes tambem se empilha o refugo. É ahi que os industriaes veem fazer o seu exame e comprar o total a tanto por arroba de 15 kilos. A cortiça é depois cozida em grandes caldeiras, para attingir o maximo de elasticidade, densidade e geralmente de espessura, depois é raspada, recortada em pranchas, escolhida segundo a sua espessura e qualidade uniforme, e enfardada para exportação. M. D. colhe, segundo ouvi, cerca de vinte mil arrobas annuaes.

Vê-se que se trata aqui de uma verdadeira officina agricola, produzindo em grandes quantidades um certo numero de generos ou de materias primas. É preciso para a conduzir tanta mais capacidade quanto é certo que o seu funcionamento é contrariado por tres grandes obstaculos: a falta d'agua para as irrigações, contrariando as culturas saehadas e as forra-



ginosas; a raridade dos capitaes dos quaes o juro attinge e excede por vezes 8 %; <sup>1</sup> a falta de bons meios de comunicação que torna os transportes longos e caros. Isto implica duas consequencias capitaes: primeiro, a grande cultura não póde tornar-se intensiva, pois que os gastos são muito elevados para terras tão fracas. Fica-se pois nos methodos extensivos que exigem menos dinheiro e trabalho mas que não dão senão fracos rendimentos; é por este motivo que os agricultores tendem a constituir lavouras immensas em que tiram resultados pela barateza da mão d'obra, pelas producções arborescentes como é a azeitona, a bolota e a lande, emfim, pela protecção legal. Segundo, a colonisação da região pela pequena cultura é consideravelmente estorvada, pois que o camponez, quando não é ajudado, difficilmente vence este solo bastante ingrato e desgosta-se da vida no isolamento completo d'estes campos desertos cobertos de vastos montados quasi sem estradas.

Vamos agora estudar tres typos de camponezes estabelecidos n'uma região visinha, a dos terrenos myocenicos do valle medio do Guadiana, perto da pequena villa de Serpa.

#### V — Jornaleiro de Pias

A região média do Guadiana apresenta um aspecto bastante particular. O planalto arenoso que a fór-

---

<sup>1</sup> Ha em Evora dois bancos locaes fundados por numerosos agricultores das proximidades, que teem prestado serviços. Mas é pouca coisa para uma região de grande cultura com tendencia industrial. O banco nacional (Banco de Portugal) tem tambem succursal em Evora. Mas limita-se a fazer descontos de 3 mezes a 6 % e não se occupa de organizar sobre bases fecundas o credito agricola.

ma é acidentado, cruzado de valles bastante profundos, mas não montanhoso. Por isso a cultura ahí se tem podido estender mais facilmente do que na parte central do Alemtejo, seguindo os numerosos cursos d'agua que trazem ao rio principal a humidade condensada pelos montes do norte e pelos do sul entre os quaes a região se acha encravada. Alguns grandes povoados se aglomeraram nas proximidades dos terrenos mais férteis. Um d'elles, collocado pouco mais ou menos ao centro da região, vae-nos fornecer alguns typos interessantes que formam um curioso contraste com o de grandes lavradores das proximidades de Evora. O primeiro é um simples jornaleiro vivendo exclusivamente do seu salario. Estudemos primeiro em detalhe o logar onde vive a familia. <sup>1</sup>

A aldeia de Pias é um burgo de 3:600 almas, construido n'um valle de solo argilo-calcario, comprehendendo um pequeno ilheu granitico do qual a rocha dura apparece aqui e ali. A população concentrou-se sobre este ilheu sem duvida porque o solo é pouco favoravel á cultura e rico em materiaes de construcção. As ruas são bastante largas, asseadas e ladeadas de pequenas casas quasi uniformes, apertadas umas contra as outras, algumas com primeiro andar e todas branqueadas de cal. A maior parte tem janellas sem vidros, caso muito frequente no sul de Portugal; quando necessario, fecham as portas de pau. Por trás da casa encontra-se uma pequena horta. O commercio é representado por algumas lojas onde se vendem os generos e artigos correntes; estes pequenos negociantes fazem bem os seus negocios e collocam de boa vontade

---

<sup>1</sup> As monographias que seguem foram feitas com a colaboração do Sr. Dr. Rogado, em Pias.

as suas economias em compras de terra. Além d'isso, vendedores ambulantes frequentam o mercado do domingo. O clima é brando, muito são, com chuvas irregulares de novembro a fevereiro; tornam-se raras em março e abril e quasi nullas no resto do anno; os mezes de julho e agosto são muito seccos e muito quentes. O solo é d'uma fertilidade média com uma faixa de alluvião bastante rica; as culturas cobrem os valles e os altos são guarnecidos de azinheiras e sobreiros, e por vezes de mato, quando o terreno é mais delgado. A região produz principalmente cereaes: trigo, cevada e aveia; legumes: feijões e favas; fructos: azeitonas, uvas e figos, etc., e tambem bolotas, cortiça e madeira.

Os animaes de rendimento, creados na região, são: o boi de trabalho, o carneiro e a cabra, o porco, a gallinha e o perú. Extrae-se granito de algumas pedreiras e areia para os edificios, e ha nas proximidades fabricas de tijollo e de telha. Não ha outras industrias, salvo as pequenas officinas de artifices que se encontram por toda a parte.

A grande propriedade domina aqui como em todo o Alemtejo e os possuidores de grandes terras estão quasi todos ausentes a ponto de geralmente nem mesmo serem conhecidos na região. Existem, comtudo, muitas propriedades de camponezes, muito pequenas na maior parte e insufficientes para garantir a subsistencia d'uma familia. Aqui e acolá encontram-se alguns camponezes proprietarios com meios sufficientes e mesmo algumas familias que, conservando os costumes de uma vida modesta, teem conseguido augmentar os seus bens até ao nivel da propriedade média.

As monographias que seguem traçam d'uma maneira caracteristica a phisionomia d'estes typos sociaes.



A gente d'esta região é honesta, laboriosa e pacifica, ainda que de character um pouco irascivel.

Ao domingo, os homens frequentam com prazer a taberna, onde bebem sobretudo vinho, mas o vicio da bebedeira é um facto raro; muitas familias possuem fóra do povoado uma quinta ou uma horta e vão lá passar os momentos de repouso. A moralidade geral é boa. O sentimento religioso tem-se conservado.

Pias é uma estação de caminho de ferro de interesse local que liga a villa de Moura a Beja, capital do districto e estação da grande linha do Sul. As estradas são quasi todas más: agora constroe-se uma para ligar Pias a Serpa, cabeça do concelho.

Vejamos primeiro uma familia de simples operarios ruraes, vivendo exclusivamente do seu trabalho a jornal. José Borrvalho tem 35 annos de idade e sua mulher Anna Maria tem 32. Teem tres filhos: Antonio, 6 annos; Brazia, 4; José, 2. O marido é jornaleiro agricola; a mulher occupa-se da casa, e tambem em outros trabalhos de fóra no tempo das mondas, da ceifa e da colheita da azeitona. Esta gente habita uma pequena casa alugada pela quantia de 7,5000 reis annuaes (38,85 fr.) A casa está guarneçada da maneira mais summaria, com moveis grosseiros e alguns utensilios indispensaveis de madeira ou barro. Quanto ás roupas brancas e ao vestuario, não se encontra aqui senão o strictamente necessario, de modo que o activo total da familia não ultrapassa quarenta mil reis. O salario dos jornaleiros é ordinariamente de 240 reis por dia, mas eleva-se até 500 reis na época das colheitas; o salario das mulheres equivale, geralmente, a metade do dos homens. O ganho total annual do homem pôde ser avaliado em 90 mil reis, pouco mais ou menos 250 dias pagos á taxa mais baixa e cerca de 50 dias de trabalho penoso. Quanto á sua mulher, ella recebe pelos seus

dias de trabalho um salario proximo a 30 mil reis. Isto faz no total uma receita de quasi 130 mil reis, que devem bastar para a alimentação e gastos da casa. Isto quando o trabalho é regular. Infelizmente, durante os ultimos annos, as estações tem sido bastante desfavoraveis, forçando a longas folgas e causando insufficiencia e carestia dos generos. Póde dizer-se tambem que as familias pobres encontram na producção expontanea alguns recursos accessorios. O espargo selvagem e algumas outras plantas comestiveis, os fructos dados pelos visinhos mais ricos, a respiga, depois das ceifas, a pesca nos rios, fornecem um util supplemento de nutrição. A alimentação compõe-se essencialmente de pão de trigo ; legumes : couves, favas, feijão, batatas e alface ; por vezes carne de porco, e por excepção carne de carneiro. A familia tem de comprar tudo isto, pagando a contado, assim como a mercearia e o azeite empregado na cozinha. Estas despezas com a conservação e o aluguer absorvem completamente o ganho dos dois esposos que vivem dia a dia, estreitamente, mais ou menos bem, ou mal, como se quizer dizer, segundo o que se encontra de dinheiro em casa. Quer isso dizer que não podem fazer nenhuma economia e ficam á mercê de todos os acasos. Sem duvida os visinhos são bondosos ; as poucas familias ricas estabelecidas na aldeia são caridosas, mas como ninguem é verdadeiramente rico os pobres não podem contar com ninguem. Não ha, por outro lado, na freguezia, nem instituição nem associação de soccorros ; todavia, em casos de doença, os medicos visitam-nos mediante uma pequena retribuição paga pela camara. O modo de vida das familias d'esta categoria é pois d'uma estreiteza extrema. São quasi sempre perseguidos por uma miseria negra, sem duvida menor que a das grandes cidades mas, não obstante, dura em certos momentos.

Não conhecem outros divertimentos além das festas religiosas e algumas horas de passeio ao domingo. É escusado dizer que as regras de hygiene lhes são totalmente desconhecidas, mas raramente são atacados de doença devido ao clima e á sua sobriedade. Borracho e sua mulher são completamente analphabetos ; isto não provém unicamente do pouco cuidado dos paes, mas tambem do regimen escolar da freguezia. Com effeito ha ali duas escolas gratuitas, uma para rapazes e outra para raparigas ; mas são insufficientes para receber todas as creanças de 6 a 13 annos. A unica aula de rapazes é uma pequena sala abrindo directamente sobre a rua por duas portas sem vidros. O professor, homem intelligente e zeloso, ahi empilha 88 rapazes sobre os trezentos que estão na idade escolar. Na occasião da nossa visitã este funcionario não tinha recebido nada havia dois annos a titulo de indemnisação de aluguer e de gastos do preciso para a escola, caso frequente, quer-me parecer. Por necessidade, pois, organisou um bazar com o producto do qual (algumas dezenas de mil reis) pode augmentar um pouco a sua aula e prover-se de mappas e outros accessorios. <sup>1</sup> A situação era exactamente a mesma na escola das raparigas. Se as salas fossem sufficientes, muitas creanças ali seriam mandadas, que ficam actualmente sem instrucção, apesar das prescrições da lei sobre a obrigação escolar. É demasiado frequente que o legislador se entregue á vangloria de fazer decretos estrondosos importando-se pouco com a sua applicação.

Debaixo do ponto de vista religioso esta familia é catholica e praticante como a grande maioria dos seus

---

<sup>1</sup> Uma reclamação apresentada ao ministerio depois d'isto valeu ao bravo mestre-escola o pagamento do atrasado.



visinhos. O operario não paga nenhum imposto directo, mas, sendo obrigado a comprar quasi tudo o que consume, paga os impostos indirectos n'um valor de 5 a 6 mil reis por mez. Fez dois annos de serviço militar. Não sendo contribuinte nem instruido, a lei prohibe-lhe inteiramente o direito de voto. Como esta região conta grande numero de trabalhadores agricolas semelhantes a este de que nos occupamos, a mão de obra falta raramente; em caso de necessidade appellam não para os immigrantes do norte, que são raros na região, mas para os do Algarve. A emigração, ao contrario, é bastante activa. Quando essa pobre gente encontra uma occasião de ir para o Brazil ou Africa, especialmente para a provincia de Moçambique, aproveitam-a de boamente. Mas a provincia está longe de fornecer para a emigração um contingente comparavel ao que sae do norte, onde a população é bem mais densa.

Este rapido esboço mostra-nos quanto é difficil a uma familia de trabalhadores ruraes elevar-se acima da sua condição, pelo menos emquanto os filhos não ganham nada, constituindo um encargo sem compensação. É preciso encontrar, para sahir da pobreza, um conjuncto de sortes inesperadas, de ganhos imprevistos, que permittam fazer algumas economias consagradas á compra d'uma casita, d'um pedaço de campo ou d'uma horta. Havendo este primeiro ponto de apoio, elle é como uma especie de seguro contra a falta de trabalho, porque occupa os dias perdidos e produz um util supprimento de alimentação. Depois, quando os filhos começam a ganhar a vida, as facilidades augmentam e permittem muitas vezes formar uma pequena propriedade que passa o jornaleiro á categoria de bordeiro. Esse é o desejo de todos, mas a que muitos não attingem, e acabam a sua vida, como a começaram, numa sombria indigencia.

**VI — Lavrador de Pias**

O 2.º typo é o que chamaremos um bordeiro, isto é, um dos pequenos proprietarios cujos bens são insufficientes para o sustento d'uma familia e que são obrigados a recorrer ao salario para completar os seus meios de existencia. Este typo, sem ser muito elevado, está, comtudo, um grau acima do precedente.

Quando o camponez pôde desde o principio apoiar-se sobre uma propriedade, embora bastante pequena, que lhe tenha sido transmittida pela familia, a sua vida é com isso grandemente facilitada. Com o producto dos seus bens elle pôde sustentar a sua familia, ao menos em parte, e pôde, por ventura, economisar sobre os seus salarios para comprar na primeira occasião novas parcelas de terra. Esse é precisamente o caso do bom homem de que nos vamos occupar.

José Antonio Imaginario tem 46 annos de idade; sua mulher, Ursula da Cruz Madeira, tem 41. Ambos são de familias residentes no logar ha muito. Teem 6 filhos: José, de 17 annos; Francisca, de 15; Manoel, de 14; Ursula, de 10; Maria, de 8 e Antonio, de 4.

Esta familia tem uma pequena propriedade que lhe vem em parte por herança e que comprehende: 1.º uma casa de habitação situada na aldeia; é construida á maneira da região com os alicerces em pedra e barro, mergulhando 50 centimetros no solo e supportando muros de taipa; o telhado é um encançado coberto de telhas sem revestimento de tecto; está dividida em 6 quartos, e seguida d'um estabulo e d'um jardinzito; 2.º uma cerca plantada com 200 oliveiras, entre as quaes semeiam cereaes ou legumes; 3.º 6 hectares de terra aravel e 6 hectares de mato, d'onde tiram algum

para camas do gado. Tudo isto está avaliado em 915 mil reis.

Os esposos, auxiliados pelos filhos, cultivam esta pequena propriedade, e por outro lado o pae faz por fóra com as suas mulas um certo numero de jornaes, na lavoira, nas colheitas ou em transportes.

Ganha por estes trabalhos um salario de 1\$200 reis por dia para elle e para o serviço da parelha. Seu filho mais velho recebe, como carpinteiro de carros, 400 reis diarios.

O gado e o material de trabalho comprehendem : Uma parelha de mulas, valendo 135\$000 reis ; algumas gallinhas, 1 carro, 2 charruas e dois arados, 1 grade de lavoura, alguns utensilios de mão, tudo avaliado em 50\$000 reis. Uma mobilia summaria guarnece a casa ; compõe-se, principalmente, de 3 camas de ferro, duas arcas de roupa, 3 mesas, uma duzia de cadeiras e alguns utensilios ; ha a accrescentar a roupa branca indispensavel, de algodão, e fatos domingueiros em panno mescla do paiz ; a avaliação é de 60\$000 reis. O activo total da familia eleva-se, pois, a 1:400\$000 reis proxivamente. Quanto ao orçamento annual, podemos-lo calcular assim : primeiro, a propriedade fornece a maior parte do preciso para a alimentação da familia, salvo mercearia, peixe secco ou fresco — este ultimo vem do Algarve — e um pouco de carne de porco ou de carneiro. Nunca comem carne de vacca, e não ha mesmo açougue na aldeia ; quando um camponez mata um carneiro ou um porco divide uma parte pela visinhança. A casa gasta por anno na mercearia, pouco mais ou menos, 21\$000 reis, e em outros gastos alimentares uma somma sensivelmente igual, ou seja por tudo 44\$000 reis. Para os gastos da roupa branca e fato é preciso tambem contar 36 mil reis. As compras de utensilios e outras despezas de cultura, não ultrapas-



sam uma média de 24 mil reis. O imposto directo absorve 2\$000 reis e temos de contar 12 mil reis para despesas miudas e imprevistas. O total anda por 120\$000 reis, conta redonda.

Quanto ás receitas, são fornecidas primeiro pela venda dos productos da propriedade, a saber: 24 hectolitros de trigo e 10 de centeio, ao todo 134\$000 reis; quando a colheita do azeite é boa, vendem tambem um pouco. Em segundo lugar veem os salarios: o pae faz cerca de 30 jornaes a 1\$200 reis, ou sejam 36\$000 reis; seu filho mais velho ganha por 300 dias, 120\$000 reis. É pois uma somma de perto de 300\$000 reis que actualmente representa as receitas em condições normaes. Mas é preciso não esquecer que o rapaz, José, sómente ha pouco tempo recebe o salario de operario; nos annos precedentes, a sua paga era bem mais baixa e o total da receita ressentia-se d'isso. Todavia, ha já algum tempo, estes camponezes laboriosos e sobrios puderam realisar pouco a pouco pequenas economias que lhes permittiram arredondar os seus bens. Hoje os filhos começam a ganhar e a situação irá melhorando ainda, se nenhuma calamidade grave a vier perturbar.

Esta familia mostra um espirito de trabalho e de conducta notavelmente desenvolvido. Catholica e muito praticante, observa tanto quanto possivel os descansos da doutrina religiosa, mas abstem-se de frequentar as festas patronaes e outros regosijos que arrastam naturalmente a despesas. Até hoje ainda lhe não sobrevieram outras causas de perturbação senão más colheitas de tempos a tempos causadas por um excesso de estiagem ou por alguma trovoada devastadora. Todos gozam d'uma saude boa e regular, a despeito do desprezo completo que manifestam pela hygiene; a duração da vida é n'esta região muito longa, não obstante ser excessiva a mortalidade dos recém-nascidos. As relações

de visinhança são simples e cordeaes, tanto entre cultivadores como com as raras familias abastadas que habitam a aldeia; isto não diz respeito, é claro, aos grandes proprietarios, que ninguem nunca vê e que não conhecem. Prestam-se entre vizinhos pequenos serviços, mas uma familia como esta não póde contar com nenhum apoio efficaz, salvo em caso de accidente muito grave. Não ha n'esta aldeia, como vimos, nem hospital, nem instituições de caridade, nem associações; para encontrar tudo isso, é preciso ir á cabeça do concelho, a Serpa, localisada distante d'ali quinze kilometros.

Imaginario e sua mulher são completamente analphabetos, do que se lastimam, e teem cuidado de mandar os seus filhos á escola, de modo que os quatro primeiros sabem lêr e escrever.

O nosso camponez paga os seguintes impostos directos: contribuição predial, 974 reis e municipal 730 reis; congrua parochial, 90 reis e 6,8 litros de trigo. Foi isento do serviço militar por causa de incapacidade physica. É eleitor, pois que paga contribuição predial superior a 200 reis. Mas não é elegivel para cargos municipaes, pois que é analphabeto. Mas é preciso tambem dizer-se que a vida municipal não apresenta n'esta localidade nem actividade, nem interesse. O concelho é muito vasto, todos os serviços correm por Serpa, que é cabeça de concelho, e ninguem em Pias, ou quasi ninguem, se preoccupa com isso. Esta aldeia de mais de 3:000 almas nem mesmo é representada na edilidade municipal, onde todos os logares são arrebanhados pelo bando predominante. De resto fala-se pouco em politica e lêem se pouco os jornaes. Esta população vive mui pacificamente sob o olhar paternal do seu regedor, funcionario nomeado pelo Estado, especie de *maitre Jacques* administrativo, ao mesmo tempo *maire*,

juiz de paz e commissario de policia, secundado por alguns guardas campestres e empregados do fisco. É verdadeiramente o triumpho da centralisação e do despotismo burocratico.

A familia que acabamos de descrever constitue um typo em via de evolução. Pertence ainda por certos traços á categoria do bordeiro ou pequeno proprietario que necessita recorrer ao salario. Mas tende a elevar-se acima d'essa situação para passar á do camponez-proprietario que vive completamente das suas terras. Todavia, apesar dos seus esforços, é claro que ella não poderá ir muito longe n'esta via progressiva por falta de capacidade e tambem de meios de acção e de mercados. Por outro lado, quando morrer o pae, a partilha atirará os filhos para o typo inferior, o de proprietario indigente, que é obrigado a viver principalmente do trabalho de salario. Elles deverão, pois, recommençar a dura ascensão para a mediania. A menos que, desanimados, elles deixem a cultura para emigrarem para a cidade ou para o estrangeiro.

#### VII — Camponez lavrador de Pias.

Chegamos agora ao 3.º typo estudado n'esta região, o qual attinge, sob o ponto de vista do seu bem estar, um nivel bem superior ao dos precedentes, formando assim um degrau intermediario entre as familias que pertencem manifestamente á classe operaria e as que constituem a burguezia rural. As pessoas d'esta categoria não são tantas em Portugal quanto conviria, o que é muito lamentavel, porque esses camponezes com meios estariam nas condições, instruindo-se, de dar á cultura um impulso e um poder productivo, que os pequenos cultivadores não poderão jámais realizar.



Dissemos precedentemente que, no vale do Guadiana, a propriedade média era bastante frequente. Ella está geralmente nas mãos de simples camponezes enriquecidos, quer por heranças, quer por augmentos successivos da propriedade por meio de economias tanto maiores quanto maior, naturalmente, é a fortuna. Damos aqui a fisionomia d'uma familia d'este typo que vive com a mais rustica simplicidade no meio d'uma verdadeira abundancia.

Raphael Rodrigues Janeiro, com 60 annos de idade, e sua mulher, Maria José Moita, com 58, nasceram em Pias, mas a familia do marido é de origem hespanhola. Teem 4 filhos que vivem com elles: José de 32 annos, Antonio de 30, Brazia de 28 e Thereza de 18. A exploração emprega mais 12 pessoas: uma creada de 60 annos; 3 carreiros, o pae e seus dois filhos, 50 annos, 24 e 22; 3 boieiros de 70, 36 e 44 annos; quatro pastores de 25, 48, 44 e 35 annos e um porqueiro de 29 annos.

O pae dirige os trabalhos da cultura com o auxilio de seus filhos; a mãe, secundada por suas filhas e pela creada, occupa-se da casa e dos trabalhos interiores. Toda esta gente vive n'um pé de quasi egualdade com fórmulas bem patriarchaes, cada qual mostrando pelo chefe de familia um grande respeito e obedecendo, com submissão, ás suas ordens. Todavia é bom não nos illudirmos. Esta boa gente conserva os costumes religiosos e familiares antigos mas não pratica as tradições rigorosas das communitades patriarchaes. Essas tradições apagaram-se ha muito n'esta região; o codigo civil foi recebido por quasi toda a parte sem resistencia e sem transição, e tanto assim que a formação social communitaria e verdadeiramente patriarchal não existe fóra da zona limitada que nós já apon-

tamos no norte do paiz, na qual a sua influencia se acha ainda assim consideravelmente attenuada.<sup>1</sup>

As propriedades possuidas por esta familia são divididas em diversos predios. O primeiro, chamado Penção, mede 220 hectares em montado de azinho e pastagens, de um valor proximo de dez contos de reis. Em segundo lugar vem um grupo de 12 lotes de terra (courelas) medindo cada umas 200 braças sobre dez igualmente em montado ou em pastagens e valendo 6 contos de reis. Em seguida vem uma herdade de 600 hectares ainda na maior parte inculta e coberta de mato; está situada na zona dos chistos que dão um terreno argiloso pouco fertil e duro para a lavoira; já estão arroteados 50 hectares. É avaliado em 6 contos de reis. Ha tambem 6 hectares de terra semeada de trigo no valor de um conto de reis. Emfim, um olival de 4:000 oliveiras no valor de 8 contos de reis. Estas diversas propriedades estão muito longe de ser reunidas; se algumas estão situadas na proximidade da aldeia outras estão muito afastadas. A maior encontra-se a 25 kilometros de Pias, o que não é nada favoravel ao seu arroteamento. Quando tem de ir para ali trabalhar, a familia transporta-se para lá e acampa em construcções summarias, edificadas para as necessidades da exploração. Além das terras, ha mais: 1.º uma casa de habitação com as suas dependencias, construida na aldeia á moda da terra, quer, dizer, com muros de taipa construidos sobre alicerces de pedra e pintados a cal. Consta sómente de rez-do-chão com tecto encançado coberto de telhas, comportando nove divisões e uma cozinha. Por trás encontram-se as cavallariças e os

---

<sup>1</sup> Vide atrás, pag. 38-44 o que dissemos a respeito do Barroso.

estabulos, um palheiro, um celeiro e um armazem para o azeite, valendo tudo 2 contos de reis; 2.º um lagar, ou moinho de azeite, composto d'um par de mós verticaes rodando em um tanque de pedra para triturar as azeitonas e d'uma prensa de vara de construcção muito primitiva; o seu valor é de 2 contos e 400 mil reis. O valor total das propriedades approxima-se de reis 40:000,5000.

A familia herdou uma parte dos bens; mas no correr d'uma longa e laboriosa vida, Janeiro conseguiu augmentar a sua fortuna. Todavia elle não é proprietario perfeito de todas as terras de que dispõe. Uma parte é sujeita a uma renda perpetua (*foro*), mediante uma quantia annual de perto de 140 mil reis. O gado comprehende 6 mulas por 400 mil reis, 2 eguas, 90 mil reis; 12 bois, 450 mil reis, 600 ovelhas, 1:250,5000 reis; 100 porcos, 1:200,5000 reis, sem contar algumas cabras, gallinhas e um certo numero de colmeias. O valor total dos animaes approxima-se de 4:000,5000 reis. O material é bastante primitivo: 12 charruas ordinarias, 12 arados ou charruas sem rodas, duas grades, um rolo para cereaes, tres charretes, um reservatorio de ferro para o azeite, ferramenta de mão, arreios communs, alguns utensilios de madeira ou ferro; tudo isto valendo o maximo 500,5000 reis. O mobiliario da habitação é composto de moveis muito simples: 6 leitos, valendo tudo o que comprehendem, 48,5000 reis; 2 guardas-roupas contendo fatos, tudo 120,5000 reis; 6 arcas de roupa branca de casa em linho e algodão, 200,5000 reis; 3 commodas contendo roupa branca de corpo, 120,5000 reis; um jogo de mobilia composto de canapé, 2 mesitas e 10 cadeiras, 30,5000 reis; 36 cadeiras ordinarias, grandes e pequenas, 12,5000 reis; 4 mezas grandes, 32,5000. O activo total da familia eleva-se, pois, a cerca de 45:000,5000 reis.



A exploração fornece em primeiro logar os elementos necessarios para a alimentação da familia e do seu pessoal, e além d'isso uma importante quantidade de productos que são vendidos. Assim, Janeiro manda para o mercado, nos annos normaes, segundo a sua avaliação approximada, pois que não tem contabilidade, 50 hectolitros de trigo, 250\$000 reis; 1:200 kilos de lã, 280\$000 reis; 6:000 queijos de ovelha, 180\$000 reis; lenha para o lume, 100\$000 reis; 1:000 decalitros de azeite, 2 contos; 150 porcos gordos, 3 contos; 400 borregos, 520 mil reis. Isto representa uma receita total de perto da 7:000\$000 reis, da qual as verbas principaes proveem da venda de azeite e de porcos, producções mais importantes da região.

Quanto ás despesas, é igualmente difficil calculá-las com exactidão por falta de contabilidade. A alimentação não lhes custa muito cara, pois que grande parte provém da propriedade. Ordinariamente teem tres refeições: de manhã, café ou sopa: ao meio dia e á noite, pão de trigo, uma sopa de legumes, batatas, couves ou favas, peixe salgado ou carne de porco e ás vezes de carneiro. As despesas de peixe, mercearia, etc., podem ser avaliadas em 6\$000 reis semanaes, cerca de 300\$000 reis por anno. Os gastos das pessoas da familia não ultrapassam 60\$000 reis. A conservação do material custa o mesmo. Os ordenados do pessoal representam em bloco pouco mais ou menos 500\$000 reis, ao que é preciso juntar para as outras despesas de cultura e imprevistas uns 200\$000 reis. Para suas compras, Janeiro serve-se algumas vezes por intervenção d'um syndicato agricola creado em Serpa, em 1903. Os impostos directos elevam-se a 66\$000 reis. Por outro lado, Janeiro paga, a titulo de fóros, a quantia annual de 140\$000 reis. O total das despesas será, pois, uma somma que varia entre 1:200\$000 e 1:400\$000

reis. N'estas condições a differença entre a receita e a despeza seria importante e deixaria um bom lucro se este resultado não fosse muitas vezes perturbado pelas más colheitas e sobretudo pela excessiva mortalidade de gado. Estes camponezes, que vivem elles proprios sem ideias nenhuma de hygiene, mais a ignoram ainda para os animaes. Por isso as doenças contagiosas, como o mal rubro e a pneumo-enterite para os porcos, a variola para os carneiros, dizimam de tempos a tempos os rebanhos, sem que ninguem pense em tomar as mais elementares medidas para circumscrever ou attenuar o mal. Em semelhante caso o rendimento da propriedade baixa naturalmente na proporção do *deficit* da producção. Apezar d'isso, esta familia faz todos os annos economias, maiores ou menores, e tende a constituir uma verdadeira fortuna. Pela morte dos paes os bens serão partilhados, excepto se os filhos ficassem associados, caso muito excepcional. A partilha fá-los-ha descer a uma condição um pouco inferior, a do camponez apenas remediado, differença que elles não sentirão, dada a mediocridade da sua maneira de viver actual.

Já temos feito notar a profunda ignorancia d'esta boa gente em materia de hygiene. Algumas pessoas da familia, apezar do bom clima, teem por vezes soffrido graves doenças adquiridas por contagio. Vivem com extrema sobriedade, trabalhando muito e não conhecendo distracções a não ser de alguma rara festa de familia. Todos, salvo a mãe, sabem lêr e escrever. Praticam o catholicismo com fervor. Os impostos com que a familia carrega são os seguintes: a contribuição predial, 32\$000 reis; idem municipal, 24\$056 reis; idem parochial, 3\$848 reis, mais 20 litros de trigo e 20 de centeio. Os impostos indirectos attingem, pelo minimo, vinte mil reis.

Janeiro e seus filhos são eleitores; o pae é elegivel a cargos municipaes e tem exercido já as funcções de vereador.

A familia que acabamos de descrever constitue um typo bastante frequente n'esta região do Alemtejo. Mas representa uma variedade que se distingue pelos costumes d'uma simplicidade bem rara hoje. Logo que as familias camponezas chegam a este grau de fortuna, não ficam os filhos todos como n'este caso presos á vida agricola. Alguns d'entre elles seguem as carreiras urbanas, sobretudo as profissões liberaes. Outros, ficando lavradores, deixam-se arrastar a empreendimentos e entram na classe d'esses grandes rendeiros e especuladores, dos quaes nós mais atrás traçamos a original physionomia. O Alemtejo apparece-nos assim como um viveiro de homens, formados por um trabalho rude e uma exploração já bastante complicada, e preparados, portanto, para uma iniciativa mais arrojada e concebimentos mais largos que os camponezes do norte, que enriquecem tambem muitas vezes, mas principalmente nos pequenos misteres e no pequeno commercio certamente. É, como adeante veremos, muito interessante vêr esta provincia reputada como uma região de grande propriedade mais ou menos abandonada a si mesmo, como uma especie de deserto povoado, sobretudo de carneiros e de porcos, tornar-se na realidade um centro fecundo de recrutamento para a classe média e um verdadeiro foco de progresso agricola.

Póde-se dizer que este movimento se opéra á custa da classe rica que, pouco a pouco, é expropriada dos seus latifundios, partilhados em virtude do codigo civil ou divididos por fragmentos sob a pressão da necessidade de dinheiro. Infelizmente a situação geral do paiz e as combinações artificiaes que d'ahi resultam dão a esse movimento social, tão interessante um character



aleatorio, agitado e irregular que não lhe permite desenvolver-se d'uma maneira normal nem dar os bons resultados que se poderiam esperar.

### VIII — Conclusões

Depois do exposto bastante minucioso que precede, parece-nos bem que temos fundamento para formular um certo numero de conclusões que se impõem fortemente. Resumi-las-hemos assim :

Na grande maioria dos casos o proprietario é um urbano que se desinteressa da cultura e considera as suas terras como um capital qualquer administrado pelos processos os mais elementares. A cultura é, em principio, a exploração do solo pela collaboração do trabalho e do capital ; aqui nós não encontramos mais do que, profundando as coisas, uma exploração do homem pelos pequenos arrendamentos sem intervenção technica do proprietario. O proprietario não encontrando para rendeiros, em regra geral, senão gente baixa, sem instrucção e sem meios de acção, divide as suas terras em muito pequenas parcellas, d'onde tira uma renda, sem restituir nada para a terra, ou pouco.

O lavrador indigente cultiva pelos meios mais primitivos, não tira do solo senão resultados mediocres, não obtendo senão productos pouco variados e pouco abundantes. Nutre sua familia, paga a sua renda o mais das vezes em generos, e não dá para o commercio senão coisas insignificantes. Por isso a cultura fica pouco menos de estagnada, o paiz está longe de produzir tudo o que poderia.

O juro da terra é mediocre. O lucro do camponez fica sempre pequeno e raro lhe permite elevar-se. A pobreza obriga-o a emigrar : quando se resolve a

isso, parte em mediocres condições, de onde resulta um grande numero de revezes.

Uma certa parte do paiz é valorisada pela grande exploração, mas, por effeito de meios artificiaes, tem-se guiado a cultura para a especulação aleatoria. Os progressos realisados e a situação dos comprehendedores agricolas ficam assim constantemente á mercê d'uma crise. Esta será tanto mais grave quanto é certo que os capitaes são relativamente raros e o credito caro.

Por effeito d'estas differentes causas, a agricultura portugueza não basta mesmo para alimentar completamente o mercado nacional, e a sua exportação é relativamente fraca, pois que ella não varia sufficientemente os seus productos. Como ella é ainda a industria principal de Portugal, d'ahi resulta que este paiz, vendendo pouco para fóra, se encontra em *deficit* perante o estrangeiro. D'isso provém a persistencia d'um agio desfavoravel. Emquanto a agricultura ficar n'este regimen de pobreza e inferioridade, sem que a industria consiga compensar a insufficiencia da exportação, a condição economica geral do paiz continuará forçosamente mediocre.

Os systemas de protecção, artificiaes, em uso n'este paiz, contribuem para accentuar e prolongar este estado de coisas, paralisando o jogo natural das forças economicas e substituindo as iniciativas particulares pelos mechanismos burocraticos sem actividade e sem flexibilidade.

Fizemos a indicação dos principaes remedios proprios para melhorar a situação agricola, ou por outra, esta indicação sahiu naturalmente da lição dos factos. Eis agora os pontos essenciaes que deveriam, antes de

mais nada, chamar as atenções dos homens preocupados com o futuro do paiz.

A impotencia da pequena cultura ficando demonstrada, haveria vantagem em crear por toda a parte onde o meio o permite, grandes explorações dirigidas por emprehededores instruidos munidos de capital, sabendo aproveitar as condições naturaes do paiz para desenvolver e aperfeiçoar as culturas de exportação.<sup>1</sup>

Era preciso espalhar a instrucção technica entre os camponezes por meio de *quintas-escolas* regionaes montadas d'uma maneira muito prática, com um programma simples e um ensinamento de curta duração.

Deviam-se vulgarizar por toda a parte as associações agricolas de seguros, de compra, de credito, de fabricação (manteiga, queijo, azeite, etc.), de venda e de exportação.

Emfim seria necessario formar syndicatos de proprietarios e agricultores que, de accordo com os poderes publicos, trabalhassem para melhorar gradualmente o regimen das aguas e irrigações, as estradas e caminhos ruraes, os meios de transporte em geral. Tudo o que precede póde de resto condensar-se numa só formula. Emquanto a cultura estiver abandonada quasi completamente a gente humilde, não se póde contar com um futuro melhor. Para obter resultados novos, uma organização nova é necessaria. E esta organização não póde vir senão do alto, quer dizer, dos proprietarios, tanto pelo seu proprio interesse como para bem geral da nação.

---

<sup>1</sup> Não se trata, bem entendido, de excluir a pequena exploração, mas antes de lhe organizar os quadros e dirigil-a.

---



# TERCEIRA PARTE

## AS INDUSTRIAS EXTRACTIVAS

(Pesca, marinhas, minas)

---

### I

#### **A pesca, a industria das conservas e as marinhas de sal**

O PEIXE NOS MARES LUSITANOS. — A PESCA OUTR'ORA E HOJE. — A PESCA COSTEIRA NO NORTE. — O BACALHAU. — A SARDINHA E O ATUM NO SUL. — A INDUSTRIA DAS CONSERVAS DOS PEIXES; O SEU DESENVOLVIMENTO E A SUA SITUAÇÃO ACTUAL. — PESCADORES, OPERARIOS E EMPREGADOS DAS FABRICAS DE CONSERVAS. — AS MÁRINHAS E OS SALINEIROS.

#### **I. — A pesca costeira**

As aguas maritimas que cercam Portugal são extremamente ricas em vida animal. Certas especies de peixes e crustaceos são abundantes todo o anno e sobre toda a extensão das costas. Os migrantes, especialmente a sardinha e o atum, veem por cardumes mais ou menos consideraveis; a sardinha pesca-se até em todas as estações nas costas do Algarve. Isto explica que o peixe fresco ou salgado tenha sido desde tempos immemoriaes e continue a ser um dos principaes elementos da alimentação em Portugal.

•

Esta riqueza natural formou desde o começo no reino uma população marítima ao mesmo tempo habil e arrojada, porque tinha de affrontar, em botes, um mar difficil e perigoso. Outr'ora, os marinheiros portuguezes iam perseguir a baleia ou pescar o bacalhau até aos mares do norte, numa época em que lá não encontravam senão muito poucos concorrentes. Nesse tempo, isto é, no seculo XIV, iam vender o peixe salgado aos portos inglezes, assim como aos do continente e até ao fundo do Baltico. Hoje, não obstante a situação estar invertida, porque Portugal compra fóra uma grande quantidade de peixe salgado, e mesmo peixe fresco trazido por vapores inglezes, ainda se calcula em cerca de 45:000 o numero dos marítimos occupados na pesca, e em mais de 10:000 o das suas embarcações. Esta industria continúa, pois, a contar entre as principaes do paiz, e merece uma attenção especial. Com effeito, não só alimenta uma população consideravel, mas tambem sustenta e fez nascer outras industrias que não são para desprezar, como os transportes marítimos, a fabricação das conservas, a extracção do sal marinho.

A população marítima de Portugal fórma grupos que se distinguem não só pela região que habitam, mas tambem por certos pormenores interessantes da sua organização social. As do norte, que têm como portos de irradição a Povoia de Varzim, Leixões e alguns outros, combinam muitas vezes a cultura com a pesca. Locatarios ou mesmo proprietarios d'um pequeno terreno que as mulheres cultivam, estes exercem o seu mister não só na costa visinha mas tambem nos portos do sul. Praticam effectivamente a emigração temporaria durante o inverno, que é rigoroso e pouco productivo no norte, e durante o qual vão pescar para os patrões e para as fabricas dos portos do sul. Assim apoiados na cultura, a sua existencia tem

uma segurança relativa, sem deixar comtudo de ser extremamente apertada. Com effeito, se a cultura lhes fornece os elementos essenciaes da alimentação, dá-lhes pouco ou nenhum dinheiro. A pesca, em si, retribue muito mal o pescador. Isto resulta da organização defeituosa das emprezas. Ao norte do Tejo, a pesca é praticada quasi exclusivamente por meio de pequenas embarcações. A tonelagem total, de 10:000 barcos empregados, não vae muito além de 35:000 toneladas. Resulta d'ahi que o trabalho é pouco remunerador e é frequentemente interrompido pelo mau tempo. Como os maritimos são pagos por participação, esta não vem a ser finalmente senão um salario muito insignificante. A população maritima é, pois, muito pobre, não obstante os recursos abundantes que a natureza põe ao seu alcance.

A causa principal d'esta situação está na fraqueza dos meios d'acção empregados para a pesca. Neste mar difficil, seria preciso que se servissem d'embarcações d'uma tonelagem muito mais elevada, navegando de preferencia a vapor. O trabalho seria muito mais seguido, menos perigoso e mais efficaz. Além d'isto, seria necessario dispôr de meios de transporte convenientes para dirigir o peixe fresco para as cidades do interior e até para Hespanha. Mas, para realizar taes emprezas, seria necessaria uma grande iniciativa, apoiada em largos conhecimentos e importantes capitaes. Ora, os patrões-pescadores do norte são todos gente de poucos meios, sahida da plebe maritima e reduzida ás suas proprias forças. Por isso a sua producção é muito inferior á que pôde vir a ser. Chega, comtudo, para abarrotar os mercados mais accessiveis, onde os preços são muito baixos, ao passo que, na maior parte do paiz, quasi não se pôde consumir senão peixe salgado.



O defeito da organização actual manifesta-se muito claramente no que se passa com a pesca do bacalhau. O aparelhamento de navios portuguezes para a Terra Nova foi muito florescente em certa época, mas diminuiu pouco a pouco com o conjuncto da actividade nacional. Depois de ter readquirido alguma importancia no curso do seculo passado, as embrulhadas do fisco tinham-no reduzido novamente a quasi nada, quando a associação formada com o nome de *Liga Naval Portuguesa* interveio para obter um regimen mais liberal.<sup>1</sup> Foi bem succedida nos seus esforços e desde então os armadores se multiplicaram. Em 1902, os barcos portuguezes mandados á Terra Nova não passavam de quinze, pertencendo quasi todos a uma sociedade por acções. Hoje, contam-se uns trinta, cuja capacidade varia entre 200 e 350 toneladas. Como o consumo do bacalhau é grande em Portugal, onde entra em grande proporção na alimentação popular, esta actividade da pesca nada tem de surpreendente. É mesmo susceptivel de novos progressos, porque a importação do bacalhau estrangeiro, preparado sobretudo na Noruega, é ainda muito grande: cerca de 200:000 quintaes por anno. Assim, pois, esta pesca praticada com meios sufficientes, — que de resto poderiam ser sensivelmente aperfeiçoados, — mantem-se em frente de uma poderosa concorrência. Veremos adiante que succede o mesmo no sul com a pesca da sardinha e do atum, e isto por motivos analogos. Portanto, querendo-se desenvolver a prosperidade das populações maritimas do norte, convirá favorecer constituição de empresas mais importantes, com barcos maiores, en-

---

<sup>1</sup> Oliveira Leone, *Inquerito á pesca do bacalhau*, Lisboa, 1903. 1 vol. broch.

genhos mais aperfeiçoados e mercados mais amplos. O salario dos maritimos e por conseguinte o bem-estar das familias, seriam d'este modo bastante melhorados. Não pudemos, infelizmente, encontrar as monographias necessarias para estabelecer este ponto com maior precisão, mas parece-nos que se evidencia sufficientemente nas indicações fragmentarias que reunimos. No sul vamos encontrar uma situação mais favoravel a certos respeitos, mas tambem mais complexa, porque interveem industrias complementares que tem as suas vantagens e os seus inconvenientes proprios.

## II — A sardinha e o atum

A organização da pesca nas costas do sul, sobretudo a partir dos portos visinhos de Lisboa, é sensivelmente diversa da do norte, e os seus effeitos sobre a população maritima tambem não são os mesmos.

Em primeiro lugar, o abastecimento do grande mercado constituido pela capital exige um regimen mais fortemente centralizado e apetrechado do que na região precedente. Assim, no porto de Lisboa estão registados cerca de 170 barcos de pesca com uma tonelagem de 1:400 toneladas, ou seja uma média de mais de 8 toneladas por barco, muito superior á média geral do paiz. <sup>1</sup> Isto não quer dizer que os pescadores d'este grande porto estejam apetrechados da maneira mais efficaz. Assim era ha poucos annos ainda, mas depois, tanto em Lisboa como no Porto tem-se apparelhado vapores de pesca. O ministerio João Franco limitou, por decreto, o numero d'esses vapores nacionaes ao ma-

---

<sup>1</sup> Setubal, ao sul de Lisboa, 697 barcos, 2:720 toneladas; Aveiro, no norte, 892 barcos, 1:116 toneladas.

ximo de onze. Resultou, como resulta sempre de artificios d'esta natureza, uma combinação entre os vapores privilegiados, os quaes, monopolizando o gelo das fabricas por meio de contractos, expulsaram do mercado a concorrência dos vapores estrangeiros. A Republica restabeleceu a liberdade e, immediatamente, subiu o numero de vapores nacionaes a trinta e quatro. A tonelagem média parece ter subido tambem. As embarcações a vapor ainda ha poucos annos não eram empregadas, nem os engenhos aperfeiçoados. Por isso tem-se visto pescadores inglezes virem trazer o seu peixe aos mercados de Lisboa. Ha quinhentos annos, a situação era completamente o contrario; os pescadores portuguezes exploravam o mar britannico e levavam o seu pescado a Londres. As duas nações tem caminhado cada uma de seu lado, mas em sentido inverso. Por isso, a situação do pescador de Lisboa e das proximidades é muito mediocre, embora um pouco superior á do pescador portuguez do norte.

Alguns kilometros ao sul de Lisboa, em Setubal, encontramos já um dos centros mais activos da pesca e da industria da sardinha. Estudal-o-hemos resumidamente e nos seus traços essenciaes.

A pesca da sardinha e a preparação das conservas tomaram em Setubal um grande desenvolvimento de ha uns vinte annos para cá. Resumimos aqui as informações que nos foram dadas sobre esta industria por varias pessoas competentes, e nomeadamente pelo sr. J. Le Cosloec, director da fabrica.

A sardinha é abundante em todo o littoral portuguez, e mais particularmente nas costas meridionaes, onde tambem se pesca o atum. Os aparelhos empregados para apanhar a sardinha são : o *cercó* e a *armação*. O primeiro é uma immensa rêde do comprimento d'algumas centenas de metros, manejada por



varios barcos, de modo a envolver os cardumes de peixe e apanhá-los em massa. A armação é uma rede solida, guarnecida de chumbos na base e de cortiças no alto, para se conservar verticalmente na agua, onde é lançada formando um recinto circular no qual as sardinhas penetram e, não dando com a sahida, ali se amontoam até o momento em que se julga conveniente levantar a armação. As redes d'este genero são muito caras: de oito a dez contos de reis; pertencem ás principaes fabricas de conservas que tambem tem barcos e marinheiros para as manobrar e conservar. As outras fabricas são abastecidas por pescadores que trabalham por sua propria conta com as redes ordinarias. Os homens occupados nesta pesca são em numero de dois mil approximadamente. Alimentam umas quarenta fabricas alinhadas na margem do rio Sado, o que permite aos barcos desembarcarem o peixe directamente. Empregam na preparação, enchimento de caixas, cozedura, embalagem e expedição de peixe, perto de cinco mil operarios, dos quaes mil são soldados. Estes estabelecimentos estão geralmente instalados d'uma fôrma muito summaria, em construcções ligeiras, onde o material está disposto um pouco ao acaso, em condições mediocres sob o duplo ponto de vista da boa marcha do trabalho e da hygiene dos operarios. Vê-se logo que esta industria se desenvolveu rapidamente aqui, improvisando as suas installações. E, com effeito, um certo numero de casas francezas, vendo que a sardinha ameaçava desertar das costas da Bretanha e da Vendéa, vieram estabelecer-se aqui a toda a pressa para continuarem a sua fabricação.

O pessoal operario das fabricas subdivide-se em varias categorias bem distinctas, que se caracterizam pelos traços que seguem :

Vemos primeiro o marinheiro pescador ao serviço

d'uma fabrica. Durante os periodos de pesca, recebe um salario fixo de 300 reis por dia, approximadamente, e, além d'isto, uma parte proporcional do producto da pesca; é uma especie de combinação do salario a jornal e do salario por tarefa ou a premio. Quando não ha peixe no mar, estes marinheiros são empregados na reparação e alcatroamento das redes. Ganham então de 400 a 500 reis por dia.

Os outros pescadores são contratados por um patrão de barco, que lhes dá uma pequena paga mensal e uma parte no producto da pesca.

Em segundo logar notamos os operarios e operarias empregados na manipulação e preparação do peixe. Os homens ganham em média 500 a 550 reis por dia de dez horas; as mulheres recebem de 360 a 400 reis; empregam-se tambem creanças, pagas a 40 e 100 reis por dia; algumas obteem mais.

Infelizmente, o trabalho não é regular; umas vezes porque falta o peixe e outras porque os negocios afrouxam, e por isso falta com frequencia o trabalho.

A terceira categoria é formada pelos soldadores de caixas; estes operarios recebem os recipientes de lata cortada e estampados por uma machina, e ajuntam as diversas partes por meio d'um ferro de soldar aquecido a gaz. As caixas são em seguida limpas por creanças e as mulheres mettem-lhes dentro os peixes, acabam de as encher com azeite e collocam-lhes as tampas. Voltam depois ao soldador que as fecha, depois do que são esterilizadas num autoclave aquecido a 105 graus, e em seguida entram no armazem das expedições. O trabalho do soldador é muito penoso e exige destreza e cuidado, porque o menor defeito causa a perda da caixa, pois o peixe não tarda a estragar-se. E comtudo é preciso andar depressa, porque o trabalho é pago por caixa. Estes operarios podem ganhar de 1\$200 a

2\$000 reis por dia, mas tambem para elles o regimen do trabalho é irregular, de modo que o seu ganho annual não passa de 400 mil reis, termo medio. Teem folgas frequentes que a maior parte d'elles empregam em jogar cartas horas a fio na taberna. Alguns, comtudo, mostram mais previdencia e fazem economias. Alguns teem-se associado para montar pequenas fabricas. Mas o bom exito é difficil, porque estes individuos não teem capitaes bastantes para comprar boas machinas nem para fabricarem com cuidado escolhendo o peixe, nem para esperarem o momento opportuno para venda; são explorados pelos commerciantes que lhes vendem a folha e o estanho a credito e lhes compram a producção por um preço miseravel. Assim, a elevação d'estes operarios que se lhes devia tornar relativamente facil pela taxa excepcional do seu salario, é contrariada pela falta de educação familiar e pelas difficuldades d'estabelecimento independente numa industria que se presta mal ao regimen da pequena officina. Esta difficuldade, de mais a mais, vae crescendo por effeito do desenvolvimento do machinismo. Como todos os operarios que gosam do privilegio d'um salario elevado, e que constituem mais ou menos uma *élite*, os soldadores são muito exigentes e facilmente se declaram em greve. Em Setubal, estão solidamente syndicados, mas a sua concepção do papel do syndicato vae pouco além da lucta pelo augmento do salario. Em poucos annos, organisaram com este fim tres greves, uma das quaes durou cinco mezes, causando entre este grupo de familias pouco previdentes uma profunda miseria.

Esta situação não podia deixar de provocar a multiplicação das machinas, que se vulgarisam effectivamente sob uma triplíce fórma: a machina de armar que suprime a primeira soldadura, dobrando e enro-



lando a folha e armando o corpo da caixa; a machina de soldar dirigida por uma simples manobra que torna inutil o soldador; a machina de engastar, que fecha a caixa dobrando as bordas da tampa sobre as do corpo, com interposição d'um fio de cautchu, que faz com que ella fique hermeticamente fechada. Em Setubal, estes automatos ainda são raros, mas o seu triumpho é certo num futuro provavelmente proximo. Vêem-se já muitos a funcionar nas bellas fabricas Fialho em Portimão. O officio de soldador parece, pois, destinado a desaparecer, ou pouco menos.

E' evidente que a situação da maior parte dos operarios da industria da sardinha é bastante má. A' excepção dos soldadores, os salarios são muito reduzidos, as folgas frequentes e, embora o custo da vida seja relativamente moderado, a despeito do exaggero dos impostos indirectos, um grande numero de familias passam privações em casas sujas e insalubres. Por isso, muitas vezes são victimas da tuberculose e d'outras doenças graves. Os soldadores alimentam-se melhor, mas a sua imprevidente dissipação impede-os em geral de fazer economias, e a desordem da sua existencia leva-os frequentemente ao mesmo resultado a que chegam os seus camaradas mais mal pagos, quer dizer, á degradação moral e physica. <sup>1</sup> Isto mostra mais uma vez que os salarios elevados não são a condição unica da prosperidade, de progresso, nem sequer do bem estar da classe operaria, sobretudo quando são irregulares, porque então levam á imprevidencia e á dissipação. Assim, para dar um exemplo,

---

<sup>1</sup> O mesmo diremos mais adiante dos operarios corticeiros da região de Lisboa; a observação tambem se applica aos operarios do mesmo officio do Algarve.

vê-se muitas vezes os soldadores mandar os filhos para a fabrica logo que se encontram em estado de limpar uma caixa, isto é, aos nove ou dez annos, a fim de tirarem alguns vintens do seu trabalho, e isto sem cuidado algum pela sua instrucção e pelo seu futuro.

Não nos foi possível colher monographias circumstanciadas sobre familias ligadas a esta industria. Entretanto, eis algumas indicações proprias para precisar o que dissemos anteriormente.

Manuel Antonio Gomes é um maritimo pescador empregado numa das fabricas de Setubal. O seu salario é apenas de 280 reis por dia, mas recebe percentagens sobre a importancia da pesca que lhe elevam o ganho a cerca de 450 reis termo médio. A mulher d'elle, Maria Candida, recebe 40 reis por hora, quando está empregada. Teem quatro filhos: Virginia, de 20 annos, e Manuela, de 16, que olham pela casa; Raymundo, de 11 annos, empregado no escriptorio da fabrica, onde ganha 200 reis por dia; José, de 10 annos. Os recursos d'esta familia podem ser avaliados em perto de 240 mil reis por anno, contando por largo. O aluguer de casa custa-lhe 28 mil reis, a alimentação 150 mil reis pouco mais ou menos, o resto é absorvido pelo vestir e calçar e despesas miudas.

Antonio Pescaria, de 41 annos, operario soldador de caixas, recebe por mez cerca de 36\$000 reis, isto é, perto de 440 mil reis por anno. A mulher d'elle, com 36 annos, é costureira e ganha em média 12\$000 reis por mez. Teem sete filhos: Augusta, de 12 annos; Maria, de 9; Elvira, de 6; Alvaro, de 5; Raul, de 4; Laura de 2, e um bebé d'um anno. O mais velho já está empregado na fabrica, onde ganha 200 reis por dia. O total das receitas d'esta familia attinge cerca de 620 mil reis annuaes. Mora numa casa de salubridade mediocre que lhe custa 48\$000 reis por anno. A alimen-

tação compõe-se principalmente de carne, peixe e legumes. O operario gasta vinho e aguardente em notavel quantidade. Pertence a uma associação que, em caso de doença, lhe daria 500 reis por dia e os remedios. Tendo frequentado na infancia uma escola gratuita sustentada pelos padres jesuitas, sabe ler e escrever. Abandonou completamente a prática da religião. Pescaria arranja as suas coisas de modo a evitar a contribuição de renda de casa, e para isso evita reclamar a sua inscripção no recenseamento eleitoral. Fez o serviço militar. Com um pouco d'economia, esta familia podia estar muito próspera.

Devemos, por outro lado, ao snr. Oliveira Leone, de Lisboa, algumas notas sobre outro operario soldador. José Antonio d'Azevedo, de 42 annos d'idade, é natural de Lagos, pequeno porto do Algarve, onde seu pae, capitão de longo curso, ainda vive, e onde sua mãe administra uma pequena propriedade rural. Casou com a filha d'um campones da Villa do Bispo, aldeia situada a oeste da serra de Monchique e que conta hoje 40 annos. O casal não tem filhos. Nota-se, a proposito d'esse facto, que os soldados, na sua maior parte, são naturaes do sul e em geral se conservam solteiros. Os esposos Azevedos moram no velho bairro, cuja insalubridade conhecemos. O operario ganha na fabrica um salario, á tarefa, que se eleva muitas vezes a 36 mil reis por mez, mas que tambem ás vezes desce a nove mil réis, segundo ha ou não aperto de trabalho. O salario annual médio pôde avaliar-se em cerca de 360 mil reis. A habitação occupada por este casal custa 36\$000 reis por anno; fica situada num primeiro andar, e consta de tres pequenas divisões e uma cosinha, tudo mobilado muito medestamente; a roupa branca e o vestuario são igualmente d'uma extrema simplicidade. A casa e as roupas são conservadas com aceio.



A alimentação comprehende principalmente pão de trigo, legumes, peixe, de quando em quando carne, vinho; pagam ao mez as compras na mercearia. O operario pertence á associação de soccorros mutuos e ao syndicato dos soldados. Recebeu uma boa instrucção primaria, a mulher sabe ler e escrever. A lei fiscal impõe-lhe uma contribuição de 10% sobre a renda da casa a que é preciso accrescentar pelo menos 16 mil reis d'impostos de consumo. Azevedo tirou no sorteamento um numero alto que lhe evitou o serviço militar; é eleitor municipal e politico. Este casal, que não tem encargos, podia actualmente collocar algum dinheiro ao canto da gaveta. Mas pouco se importa com isso e limita-se a viver ao Deus-dará, o que o mantem indefinidamente na mesma situação precaria.

Urbano Nascimento, de 27 annos, é empregado de escriptorio numa fabrica de conservas, com o ordenado de 25\$000 réis por mez. A mulher d'elle, Carmen Borges, de 21 annos, consagra-se aos serviços domesticos. Teem uma pequenita, Carmen, de seis mezes. A familia occupa uma pequena morada, que custa 40\$000 réis de renda. Este casal de jovens vive com muita sobriedade. O pae, antigo alumno da escola normal de professores primarios, tem gostos intellectuaes; a leitura e os passeios com a familia são as suas unicas distrações. No ponto de vista religioso não praticam nada: Nascimento não paga contribuições directas, mas já vimos que os impostos indirectos são consideraveis. Remiu-se do serviço militar mediante o pagamento de 150\$000 réis. É eleitor politico e municipal. Uma familia d'este typo não se eleva, pelos seus recursos, acima da condição operaria média. Não obstante, é levada a manter-se com um certo decoro que muitas vezes lhe torna a vida bastante difficil.

Vê-se por estas rapidas observações que a indus-

tria das conservas, fornecendo á pesca costeira um importante mercado exterior, lhe tem dado uma actividade notavel. Tem proporcionado á população occupações um pouco mais lucrativas e um trabalho mais abundante. Por isso, Setubal é uma das cidades portuguezas que se tem engrandecido mais rapidamente.<sup>1</sup> Por infelicidade, a população estava mal preparada para esta prosperidade relativa, da qual não sabe tirar bastante proveito. Mostra-se ao mesmo tempo exigente e de pouca previdencia, gastadora e descuidada com o conforto e a hygiene, facilmente accessivel ás tentações e excitações. Por isso, é dizimada pelas doenças que acompanham sempre a miseria e o alcoolismo, ao passo que a desmoralisação e o espirito de revolta fazem progressos sensiveis nas suas fileiras.

A situação é um pouco melhor nos pequenos portos do Algarve, onde as circumstancias são de resto mais favoraveis ainda. A sardinha, que falta muitas vezes, mesmo em Setubal, conserva-se todo o anno nas aguas meridionaes, e por isso o trabalho, sem ser absolutamente constante, é mais regular. Na primavera, chega o atum em cardumes consideraveis e apanham-o em grande quantidade. A maior parte da pesca é transformada em conservas d'azeite e o resto é salgado. As fabricas são numerosas em Portimão, Lagos e Olhão. Algumas, nomeadamente as da casa Fialho, são muito vastas, bem organisadas, possuindo machinismos perfectos, tanto para a fabricaçaõ como para a pesca. A situação do pessoal maritimo e operario é analoga á da gente de Setubal, talvez melhor por causa da maior regularidade do trabalho e tambem da menor

---

<sup>1</sup> Ver noutro logar, no capitulo consagrado aos transportes, a monographia do maritimo que faz cabotagem em Setubal.

carestia da vida. Aqui, porém, mais ainda que em Setubal, o maquinismo desenvolve-se com rapidez nas fabricas de conservas, diminuindo de anno para anno o numero de operarios habeis e nivelando os salarios. Todavia a prosperidade d'esta industria traz á população maritima um elemento de ganho que lhe permite uma existencia mais commoda. Por isso, tem augmentado em numero.

A pequena pesca occupa tambem no Algarve um bom numero de maritimos. O peixe d'estes encontra mercado até ao Alemtejo, para onde é levado em caminho de ferro ou pelo rio Guadiana. Estes meios de transporte são, porém, muito insufficientes. Se fossem completados, os pescadores encontrariam no interior do paiz mercados que, actualmente, só estão abertos ao peixe salgado.

Em resumo, a pesca costeira comprehende duas cathogorias bem distinctas. A primeira tem por fim abastecer o mercado interno de peixe fresco ou salgado. E' uma industria exercida por gente humilde, dispondo de capitaes insignificantes, de material fraco e de mercados insufficientes. Dá aos pescadores que a praticam magros lucros ou salarios muito mediocres, reduzidos ainda por frequentes faltas de trabalho. A segunda é patrocinada pelos fabricantes de conservas, isto é, por industriaes que trabalham geralmente em grande escala, com utensilios poderosos e solidos capitaes, e para o mercado internacional. N'este caso, o trabalho é sensivelmente mais regular, mais abundante e mais bem retribuido. Graças ás circumstancias favoraveis do meio, e tambem á gravissima crise que assolou a França, esta industria tem prosperado notavelmente em Portugal. Sob o ponto de vista puramente economico, é um verdadeiro successo, em grande parte devido, deve-se dizer, á immigração de casas estrangei-



ras. Comtudo não é perfeita esta situação. Em primeiro lugar, os fabricantes vão buscar á Italia os azeites de que precisam, apesar de Portugal produzir abundantemente este genero. Já expozemos os motivos d'esta anomalia, <sup>1</sup> que se devia modificar em favor da agricultura nacional, porque parece que esta foi sacrificada a uma combinação simultaneamente fiscal e proteccionista. Com effeito, a importação dos azeites proporciona á alfandega um rendimento notavel, que restitue em parte aos fabricantes pelo regimen *drawback*, de que resulta indirectamente um premio de sahida em proveito da exportação das conservas. Não se pôde negar a importancia d'este commercio, mas, ainda assim, é singular e illogico que a cultura, principal industria do paiz, se encontre sacrificada nesta combinação.

Depois, quando se examina a questão sob o ponto de vista social, nota-se que a industria das conservas está em plena evolução. Pelo desenvolvimento do maquinismo, tende a supprimir quasi por completo o operario especialista, para quasi não mais empregar senão serventes de machinas. Ver-se-ha, pois, desaparecer uma cathegoria de operarios que, apesar dos seus defeitos, constituíam uma *élite* susceptivel de se desenvolver, de se elevar. E' sabido que a crescente concentração do fabrico que cria as grandes fabricas, contribue tambem para tornar mais difficil a elevação do operario. Accrescentemos ainda que, presentemente, a fabrica attrahe muitas creanças demasiado jovens, que retira prematuramente da escola, e de que faz as mais das vezes, não sómente simples serventes de ma-

---

<sup>1</sup> Vêr noutro lugar a monographia do lavrador de Mirandella.

chinas, mas ainda pessoas privadas de toda a formação intellectual. <sup>1</sup>

Os mares lusitanos não dão apenas peixe. Fornecem tambem um sal de qualidade superior, extrahido num grande numero de marinhas. E' tambem uma verdadeira industria nacional de que falaremos resumidamente.

### III. — As marinhas. — Salineiro de Faro

O sal portuguez é reputado pela sua alvura e pela sua qualidade. Ha seculos já que é procurado para a conservação do peixe e se exporta para longe. De mais a mais, o clima secco do estio é muito favoravel a esta industria, que se exerce em quasi todo o contorno das costas, e além d'isso no curso inferior do Tejo, do Sado, do Vouga, etc. As marinhas são de fórmas differentes segundo o logar. Na ria d'Aveiro, aproveitaram praias baixas, onde a agua é retida por pequenos diques. Noutros pontos, cavaram a alguma distancia da costa bacias profundas, ligadas ao mar por um canal munido d'uma comporta. O fundo da bacia é dividido em compartimentos por meio de pequenos taludes d'argilla. Faz-se entrar a agua salgada de modo a formar uma camada de cerca d'um metro de altura, que se evapora pouco a pouco. Quando os taludes começam a apparecer acima da agua, o sal começa a depositar-se no fundo dos compartimentos, d'onde é retirado, depois seccado ao ar e mettido em saccos. Em seguida, escôam-se as aguas, limpa-se a bacia, concerta-se e começa uma nova operação.

---

<sup>1</sup> Vêr nas monographias que servem de base a este trabalho, as indicações relativas ao regime escolar e á instrucção primaria, assim como o capitulo que adiante será consagrado á vida intellectual.

Já falamos de Faro, capital do Algarve. Estão estabelecidas, nos seus arredores, sete grandes marinhas. Uma d'ellas encontra-se a um quarto de hora de marcha para além das ultimas casas, para oriente, no meio d'um grande recinto situado a 300 metros, pouco mais ou menos, do mar e a alguns metros acima do seu nivel. Nelle se acham escavadas algumas vastas bacias da profundidade de 5 a 6 metros; no fundo, vê-se, através da agua tranquilla, os taludes aplanados que separam os compartimentos e servem de caminhos para se retirar o sal após a evaporação. Um pouco á retaguarda, foi erguida uma casa de habitação e um armazem. Esta installação está sob a guarda d'um operario salineiro, a quem o patrão, que mora na cidade, deu alojamento na casa. Este homem, fallecido algumas semanas depois da visita do nosso collaborador, foi substituido pelo genro, que se encontra sensivelmente na mesma situação. Chamava-se Antonio Bacalhau, tinha 50 annos e era viuvo. Deixou tres filhos: Antonio, de 30 annos; Maria, de 25; Gertrudes, de 20; Maria está casada com o moço operario que actualmente olha pela marinha. O salineiro organiza e dirige todo o trabalho de preparação e extracção do sal, sob a fiscalização do patrão; é, pois, uma especie de contra-mestre; para o ajudar, Bacalhau empregava principalmente os membros da sua familia, e como este trabalho não chegava para lhes dar que fazer todo o anno, procuravam tambem trabalho, por fóra, como jornaleiros. Os salarios pagos nestes diversos casos são pouco elevados. <sup>1</sup> O pae ganhava por dia 320 reis; o filho, quando trabalhava na marinha, tinha 260 reis,

---

<sup>1</sup> Veja-se a monographia do hortelão-jornaleiro dos arredores de Faro.



e apenas 240 reis nos outros trabalhos; as mulheres recebem 140 reis. Quando viviam juntos, em casa cedida pelo patrão, podiam reunir um total de salarios variando entre 200 e 260 mil reis, conforme os annos. Além d'isto, alugavam na visinhança um pequeno terreno, onde cultivavam legumes, e quando o trabalho faltava, as mulheres iam apanhar marisco na praia. Nestas condições, e em tempo normal, podiam fechar o anno sem muitas privações. Mas, para um casal novo com alguns filhos pequenos, a situação é muito mais dura, porque é preciso sustentar a familia com um salario annual geralmente inferior a 140 mil reis.

A mobilia deixada pelo velho operario compõe-se d'alguns moveis e utensilios grosseiros, aos quaes se deve juntar alguma roupa d'algodão, tudo quasi sem valor. A habitação occupada agora pelo casal compõe-se de tres compartimentos bastante confortaveis, cedidos gratuitamente pelo patrão. Esta gente alimenta-se essencialmente de pão, legumes, peixe e marisco; quasi nunca come carne, mas bebe algum vinho. Tem de comprar a maior parte do que consome, e de pagar quasi sempre a dinheiro de contado.

Esta existencia muito apertada segue com grande regularidade. As faltas de trabalho são raras, assim como as doenças que exigem a visita do medico, que leva 500 reis para vir da cidade. As distrações estão reduzidas ao minimo neste logar um tanto afastado, e a familia, como se vê, não tem muito dinheiro para gastar. Bacalhau sabia ler alguma coisa e o filho não é mais instruido; quanto ás filhas são completamente analfabetas. Para frequentar a escola, é preciso ir a Faro, é uma caminhada de mais d'um kilometro. Esta gente é catholica, mas pouco fervorosa, como de resto a média da população em todo o Algarve.

Bacalhau não pagava nenhuma contribuição di-

recta, e não fez serviço militar, porque nunca foi chamado; o filho foi dispensado por incapacidade physica. O pae era eleitor municipal e politico, graças ao seu modesto saber, que lhe permittia decifrar um jornal.

Observamos já precedentemente que a immigração operaria é insignificante nesta provincia, ao passo que a emigração é muito activa. Um irmão de Bacalhau, operario canteiro e dono de uma modesta propriedade, trabalha actualmente na Africa; deixou a mulher na terra, cultivando o terrenoso, e espera regressar dentro d'alguns annos munido d'um peculio que lhe permittirá augmentar a sua propriedade e viver vida facil de camponez.

A familia que acabamos de descrever summariamente representa bem a média dos casaes de jornaleiros que habitam os suburbios de Faro e nas proximidades. Os operarios das industrias, são um pouco mais bem pagos, sem que os seus salarios excedam um nivel muito modesto. Em cada marinha encontra-se assim um ou mais operarios experimentados, desempenhando as funcções de contramestres, e dirigindo o trabalho dos jornaleiros contratados para a apanha do sal ou para a preparação das marinhas. Para estabelecer estas é necessario um capital importante. Com effeito, tem de se adquirir um terreno, cavar e preparar as bacias, construir um armazem. Além d'isto resulta da irregularidade das estações um risco muito sensivel. Um estio humido dá uma má apanha de sal. Estes obstaculos, impedem que um simples operario possa facilmente chegar a montar e explorar uma marinha por sua conta propria. Em geral são commerciantes que empreendem essas explorações, de que vendem os productos a negociantes por atacado, os quaes exportam uma grande parte para o norte da Europa.

## II

### As minas e os mineiros

AS CAMADAS METALLIFERAS NA PENINSULA. — O CARVÃO EM PORTUGAL. — A EXTRACÇÃO DOS METAES NA ANTIGUIDADE. — A METALLURGIA NO TEMPO PRESENTE. — A EXPORTAÇÃO DOS MINEIROS. — A POPULAÇÃO MINEIRA NO SUL. — OS METAES RAROS NA REGIÃO DO NORTE. — AS MINAS DE CHUMBO E OS MINEIROS NA BACIA DO VOUGA.

Entre as artes technicas, a das minas é uma das mais difficeis de desenvolver e applicar, por causa da complexidade dos methodos, dos processos, e dos interesses em jogo. Por isso, só os povos mais fortemente organizados e mais activos é que sabem dar ás industrias mineiras a extensão e a perfeição que ellas comportam. As nações cujo regimen social é dominado pela tradição e pelo espirito de rotina, e aquellas onde a desorganização da familia enfraqueceu ou desordenou as molas da vida social, limitam-se, por assim dizer, a tocar superficialmente nas camadas de mineraes mais accessiveis e mais communs. Despream até muitas vezes completamente estes elementos de trabalho e de riqueza. Quando as empresas mineiras estão estabelecidas em grande escala e dirigidas com bom exito, dão resultados consideraveis sob o ponto de vista economico, ao mesmo tempo que sob o ponto de vista



social. As industrias a que dão origem attrahem ás vezes populações inteiras que alargam os antigos centros ou criam novas cidades. Os campos, que devem alimentar estas multidões, são então occupados e amanhados, ou submettidos a uma cultura mais intensa. A população mixta que resulta d'este movimento, toma uma physionomia social mais ou menos typica, conforme o caracter do elemento que predomina. Umas vezes este elemento é fornecido por uma colonisação homogenea, que alastra pouco a pouco, e vae occupando solidamente a região. Foi o que se deu na California. Em outros logares as minas attrahem sociedades d'accionistas, que se preoccupam unicamente com a sua industria e as suas necessidades especiaes. A Africa do Sul offerece-nos um exemplo claro d'esta situação. Em outros casos, emfim, as minas podem ser um accessorio dependente d'uma grande propriedade rural, na qual o dono combina a cultura com a industria para tirar melhor rendimento. Este facto tem-se produzido frequentemente na Europa em paizes constituidos de maneiras muito differentes. Dá sempre resultados conformes com as tendencias da organização social ambiente. Assim, as emprezas mineiras d'este typo creadas na Suecia produziram consequencias muito diversas das que se manifestaram nas grandes propriedades da Russia oriental. Isto prova que muito devem reflectir os homens publicos quando a questão se apresenta á sua attenção, por isso que medidas mal combinadas, adoptadas seja em favor da industria mineira, seja contra ella, podem ter consequencias remotas d'uma gravidade excepcional. Nem os primeiros pesquisadores d'ouro do Far West, nem os governantes boers que concederam as primeiras minas do Rand, podiam imaginar os resultados de que os seus actos haviam de ser causa.

### I. — Os depositos metalliferos

Portugal é um dos paizes do mundo mais ricos em jazigos metalliferos. Os magnificos depositos disseminados pelas serras hespanholas continuam no territorio portuguez, que muitas vezes atravessam de lez a lez. Muitos d'elles são exploraveis a ceu aberto, isto é, em condições muito favoraveis. De facto ha muitos seculos que os minerios lusitanos são conhecidos ou utilizados. Encontram-se frequentemente vestigios d'antigas explorações, que duraram muitos annos, deixando no local verdadeiras collinas de desentulho e escorias. Os metaes principalmente explorados pelos antigos eram o cobre, o estanho, o chumbo argentifero, o oiro associado ás vezes com o antimonio. Os engenheiros modernos accrescentaram a esta lista o carvão, o ferro, o manganez, o wolfram, o uranio e até o radio. Contam-se ás centenas os jazigos descobertos e reconhecidos em toda a extensão do paiz, no norte como no sul, na planicie como na montanha. Muitos encontram-se inutilizados por falta de dinheiro, porque os capitaes portuguezes mostram-se ainda mais timidos, se tal é possivel, para com esta industria do que para com as outras. Deve-se dizer que certas especulações arriscadas, lançadas por homens sem escrupulos, tem contribuido muito para afastar o publico das empresas d'este genero. Mas este motivo não basta para explicar uma abstenção tão accentuada que deriva de motivos de ordem geral, e em primeiro lugar, da desorganização social antiga e profunda que apontamos no principio d'este trabalho. Essa desorganização social torna os portuguezes pouco aptos para organizar, dirigir em boa ordem, e manter, empresas tão vastas e tão complicadas.

É na região meridional que se encontram os jazi-

gos metalliferos mais importantes, principalmente os de pyrites de ferro e cobre, ao passo que os outros metaes se encontram sobretudo nas provincias do norte. A producção do sul é mais abundante, mas a do norte é mais variada e fornece productos mais preciosos. Vamos fazer um rapido inventario dos recursos metallicos de Portugal.

Até hoje, teem-se encontrado apenas terrenos carboniferos de pouca extensão, localisados na região do norte das margens do Mondego inferior. O jazigo mais importante é o do Bussaco, que fornece hulha de muito boa qualidade. No cabo Mondego, encontra-se anthracite, e mais ao sul linhites sem grande valor industrial. Reconheceu-se a presença do carvão perto do Porto e tambem nos arredores de Lisboa, assim como tambem do petroleo; mas, por emquanto, não se possuem a este respeito senão indicações duvidosas. Em summa, parece provavel que Portugal é pobre em combustiveis mineraes. O facto é, sem duvida, para lamentar, mas não se lhe deve exaggerar a importancia como se faz abusivamente para explicar a inferioridade industrial do paiz. Graças á sua posição maritima, Portugal póde receber os carvões estrangeiros por preços muito moderados, inferiores aos que se pagam em muitos districtos manufactureiros da Europa central. Além d'isto, este paiz dispõe de importantes forças hydraulicas, que se poderiam ter aproveitado, utilizando tambem as aguas, para irrigação das regiões baixas. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Está actualmente em estudos um interessante projecto, devido á iniciativa do engenheiro Pinto Junior, de Coimbra, para a utilização das aguas da Serra da Estrella. Mas, como sempre acontece num paiz assolado pela malaria politica, este projecto encontra obstaculos administrativos que provavelmente o farão mallograr.



Os minerios de ferro encontram-se em camadas consideraveis, em diferentes pontos do territorio, nomeadamente no Alemtejo occidental, e nas provincias do norte. Tem sido descobertos em varios pontos minerios magneticos de muito boa qualidade, contendo até 70% de metal, mas a maioria d'elles não se tem explorado por falta de meios de transporte. Extrahe-se para exportação uma certa quantidade d'estes minerios, principalmente no Alemtejo, assim como no Bussaco e em Moncorvo. Como a Suecia prohibiu virtualmente a sahida dos minerios de ferro, pediu-se a Portugal que cobrisse o *deficit* que d'ahi resultou no abastecimento das fundições inglezas, belgas, francezas e allemãs. Até se tem expedido para os Estados Unidos. Certos jazigos ferruginosos encontram-se nas proximidades das minas de carvão. Mas isto não tem bastado para crear a industria metallurgica.

O cobre é extremamente abundante em quasi todas as provincias de Portugal. No sul, é por centenas de kilometros quadrados que se medem os terrenos que conteem pyrites cupricas, onde o metal vermelho está associado umas vezes á cal, outras vezes ao ferro ou ao arsenio. Estão em plena prosperidade importantes explorações em diversos pontos, principalmente em S. Domingos, logar situado a 18 kilometros do rio Guadiana. Esta mina, explorada por uma companhia ingleza, está ligada por um caminho de ferro ao rio, sobre o qual se construiu um pequeno porto, onde os vapores que regressam do Mediterraneo carregam o minerio como lastro, a preços muito baixos; partem assim, cada anno, 300:000 toneladas com destino aos paizes do norte. Em Aljustrel, em pleno Alemtejo, uma companhia belga extrahe igualmente pyrites para as exportar. Uma sociedade ingleza explora outra mina no valle do Douro, etc. No local da extracção apenas

se tratam os minerios mais pobres, e geralmente apenas para os concentrar. Fabrica-se tambem algum arsenico e acido sulfurico. De facto, a maior parte do cobre tirado do solo portuguez é fundido e manufacturado no estrangeiro.

Nos schistos metamorphicos e nos granitos das provincias do norte, encontram-se veios de minerios d'estanho, cujos affloramentos são explorados desde tempos immemoriaes por simples camponezes, por meio de fornos primitivos de carvão de madeira. Os depositos mais conhecidos estão situados no extremo norte, na Beira Alta, em Traz-os-Montes e em Vianna do Castello (Minho). Estes minerios são extrahidos por diversas sociedades estrangeiras.

Tambem o chumbo é muito vulgar no norte, sobretudo nos arredores do Porto, Villa Real e Terramonte, onde existem importantes explorações, cujos productos são exportados sem tratamento e fundidos lá fóra. Em geral, acha-se associado com prata.

Descobriram-se nestes ultimos annos, em quasi toda a região septentrional, jazigos de wolfram, dos quaes o minerio se conta entre os mais ricos e os mais puros actualmente conhecidos. Certas amostras contem até 70 % d'acido tungstico. Emprega-se na fabricação dos aços duros e pesados de que se fazem obuzes. Serve igualmente para a confecção das lampadas electricas por incandescencia. Este minerio é extrahido por sociedades inglezas, belgas e francezas.

Tem-se encontrado antimonio em todas as partes de Portugal, desde Faro, no extremo sul, até Bragança, no extremo norte. Apresenta-se umas vezes só, outras associado ao ouro. Só no valle do Douro, ha uma faixa de terreno de 40 kilometros de comprimento por 10 de largo, onde abunda o minerio d'antimonio. A exploração tinha tomado já um grande desenvolvi-

mento, quando a concorrência de varios outros paizes fez bruscamente descer os preços a um nivel muito baixo, de modo que foram abandonadas diversas concessões.

A situação é exactamente a mesma para o manganéz. Os celebres depositos hespanhoes de Huelva prolongam-se através o Alemtejo até Alcacer, num comprimento de mais de 130 kilometros. Foram dadas 54 concessões para a extracção do mineral, entre Mertola e Aljustrel. Mas a baixa dos preços reduziu a extracção a muito pouco. Para sustentar a concorrência, seria necessario tratar o minerio no local da extracção e muito barato. Mas, para isto, faltava tudo: o carvão, os capitaes, mas sobretudo os meios de transporte e a iniciativa.

Emfim, teem-se reconhecido importantes filões de quartzos auriferos, desde a antiguidade, nas massas de schisto de que em parte são formados os planaltos do norte. Com effeito, encontraram-se vestigios de consideraveis trabalhos executados na época romana para exploração d'estes filões. Um engenheiro do Porto, o sr. Moraes Carvalho, que se occupou muito activamente d'esta questão, extrahiu do valle do Douro quartzos que continham, por tonelada, até 170 grammas d'ouro geralmente associado ao sulfureto de ferro e ao antimonio.

Não é ocioso acrescentar a esta lista, já longa, as numerosas fontes mineraes e thermaes, salgadas, alcalinas, ferruginosas, sulfurosas, etc., que brotam em quasi todas as provincias, desde Monchique até Vidago e Gerez, e ainda para além, sem falar de varias minas de sal gemma.

Portugal possui, pois, todos os elementos d'uma industria metallurgica muito importante que, com industrias annexas, poderia ter feito d'este paiz um dos



centros mais activos do mundo. Os portuguezes não souberam tirar partido d'estas riquezas; os seus minerios quasi não foram para elles mais que montões de pedras sem valor até o dia em que os estrangeiros vieram extrahi-los e os levaram para alimentarem as suas fabricas.

As monographias que seguem vão dar-nos uma ideia das condições em que se faz a extracção, e da situação dos operarios nella empregados.

## II. — Capataz d'Aljustrel

A primeira familia observada é a d'um capataz nas minas de cobre e manganez d'Aljustrel, exploradas pela sociedade belga de que já falamos, e da qual a séde social é em Antuerpia. <sup>1</sup>

Aljustrel é uma villa de 8:000 almas, situada no interior alemtejano, numa região accidentada que fórma a linha divisoria das aguas entre o rio Sado um affluente do Guadiana. Está situada numa collina, a uma altitude de 180 metros, numa região desprovida d'agua, onde os estios são extremamente seccos e quentes. Por isso, a cultura localisa-se nos valles baixos, que são ferteis, e onde se colhem cereaes, legumes: feijões, favas, couves, etc.; nas encostas, encontra-se a vinha, pastios plantados d'oliveiras, e emfim montados de azinheiras, cuidadosamente tratadas, de que as bolotas alimentam rebanhos de porcos. Tambem se criam cabras e carneiros. O gado grande é raro, por falta de forragens. Apesar de haver muitos terrenos muito seccos e incultos, a região é sufficientemente

---

<sup>1</sup> Monographia feita com aco adjuvação do sr. Finiels, engenheiro nas minas d'Aljustrel.

productiva para abastecer a villa, que além d'isso recebe peixe do Algarve pelos caminhos de ferro.

O solo d'esta região encerra importantes depositos de pyrites de ferro, contendo uma forte proporção de cobre. Tambem ali se encontram ricos minerios de manganez. O centro d'exploração é em S. João do Deserto, numa collina rochosa visinha d'Aljustrel. A principio, os affloramentos eram explorados a ceu aberto. Mas depois foi necessario seguir os filões em profundidade por meio de poços e galerias, cavados nos schistos azues.

Estes trabalhos difficeis exigiram capitaes consideraveis e uma direcção technica muito esclarecida, elementos que outr'ora faltavam completamente no paiz; isto explica a necessidade da intervenção estrangeira. Estes filões tem o comprimento d'um kilometro approximadamente, na direcção sul-norte, com um ligeiro desvio de 18° para occidente, e uma inclinação de 68° para oriente. O ataque do minerio faz-se por andares de 20 metros d'altura, divididos em secções de 2 metros, fazendo os córtes da parede desde o tecto e escorando com madeiramento cerrado. Estes minerios tem sido explorados desde remota antiguidade. Muitas vezes se encontram trabalhos antigos que se suppõem romanos e que foram aterrados com minerios considerados então muito pobres, mas que hoje se utilizam.

A maior parte dos productos d'esta mina são tratados no proprio local, pelo menos parcialmente, para obter um material mais rico, ou até cobre metallico; o resto é exportado em bruto para a Belgica, Allemanha, etc. A mina d'Aljustrel está situada a poucos kilometros da grande linha ferrea do Estado que liga o extremo sul do paiz ao Barreiro, na margem do Tejo. Uma linha particular de 20 kilometros transporta os productos á estação da Figueirinha, onde os wagons

carregados passam directamente para os rails do Estado; o transporte entre Figueirinha e Barreiro custa 1\$040 reis por tonelada. O frete marítimo é muito barato, porque os navios carregadores chegam em lastro em viagem de regresso, e qualquer frete representa um lucro nessas condições.

A sociedade anonyma que explora os pyrites d'Aljustrel, emprega um pessoal numeroso, entre o qual se encontram muitas nacionalidades. Os agentes superiores são principalmente belgas, francezes ou portuguezes. Os operarios são portuguezes ou hespanhoes. O operario estudado, Manoel Salvador, é natural do concelho de Mertola. O pae morreu, mas a mãe, com 65 annos d'idade, ainda vive na sua aldeia natal. Tem tres irmãos e tres irmãs. Salvador tem 41 annos, e sua mulher, Barbara Tadeu, 36. Teem oito filhos: Francisco, de 17 annos; Maria, de 14; Manoel, de 11; Perpetua, de 7; Jacintho, de 6; Joaquim, de 4; Maria, de 3; Henriqueta, de 2. O pae é capataz, isto é, contra-mestre, ou chefe d'um turno d'operarios nas minas. A mãe emprega-se no serviço domestico. O filho mais velho está empregado numa casa de commercio, e quatro dos outros filhos andam na escola.

O regimen do trabalho na mina baseia-se no salario por dia para os operarios, mas os capatazes são pagos ao mez, com uma especie de participação ou premio calculado pela quantidade extrahida. Salvador recebe 33\$000 reis por mez, mais a participação que varia entre 5\$000 e 10\$000 reis. O trabalho na mina suspende-se aos domingos e dias feriados. O filho mais velho ganha 4\$000 reis por mez; é, portanto, considerado como um aprendiz. Além d'isto, a familia encontra recursos apreciaveis na cultura d'um campo d'um hectare e meio approximadamente, avaliado em 300\$000 reis e comprado mediante uma renda vitalicia de 9\$000



reis por anno. Este pedaço de terra, plantado de oliveiras e semeado de cereaes, chicharos e outros legumes, fornece á familia uma parte da alimentação ; o resto vende-se. O trabalho de preparação e colheita é feito principalmente por operarios a jornal. Calcula-se o rendimento bruto d'este campo na consideravel quantia de 150\$000 reis ; apesar de a producção do azeite ser vantajosa, custa-nos a crer que esta avaliação não seja exaggerada.

Salvador habita na villa, no bairro d'Algares, onde a sociedade das minas construiu casas para os seus operarios, um rez-de-chão composto de tres quartos, sala de jantar e cosinha. O aluguer pedido pela sociedade é ordinariamente de 1\$000 reis mensaes por dois compartimentos. O capataz teria, pois, de pagar por quatro compartimentos e uma cosinha pelo menos reis 2\$000 por mez, ou sejam 24 mil reis por anno ; mas a sociedade dá-lhe casa de graça, o que constitue uma subvenção apreciavel. A mobilia que guarnece a habitação é muito modesta : camas de ferro, armarios, mesas e bancos de pinho, a roupa e a baixella indispensaveis, tudo avaliado em cerca de 100 mil reis, eis o inventario. Acrescentemos que a casa e mobilia são conservadas com aceio.

A alimentação é egualmente muito simples, mas sufficiente. Esta familia come principalmente sopa, pão, peixe salgado, carne de porco, legumes, batatas e arroz ; gasta pouco vinho. As despezas de alimentação calculam-se em média em 25\$000 por mez, isto é, cerca de 300 mil reis por anno. O vestuario e os outros gastos miudos elevam-se a 10\$000 ou 11\$000 reis por mez, ou quasi 140 mil reis por anno. Como os recursos da familia são em numeros approximados de 540 a 600 mil reis, ella dispõe portanto de um saldo d'algumas dezenas de mil reis de que a maior parte é

empregada em pagar o premio d'um seguro contratado sobre a vida do operario para um capital d'um conto de reis; este premio sobe a 77\$000 reis por anno. Isto representa as economias do casal. Notemos a proposito que a pratica dos seguros de vida, pouco espalhada em Portugal, é muito excepcional entre os operarios. Este facto explica-se facilmente pela taxa elevada do premio de que acabamos de falar.

Os generos e artigos de consumo são comprados a dinheiro de contado aos commerciantes da villa ou nos armazens da cooperativa mineira. Esta, fundada ha dois annos pelos empregados e operarios da mina, conta actualmente 300 socios. É dirigida por uma commissão eleita, composta de sete pessoas, a qual reúne duas vezes por mez para verificar as operações, auctorisar as compras e admittir novos socios. Da venda estão encarregados um gerente e dois empregados. A commissão eleita exerce uma fiscalização geral sobre as operações. Para fazer parte d'esta cooperativa, é preciso adquirir pelo menos uma acção, cujo preço é de 5\$000 reis. Esta importancia póde ser paga em prestações. Ninguem póde possuir mais de 10 acções. As vendas fazem-se a dinheiro de contado, e no fim de cada exercicio os lucros são repartidos proporcionalmente ás compras feitas por cada membro. Embora de data recente, esta cooperativa já tem dado excellentes resultados; só fornece bons generos ao melhor preço possível, e, além d'isto, habitua os seus membros á previdencia. Emfim, esta concorrência fez baixar os preços, d'um modo geral, nas lojas da villa.

Salvador, que pouco frequenta a taberna, tem como principal distracção a caça. Esta, aberta oito mezes em cada anno, é regulada por uma legislação pouco severa que quasi não impede a caça illicita. No estio, é muito penoso caçar, e a caça, em pequena quantida-

de, apenas traz um insignificante complemento á alimentação da familia. A licença de uso e porte d'armas, que tambem dá direito a caçar, custa 3\$000 reis por anno.

Comquanto esta familia observe os cuidados elementares da limpeza, póde-se dizer que não se preocupa muito com as regras da hygiene. Entretanto, a saude geral é boa. Em caso de necessidade, o operario póde recorrer ao auxilio do Monte Pio, ou associação de soccorros mutuos da mina, organisada e administrada pelos operarios. Conta 500 socios; a joia é de 1\$000 reis, e a quota mensal de 480 reis. A associação garante aos socios a assistencia medica e os remedios para toda a familia e um subsidio de 300 reis por dia. Esta associação está muito prospera.

O pae e os cinco filhos mais velhos sabem ler e escrever; a mãe é analphabeta. Ha em Aljustrel varias escolas, umas publicas e gratuitas, outras particulares e pagas. É numa d'estas ultimas que Salvador traz os filhos. É costume os alumnos adquirirem á sua custa os artigos escolares; a duração quotidiana das aulas é em geral de quatro horas. A familia é catholica d'origem, mas não pratica a religião; os actos do culto não reúnem ordinariamente senão um reduzido numero de fieis. Accrescentemos que, entre esta população, a educação das creanças é geralmente má; são muito abandonados a si mesmos, vivem na rua e criam-se ao acaso. De resto, succede quasi o mesmo por toda a parte em Portugal.

Pelo que toca a obrigações civicas, Salvador paga duas contribuições directas: a primeira, chamada industrial, eleva-se a 2\$500 reis; os simples operarios pagam 600 reis; a segunda, é a contribuição predial sobre o campo que a familia possui, a sua importancia é de 1\$200 reis, ou sejam approximadamente 12 % do



rendimento da propriedade. Devem-se acrescentar a isto os impostos indirectos, que, para esta familia, devem formar um total comprehendido entre 16 e 20 mil reis. Salvador foi dispensado do serviço militar. É eleitor municipal e politico, e interessa-se bastante directamente pelos negocios publicos. Todavia, não faz parte de nenhuma associação politica, facto muito raro entre as pessoas que se preocupam com os negocios publicos.

A população operaria d'Aljustrel compõe-se de dois elementos quasi eguaes em numero: os portuguezes, e os immigrants estrangeiros, quasi todos gallegos. Estes, descendentes de familias agricolas communitarias, conservam estreitas relações com a sua aldeia natal. Muitos trabalham na mina ha muito tempo, mas, cada anno, vão á sua terra para tomar parte nos grandes trabalhos que exigem muitos braços. Nos fins de maio, partem assim por um mez, depois ainda, no outomno, por outro mez. A sua ambição suprema é realisar economias sufficientes para poderem voltar definitivamente para a sua terra, a fim de novamente se entregarem á vida dos campos.<sup>1</sup> Estes homens são bons operarios, um pouco grosseiros, um tanto pesados, mas socegados e laboriosos; os portuguezes troçam da sua ingenuidade, da sua avareza e do seu desprezo pelo aceio, mas, na realidade, vivem com elles em boa intelligencia. A região não dá emigrantes, porque, graças á mina, é garantido á população, d'um modo regular, um trabalho sufficientemente bem pago e regular.

Encontra-se nas minas d'Aljustrel um certo nu-

---

<sup>1</sup> Vide nos *Operarios europeus*, de Le Play, a monographia do camponez gallego.

mero de familias operarias cuja situação se approxima da do casal que acabamos de descrever. Todavia, é bem evidente que é este um typo excepcional. As familias dos simples operarios estão longe de dispôr de recursos equivalentes ao ordenado mensal do contractante. O seu orçamento representa quando muito metade do de Salvador; esta indicação basta para mostrar quanto o seu modo de existencia é mais apertado. Entretanto, graças á regularidade do trabalho fornecido pela sociedade mineira e ao patrocínio que ella exerce até certo ponto, a situação da população operaria nesta localidade é superior á media geral do paiz.

### III. — Mineiro de Braçal

Eis agora um segundo typo, o do *mineiro das minas de chumbo de Braçal* (Aveiro).<sup>1</sup> Confirmando as observações relativas ao precedente, differe d'elle, todavia, por traços importantes.

A mina de chumbo de Braçal encontra-se no districto d'Aveiro, um dos que foram cortados da antiga provincia da Beira Baixa. A região é atravessada por um rio bastante importante: o Vouga. Montanhosa na sua maior parte, desce para occidente a formar uma costa baixa, cortada de rias e paues. É sulcada em todos os sentidos por pequenos rios, affluentes do Vouga, cuja embocadura indecisa fórma em parte a ria d'Aveiro, a Veneza lusitana.

A familia de quem nos vamos occupar vive no concelho do Sever do Vouga, freguezia de Silva Escu-

---

<sup>1</sup> Monographia feita com o concurso do snr. Gregorio Rola, engenheiro das minas.

ra, um lugar chamado Bouças, situado á altitude de 300 metros, com 60 habitantes apenas. A região é erizada de collinas escarpadas que se vão elevando cada vez mais para oriente. Os valles, estreitos e profundos, são guarnecidos d'alluviões fertes, arrastados dos flancos dos montes, agora em parte desnudados e estereis, ao passo que as terras baixas, pelo contrario, são proprias para todas as culturas: milho, cereaes, legumes, prados. Nas encostas, nos pontos onde é possivel a cultura, encontram-se vinhas, depois castanheiros, emfim pinheiraes. O clima, bastante humido no inverno, é quente e secco no estio. Os camponezes criam algum gado, principalmente vaccas leiteiras; este districto é um d'aquelles onde se fabrica manteiga e que poucos são em Portugal. A região tambem sustenta carneiros, cabras e porcos. Em summa, sem ser pobre sob o ponto de vista agricola, difficilmente poderia sustentar uma população densa se não houvesse nos seus montes depositos metalliferos. Os mais importantes são formados de minerios de chumbo, que se apresentam principalmente sob a fôrma d'uma galena argentifera, contendo uma quantidade bastante elevada d'este metal. O trabalho fornecido ás populações pelas minas é um precioso auxilio que completa felizmente os seus recursos. Por outro lado, a visinhança da costa e dos portos de pesca permite obter por baixo preço um bom alimento: o peixe. Nestas condições, parecia facil juntar uma população operaria sufficiente para garantir a exploração das minas. Não foi porém facil, porque os camponezes do norte, muito apegados á cultura, não se voltam de boamente para a profissão de mineiro. Vamos ver que muitas vezes tornearam a difficuldade praticando as mesmo tempo a cultura e a extracção do minerio.

José Martins Paes, tem 50 annos e sua mulher



Camilla Rosa tem 55. Teem seis filhos: José, de 25 annos, casado e estabelecido em Silva Escura; Manuel, de 23 annos, já viuvo, operario numa fabrica em Valle Maior; Adelino, de 22 annos; Custodio, de 20 annos; Maria, de 16; Seraphim, de 14.

O pae é mineiro nas minas de Braçal, onde recebe 350 reis por dia. A mãe occupa-se no arranjo domestico. Custodio ganha, por andar a empurrar os wago-netes na mina, 240 reis. Adelino faz tamancos e ganha tambem um bem pequeno salario. Maria ajuda a mãe. Seraphim exerce funcções de pastor, e todos contribuem para a cultura das terras quando não teem outra occupação lucrativa.

Esta familia possui uns pequenos bens compostos em primeiro lugar d'um certo numero de casas, mas muito modestas. São: duas casas de habitação formadas d'um rez-do-chão e um andar, uma construcção servindo de celleiro e armazem, e um estabulo.

Numa das casas moram os paes, que occupam o primeiro andar, o qual se compõe d'um quarto para os paes, d'outro mais pequeno onde dorme a rapariga, d'uma cosinha. O rez-do-chão serve de estabulo para o gado. Quanto aos outros membros da familia, estão alojados na outra casa que é analoga.

Em segundo lugar, tem umas terras lavradas, uma vinha e um pinhal. As construcções valem cerca de 300\$000 reis, pouco mais ou menos. As terras estão avaliadas em cerca de 1.100\$0000 reis, approximadamente. Produzem sobretudo milho, 12 a 15 hectolitros, e 5 a 6 hectolitros de vinho, e além d'isso legumes e lenha.

Paes arrendou dois bocados de terra, onde tambem semeia milho, e pelos quaes paga um aluguer annual de 2\$500 reis. A prática do pagamento das ren-

das em generos é muito rara nesta região, os arrendamentos são em geral estipulados em dinheiro.

Os animaes d'esta pequena exploração agricola são: duas vaccas, valendo ambas 80\$000 reis, 30 cabras, 24\$000 reis, 11 carneiros, 12\$000 reis, 10 gallinhas, 4\$000 reis. O material da exploração consta de: um carro de bois, 13\$500 reis, um arado ou pequena charrua, 1\$500 reis, e diversos utensilios, 800 reis, 3 pipas para vinho, 20\$000 reis. A mobilia que guarnece as habitações é das mais modestas; composta d'algumas camas de ferro, arcas, mesas e bancos de pinho, não vale mais de 30 mil reis. O vestuario e roupas brancas de toda a familia são calculadas em 100\$000 reis approximadamente.

A extrema simplicidade dos utensilios agricolas mostra bem o estado da cultura nesta região, onde todos os camponezes estão pouco mais ou menos petrechados do mesmo modo. Nem por isso a familia deixa de tirar da sua pequena propriedade uma grande parte da subsistencia, e ainda vende: manteiga no valor de 24\$000 reis; 2 vitellas, 12\$000 reis; 2 chibos, 800 reis; 3 cabras, 3\$000 reis; 2 carneiros, 3\$000 reis.

O concelho possui magras pastagens e tojaes; o casal tem o direito de mandar os seus animaes para as primeiras, e de cortar nas segundas mato que serve de cama para os animaes e faz estrume, aliás muito mediocre. Este subsidio é apreciavel, porque, durante o inverno, permite alimentar gratuitamente o gado, pelo menos em parte.

A alimentação comprehende tres refeições. De manhã pão de milho com leite, ou ainda um pouco de peixe salgado, algumas vezes sopa de legumes com azeite. Ao meio dia, o usual comprehende um caldo, pão com sardinhas, ou bacalhau, ou carne de porco e batatas. A refeição da noite compõe-se de pão, sardi-

nhas e legumes. Não bebem vinho senão ao domingo e por occasião dos grandes trabalhos agricolas, sobretudo das colheitas. O gasto em dinheiro é minimo, porque as terras produzem a maior parte dos alimentos consumidos pela familia. Do mesmo modo, as despesas com o vestir e calçar são relativamente baixas, porque a roupa branca e o vestuario são em pequena quantidade e muito modestos, como o seu valor o indica.

Se agora procurarmos estabelecer o balanço das receitas e despesas, chegamos ao seguinte resultado, approximadamente é claro, porque se trata de pessoas que não fazem contas, e vivem ao Deus dará, em grande parte de seus proprios productos.

Do lado das receitas encontramos: primeiro, o salario do pae, que monta em média a 100 mil reis por anno; vem depois o salario de Custodio, 70 mil reis pouco mais ou menos; em terceiro logar vem o ganho de Adelino, o tamanqueiro, que se avalia em 30 mil reis. O total dos salarios perfaz assim 200 mil reis.

Quanto ao producto das vendas, cifra-se em 40 mil reis, total das verbas que ha pouco indicamos.

Addicionando estes dois numeros, notamos que, independentemente dos seus recursos em generos, esta familia realisa em dinheiro perto de 234 mil reis.

Temos agora de considerar os gastos que deve fazer em razão do seu modo d'existencia. Em primeiro logar veem as despesas d'alimentação, que se reduzem a uma somma annual de 44 mil reis approximadamente para compras de peixes, generos de mercearia e outras despesas miudas semelhantes. O vestir e calçar custa annualmente 50 a 54 mil reis. O imposto directo leva, por seu lado, 2 mil reis. A exploração das terras impõe algumas compras e reparações que montam, uns annos por outros, a 11 mil reis. É necessario contar tambem, para as pequenas despesas pessoas e



imprevistas, cerca de 18 mil reis. O total approximado das saídas está, portanto, comprehendido entre 130 e 140 mil reis, o que deixa uma margem notavel para economias. Estas tem sido, até aqui, empregadas em adquirir parcelas de terra que tem arredondado pouco a pouco a pequena propriedade d'esta familia laboriosa e poupada. Esta situação favoravel é devida não só ás qualidades pessoases do operario e dos seus, mas tambem ao facto capital de a mina lhes fornecer um supplemento de trabalho e de ganho. Os salarios são, na verdade, reduzidos, entretanto bastam para constituir um elemento de prosperidade muito importante e muito precioso. Por seu lado, a sociedade mineira encontra, graças á combinação da cultura com o trabalho industrial, pessoal muito estavel, pouco exigente, o que permite uma exploração economica.

Não é inutil conhecer os outros traços principaes do modo d'existencia d'esta boa gente. As distracções consistem principalmente em reuniões de familia bastante frequentes, que se realisam sobretudo por occasião das festas religiosas, da festa do padroeiro da freguezia, ou ainda quando se mata o porco, o que é motivo d'um grande festim, em que as meudezas constituem o grande manjar; então convidam-se tambem os vizinhos. No dia 15 d'agosto, effectua-se uma grande peregrinação para a festa da Virgem (Senhora da Saude). Ao domingo, os homens vão ás vezes até á taberna jogar a bola bebendo vinho, aliás com moderação; além d'isso, reune-se esta gente nos domingos á tarde em algum logar em que haja sombra, onde os rapazes e as raparigas executam dansas da terra, lentas e graves, ou cantam *fados*, canções populares de toada quasi sempre melancolica e terna.

Apoiada ao mesmo tempo na cultura e na exploração mineira, esta familia leva uma vida simples e

tranquilla sem grandes difficuldades ou perturbações, á parte os inevitaveis incidentes d'uma vida operaria em partidas dobradas: as más colheitas e as faltas de trabalho. Entre visinhos, a unica causa de desintelligencia é a partilha das aguas de irrigação, indispensaveis para as culturas e que não são abundantes, por falta d'um regular aproveitamento. Por isso, cada um procura apanhar a maior quantidade que pôde.

Os operarios e camponezes d'estes campos praticam pouco a hygiene, e o seu aceio não é muito apurado. Entretanto, graças á salubridade do clima, a saude é geralmente boa. As epidemias são extremamente raras. As pequenas enfermidades e os accidentes minimos são tratados por meios empiricos, e só se chama o medico em casos graves, prestando este a sua assistencia mediante uma assignatura annual de 1\$200 reis.

O operario encontra no patrão, — a sociedade mineira — um auxilio notavel em caso d'accidente ou doença; recebe então gratuitamente a assistencia medica, remedios e, além d'isto, metade do salario normal. Por outro lado, os visinhos ajudam-se mutuamente para preparar o milho, debulhar o trigo, lavrar as terras, etc. As relações entre esta boa gente, meio operarios, meio lavradores, tem o cunho d'uma simples e franca cordealidade.

Pelo que toca a instrucção, todos sabem ler e escrever. A freguezia tem uma escola publica, sustentada pelo Estado, e gratuita. Todos praticam tambem regularmente a religião catholica.

O imposto directo é pago ao municipio e á parochia sob a fôrma d'uma prestação de tres dias de trabalho para a primeira, de seis para a segunda. Além d'isto, o operario paga a contribuição predial á razão de 1\$800 reis por anno. Tambem é preciso metter em conta os impostos indirectos lançados sobre os generos

de consumo. Paes não fez serviço militar, porque tirou no sorteio um bom numero.

O pessoal operario de Braçal tem passado por flutuações bastante curiosas. Actualmente, toda a mão d'obra é indigena. Mas por duas vezes, por volta de 1875 e 1896, foram chamados operarios italianos. Da primeira vez, estes operarios trabalharam na mina durante uns poucos d'annos, mas quando da segunda experiencia, os immigrants não tardaram a ir-se embora, depois de terem trabalhado algumas semanas apenas.

A exploração esteve bastante tempo sob a direcção d'um pessoal tecnico de nacionalidade allemã. Mas tendo a mina passado, em 1899, para uma direcção franceza, o corpo de engenheiros e empregados modificou-se egualmente.

A região fornece uma emigração bastante activa, causada pela irregularidade do trabalho e pela pobreza da maioria dos operarios. A familia Paes é, com effeito, uma das mais prosperas, porque é actualmente composta exclusivamente de pessoas em estado de trabalhar, e tambem porque a sua pequena propriedade rural lhe facilita muito a existencia. Muitas outras familias vivem muito menos remediadas, e mais d'um operario rural é obrigado a ir procurar trabalho nas minas do paiz ou a ir para o estrangeiro, de preferencia para o Brazil, segundo a tendencia mais habitual da gente do norte.

Poder-se-hiam multiplicar as observações analogas ás precedentes, mas sem encontrar outros factos muito importantes a notar. Divisamos agora, d'uma maneira clara e precisa, duas conclusões d'um alcance capital. Primeiramente, as riquezas mineiras de Portugal, ao mesmo tempo variadas e tão consideraveis, não são exploradas na medida em que o poderiam ser. Com a



mão d'obra barata e as forças hydraulicas de que dispõe, a industria mineira devia ser muito activa neste paiz, se as iniciativas, as intelligencias e os capitaes se voltassem neste sentido. Mas os portuguezes são tão pouco tentados por este genero d'empresas, que a maior parte das minas em actividade são exploradas por syndicatos e engenheiros estrangeiros. Esta segunda conclusão leva-nos a perguntar o que devemos pensar d'uma situação que põe nas mãos d'estrangeiros todo um ramo d'industria. Tem, sem duvida, as suas vantagens. Sem o concurso do estrangeiro, os minerios lusitanos continuariam escondidos no solo, ao menos na sua maior parte, e o dinheiro que a sua exportação proporciona, iria para outros paizes. Vale sempre mais conceder minas aos estrangeiros que deixá-las inactivas. Todavia, resultam d'aqui duas consequencias lamentaveis. Em primeiro logar, os lucros fornecidos directamente pela industria mineira ficam na sua maior parte perdidos para os portuguezes. Em segundo logar, como as companhias exploradoras são em geral formadas e fiscalizadas por empresas de fundição, estas antes querem receber o minerio para alimentar os seus fornos do que tratá-lo no logar d'extracção. Resulta d'ahi que as industrias annexas da das minas não existem ou são quasi nullas, em Portugal. O que contribue para manter este paiz num estado de flagrante inferioridade sob o ponto de vista industrial. Com effeito, se é certo que nenhum paiz póde pensar, no momento presente, em reunir nos limites do seu territorio todas as variedades de industrias, não é menos certo que não se deve desprezar nenhum dos elementos de producção que elle proporciona aos seus habitantes, a fim de o conservar numa situação d'equilibrio economico. Fóra d'este equilibrio, tem de soffrer todos os inconvenientes e todos os pre-

juizos resultantes da existencia e da variação da agio, assim como das especulações a que dá origem. Os portuguezes fazem pois muito mal em se desinteressarem assim das riquezas mineraes que o seu solo encerra.

---

## APPENDICE

---

### A revolução de 1910. — Suas causas e efeitos

Foi na primavera de 1909 que visitamos Portugal e colhemos os informes e materiaes para a obra que ahi vai lançada á luz publica. Lavrava então no paiz, e principalmente nas grandes cidades, uma certa agitação fomentada e mantida pelo partido republicano. Ensejou-se-nos podermos constatar que, apesar de um grande numero de intellectuaes e operarios dos principaes centros tomarem certo interesse por tal movimento, a maioria da nação olhava-o com profunda indifferença. Como succede em todos os paizes socialmente desorganizados, apenas uma infima minoria se immiscuia nas questões politicas, mantendo-se o resto, pelas razões já expostas, na resignada e passiva attitudede de tudo tolerar, de tudo soffrer.

Em taes circumstancias, não se demandavam esforços herculeos para dominar o paiz inteiro: bastava um golpe de audacia. Eis o primeiro inconveniente da centralisação: colloca o regimen politico á mercê d'uma acção atrevida, d'um ataque repentino, da primeira surpresa em summa. É certo que para uma tal surpresa dar resultado e produzir o triumpho, indispensavel se torna contar, estar-se seguro da cumplicidade



do exercito. E qual a razão porque as tropas do rei se manifestaram cúmplices ou mantiveram indifferentes quando o estrondear do canhão e o chover da metralha annunciaram o golpe de estado de Outubro de 1910?

Para explicar tal attitude basta o que dissemos da organização das tropas portuguezas. No fundo, toda a gente estava cansada, não da monarchia, mas do regimen politico, melhor, da fórmula de governar, d'um systema velho, gasto, falso, venal, impotente, ao qual a monarchia servia de rotulo.

A nação não conseguia remodelar e reconstituir a sua vida politica, porquanto a sua vida particular, base indispensavel da primeira, era, ella propria, tambem muito imperfeita.

Quanto ao soberano, não sabemos como elle pudesse, só, sem grandes auxiliares, realisar uma obra para a qual o paiz manifestamente carecia das necessarias aptidões.

D. Manoel II era mediocrementemente aconselhado sobre o estado real das coisas. Os homens que o rodeavam e que frequentavam as ante-camaras do Paço eram talvez bem intencionados, mas pouco esclarecidos, faltando-lhes aquella percepção e clarividencia indispensaveis para bem se dirigir a nau do estado atravez do mar revolto das paixões e luctas contemporaneas. Muito novo, mal preparado para um papel politico da importancia d'aquelle que lhe foi confiado por um drama sangrento, diremos antes, por uma tragedia horrivel, D. Manoel II não possuia experiencia bastante para se orientar, para conceber uma justa ideia da sua situação, nem a auctoridade indispensavel para dominar os partidos, impondo-lhes reformas profundas e preparando uma evolução normal, com o que teria sustentado o throno.

Já que as circumstancias permittiram que nos approximassemos d'elle no momento em que podia considerar-se senhor do futuro, julgamos ser para nós um dever constatar e declarar firmemente aqui que o espirito de D. Manoel II era animado das melhores intenções e do mais vehemente desejo de exercer intelligentemente e com utilidade para o paiz as suas elevadas funcções de rei. Tomara grande e directo interesse pelos nossos estudos sobre Portugal e empenhara-se por conhecer-lhes promptamente o resultado. Tivemos de responder minuciosamente a uma serie de perguntas redigidas pelo seu proprio punho e que denotavam uma intelligencia muito viva e uma precoce circumspecção de espirito pouco vulgar na sua idade.

Se lhe faltou o tempo para fazer alguma coisa que se visse, se as circumstancias foram particularmente adversas e duras para este joven principe, impendemos o dever de lhe fazermos a justiça devida e não devemos lançar sobre elle responsabilidades que a outros pertencem. Tanto as suas infelicidades como a sua boa-vontade devem conciliar-lhe as sympathias geraes.

A republica portugueza conta presentemente quasi dois annos de existencia, e os seus governos, sejam quaes forem os homens que os constituam, hão-de ser julgados pelos seus actos.

Ora, estes mostram a razão que nos assistia ao dizermos que a revolução não é um meio verdadeiramente efficaz para levar a cabo a reconstituição social de um povo. Effectivamente, os fundadores da republica, muitos dos quaes, força é dizê-lo, estavam animados das melhores intenções, não encontraram melhor estreia do que o arbitrio dictatorial de que os governos monarchicos tanta vez tinham abusado.

Senhores absolutos do paiz durante mezes, sem

outro mandato além do que lhes advinha da auctoridade que a si proprios se arrogaram, legislaram de afo-gadilho e a tal ponto que, para tornar a republica habitavel, urge agora desfazer pouco a pouco a sua obra intemperante, descomedida, cortando cerce tudo o que ella contém de exclusivista e exagerado.

Examinando-a de perto, constata-se facil e rapidamente que os politicos emballados pela maçonaria ou pelo positivismo em cujas escolas se formaram, têm sido, em fim de contas, mais tyrannicos e intolerantes que a monarchia, contra a qual puderam, durante annos, escrever, fallar e conspirar quasi aberta e impunemente. Além d'isto, se alguns dentre elles têm mostrado o mais nobre desinteresse, muitos, triste é dizê-lo, precipitaram-se sobre os empregos retribuidos com um ardor pelo menos igual ao dos homens do rotativismo monarchico.

Expomos isto aqui, não como um pretexto de inutil e vã polemica, mas para fazer apoiar pela experiencia a nossa precedente demonstração, salientando mais uma vez que a mudança de regimen não passa de um incidente na evolução social, cujo progresso quasi sempre retarda.

E agora vamos vêr qual a tendencia da evolução de Portugal depois do advento da republica. Pelo que respeita á organização do trabalho, mostramos a debilidade da grande industria, debilidade esta que provém de causas profundas que a politica póde agravar mas não remediar. A monarchia já tinha tomado algumas medidas tendentes a proteger as classes operarias, mas essas medidas não passaram nunca da theoria.

Tratavam da duração do trabalho das mulheres e das creanças, bem como da observancia do repouso hebdomadario. Além d'isto tambem o artigo 277 do co-



digo penal prohibia as gréves, mas as suas disposições tinham cahido em desuso. De facto, a limitada actividade da grande industria, o seu character quasi sempre rural, influíam mais na paz dos *ateliers* do que a legislação.

No dia 23 de novembro de 1910, lembrou-se o governo da republica de proclamar officialmente o direito á gréve, estalando acto continuo innumerous e graves conflictos entre patrões e operarios. Mas como a situação da industria era pouco favoravel, estes movimentos, não podendo chegar a nenhum resultado pratico, em breve se acalmaram, porque provinham d'uma causa artificial, politica, e não de circumstancias economicas naturaes.

No dia 8 de março de 1911 foi confirmada a lei sobre o descanso semanal.

Logo a seguir uma outra lei prescreveu a criação de caixas de credito agricola á semelhança das associações mutualistas allemãs. Como porém o pequeno agricultor é geralmente comvisinho da miseria, pouco ou nada poderá concorrer para as prosperidades das caixas e aproveitar-se do seu credito, tanto mais que lhe falta para isso a indispensavel educação prévia. O que se requeria era o apoio d'uma classe rural que, pelos seus meios de fortuna, pudesse desviar o trabalhador da perigosa tentação do credito ordinario. Mas a lei não saberia nem poderia constituir uma tal classe onde ella não existe.

Até ao presente só foram fundadas duas caixas agricolas.

Relativamente ao regimen dos haveres, a situação é a mesma. Demais o que falta em Portugal é o amor ao trabalho e a paixão dos grandes empreendimentos que deviam impellir os proprietarios ricos a fazerem arrotear os vastos espaços ainda incultos, de que os

camponezes podiam tirar bom partido com um pouco de auxilio, que presentemente lhes falta quasi por completo. Mas para isto era indispensavel tambem a collaboração dos poderes publicos para abrir estradas, canaes de irrigação e outras obras de reconhecida utilidade geral, das quaes pouco ou nada se trata no pequenino rincão do occidente da Europa donde partiram para todos os recantos do globo os mais audazes navegadores e os mais intrepidos e famosos capitães de que nos dá conta a historia.

Passando agora á familia portugueza, devemos declarar que já por vezes assignalamos a sua fraca constituição, constituição esta que mais abelada será ainda pelos effectos d'um divorcio facil estabelecido pelo decreto de 3 de novembro de 1910.

O divorcio tem produzido graves resultados nos paizes em que o laço familiar é bastante forte; em Portugal os seus resultados hão-de fatalmente ser desastrosos. De resto limitamo-nos a salientar d'esta perigosa reforma sómente o definitivo predominio assumido pelo estado civil sobre os registos parochiaes, coisa já prevista pelo codigo e parcialmente realisada, porque sobre a decadencia da auctoridade dos chefes de familia e sobre a investigação de paternidade não vale a pena fallar, porque são armas de dois gumes. O abuso é facil desde que os tribunaes não sejam absolutamente seguros. Em summa, o capital defeito da familia portugueza, isto é, a insufficiencia da educação, subsiste, porque o novo governo, como o antigo, nada póde fazer, dependendo tudo da iniciativa particular.

A instrucção publica, todos o sabem, enferma de graves faltas. Para as remediar demanda-se tempo e dinheiro. É certo que o governo provisorio decretou a criação de novas escolas primarias; mas como as despesas ficaram a cargo dos municipios, que não têm

capitães para tanto, os decretos ficam sem effectivação pratica. O mesmo succede com o ensino secundario: tudo como d'antes. O ensino superior, então, está mais desorganizado que nunca, mercê de reformas feitas á pressa e inadaptaveis ao meio: a Universidade de Coimbra, cheia de tradições, presenciou com espanto o extranho espectáculo de a academia, bruscamente liberta da antiga disciplina, impôr leis aos proprios professores.

Os cursos passaram repentinamente a livres, o que favorece a mandria d'uma juventude que, regra geral, não está sufficientemente preparada, nem pela educação da familia, nem pela educação dos collegios, para um tal regimen. Acertado e prudente seria ter procedido por *étapes*. É possível que algum resultado se venha com o tempo a tirar de tudo isto, graças á boa vontade dos professores. Presentemente porém, são contraproducentes as consequencias de tal medida.

Quanto ao titulo de Universidades conferido ás escolas de Lisboa e Porto, tal medida não tem a minima importancia em quanto os governos não derem a instituições ainda heteroclitas uma organização cuidadosa e conscienciosamente estudada. O regimen universitario deve corresponder integralmente não só ás necessidades intellectuaes, mas tambem ás aptidões sociaes da nação.

Referindo-nos agora ao decreto de 20 d'abril, que separou a Igreja do Estado, devemos dizer que o espirito que o anima, é o da lei franceza de 1905, em cujos moldes foi vasado.

Supprimiu as congregações, tarefa bastante facil, porquanto o papel d'ellas era de ha muito limitadissimo. O que sobretudo se pretendeu foi privar o clero da maior parte da sua influencia, tornando-o não só dependente de associações cultuaes, mas pondo nas



mãos do governo o direito de fiscalisação e pressão sobre os seus actos, escriptos, palavras, estudos, preparação, etc.

Ora este estado de coisas, não poderia degenerar senão n'uma lucta entre o estado e os bispos, lucta que effectivamente se produziu e que continúa em condições dolorosas para toda a gente. Eis ao que leva uma politica que pouco se preocupe com a liberdade de consciencia e faz da questão religiosa uma simples questão partidaria. Em Portugal, todos os espiritos illustrados, qualquer que seja a sua opinião sobre a fórma de governo, desejam unanimemente que se estabeleça entre o Estado e a Igreja um accordo razoavel e justo que restitua a paz ás consciencias e faça reinar a tolerância religiosa, ao menos tal qual ella existia no antigo regimen, que dava ampla liberdade ás associações aberta e francamente hostis á religião que podiam entregar-se á mais activa propaganda.

Fallemos agora das instituições politicas. A sua base natural assenta nas administrações locais, ás quaes era preciso dár urgentemente uma organização que se harmonisasse perfeitamente com o estado social do paiz. O governo provisório, porém, preoccupou-se sobretudo com as opposições que se pudessem levantar á sua obra, tratando de afastar todas as influencias de cuja sympathia não se julgava bastante seguro. As antigas corporações municipaes foram substituidas por simples commissões nomeadas pelos governadores civis, ficando assim tudo invadido pelo regimen do arbitrio.

Elaborou-se um projecto de código administrativo, liberal é certo, mas excessivamente theorico; se o applicassem tal qual o elaboraram, daria sem duvida os mesmos resultados negativos que a tentativa assignada na nossa obra. N'um paiz em que os cidadãos

quasi não possuem a tradição do governo local, é indispensavel demarcar com precisão o limite das competencias e dos poderes, bem como os meios de *controle*. Deve-se tambem procurar libertar a gestão dos negocios locais dos mesquinhos interesses de partido e das preocupações eleitoraes.

Fallemos do poder central.

Durante o longo periodo da dictadura revolucionaria, o governo provisório consagrou-se sobretudo á tarefa de assegurar o triumpho dos seus candidatos, abafando qualquer tentativa de opposição, por mais legal que fosse.

Os menos doces pegaram em armas, o que foi um grave erro. Os outros curvaram a cabeça e abandonaram as urnas. O partido republicano ficou assim absolutamente livre para governar e fazer uma constituição a seu bel-prazer. Apreciemos resumidamente os resultados d'isto.

A constituição de 1911, considerada sob o ponto de vista puramente theorico, parece aceitavel; de resto ella não passa de um documento copiado de modelos conhecidos e não fundado nas necessidades reaes do paiz.

Como já dissemos, esta constituição conserva um character artificial e incompleto por não ter sido estabelecida sobre um bom regimen de administração local.

Dá ao poder politico uma auctoridade demasiada pela excessiva centralisação, e ao mesmo tempo expõe-no a influencias anarchicas, submettendo-o ao dominio directo dos partidos. Os quaes partidos não passam de fracções de uma só seita, porquanto houve o cuidado de afastar das Camaras os homens dos antigos agrupamentos, até mesmo os adherentes, cuja concorrência acharam de boa politica evitar. E d'aqui resulta

que o governo está sendo exclusivo monopolio dos representantes d'uma minoria da nação.

Uma situação d'estas é anormalissima, fazendo sempre prevalecer os interesses exclusivistas sobre o interesse geral. O paiz não póde deixar de se resentir profundamente d'um systema que é radicalmente falso e contrario ás leis sociaes. D'aqui resultará necessariamente uma politica mesquinha, abusiva e tão esteril como a dos antigos partidos rotativos. As mesmas causas produzirão, aqui como em toda a parte, os mesmos effeitos.

Estas conclusões já se têm verificado n'uma serie de complicações economicas, financeiras ou politicas. E, o que é bastante grave, muitos republicanos dos mais historicos, não occultam o seu desalento, porque comprehendem, embora um pouco tarde, que uma mudança de regimen não bastava para realizar o seu grandioso ideal.

Puzeram toda a fé e toda a esperança na revolução que inevitavelmente os havia de ludibriar, como de facto ludibriou. Só uma paciente e lenta evolução podia melhorar a critica situação de Portugal.


O golpe de Estado de 1910 e a dictadura feita por utopistas zebrados de jacobinos só podiam fazer avultar os defeitos do organismo social. As coisas foram mal orientadas desde o principio, e agora quem quizer oppor o peito á corrente, será arrastado por ella. Mas quão culpados não foram aquelles que, por ignorancia, por molleza, por ambição, por avidez ou por egoismo, deixaram o paiz na estagnação social e na desordem politica, perdendo a monarchia e comprometendo o futuro?!

N'esta altura, só se lhes offerece um meio de repararem os males causados: E' enfrentarem resolutamente os magnos problemas que assoberbam o paiz e



dirigirem sabiamente os trabalhos da industria, da agricultura, do commercio e da exploração das colonias. E se o fizerem, descobrirão uma fonte de influencia bem mais util e abundante do que tudo quanto a politica poderia dár-lhes. Nada melhor que os acontecimentos que se tem desenrolado em Portugal, poderia demonstrar a veracidade d'esta affirmação.

Foi o abuso da politica que tolheu os movimentos aos governos monarchicos, e o mesmo ha-de succeder ao regimen actual, permanecendo o paiz n'uma situação angustiosa, emquanto que as classes dirigentes procurarão, para o salvar, mais as luctas estereis da politica do que as fontes beneficas e fecundas do *trabalho*.





# RESUMO

## I — O Territorio e a Raça

	PAG.
<i>I — O Territorio . . . . .</i>	5
Preambulo — O mar e os rios — O interior	
<i>II — O povo e as coisas d'outrora . . . . .</i>	16
Os primitivos habitantes — A Conquista Romana — Os Mouros — A Cavallaria — A expansão colonial e seus resultados — A situação no meado do seculo XIX.	
<i>III — Costumes contemporaneos . . . . .</i>	38
Actual physionomia social da nação — A desorganisação do typo de familia — Agrupamentos communitarios dos montanhezes do norte — As incertezas do tempo presente.	

## II — A Agricultura e a Vida Rural

<i>I — Condições geraes da cultura em Portugal . . . . .</i>	59
A população agricola — Os terrenos e os climas — Repartição da propriedade — As consequencias da pequena cultura.	
<i>II — A pequena agricultura no Norte . . . . .</i>	76
A pequena agricultura em Traz-os-Montes — Camponez de Mirandela — Vinhateiros da região do Douro — Pequeno rendeiro de S. Pedro do Sul — Rendeiro de Vizen — Camponez da Estrella — Camponez de Louzã.	
<i>III — A pequena cultura do Sul . . . . .</i>	148
O Algarve — Hortelão de Faro — Aldeão de Monchique.	
<i>IV — A grande cultura no centro. . . . .</i>	169
A grande cultura na Extremadura — Caseiro d'Almeirim — A grande cultura no Alentejo — Grande lavrador das proximidades de Evora — Jornaleiro de Pias — Lavrador de Pias — Camponez lavrador de Pias — Conclusões.	

## III — As Industrias Extractivas

<i>I — A pesca, a industria das conservas e as marinhas de sal . . . . .</i>	227
A pesca costeira — A sardinha e o atum — As marinhas — Salineiro de Faro.	
<i>II — As minas e os mineiros . . . . .</i>	247
Os jazigos metaliferos — Capataz d'Aljustrel — Mineiro de Braçal.	





## ERRATAS

---

Na revisão das provas d'esta obra passaram incorrecções varias, algumas das quaes alteram por completo o sentido :

PAG.	ONDE SE LÊ	DEVE LÊR-SE
42	Vaca bovina	Raça bovina
99	tres pequenas propriedades	Pequenissimas propriedades
102	Ha necessidade de dizer	Não é preciso dizer
»	Delmora	Delmira
106	Aulas	Asylos
107	Contos de reis	Centenas de contos de reis
150	Primores	Fructos temporãos

---







# ULTIMAS EDIÇÕES

DE

## Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup>

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

### Eduardo de Noronha

- A apostasia d'um bispo — Novella  
inacreditavel mas verdadeira de  
um homem que foi fidalgo, fra-  
de, bispo, nababo, general, etc.,  
primorosamente illustrada.—  
Broch. 1\$200; enc. . . . . 1\$200  
Mêmorias d'um gallego. 1 vol. br. 800  
O Passado...—1 vol. br. . . . . 800

### Antonio Correia d'Oliveira

- Alma Religiosa — Versos, com uma  
linda capa illustrada.— Broch. 600

### Eugenio de Castro

- O Filho Prodrigo — Poema biblico.  
— Um volume. . . . . 300  
Sylva, 2.<sup>a</sup> edição — Um volume. . . 500

### Roça Pombo

- Contos e Pontos — Um bello vol. 500

### Julio Brandão

- Figuras de barro — Um volume ar-  
tisticamente illustrado.— Broch.

### Teixeira de Pascoaes

- Marános — Poema. — Um volume  
com capa illustrada . . . . . 600

### Augusto Epiphânio da Silva Dias

- Anotações aos «Lusíadas» —  
2 grossos volumes . . . . . 2\$500

### Silva Pinto

- Saldos — Critica á vida social e po-  
litica. — Um volume. . . . . 600

- Apontamentos sobre os Lusíadas.  
Ensaio de critica ás criticas do  
Poema Nacional, por um *curto-  
so obscuro*. Um grosso volu-  
me broch. . . . . 2\$500



## BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(ASPECTOS DO PENSAMENTO HUMANO :

DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA, PHILOSOPHICA E LITTERARIA)

Volumes mensaes de 200 a 250 pagi-  
nas, in-8.º, magnificamente impressos.

Preço d'assignatura em Portugal

- Uma serie de 6 volumes . . . . 1\$600  
« » » 12 » . . . . . 3\$000  
Preço de cada volume, avulso. . . 300

Franco de porte.

Para o estrangeiro accresce o porte  
de 50 reis por volume.

### VOLUMES PUBLICADOS

- I — A Tristêza Contemporanea, por  
H. Fierens-Gevaert.  
II, III e IV — Os Grandes Iniciados,  
por Edouard Schuré, 3 volumes.  
V — A origem do homem, por Charles  
Darwin.  
VI, VII e VIII — Deus na Natureza, por  
Camille Flammarion

- IX — A evolução das sciencias, por  
Houllevigne  
X e XI — A Biblia da Humanidade, por  
Michelet. 2 volumes.  
XII — Leis Psychologicas da Evolução  
dos Povos, por Gustavo Le Bon.  
XIII — Historia Social: O Povo, por Mi-  
chelet.

Volumes a publicar já traduzidos

- XIV — Historia Social: O Povo, por Mi-  
chelet.  
XV — Os Super-Homens, por Emerson.  
XVI — A Allemanha, por Jules Huret.  
XVII — Assim fallou Zarathrusta, por  
Nietzsche.  
XVIII e XIX — Do que provém a supe-  
rioridade dos Anglo-Saxões, por  
E. Desmoulin.  
XX — Além Mar, por Paulo Bourget.  
XXI — Philosophia da Arte, por Taine.  
XXII e XXIII — Os Heroes (o culto dos  
Heroes, o Heroico na Historia),  
por Carlyle.  
XIV — A Consciencia Nacional, por H.  
Berenger.